

VIDAS DOS SANTOS

Padre Rohrbacher



AVISO AO LEITOR:

Os nomes de Santos acompanhados do sinal (*) indicam biografias compiladas por Jannart Moutinho Ribeiro, as quais constituem acrescentamento necessário à obra do Padre Rohrbacher.

PADRE ROHRBACHER

VIDAS
DOS
SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR
JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO
PROF. A. DELLA NINA
(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME VIII

EDITORA DAS AMÉRICAS

Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0988

Caixa Postal 4468

SAO PAULO

NIHIL OBSTAT

Padre Antônio Charbel. S. D. B.

IMPRIMATUR

São Paulo, 10 de Julho de 1959

† **PAULO ROLIM LOUREIRO**

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

Propriedade literária e artística da
EDITORA DAS AMERICAS

Vidas dos Santos

Vidas dos Santos

Maio

oia



1.º DIA DE MAIO

SÃO SIGISMUNDO

Rei e Mártir

Sigismundo, filho de Gundebaldo, rei da Borgonha, abjurou públicamente a heresia de Ário, e congregou-se à Igreja Católica, pelo ano de 513. Sigerico, seu filho, e neto de Gundebaldo, imitou em breve êste exemplo, e Santo Ávito de Viena fêz ao povo uma homília a propósito disto. O único fragmento que nos resta diz-nos que uma princesa, filha de Sigismundo, havia sido reconciliada com a Igreja no dia precedente; foi aparentemente ela que se casou com Tierri, rei da Austrásia. Uma vez abjurada a heresia, Sigismundo empreendeu viagem a Roma, para reverenciar as tumbas dos santos apóstolos e render homenagem ao chefe visível da Igreja, à qual tivera a felicidade de congregar-se. O papa Símaco recebeu o príncipe com honras condizentes à alegria que lhe proporcionava esta conversão. Presenteou-o com diversas relíquias, e, falando-lhe com a bondade e autoridade de pai, deu-lhe salu-

tares conselhos, que não foram menos bem recebidos do que os presentes. Sigismundo, uma vez regressado, testemunhou o reconhecimento numa carta ao Papa, que foi ditada por Santo Ávito, e levada pelo diácono Juliano. Nela chama Símaco de prelado da Igreja Universal; atribui a sua conversão às preces dêsse Santo Pontífice, agradece-lhe os conselhos paternais que lhe havia dado de viva voz, e lhe solicita o envio das relíquias de São Pedro, porque não havia podido recusar a diversas igrejas uma grande parte daquelas que trouxera de Roma. Conquanto Gundebaldo permanecesse na heresia, não parecia desaprovar a conversão de seu filho; pelo menos ela não o impediu de associá-lo ao reino durante a vida. Sigismundo tinha a côrte em *Gênova*. Sua primeira preocupação foi purificar a cidade, infestada não sòmente pelos arianos, mas ainda por outros heréticos e cismáticos, como depreendemos de uma carta de Santo Ávito. Santo Máximo, bispo de *Gênova*, animou e susteve o zêlo dêste príncipe; aconselhou-o a reconstruir e ampliar o mosteiro de Agaune, em honra dos santos mártires da legião tebana.

Falecida a primeira mulher de Sigismundo êste contraiu segundas núpcias com uma mulher que não parecia haver tido um nascimento semelhante. A desinteligência não tardou em manifestar-se entre genro e sogra. Num dia de festa, Sigerico, reconhecendo na madrasta as vestes de sua mãe, disse-lhe com rancor: «Não sois digna de trajar as vestes de vossa senhora, vale dizer de minha mãe.» A madrasta sentiu-se ultrajada com a censura. Com o objetivo de vingar-se envidou tudo o que estava a seu alcance para fazer crer ao marido que o filho,

contando com o apoio do avô, Teodorico, conspirava contra a coroa e sua vida. Sigismundo demasiadamente crédulo, deu ordens de estrangular o filho, depois de havê-lo feito embriagar durante um banquete. Apenas a ordem havia sido executada, o pai arrependeu-se e lançou-se sobre o cadáver do filho, vertendo lágrimas amargas. Um ancião da côrte lhe disse: «Não é sobre vosso filho que deveis chorar: sua inocência é notória; é sobre vós mesmos, que cometestes o mais cruel infanticídio.» Sigismundo seguiu o conselho; retirou-se ao mosteiro de Agaune, para expiar o pecado com lágrimas e jejuns na santa solidão. Prostrado diante das tumbas dos santos mártires da legião tebana, rogou insistentemente a Deus que não o fulminasse com a morte em punição de seu crime, mas que lhe fizesse carregar o seu castigo nesta vida, de preferência à na outra. Em breve pareceu que suas preces haviam sido atendidas.

Os filhos de Clóvis, rei da França, marcharam contra Sigismundo, que foi inteiramente batido. Na fuga, refugiou-se numa montanha onde viveu algum tempo foragido, adorando a mão que o feria. Sabendo que os francos se haviam instalado como senhores na Borgonha e que o faziam procurar por tôda parte, cortou os cabelos e tomou hábito de monge. Pretendia retirar-se ao mosteiro de Agaune; mas, para que nada faltasse que pudesse tornar-lhe a desgraça mais sensível, foi traído por súditos e entregue a Clodimir, que o enviou prisioneiro a Orleães, com a espôsa e dois jovens príncipes, Gisclades e Gundebaldo.

Logo após a retirada dos filhos de Clóvis, Godemar, irmão de Sigismundo, reuniu os remanes-

centes do exército borgonhês e retomou sem dificuldades a Borgonha. A esta notícia, Clodomiro dispôs-se a marchar para a reconquista, e, em transportes de cólera formulou o propósito de fazer morrer Sigismundo, sua mulher e os dois príncipes, seus filhos, antes de deixar Orleães. Um santo, Avito, então abade de Mici, após santo Máximo, sabendo da cruel resolução do rei, procurou-o e lhe disse: «Se, em atenção a Deus, desistirdes do vosso propósito e não levardes à morte estas pessoas, Deus estará convosco e vos concederá a vitória; mas se os fizerdes morrer, sereis entregue a vossos inimigos e perecereis por suas mãos; acontecerá convosco, vossa espôsa e vossos filhos o mesmo que fizerdes a Sigismundo, sua espôsa e filhos.» Clodomiro desprezou o conselho e respondeu que era uma idiotice deixar inimigos atrás de si para ir combater outros, de modo a ficar entre a sanha de ambos. O meio mais seguro de vencer era suprimir primeiramente um para esmagar o outro mais facilmente. Pouco depois fêz morrer Sigismundo, sua espôsa e seus dois filhos. A execução verificou-se em Columelle, no ano de 524, nas fronteiras de Orleães e Beauce, e os corpos foram lançados num poço, que foi denominado poço de São Sigismundo, e por analogia São Simundo.

A vida penitente que levou êste príncipe após seu pecado, a fé com que ousou orar a Deus, e a submissão com que aceitou, para expiá-lo, as mais humilhantes tribulações, e sobretudo a morte injusta que sofreu, propiciaram-lhe as honras de mártir na Igreja, segundo um costume assaz comum dêstes tempos recuados, de conceder tal distinção às pessoas virtuosas que sofreram morte injusta.

Havia três anos que seu corpo, o de sua espôsa e de seus filhos estavam no poço onde haviam sido lançados, quando o abade de Agaune solicitou a um senhor borgonhês que os pedisse ao príncipe Teodoberto, filho do rei Tierri. Obteve-os, e foram conduzidos, com cânticos e salmos, de Orleães até Agaune, onde foram enterrados na igreja de São João Evangelista. Os milagres que Deus operou na sepultura de São Sigismundo tornaram-no dia a dia mais célebre. A Igreja estabeleceu a festa dêste santo rei no dia 1.º de maio. (1)

* * *

(1) Greg. Tur., I. III. Acta SS., 1 maii.

SÃO JEREMIAS (*)

Profeta

Antigo Testamento

Jeremias, o segundo dos profetas chamados *maiores*, era filho do sacerdote Hécias, conforme se vê no título do livro, no Prólogo:

«Palavras de Jeremias, filho de Hécias, um dos sacerdotes que viviam em Anatoth, na terra de Benjamim» (1).

De Anatoth, Jeremias principiou a profetizar aos vinte e cinco anos, e continuou durante quarenta e cinco, desde o décimo-terceiro ano do reinado de Josias até o quinto depois da ruína de Jerusalém, delegado por Deus.

«Foi-me dirigida a palavra do Senhor nestes têrmos:

«— Antes que eu te formasse no ventre de tua mãe, eu te conheci; antes que tu saíesses do seu seio, eu te consagrei e constitui profeta entre as nações».

«Eu lhe disse:

«— Ah! Senhor Deus, não sei falar, porque sou uma criança!»

(1) Jer. 1, 1.

«Mas o Senhor replicou:

«— Não digas: *Sou uma criança* — porquanto a tudo o que te enviar irás, e dirás tudo o que eu te mandar. Não os temas, porque eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor».

«Em seguida, o Senhor estendeu a sua mão, tocou-me na bôca e me disse:

«— Eis que ponho as minhas palavras na tua bôca, eis que te constituo hoje sôbre as nações e sôbre os reinos, para arrancares e destruires, para arruinares e dissipares, para edificares e plantares» (2).

Assim, a missão de Jeremias, diz-nos Crampo, será um ministério não só de castigo e de destruição, mas também de restauração e de graça. Do cativo de Babilônia sairá um povo novo de Deus, mais santo e mais numeroso que o primeiro».

O primordial objetivo de Jeremias foi exortar os israelitas à penitência, anunciando os castigos que Deus lhes enviaria.

Quando de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, Jeremias foi procurado para ser prêso:

«No quarto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, foi dirigida a palavra do Senhor a Jeremias, a qual dizia:

«— Toma o rôlo de um livro (3) e escreve nêle tôdas as palavras que te tenho dito contra Israel e Judá, e contra tôdas as nações, desde o dia em que

(2) Jer. 1, 4-10.

(3) É que se escrevia, naquele tempo, em longas tiras de pergaminho, que eram enroladas em tórno de um cilindro, e o têxto, em colunas paralelas, à medida que o cilindro se ia desenrolando, podia ler-se cômodamente (N. do Atual.).

te falei, no templo de Josias, até o dia de hoje, a ver se, ouvindo os da casa de Judá todos os males que estou resolvido a lhes fazer volta cada um do seu perverso caminho, de sorte que eu lhes possa perdoar as suas maldades e pecados».

Chamou, pois, Jeremias a Baruch, filho de Neria, e Baruch escreveu, ditando Jeremias, no rôlo do livro tôdas as palavras que o Senhor lhe havia dito. Jeremias deu, em seguida, esta ordem a Baruch:

«— Estou prêso, não posso entrar na casa do Senhor. Entra, pois, tu, e lê pelo livro em que escreveste, ditando eu, as palavras do Senhor, de modo que as ouça o povo da casa do Senhor no dia do jejum; além disto também as lerás a todos os de Judá que vêm das suas cidades. Pode ser que êles se prostrem, orando diante do Senhor, e se converta cada um do seu mau caminho, porque é grande o furor e a indignação que o Senhor manifestou contra êste povo».

«Baruch, filho de Neria, procedeu conforme tudo o que o profeta Jeremias lhe havia mandado, lendo no livro as palavras do Senhor na casa do Senhor. No quinto ano de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, no nono mês, publicaram um jejum diante do Senhor a todo o povo de Jerusalém e a tôda a multidão que havia concorrido das cidades de Judá a Jerusalém. Então Baruch leu no livro as palavras de Jeremias, na casa do Senhor, na câmara de Gamarias filho de Safan, secretário, no vestibulo superior, à entrada da porta nova da casa do Senhor, ouvindo-o todo o povo.

«Quando Miquéias, filho de Gamarias, filho de Safan, ouviu tôdas as palavras do Senhor, lidas

pelo livro, foi ao palácio do rei, à câmara do secretário, onde estavam sentados todos os grandes da corte: Elisama, secretário, Dalaias, filho de Semeias, Elnatan, filho de Acobor Gamarias, filho de Safan, Sedecias, filho de Hananias, e todos os outros chefes. Miquéias referiu-lhes tôdas as palavras que havia ouvido, quando Baruch as lia pelo livro aos ouvidos do povo.

«Com isto, todos aquêles chefes enviaram a Baruch Judi, filho de Natanias, filho de Selemias, filho de Cusi, a dizer-lhe:

«— Toma na tua mão o livro, pelo qual lêste diante do povo, e vem cá».

«Tomou, pois, Baruch, filho de Neria, o livro na sua mão e foi ter com êles. Disseram-lhe:

«— Senta-te e lê essas coisas, para que as ouçamos».

«E Baruch leu, ouvindo-o êles. Quando ouviram tôdas as palavras, voltaram-se espantados, cada um para o que tinha ao seu lado, e disseram a Baruch:

«— É preciso que façamos saber ao rei tôdas estas coisas».

«Depois interrogaram Baruch:

«— Declara-nos como escreveste todos êsses discursos da sua bôca».

«Baruch disse-lhes:

«— Pela sua bôca me ditava tôdas estas palavras, e eu as escrevia neste livro com tinta».

«Então disseram os príncipes a Baruch:

«— Vai e esconde-te com Jeremias, e que ninguém saiba onde estais».

«Foram em seguida ter com o rei, ao átrio do seu palácio, mas deixaram guardado o livro na câmara de Elisama, secretário, e participaram ao rei, em sua audiência, tudo o que havia acontecido. O rei mandou Judi buscar o livro. Judi, tomando-o da câmara de Elisama, secretário, leu-o diante do rei e de todos os grandes que estavam em volta do rei. O rei estava sentado no seu aposento de inverno, no nono mês, e diante d'êle estava pôsto um braseiro aceso. À medida que Judi lia três ou quatro colunas, o rei cortava-as com o canivete do secretário e lançava-as ao fogo do braseiro. E não temeram nem rasgaram as suas vestes tanto o rei como todos os servos, que ouviram tôdas estas palavras (4). Todavia, Elnatan, Dalaias e Gamarias haviam pedido ao rei que não queimasse o livro, mas êle não lhes deu ouvidos. Depois o rei mandou a Jeremias, príncipe, e a Saraias, filho de Azriel, a Selenias, filho de Abdeel, que prendessem Baruch, o secretário, e o profeta Jeremias, mas o Senhor escondeu-os» (5).

Diante daquilo, Deus dirigiu-se a Jeremias, ordenando que se escrevesse de novo outro livro, e anunciou o castigo do rei, dizendo:

«— Tu queimaste aquêlê livro, dizendo: *Por que escreveste nêle e anunciaste que o rei de Babilônia virá, com certeza, e destruirá esta terra, fazendo que não fiquem nela homens nem animais?* Portanto, isto diz o Senhor contra Joaquim, rei de Judá: *Não sairá d'êle quem se sente sôbre o trono de Davi e o seu cadáver será exposto ao ardor do dia e ao frio da noite. Castigá-lo-ei a êle, à sua linhagem*

(4) Ou ameaças.

(5) Jer. 36, 1-26.

e aos seus servos pelas suas maldades, e farei cair sobre eles, sobre os habitantes de Jerusalém e sobre os varões de Judá todo o mal com que os tenho ameaçado, sem que eles me tenham ouvido" (6).



Deu-se, então, sob Sedecias, a prisão do profeta.

«O rei Sedecias, filho de Josias, reinou em lugar de Jeconias, filho de Joaquim, a quem Nabucodonosor, rei de Babilônia, estabeleceu rei no país de Judá. Mas nem ele, nem os seus servos, nem o povo da terra, escutaram as palavras que o Senhor havia dito pela bôca do profeta Jeremias. Contudo, o rei Sedecias mandou Jucal, filho de Selemias, e Sofonias, filho de Maasias, sacerdote, dizer ao profeta Jeremias:

«— Pede por nós ao Senhor nosso Deus».

«Jeremias andava livremente por entre o povo, porque ainda o não tinham metido no cárcere. Entretanto, o exército de Faraó saiu do Egito; ouvindo esta nova, os caldeus, que haviam cercado Jerusalém, retiraram-se de Jerusalém.

«Então, a palavra do Senhor foi dirigida ao profeta Jeremias, nos têrmos seguintes:

«— Isto diz o Senhor Deus de Israel: «Assim respondereis ao rei de Judá que vos enviou a consultar-me: O exército de Faraó, que saiu para vos dar socorro, voltará para a sua terra no Egito, e os caldeus voltarão e combaterão contra esta cidade, tomá-la-ão e lançar-lhe-ão o fogo. Assim fala o Senhor: Não queirais enganar-vos a vós mesmos,

(6) Jer. 36, 29-31.

dizendo: *De certo se irão os caldeus e se retirarão de nós, definitivamente.* Com efeito, eles não se irão embora. Mas, ainda que derrotásseis todo o exército dos caldeus que pelejam contra vós, e ficassem dêles sòmente alguns feridos, eles se levantariam, cada um da sua tenda, e queimariam esta cidade».

«Tendo-se, pois, retirado o exército dos caldeus de Jerusalém, por causa do exército de Faraó, saiu Jeremias de Jerusalém para ir à terra de Benjamim, e repartir ali uma possessão com essa gente. Quando chegou à porta de Benjamim, estava ali um dos que por turno guardavam a porta, chamado Jerias, filho de Selemias, filho de Hananias, que prendeu o profeta Jeremias, dizendo:

«— Tu foges para os caldeus».

«Jeremias respondeu:

«— Isto é falso! Eu não fujo para os caldeus!»

«Mas Jerias não lhe deu ouvidos: prendeu Jeremias e levou-o aos chefes. Êstes, irados contra Jeremias, depois de o açoitarem, meteram-no no cárcere da casa de Jonatan, o secretário, porque haviam feito dela uma prisão. E assim entrou Jeremias num subterrâneo abobadado, onde estêve durante muitos dias.

«Depois o rei Sedecias mandou tirá-lo e interrogou-o em sua casa, secretamente, assim:

«— Crês porventura que tens alguma palavra da parte do Senhor?»

«Jeremias respondeu:

«— Sim, tenho».

«E acrescentou:

«— Serás entregue nas mãos do rei de Babilônia».

«Jeremias disse mais ao rei Sedecias:

«— Em que tenho eu pecado contra ti, contra os teus servos e contra o teu povo, para me mandares meter no cárcere? Onde estão os vossos profetas, que vos profetizavam: *Não virá o rei de Babilônia sobre vós e sobre esta terra?* Agora, pois, ouve, ó rei, meu senhor: Ouve favoravelmente a minha súplica, e não me remetas à casa de Jonatan, o secretário, para que não morra lá».

«Ordenou, então, o rei Sedecias que Jeremias fôsse pôsto no vestibulo da guarda e que se lhe desse uma fatia de pão cada dia, da rua dos Padeiros, até que todo o pão da cidade se consumisse. Assim, Jeremias ficou no vestibulo da guarda» (7).

— — —

«Ora, Safatias, filho de Matan, e Gedelias, filho de Fassur, e Jucal, filho de Selemias, e Fassur, filho de Melquias, tinham ouvido falar as palavras que Jeremias dirigia a todo o povo: «Assim fala o Senhor: «Todo aquêlê que ficar nesta cidade morrerá à espada, e de fome ou de peste, mas o que passar aos caldeus, terá como um despôjo a sua vida salva, viverá». Isto diz o Senhor: «Certamente será entregue esta cidade na mão do exército do rei de Babilônia, que a tomará». Então os chefes disseram ao rei:

«— Que se mate êste homem, porque desanima os homens de guerra, que ficaram nesta cidade, e

(7) Jer. 37, 1-20.

todo o povo, dirigindo-lhes tais palavras. Sim, êste homem não busca o bem para o povo, mas o mal».

«O rei Sedecias disse:

“— Aí o tendes nas vossas mãos, pois nada pode o rei contra vós».

«Tomaram, então, Jeremias e lançaram-no na cisterna do príncipe Melquias, que estava no vestíbulo da guarda: desceram Jeremias com cordas à cisterna, onde não havia água, senão lôdo. E assim se atolou Jeremias no lôdo.

«Entretanto, Abedemelech, eunuco etíope, que estava na casa do rei, ouviu dizer que haviam metido Jeremias na cisterna. O rei estava então sentado à porta de Benjamim. Abedemelech saiu da casa do rei e foi falar ao rei:

«— Ó rei, meu senhor, êstes homens procederam mal em tudo quanto fizeram contra o profeta Jeremias, metendo-o na cisterna, para que ali morra de fome, porque já não há mais pão na cidade».

«Então o rei deu esta ordem ao etíope Abedemelech:

«— Toma aqui contigo trinta homens e tira da cisterna o profeta Jeremias, antes que morra».

“Abedemelech, tomando consigo os homens, entrou numa dependência do palácio do rei, que estava por debaixo do tesouro, e tomou dali uns panos velhos e farrapos, que por uma corda, deitou abaixo à cisterna, a Jeremias. O etíope Abedemelech disse a Jeremias:

«— Mete êsses pedaços de pano velho e êsses retalhos debaixo dos teus sovacos entre os braços e as cordas».

«Jeremias assim o fêz. Então, puxaram Jeremias com as cordas e tiraram-no da cisterna. E Jeremias ficou no vestíbulo da guarda» (8).

Jeremias permaneceu no vestíbulo da guarda até o dia da tomada de Jerusalém pelos caldeus. Sedecias foi prêso, e ocorreu a destruição da cidade.

«Os caldeus queimaram o palácio do rei e as casas particulares, e derribaram o muro de Jerusalém. O resto do povo que havia ficado na cidade, e os desertores que se haviam ido entregar a êle, e o resto do povo que havia ficado, levou-os a Babilônia Nabuzardan, chefe da guarda. Aos mais pobres da plebe, que não tinham absolutamente coisa alguma, Nabuzardan, chefe da guarda, deixou-os ficar na terra de Judá, e lhes deu vinhas e campos, nesse dia.

«Nabucodonosor, rei de Babilônia, havia dado esta ordem a Nabuzardan, chefe da guarda, acerca de Jeremias:

«— Toma-o, põe sôbre êle os teus olhos, não lhe faças mal nenhum, mas concede-lhe tudo o que êle quiser».

«Por êste motivo, Nabuzardan, chefe da guarda, Nabusezdan, Nergal-Sareser e todos os grandes do rei de Babilônia, mandaram tirar Jeremias do vestíbulo da guarda e entregaram-no a Godolias, filho de Aicão, filho de Safan, para que o

(8) Jer. 38, 1-13.

levasse a sua casa. E assim êle ficou entre o povo (9).

— — — —

Godolias foi constituído governador das cidades de Judá pelo rei de Babilônia. Muitos judeus sujeitaram-se ao seu govêrno. Todavia, concertavam-lhe a morte. Avisado por Joanan, filho de Carée, e por todos os chefes dos exércitos que viviam dispersos pelas províncias, que o procuraram em Masfa, onde habitava, Godolias não lhes deu crédito.

Morto Godolias por Ismael, filho de Natánias, de linhagem real, e por mais dez homens que o acompanhavam, houve, depois, uma tentativa de vingança: Joanan, filho de Carée, e todos os oficiais do exército que estavam com êle, tomando tôda a sua gente, partiram para lutar contra os matadores do governador constituído pelo rei de Babilônia.

“Quando todo o povo que estava com Ismael viu Joanan, filho de Carée, e todos os oficiais do exército que estavam com êle, encheu-se de alegria. E todo o povo, que Ismael tinha feito prisioneiro em Masfa, voltou para trás e juntou-se a Joanan, filho de Carée.

«Mas Ismael, filho de Natánias, fugiu com oito homens, de Joanan, e passou-se aos filhos de Amon. Joanan, filho de Carée, e todos os oficiais de guerra que estavam com êle, tomaram todos os que restavam da plebe, que Ismael, filho de Natánias, havia levado de Masfa, depois que matou Godolias, filho de Aicão: homens de guerra, mulheres, crianças e

(9) Jer, 39, 8-14.

eunucos, que haviam feito voltar de Gabaon. Foram-se dali, e estiveram de passagem em Camaão, que está ao pé de Belém, com o fim de passarem depois adiante a entrar no Egito, com medo dos caldeus, que temiam por causa de Ismael filho de Natã, que assassinou Godolias, filho de Aicão, que o rei de Babilônia havia constituído governador da terra de Judá» (10).

Era a fuga para o Egito. Antes, porém, consultaram o profeta, acabando por pedir:

«— Que o Senhor teu Deus nos mostre o caminho que devemos fazer».

«O profeta Jeremias disse-lhes:

«— Eu ouvi. Vou fazer oração ao Senhor vosso Deus conforme dizeis; qualquer palavra que me responder, eu vô-la referirei, sem vos encobrir coisa alguma.

«Eles disseram a Jeremias:

«— Seja o Senhor contra nós testemunha verdadeira e fiel, se não fizermos tudo o que o Senhor teu Deus te mandar dizer-nos. Seja coisa favorável ou adversa, obedeceremos à voz do Senhor nosso Deus, ao qual te enviamos para que sejamos bem sucedidos, obedecendo à voz do Senhor nosso Deus» (11).

Dez dias depois, o profeta chamou Joanan e lhe respondeu que não deviam deixar o país, que muito sofreriam aquêles que fôssem para o Egito. Desobedeceu-o, porém, o povo, que acabou por levá-lo também, chegando em Tãfnis.

(10) Jer. 41, 13-18.

(11) Jer. 42, 3-6.

Segundo a tradição judaica, seguida pelos Padres da Igreja, Jeremias morreu naquela cidade do Egito, apedrejado pelos próprios judeus, e ali mesmo foi sepultado.

Segundo o que nos diz Santo Epifânio, os cristãos tinham o costume de ir orar no seu túmulo, e dêle tomavam o pó, que lhes servia de remédio contra mordeduras de cobras.

O livro de suas profecias é formado de oráculos contra as nações, sobretudo contra Judá, e de elementos narrativos, que dizem respeito a sua ação.

As *Lamentações* (12) são cinco elegias sôbre a ruína de Jerusalém. Após a devastação de Jerusalém, conduzido Israel para o cativeiro, Jeremias, sentando-se, a chorar, rompeu em lamentações, vendo a cidade devastada pelos inimigos, por causa dos pecados. São cantos lúgubres que a Igreja adotou para chorar durante a semana santa a morte de Nosso Senhor. O profeta chora a destruição da cidade santa, a ruína do templo, a miséria extrema do povo de Deus e a sua escravidão.

Os gemidos e dores de Jeremias eram uma figura dos de Jesus Cristo, o qual, em meio às suas dores e ignomínias, exortava o povo de Jerusalém a chorar a última ruína da cidade e do templo.

Os gregos consagram ao profeta Jeremias todo um officio.

* * *

(12) Ou **Trenos** — cantos plangentes, elegia.

SÃO FILIPE

E

SÃO TIAGO, O MENOR (*)

Apóstolos

1.º Século

S. FILIPE

Como os irmãos Pedro e André, Filipe era originário de Betsaida, cidadezinha situada ao longo do mar de Tiberiade.

Os mais seguros detalhes sobre São Filipe são fornecidos por São João Evangelista.

«No dia seguinte, Jesus quis ir à Galiléia, e encontrou Filipe, e disse-lhe:

«— Segue-me».

«Filipe era natural da cidade de Betsaida, pátria de André e de Pedro. Filipe encontrou Natanael (1), e disse-lhe:

(1) Provavelmente Bartolomeu.

«— Encontramos aquêle de quem escreveram Moisés na lei e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José» (2).

«Natanael disse-lhe:

«— De Nazaré pode porventura sair coisa que seja boa?» (3)

«Filipe disse-lhe:

«— Vem ver».

«Jesus viu Natanael, que ia ter com êle, e disse dêle:

«— Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo».

«Natanael disse-lhe:

«— Donde me conheces tu?»

«Jesus respondeu, e disse-lhe:

«— Antes que Filipe te chamasse, vi-te eu, quando estavas debaixo da figueira».

«Natanael respondeu-lhe, e disse:

«— Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel».

«Jesus respondeu, e disse-lhe:

«— Porque eu te disse que te vi debaixo da figueira, crês; verás coisas maiores que esta».

«E disse-lhe:

«— Em verdade, em verdade vos digo, vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sôbre o Filho do homem» (4).

(2) **Filho de José** porque Filipe ainda desconhecia o mistério da encarnação e da conceição virginal de Jesus Cristo, ignorando, igualmente, que Êle havia nascido em Belém.

(3) Nazaré era desprezada por todos, daí o dito de Natanael.

(4) Jo. 1, 43-51.

Quando ficou definitivamente assentado o colégio dos doze, Filipe provavelmente já era da confiança do divino Mestre. Contudo, Jesus provou-o, quando da primeira multiplicação dos pães.

«Jesus, pois, tendo levantado os olhos, e visto que vinha ter com êle uma grande multidão, disse a Filipe:

«— Onde compraremos nós pão, para dar de comer a esta gente?»

«Dizia, porém, isto para o experimentar, porque sabia o que havia de fazer.

«Respondeu-lhe Filipe:

«— Duzentos dinheiros de pão não bastam para que cada um receba um pequeno bocado» (5).

Noutra circunstância, alguns pagãos se apresentaram para oferecer homenagens ao Salvador, e buscaram Filipe.

«Ora havia alguns gregos, daqueles que haviam ido adorar a Deus no dia da festa. Êstes aproximaram-se de Filipe, que era de Betsaida da Galiléia, e fizeram-lhe êste pedido, dizendo:

«— Senhor, desejamos ver Jesus».

«Foi Filipe e disse a André; André e Filipe disseram-no a Jesus» (6).

Afinal, durante a última Ceia, Filipe, que não compreendera as palavras de Jesus, quando o Salvador se referia ao Pai, novamente nos é apresentado por São João.

«Disse-lhe Tomé:

«— Senhor, nós não sabemos para onde tu vais; como podemos nós saber o caminho?»

(5) Jo. 6, 5-7.

(6) Jo. 12, 21-22.

«Disse-lhe Jesus:

«— Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vai ao Pai senão por mim. Se me conhecêsseis, também certamente conheceríeis meu Pai; mas desde agora o conheceis e já o vistes».

«Disse-lhe Filipe:

«— Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta».

«Disse-lhe Jesus:

«— Há tanto tempo que estou convosco, e ainda não me conheceste, Filipe? Quem me viu, vê também o Pai. Como dizes, pois: *Mostra-nos o Pai?* Não crêdes que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, êsse é que faz as obras. Crêde em mim: eu estou no Pai, e o Pai está em mim. Crêde-o ao menos por causa das mesmas obras. Em verdade, em verdade vos digo que aquêle que crê em mim fará também as obras que eu faço e fará outras ainda maiores, porque eu vou para o Pai» (7).

Sôbre o sentido destas palavras, Filipe, como os demais apóstolos, mais tarde, aprendê-lo-ia com facilidade, quando sôbre êles descesse o Espírito Santo.

Diz-nos a tradição que São Filipe foi pregar o Evangelho entre os citas, convertendo um número imenso dêles, e que viveu até a idade mais avançada, tendo falecido em Hierápolis, na Frígia.

(7) Jo. 14, 7-12.

Clemente de Alexandria assegura que o Apóstolo morreu de morte natural. Documentos antigos, no entanto, dizem que São Filipe foi martirizado nos tempos de Domiciano ou de Trajano.

S. TIAGO, O MENOR

Tiago, o Menor, para que se distinga do outro apóstolo do mesmo nome, é aquêlê Tiago do qual São Pedro, livre da prisão pelo anjo pediu que o informassem do que lhe sucedera, o mesmo do qual fala São Paulo: «Porque, antes de tudo, ensinei-vos o que eu mesmo aprendi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as mesmas Escrituras; e que foi visto por Cefas e depois pelos onze; que, a seguir, foi visto por mais de quinhentos irmãos por uma só vez, dos quais ainda hoje vivem muitos e alguns já morreram; que, depois, foi visto por Tiago e, em seguida, por todos os apóstolos» (1).

São Jerônimo e Santo Epifânio asseguram-nos que Jesus, depois da ascensão, a Tiago recomendou a Igreja de Jerusalém, e que, em consequência, os outros apóstolos, antes que se dispersassem, a Tiago constituíram bispo daquela cidade.

Paulo, depois da conversão, estêve em Jerusalém, e diz: «Dali (2), no fim de três anos, fui a

(1) 1 Cor. 15, 3-7.

(2) De Damasco.



São Tiago curando um cego. Segundo uma pintura a fresco de Mantegna. Século XVI.

Jerusalém, para ver Pedro, e estive com êle quinze dias; dos outros Apóstolos não vi nenhum, senão Tiago, irmão do Senhor. No que vos escrevo, digo diante de Deus que não minto» (3).

Mais adiante: «E tendo reconhecido a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram considerados as colunas da Igreja, deram as mãos a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão, para que nós fôssemos aos gentios» etc. (4).

No concílio de Jerusalém, onde foi tratada a questão de saber se se determinava aos gentios observar a lei de Moisés, Tiago resumiu o discurso de Pedro sôbre a evangelização dos pagãos, regra que devia ser observada pela admissão do gentio na Igreja.

Na última viagem a Jerusalém Paulo estêve na casa de Tiago, e relatou tudo o que Deus havia feito entre os gentios.

Sabe-se que os judeus tinham grande veneração pelo apóstolo Tiago. Quanto à sua santidade, sempre conservou a virgindade e a pureza. Eram tão freqüentes as prostrações que fazia por terra que a pele de seus joelhos eram duras como a do camelo. Tão eminente era a santidade de São Tiago, que Justo foi o cognome que recebeu.

Tiago, o Menor foi morto pelos judeus não convertidos, inimigos de Jesus Cristo. Atirado do alto do Templo, não morreu da queda. De joelhos,

(3) Gal. 1, 18-20.

(4) Gal. 2, 9.

pediu perdão a Deus pelos que o iriam matar logo em seguida. Lapidado (ano 62, sétimo do reinado de Nero, na festa da Páscoa, 10 de abril), o santo apóstolo foi enterrado perto do Templo, no lugar em que foi martirizado.

* * *

SANTO ANDEOL (*)

Sub-diácono e Mártir

Andeol era de Esmirna. Em Lião, foi nomeado sub-diácono por Irineu. Quando pregava o Evangelho, com sucesso, aos habitantes de Bergoiate, foi prêso por ordem de Sétimo Severo.

Quando Andeol se apresentou ao tribunal, o imperador convidou-o a deixar a fé que pregava, sugerindo-lhe que oferecesse incenso aos deuses.

Respondeu-lhe o sub-diácono:

— Não adoro senão um só Deus, o Deus único e verdadeiro que criou o céu e a terra. Quanto às tuas divindades, eu as desprezo: são ídolos surdos e mudos, fabricados pela mão dos homens.

O imperador, encolerizado, ordenou que o submetessem à tortura. Andeol, deitado por terra atado de pés e mãos com cordas duramente aderentes à carne, foi vergastado com chicotes guarnecidos de pontas de ferro e rasgado com unhas avermelhadas ao fogo.

Estendido sôbre uma roda elevada, debaixo da qual ardia, crepitando, vivíssimo, um fogaréu, Andeol dirigiu-se a Deus:

— Senhor Jesus, rendo-vos graças por me teres feito merecedor de sofrer por teu nome. Não me abandones neste supremo combate. Faze com que persevere, para que possa apresentar-me diante de tua majestade com a palma do vencedor.

Conduzido à prisão, onde aguardaria outros suplicios, Andeol recebeu a visita de vários anjos, que foram encorajá-lo para a próxima luta e anunciar-lhe o fim que se aproximava.

Andeol foi morto diante do imperador: um soldado, armado com uma daquelas espadas usadas pelos gladiadores, fendeu-lhe o crânio em quatro partes, em forma de cruz.

Foi no dia 1.º de maio de 208, e Sétimo Severo ordenou que o corpo do mártir fôsse atirado ao Ródano. Amarrado a pesada pedra, cumpriu-se a ordem, mas, miraculosamente desprendido, o corpo do mártir surgiu a uma das margens do rio, todo iluminado.

Túlia, rica senhora do lugar, recolheu-lhe o corpo e o enterrou condignamente.

Encontrado no ano de 859, quando do episcopado de Bernoin, bispo de Viviers, numa pequena cripta, sôbre ela se edificou a igreja que foi dedicada a São Policarpo, época em que Bergoiate tomou o nome de Burgo de Santo Andeol.

A cripta, até a Revolução, formava um pequeno oratório, onde se rezava e celebravam missas.

São Germano de Paris obteve do rei Childeberto a construção, em Paris, de um oratório em honra de Santo Andeol, oratório que acabou sendo a igreja paroquial de Santo André das Artes, com Santo Andeol como padroeiro.

* * *

SANTO AMADOR DE AUXERRE (*)

Bispo e Confessor

Amador nasceu em Auxerre, filho de pais ricos, em 344. Tendo estudado com o bispo Valeriano, desejoso de seguir a vida religiosa, cedeu, todavia, à vontade dos seus, casando-se com Marta, rica herdeira que vivia na cidade de Langres.

Desde o primeiro dia, de comum acôrdo, Amador e Marta viveram na mais perfeita continência.

Morto o bispo Valeriano, os dois esposos foram procurar o seu sucessor, e conseguiram o desejado: viver para Deus.

Marta, que foi levar vida retirada, em Airy, faleceu no ano de 410.

Amador, admitido entre os clérigos, acabou por suceder a Heládio na Sé de Auxerre. Pouco depois, extirpava com os restos do paganismo que teimavam por vicejar na diocese.

Santo Amador foi quem erigiu a nova catedral, dedicando-a ao primeiro mártir, Santo Estêvão.

Zeloso, humilde e incansável, faleceu a 1.º de maio de 418, sendo enterrado no Monte Artre, no oratório em que a espôsa já repousava há oito anos.

* * *

SANTO ARÍGIO (*)

Bispo e Confessor

Arígio nasceu em 535 em Chalon-sur-Saone. Educado na escola de Didier, bispo de Clermont, que lhe outorgou o sacerdócio, viu-se à frente da Igreja de Morges.

Chamado para governar a diocese de Gap, ali restaurou Santo Arígio o culto, que se encontrava arrazado, devido às invasões bárbaras. Visitando os pastôres, encorajava-os e exortava paternalmente, a terem confiança em Deus, do qual tudo se obtém.

Santo Arígio participou do concílio de Valença, em 584, e do de Macon, reunido em 585. Em Roma, visitou contritamente o túmulo dos santos Apóstolos e privou com o papa São Gregório, o Grande.

Gregório, que faleceu a 10 de março de 604, predisse ao amigo que êste logo o seguiria. De fato, no dia 1.º de maio do mesmo ano, Santo Arígio, depois de dolorosa doença, deixou o mundo.

A memória do santo bispo conserva-se até hoje: em Gap há um bairro que tem seu nome. Pio X, agora elevado a honra dos altares, aprovou o culto de Santo Arígio em 1907.

* * *

SÃO GOMBERTO
E
SANTA BERTA (*)

Mártires

Fins do século VII

Gomberto, ou Gundeberto, pertencia à família dos reis franceses, tendo sido, com o irmão Nivardo, educado na cõrte. Nivardo, mais tarde, seria bispo de Reims. Gomberto casou-se com Berta, com a qual, perpétuamente, viveu em continência.

Um dia, resolvidos a viver para Jesus Cristo exclusivamente, desfizeram-se de tôdas as posses, em favor da pobreza, e separaram-se.

Gomberto, aliando-se a uns religiosos que iam à Irlanda, ali visitou os mais famosos mosteiros, construindo um para que nêle se ensinasse a regra de São Bento.

Os pagãos, irritados com as obras daquele santo homem, atacaram-lhe a nova fundação, agarraram-no desapiadadamente e lhe deram morte.

Berta, que, com o concurso do espôso, fundara um mosteiro em Reims, sob a invocação do apóstolo

Pedro e uma abadia perto de Avenay, nela se retirou, sendo-lhe a primeira abadessa.

Ora, a abadia, muitíssimo bem dotada, despertou a ambição dos sobrinhos de Gomberto, que não se conformavam em ver todo um grande patrimônio empregado em obras de caridade: invadiram a abadia, massacraram a abadessa, sem que o vissem, porque era na calada da noite, e se retiraram.

Foi assim que Santa Berta partilhou com o espôso a glória do martírio.

* * *

SÃO JOSÉ OPERÁRIO (*)

Foi o papa da paz, Pio XII, que instituiu a festa de São José Operário, fixando-a neste dia.

Eis uma nova e bela festividade no calendário litúrgico, que assim honra o trabalhador, o operário perfeito, aquêle insigne varão que foi o pai nutrício de Nosso Senhor.

Com esta iniciativa, e esplêndida iniciativa, a Igreja dá, mais uma vez, resplandecente prova de que está sempre ao lado dos humildes, dos pequeninos, daqueles anônimos que, incansáveis e lutando com tôda a sorte de vicissitudes, fazem, heróis desconhecidos, a grandeza duma nação, da humanidade.

“La candida e maschia figura di colui, che fu il vergine sposo della gran Vergine”, como diz Angelo Brucculeri em artigo publicado em *La Civiltà Cattolica* (1), “A cândida e máscula figura daquele que foi o virgem espôso da grande Virgem, da bendita entre as mulheres, daquele que foi o guarda fiel de Jesus Menino, será, de agora em diante, um eloqüente patrono para excitar os operários a sobrenaturalizar-se, a santificar o trabalho.

“Para a Igreja, diz ainda Brucculeri, o labor não significa a mesquinhez econômica, como o con-

(1) *La Civ. Catt.*, a. 106, vol. II, 21 Maggio, 1955. Quad. 2518.

cebe o comerciante que professa o marxismo; para a Igreja o labutar do homem tem valor eterno”.

“A nova solenidade litúrgica, pois, assinala um passo memorável do movimento social cristão, e dá um impulso novo dirigido para a cristã civilização do trabalho”.

Avança, assim, a Igreja, como se vê, decidida e com grande ânimo, para a reconquista das massas que as correntes esquecidas de Deus procuram escravizar, fazendo do homem um autômato, uma simples máquina, nêle vendo não aquilo que verdadeiramente faz o homem — a alma — mas o que poderá proporcionar materialmente.

Destarte, há de ter o 1.º de maio outra fisionomia, um sentimento todo novo: há de ser dia de festa, de festa cristã, e não de agitação, de desassossêgo e de ódio, dia em que os espíritos se revoltam, levados cavilosamente por aquêles a quem a confusão interessa, partidários que são de doutrinas de fundo ateu, exdrúxulo, doutrinas que buscam a discórdia e a divisão, estribos em que se firmam para alevantar uma hedionda bandeira negra.

“Deus, novamente citamos Brucculeri, não quis que os homens fôssem dispersos quais grãosinhos de areia, cegos e surdos, uns postados ao lado dos outros: *Mandavit unicu que de proximo suo*”.

Não, impôs a cada um deveres para com o próximo (2). Que cada um, pois, tenha aquêlê interêsse espiritual pelo companheiro de trabalho. E não só o operário, mas o industrial, o comerciante, o proprietário, o potentado da riqueza. Que se fique surdo

(2) Eccli, 17, 12.

às correntes sem Deus, que ignoram os princípios fundamentais do direito, que, como disse Pio XI, “despojam o homem da liberdade, princípio espiritual de conduta moral, e tira à pessoa humana tôda a dignidade e qualquer freio moral contra os assaltos dos cegos instintos”.

São doutrinas que escondem uma falsa idéia de redenção. Nelas não há lugar para Deus. “Que seria a sociedade humana baseada sôbre tais fundamentos materialistas?” pergunta o mesmo Pio XI. Seria “uma coletividade sem outra hierarquia que a do sistema econômico. Teria a sociedade como única missão a produção por meio do trabalho coletivo, e como fim o gôzo dos bens terrenos, num paraíso em que *cada um daria conforme a sua capacidade, e receberia segundo as suas precisões* (3).

É preciso cuidado com as *inefáveis* promessas. Grande e astuciosa, a propaganda dos partidários de tais doutrinas campeia loucamente.

“Esta audácia de homens pérfidos, dizia Leão XIII (4), que ameaça com uma ruína cada vez mais grave a sociedade civil, e enche de inquietação e temor todos os espíritos, tira a sua origem e a sua causa dessas doutrinas envenenadas, que, em tempos anteriores, espalhadas como germe de corrupção entre os povos, tem produzido a seu tempo frutos deletérios”.

É necessário que todo cristão “acostume os filhos, desde a mais tenra idade, a amar a Deus e a respeitar a Sua santa vontade”; que se ensine aos incautos, aos indecisos, aos afoitos que “o estado é

(3) Pio XI, *Divini Redemptonis*.

(4) Leão XIII, *Quad Apostolici Muneri*.

meio natural, de que pode e deve servir-se o homem para consecução do seu fim, sendo o estado para o homem e não o homem para o estado"; que se ensine que a família, a corporação, o município e outros grupos sociais, precisamente pela diversidade do fim de cada um, distinguem-se do estado e devem viver no seu seio, mas impedindo êste que os diferentes grupos preencham plenamente o seu escopo"; que "cada qual dêstes grupos, assim como o próprio estado, tem um fim próprio, mas não absoluto, um fim intermediário, o de realizar o complexo das condições requeridas para que, na medida do possível, todos os membros do estado possam conseguir, por si, a onímoda felicidade temporal, sempre subordinada ao fim último"; que "o indivíduo não foi feito para o estado, mas sim o estado para o indivíduo, para o seu bem-estar moral e material, para a sua felicidade"; que "a fonte mais profunda do direito não é a vontade do estado, mas a exigência da razão, a consciência moral e jurídica da humanidade, o reflexo da imagem divina impresso na alma humana, aquela projeção da lei eterna, donde se origina aquêle código natural, anterior e superior a todos os códigos"; que "o direito não nasce com o estado, mas com o homem"; que, "escrito ou consuetudinário, não deixou nunca de acompanhar o homem"; que "existe para servir o homem, como também para servir o homem existe o estado"; que "o estado não é o fim do homem; sua missão é ajudar o homem a conseguir o seu fim"; e que "é meio e visa à ordem externa para a prosperidade comum dos homens" (5).

(5) Ataliba Nogueira, *O estado é meio e não fim*, 2.ª ed., 1945.

Pio XII, numa alocução às associações cristãs dos trabalhadores italianos, no dia 1.º de maio de 1955, colocava-os *sotto il potente patrocinio di San Giuseppe*, afirmando-lhes que melhor protetor não encontrariam para os ajudar nas necessidades, nas agruras, na dureza da vida quotidiana, nas justas reivindicações, levando-lhes o clamor para o Filho adotivo.

“Assim, dizia o grande papa, se quiserdes estar perto de Cristo, nós hoje vcs repetimos: *Ite ad Joseph: Ide a José!*”

Depois:

“Não vos esqueçais que vosso primeiro cuidado é conservar e fazer crescer a vida cristã no vosso labutar”. Porque muitos, seduzidos ou mal contentes, deixam a Deus.

Ancs atrás, Pio XI já fazia um apêlo aos operários católicos. Dizia: “Uma palavra paterna que-remos aqui dirigir aos nossos caros operários católicos, jovens e adultos, que, talvez para galardão de sua fidelidade, por vêzes heróica, nestes tempos tão difíceis têm que cumprir missão mui nobre e trabalhosa. Sob a orientação de seus Bispos e Sacerdotes, cabe-lhes reconduzir, para a Igreja e para Deus, multidões imensas de irmãos no trabalho, que, irritados por não terem sido compreendidos ou tratados convenientemente, afastaram-se de Deus. Os operários católicos, com o exemplo e por palavras, mostrem, a seus irmãos desviados, que a Igreja é Mãe carinhosa de todos aquêles que trabalham e sofrem, e nunca faltou nem faltará ao sagrado dever de mãe, na defesa de seus filhos. Se a missão que êles devem cumprir nas minas, nas fábricas, nas oficinas, em tôda

a parte onde se trabalha, exige por vêzes grandes sacrifícios, lembrem-se de que o Salvador do mundo deu exemplo não só de trabalho, mas também de sacrifício.

“A todos os nossos filhos, portanto, de qualquer classe social, de qualquer nação, de qualquer agremiação religiosa e leiga, na Igreja, desejamos dirigir novo e mais caloroso apêlo para a concórdia. Várias vêzes o nosso coração paterno foi magoado por cisões quase sempre fúteis em suas causas, e sempre trágicas em suas conseqüências, pondo em litígio filhos de uma só Mãe, a Igreja. Destarte, os amigos da desordem, que não são tão numerosos, aproveitando tais divergências, tornam-nas mais agudas, e acabam por lançar os mesmos católicos uns contra os outros”.

Mais adiante:

“Os que se empenham em fomentar discórdias entre católicos assumem grave responsabilidade diante de Deus e da Igreja”.

E Pio XI, apelando a todos aquêles que acreditam em Deus, conclama-os para “afastar da humanidade o grande perigo que a todos ameaça”, porque “se acreditar em Deus é fundamento inabalável de tôda ordem social, de tôda responsabilidade sôbre a terra, assim todos aquêles que não querem a anarquia e o terror devem enêrgicamente trabalhar para que os inimigos da religião não consigam o fim por êles tão abertamente proclamado”.

E, após discorrer sôbre os deveres do estado cristão, falando de São José:

“E para apressar a “Paz de Cristo no Reino de Cristo” (6), colocamos a ingente Ação da Igreja

(6) Enc. Ubi Aracano, 1922.

Católica contra o comunismo ateu mundial, sob o amparo do poderoso Protetor da Igreja, São José. Pertenceu à classe operária, e da pobreza experimentou o pêso, para si e para a Sagrada Família, da qual era o chefe vigilante e afetuoso; a êle foi confiado o Divino Infante, quando Herodes atirou no encalço d'Ele os seus algozes. Com uma vida de observância estrita de seus deveres cotidianos, deixou exemplo a todos aquêles que hão de ganhar o pão de cada dia com o trabalho de suas mãos, e mereceu ser chamado Justo, modêlo vivo da justiça cristã que deve predominar na vida social" (7).

Em 1878, Leão XIII dizia na sua Carta Encíclica *Quod Apostolici Muneris*: "Entregues ao olvido recompensas e castigos da vida futura e eterna, o desejo ardente de felicidade foi circunscrito aos limites do tempo presente. Estando por tôda a parte profusamente espalhadas estas doutrinas (8) e introduzindo-se em todos os lugares esta extrema licenciosidade de pensamento e de ação, não é para admirar que os homens de ínfima condição, cansados da pobreza de suas casas ou pequenas oficinas, tenham inveja de se elevarem até os palácios e à fortuna dos ricos; não é para admirar que já não haja tranqüilidade na vida pública e particular, e que o gênero humano esteja chegado à borda do abismo".

Que palavras (ditas há tantos anos atrás) atualíssimas! Ouçamos mais ao grande papa:

(7) Pio XI, *Divini Redemptonis*.

(8) Socialismo e Comunismo.

“Mas, para que os regentes dos povos usem do poder que lhes é concedido para edificar e não para destruir, a Igreja de Cristo avisa-os muito a propósito de que a severidade do julgamento supremo ameaça também os príncipes, e repetindo as palavras da Divina Sabedoria brada a todos em nome de Deus: “Prestai atenção, vós que dirigis as multidões e que vos comprazeis do número das nações, porque o poder vos foi dado por Deus e a fôrça pelo Altíssimo que examinará as vossas obras e perscrutará os vossos pensamentos... Porque o julgamento dos que governam será muito severo. Deus, efetivamente, não excetuará pessoa alguma nem terá atenção com as grandezas de ninguém, pois Deus criou o pequeno e o grande e tem igual cuidado por todos; mas para os mais fortes está reservado um castigo mais forte” (9).

E, sugerindo que se fomentem associações de proletários sob a tutela da Igreja, diz: “Como se procuram sobretudo sectários, na classe dos homens que exercem ofício, que alugam o seu trabalho e que, cansados da condição de trabalhadores, são muito fãcilmente seduzidos pela esperança das riquezas e pelas promessas de fortuna, parece oportuno sustentar as sociedades de artistas e operários, que, fundadas debaixo da proteção da Religião, ensinam a todos os associados que se contentem com a sua sorte e suportem o trabalho com paciência e os persuadam a que tenham uma vida sossegada e tranqüila”.

“Jesus Cristo, dizia Pio XII, não atende aquêles que procuram abrir caminho para penetrar a realidade

(9) Sab., 6, 3 ss.

social com sistemas que d'Ele não derivam". Assim, apeguemo-nos todos a Jesus. Não nos afastemos jamais de Nosso Senhor. Busquemo-lo sempre e sempre, em tôdas as necessidades da vida, confiantes da sua infinita bondade, porque Ele é a bondade mesma. Vivamos sempre e sempre com Jesus nos corações. Procuremo-lo com todo o ardor, com todo o afinco, e, para tal, não nos esqueçamos daquele que é nosso protetor na terra e intercessor no céu, o poderoso patrono que a Igreja nos deu. Vamos a José, e que seja "aberta para Cristo uma entrada no mundo operário".

* * *

SÃO PEREGRINO LAZIOSI (*)

Servita — Confessor

Nascido em Forli, na Romagna, em 1265, Peregrino Laziosi, desde a primeira mocidade, deixou entrever um caráter violento e aguerrido.

Convertido por São Filipe Beniti (1), ao qual, de uma feita, maltratara, Peregrino mudou completamente: deixou a turbulenta vida que levava, abandonou a tudo e entrou na ordem dos servitas.

Nossa Senhora, numa visão, aparecendo-lhe, a sorrir, fêz-lhe ver que a vida que então escolhera era da vontade de Deus. seu Filho.

Quando Peregrino recebeu o hábito, uma doce luminosidade brilhou-lhe sôbre a cabeça, como que atestando a futura santidade.

Peregrino passou o resto da vida no trabalho, nas vigílias, nos jejuns e na oração. A mortificação a que se dava era tal, que, enquanto viveu, ninguém jamais o viu sentar-se. Cansado, vencido pelo sono, encostava-se a uma pedra ou uma árvore, e ali se deixava ficar. Nem quando doente procurava o leito. Paciente, cancro de origem sifilitica manifestou-se-lhe numa das pernas: o mau cheiro que dali

(1) 23 de agosto.

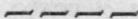
se desprendia era insuportável, mas nunca, quem quer que fôsse, viu-o queixar-se. Os conterrâneos passaram, então, a chamá-lo o novo Job.

Os médicos, um dia, acharam conveniente amputar-lhe a perna. Na véspera da operação, à noite, Peregrino, rezando diante de Jesus crucificado, acabou dormindo. Nosso Senhor, então, apareceu-lhe: descera da cruz e lhe tocara a perna doente.

Quando despertou, Peregrino, maravilhado, viu-se completamente curado, e os médicos, constatando o milagre, espalharam o prodígio por tôda a cidade.

São Peregrino Laziosi faleceu a 1.º de maio de 1345, com oitenta anos de idade, operando muitíssimos milagres, o que atraiu multidões à igreja de Forli, onde fôra enterrado.

Em 1609, o papa Paulo V permitiu aos servitas celebrar um officio em honra do bem-aventurado. Canonizado, a 27 de dezembro de 1726, por Bento XIII, inscreveu-se-lhe o nome no martirologio romano no dia 1.º de maio. Em Forli, porém, celebram-lhe a festa no dia 30 de abril, e os servitas a 2 de maio.



No mesmo dia, em Roma, o falecimento de São Pio V, da ordem dos irmãos pregadores, papa e confessor. Aplicando-se com zêlo e sucesso no restabelecimento da disciplina eclesiástica, na extirpação das heresias, para reconduzir a Deus os inimigos do nome cristão, edificou a Igreja pela vida santa, governando a cristandade com leis igualmente santas. Celebra-se-lhe a festa no dia 5 de maio.

Em Huesca, na Espanha, os santos mártires Orêncio e Paciência.

Em Auch, França, Santo Orense, bispo, ou Orencio, nascido em Languedoc, filho do duque de Urgel. Nomeado bispo de Auch, em 439, foi poeta e autor do *Commonitorium*, onde discorreu sôbre as invasões bárbaras.

Em Elwy, na Inglaterra, Santo Asafo, bispo, que deu seu nome à cidade episcopal. Um dos discípulos de Kentigern, bispo de Glasgow, foi obedientíssimo desde a infância, modelo, quando adulto, de tôdas as virtudes monásticas. Em 575, quando aquêlê bispo foi chamado a Glasgow, Asafo foi designado por êle, com o assentimento de tôda a comunidade de Llan-Elwy, para que o sucedesse como abade e como bispo. Falecido em 600, em sua memória, o povo trocou por Santo Asafo o nome de Llan-Elwy. Várias igrejas foram colocadas sob sua invocação.

Em Bérghamo, Santa Grata, viúva, às ordens da qual foram construídos a cathedral daquela cidade e o hospital, onde cuidava dos doentes, carinhosamente.

Em Auvergne, Santa Florina, virgem e mártir, quando da invasão alemã.

Na diocese de Amiens, os Santos Ache e Acheul, mártires, em 390. Ache era diácono e Acheul sub-diácono. Martirizados, ao que parece, por ordem de Rictiovaro, sob Maximiano Hércules.

No Egito, Santa Isidora, virgem, no século V. Um anjo revelou a um monge chamado Pioreterio a alta santidade da virgem, a qual todos julgavam possuída pelo demônio.

Na Lorena, Santa Gertrudes, virgem e mártir, em 480, morta pelos pagãos francos. Há os que dizem que morreu pelas mãos dos irmãos, porque se recusava contrair matrimônio. É padroeira da paróquia, e a cabeça, conservada durante a Revolução, é venerada em Vaux-en-Dieulet, na diocese de Reims.

Na Bretanha, São Brioco, bispo e confessor, nascido em 410 no condado de Cardigan, no País de Gales. Filho de pais pagãos, foi convertido por São Germano de Auxerre, em Verulam, quando aquêle Santo viajava pela Inglaterra. A mãe, de origem saxônica, e o pai, irlandês, mais tarde, foram convertidos pelo filho, que faleceu em 502, muito santamente. Construiu um mosteiro e depois uma igreja, (que dedicou a Santo Estêvão) com a ajuda de um riquíssimo senhor chamado Conán, que se converteu graças a Brioco.

Na Irlanda, São Kellac, bispo e mártir. Filho de um rei de Connaught, Ceallach Mc Eogham nasceu em 520, e foi educado por Kieran de Clonmacnoise. Bispo de Killala em 543, retirou-se a Luogh Conn, onde, por instigação do rei de Connaught (depois da morte do pai) foi assassinado por um clérigo (550).

Na diocese de Soissons, São Marculfo, abade e confessor. Nascido em Bayeux distribuiu aos pobres e aos órfãos tôda a fazenda que herdara dos pais, retirando-se para viver ao lado do bispo de Coutances, Possessor, sob o qual se formou na virtude. Faleceu em 558.

Na diocese de Reims, São Teodulfo, ou Thiou, abade e confessor, que não se deve confundir com o Teodulfo que viveu recluso em Trêves, na mesma



O rei da França, tendo sido sagrado, torna à abadia de Santo Marculfo, onde toca os escrofulosos. Segundo uma miniatura do século XVI.

época. Este Teodulfo, filho de ilustre família da segunda Aquitânia, retirou-se ao Monte de Ouro, ou de São Thierry, perto de Reims, onde viveu como discípulo do santo abade Teodorico. Ecônomo da abadia por vinte e dois anos, depois firme e doce abade, Teodulfo faleceu muitíssimo entrado em anos, em 590.

Na diocese de Meaux, São Blandino, ermitão e confessor, que faleceu depois de 650. As relíquias estão em Celles, perto de Faremoutiers.

Na Bélgica, Santo Ultano, abade e confessor, irmão dos santos Fursy e Foillan. Irlandês, foi monge em Cnobheresburg, no Sussex. Em 650, seguiu os irmãos, indo para o continente, e Gertrudes de Nivelles doou-lhe a abadia de Fosses. Depois da morte de Foillan, governou Peronne, ao mesmo tempo que Fosses, falecendo em 680. As relíquias foram transferidas para esta última abadia.

Em Maestricht, Santo Evermar, mártir, em 700. Nascido na Frísia, fez a peregrinação a São Tiago de Compostela. Visitou diversos santuários na Bélgica. Assassinado por Hacco, chefe de um bando de ladrões, em Maestricht, num lugar denominado Russon. O corpo, encontrado por caçadores do séquito de Pepino, foi enterrado com honra.

Na diocese de Montauban, São Teodardo ou Aldardo, bispo e confessor, falecido em 893. Estudado em Tolosa, sucedeu Sigeboldo na Sé de Narbona.

Na diocese de Moulins, Santa Torete, virgem. Nascida perto de Villefranche de Allier, foi pastora, passando o resto da vida na solidão (século XII).

Na Itália, Santo Aldebrando, bispo e confessor, também chamado Aldobrando. Nascido em Sorri-
voli, diocese de Cesana, em 1119, estudou em Ra-
vena, sendo nomeado bispo de Fossombrona em
1170. Tendo levado vida austera e apostólica, mor-
reu centenário. Principal padroeiro de Fossom-
brona, celebram-lhe ali a festa a 1.º de maio. Em
Cesana no dia 11 do mesmo mês.

Ainda na Itália, o bem-aventurado Vivaldo ou
Ubaldo, confessor, nascido em São Geminiano. Vi-
veu como ermitão em Montajona, na Toscana, tendo
sido discípulo e companheiro do bem-aventurado
Bártolo de São Geminiano. Morto o mestre e amigo,
foi viver no ôco de um velho castanheiro, falecendo
em 1300. Os franciscanos da estrita observância,
que erigiram uma igreja e um convento sôbre sua
tumba, honram-no a 1.º de maio, bem como a 11. O
culto foi aprovado em 1909.

Na diocese de Novara, igualmente na Itália, a
bem-aventurada Panassia, ou Panacia, mesmo Pane-
xia, natural de Quarona. Muito maltratada pela
madrasta, que a incumbiu da guarda dos rebanhos da
família, a bem-aventurada, feliz por estar só na paz
dos campos, freqüentava assiduamente a igreja que
se erguia num monte próximo às pastagens — a
igreja de São João Batista — onde se deixava ficar
orando por longas horas, enquanto o rebanho, em
calma, ruminava à sombra das árvores. Morta pela
madrasta (1383), com um fuso, porque a pilhou na
igreja, ao invés de vigiar o gado, as duas capelas que
mais tarde se lhe erigiram em honra foram lugar de
constante peregrinação.

Na diocese de Metz e Nancy, o bem-aventurado Agostinho Schoeffler, mártir. Nascido em 1822, em Mittelbronn, estudou em Pont-à-Mousson, depois em Nancy. Pertencente aos padres das Missões estrangeiras, em 1847 partiu para Tonkin. Decapitado pela fé em 1851, em Son Tay, foi beatificado por Leão XIII no dia 27 de maio de 1900. Em Metz celebram-lhe a festa no dia 11 de maio e em Nancy no dia 20 de junho.

* * *

2.º DIA DE MAIO

SANTO ATANÁSIO

Bispo de Alexandria e doutor da Igreja

Algum tempo após o concílio de Nicéia, celebrado em 325, os arianos, intrigantes e bajuladores, principiaram a envolver em artimanhas o imperador Constantino, que, de resto, nem sequer batizado era, e a fazê-lo chamar o ímpio Ário do exílio para onde ele o havia condenado. Seu filho Constâncio, que lhe sucedeu, fez ainda pior; conturbou tôda a Igreja, e perseguiu quase todos os bispos católicos, durante o seu reinado de vinte e cinco anos. Depois, devotado aos arianos, Juliano, o Apóstata, empenhou-se em restabelecer o paganismo. Após Juliano, morto seu sucessor Joviano depois de oito meses de reinado, Valente, imperador do Oriente, perseguiu novamente os católicos em favor do arianismo. Sempre a Igreja teve o que sofrer. Um dos seus mais firmes sustentáculos nesta época foi Santo Atanásio, patriarca de Alexandria. Exilado por Constantino, chamado de volta e exilado novamente por Constâncio, acossado por Juliano e por Valente, caluniado, difamado pelos arianos, seu episcopado de quarenta e seis anos não foi senão uma série con-

tinuada de provações e de perseguições pela fé católica: já exilado nas Gálias, já errante nos desertos do Egito, já refugiado em Roma, já foragido na sepultura de seu pai, sempre sustentou a divindade de Jesus Cristo contra a impiedade dos arianos; jamais puderam promessas nem ameaças vergá-lo, nem reveses abatê-lo, nem artimanhas enganá-lo. Agradecemos a Deus o ter cumulado seu servidor de tantas graças e roguemos-lhe nos conceda uma parte delas.

A vida privada de Santo Atanásio não foi menos admirável. Grande em suas obras, diz São Gregório Nazianzeno, foi humilde de coração: de uma verdade inatingível; era, não obstante, acessível a todos, doce, afável, sem cólera, compassivo, amável nas prédicas, mais amável ainda na conduta, reprimendo com doçura, louvando de molde a instruir, indulgente sem fraqueza, firme sem dureza. As pessoas de tôdas as condições encontravam nêle algo que admirar, que imitar. Era fervoroso e assíduo nas orações, austero nos jejuns, infatigável nas vigílias e no canto dos salmos, cheio de caridade para com os pobres, condescendente para os humildes, intrépido contra os soberbos, dedicando-se, enfim, a todos para ganhá-los a Deus.

Mas de que manancial hauriu tanta virtude? Na juventude passou um tempo considerável sob a orientação de Santo Antão, a quem servia como discípulo. Foi nesse noviciado que aprendeu a meditar e imitar a Jesus Cristo: a meditar nos mistérios da sua encarnação, de seus sofrimentos e de sua morte, para imprimir em si próprio os principais traços. Façamos como êle; na medida em que a regra e a caridade nos permitam, apliquemo-nos ao silêncio,



Santo Atanásio. Segundo o Dominiquim.

ao recolhimento, à meditação e à imitação de Jesus Cristo, a fim de obter as graças necessárias para agir com prudência e piedade no meio dos homens.

Em meio às perseguições que sofreu Santo Atanásio da parte dos imperadores e dos arianos, encontrou apoio sempre firme e constante em Roma, junto dos papas São Júlio e São Damaso. Os partidários dos arianos também recorreram ao papa São Júlio, como chefe de toda a Igreja, tentando envolvê-lo com blandícias, com as quais já haviam embaído os imperadores. Foram infrutíferos os seus esforços contra a Sé de São Pedro. Na carta do papa Júlio aos acusadores de Santo Atanásio ressalta sobretudo o que diz no tocante aos julgamentos eclesiásticos e à autoridade da Igreja romana. «Não sabeis que é costume consagrado escrevermos nós em primeiro lugar, e que daqui deve partir a decisão do que é justo? Era mister, por conseguinte, escrever à Igreja daqui.» O que os dois historiadores gregos, Sozomeno e Nicéforo, resumem nestes têrmos: «Havia uma lei sacerdotal ou eclesiástica que declarava mau tudo o que se fazia sem o consentimento do bispo de Roma.» (1)

Após êstes testemunhos insuspeitos, vê-se que a fôrça dos julgamentos eclesiásticos dependia desde então, como ainda hoje, do assentimento do papa. Peçamos a Deus que conceda sempre à Igreja bispos como Santo Atanásio, e papas como São Júlio, para sustentar os bispos e fiéis perseguidos na regiões infiéis do Japão, da Coréia, da China, da Índia, na Rússia cismática, nos países heréticos ou revoltos da Alemanha, da Inglaterra e outros.

(1) Sozom., l. III. c. X; Niceph., l. IX, c. X.

O exílio de Santo Atanásio no Ocidente constituiu um manancial de bênçãos que ainda persiste. Primeiramente, aqui fêz conhecer a vida própria-mente monástica. Até então os monges eram desconhecidos ou desprezados, sobretudo em Roma, cidade de luxo e de prazer. Mas quando Santo Atanásio se refugiou com o papa Júlio, veio acompanhado de dois monges distintos: Amônio e Isidoro. O primeiro tão absorto estava nas coisas divinas, que não se dignou admirar qualquer dos soberbos monumentos de Roma; não visitou senão a Igreja de São Pedro e São Paulo. O segundo, por sua sabedoria e por uma amenidade tôda celeste, produziu tão ampla impressão, que os próprios pagãos o amavam; muitos romanos lhe imitaram a vida. Dessarte, a vida monástica encontrou o caminho para Roma, e expandiu-se brevemente, sempre por Atanásio, nas Gálias. Mantinha com os monges dêste país contacto assíduo, e escreveu para êles a vida de Santo Antão, com o fito de lhes proporcionar um exemplo. Êste exemplo, por sua vez, empenhou-se em imprimi-lo nêles próprios.

* * *

SÃO WALBERTO (*)

Abade e Confessor

Walberto, Waldeberto ou ainda Galberto, era filho de nobre e riquíssima família. Grande nêle era o atrativo pela vida solitária. Procurando Luxeuil, depois dos primeiros tempos ali passados solicitou licença para viver isolado. Buscou, então, a gruta que se abria num rochedo, perto de uma fonte, distante da abadia três milhas.

Com a morte de Eustácio, primeiro sucessor de São Columbano, Walberto foi eleito para sucedê-lo. O santo abade governou com êxito a abadia por quarenta anos. Foi zeloso, amigo do estudo, acrescentou domínios à comunidade e obteve do papa, então João IV, o privilégio da isenção da autoridade episcopal. Encorajando a profissão dos copistas, enriqueceu sobremodo a biblioteca do mosteiro.

Durante o govêrno de São Walberto, a regra de São Bento foi substituída pela de São Columbano. «Homem de Deus, braço da Providência, o prodígio do século», faleceu no dia 2 de maio de 665, assistido pelo bispo de Besançon.

Enterrado na igreja de São Martinho, inúmeros milagres foram operados. O nome do santo abade foi muitíssimo venerado na Borgonha, na Suíça e, principalmente em Besançon. Em Meaux, festejam-no a 2 de maio. Em Besançon, no dia 22 de maio.

SÃO GERMANO DA ESCÓCIA (*)

Bispo e Mártir

Germano nasceu na Grã-Bretanha. Era filho de Aldino e de Aquila, que ali se fixaram. Casal idólatra, encontrou-se, um dia, com Germano, bispo de Auxerre, então enviado como legado apostólico naquelas terras para combater o pelagianismo.

O senhor Aldino, maravilhado com as prédicas do bispo, converteu-se, e solicitou o batismo para si, para a espôsa e o pequeno.

O legado, que se afeiçoara ao filho de Aldino, desejou ser o padrinho do menino, e deu-lhe o nome — daí o *da Escócia* que se lhe acrescenta, para ficar distinto do bispo de Auxerre.

Moço, Germano renunciou a tudo o que o mundo lhe oferecia para abraçar a vida eclesiástica.

Depois de ter recebido o sacerdócio, foi pregar o Evangelho no continente, o que fez com zelo e sucesso.

Pouco mais tarde, fazia Germano uma viagem a Roma, onde visitou o túmulo dos santos Apóstolos. Ali, uma noite, quando orava na igreja de São Pedro, teve uma visão, na qual o Príncipe dos Apóstolos, aparecendo-lhe, fê-lo sabedor do fim que iria ter — acabar pelo martírio.

De volta, tendo sido sagrado bispo regional pelo bispo Severo, deixando a Itália, entrou na Espanha, onde estabeleceu novas Igrejas e deixou grande lembrança na cidade de Toledo. Querido por todos, em toda a parte que passava somente fazia amigos e admiradores. Como, então, o mártirio?

Na Gália, na Baixa-Normandia, à filha do governador de Monteburgo, cega de nascença e paralítica, restituiu-lhe a vista e a saúde. Batizando-a, Germano deu-lhe o nome de Petronília, e se foi para Bayeux, onde soube que muitos homens gemiam na prisão, a passar necessidade.

Solicitando ao governador a soltura daqueles pobres, e não sendo atendido, o Santo, dando uma pancada com o pé num dos muros do edifício que encerrava os cárceres, precipitou-o, fragorosamente, para o fôso. Ali mesmo em Bayeux, pouco mais tarde levaram-lhe um morto, ao qual ressuscitou.

Pregando o Evangelho, agora em Montemer, aldeia do país de Caux, enfrentando o tirano Hubaldo, grande adorador de ídolos, foi por ele morto com um golpe de cimitarra, falecendo imediatamente. Era no dia 2 de maio de 480. Enterrado no mesmo lugar em que fôra martirizado, ali se ergueu, tempos mais tarde, uma igreja, a qual se chamou de São Germano.

Em 860, quando da invasão dinamarquesa, transferiram-lhe as reliquias para Ribemont. Em 1659, para São Germano de Amiens.

No mesmo dia, na Suíça, Santa Wiborada ou Guiborata, virgem e mártir, morta pelos húngaros, em 296.

Em Florença, a morte de Santo Antonino, da ordem dos irmãos pregadores, bispo e confessor, célebre pela ciência e a santidade. A festa é celebrada a 10 de maio.



Santo Antonino, arcebispo de Florença. Segundo uma pintura a fresco de fra Angelico, no convento de S. Marcos, em Florença. Século XV.

Na diocese de Amiens, os santos Elenária e Esponsária, virgens e mártires, em 303.

Na diocese de Clermont, Santa Flamínia, virgem e mártir, quando de Diocleciano, no século IV.

Na Itália, São Valentino, bispo e confessor, morto em 340.

Em Westfalia, São Lutardo, bispo e confessor. Afilhado de Carlos Magno, foi o terceiro bispo de Paderborn. Falecido em 886.

Na Suíça, novamente, o bem-aventurado Conrado de Seldenburen, mártir, em 1126. Nascido

perto de Zurich, fundou a abadia de Engelberg, em 1082, com monges vindos de São Brás, Floresta Negra. Enviado para acertar negócios da abadia, foi morto.

Em Portugal, a bem-aventurada Mafalda, virgem, filha de Sancho I. Nascida em 1184, foi casada com Henrique I, rei de Castela: o papa, dado o parentesco dos cônjuges, anulou o casamento. Tendo-se unido às beneditinas de Arouca, entre elas introduziu a reforma cisterciense, em 1222. Distinguindo-se pelo espírito de oração, pelas mortificações e o amor que devotava ao silêncio, faleceu no dia 2 de maio de 1252. Pio V, em 1793, aprovou-lhe o culto para Portugal.

No mesmo dia, em Roma, os santos mártires Saturnino, Neápolis Germano e Celestino, que, após haverem sofrido dores atrozes, foram lançados numa prisão, de onde passaram ao repouso eterno. Ademais, Santo Exupério, Santa Zoé, sua espôsa, com Ciríaco e Teódulo, seus filhos, martirizados sob Adriano. Em Sevilha, São Félix, diácono e mártir. Na África, São Vindemial, bispo e mártir, que, com os santos bispos Eugênio e Longino, combatendo os arianos, e confundindo-os com a sua doutrina e seus milagres, foi decapitado por ordem do rei Hunerico. Em Ávila, Espanha, São Segundo, a quem se faz ainda referência no dia 15 dêste mês.

* * *

3.º DIA DE MAIO

INVENÇÃO DA SANTA CRUZ

A cruz era entre os judeus e os pagãos o que são o patíbulo e a fôrca para os modernos; nela se supliciavam os mais vis criminosos, os ladrões, os assassinos, os escravos. Uma maldição comum dos pagãos era dizer: Vá à cruz! como quem diria hodiernamente: Vá ao patíbulo! Depois que o Santo dos Santos morreu na cruz, a maldição mudou-se em bênção. Diz-se agora a uma alma aflita: «Ache-ga-te à cruz e encontrarás consolação e paz.» Os primeiros cristãos, bem longe de se pejarem da cruz do Salvador, nela collocavam a sua glória. No início de tôdas as suas ações, sôbre elas faziam o sinal. Com o sinal e a virtude da cruz expulsavam os demônios. Uma cruz luminosa apareceu ao imperador Constantino, com as palavras ao redor: Por êste sinal vencerás. Meu Deus, sabeis tornar glorioso o que era vil aos olhos dos homens!

Uma circunstância maravilhosa veio ainda aumentar a veneração dos fiéis pela cruz. Santa Helena, mãe de Constantino, estando em Jerusalém, foi inspirada a reencontrar a verdadeira cruz do Salvador. Mas os pagãos haviam coberto a sepultura e a cruz com uma montanha de escombros; por

cima haviam construído um templo dedicado aos ídolos. A imperatriz fêz escavar longo tempo essa espécie de montanha. Por fim, descobriu-se a sepultura, e lado a lado três cruzes em vez de uma, as cruzes dos dois ladrões e a do Salvador. Grande foi a alegria, mas grande também a perplexidade. Como distinguir a cruz do Senhor das dos ladrões? A inscrição fôra removida. De acôrdo com o conselho de São Macário, tocaram com as cruzes uma pessoa moribunda; as duas primeiras não fizeram efeito algum, mas ao contato da terceira, a agonizante sentiu-se curada. A santa cruz, assim reconhecida, foi encerrada numa caixa de prata e depositada na Igreja do Santo Sepulcro, que a imperatriz fêz construir com grande magnificência. A festa celebrou-se, desde então, todos os anos. Acorriam ao local em peregrinação de tôdas as partes do mundo. Feliz de quem pudesse obter uma pequena parcela!

O *crux, ave!* Ó cruz do meu Salvador, eu vos saúdo, amo, adoro, adorando Jesus Cristo, que morreu em vós por mim. Trar-vos-ei com amor sôbre o meu coração; trar-vos-ei sobretudo em meu coração. Sereis minha glória, meu refúgio, minha consolação, minha fôrça durante a vida, mas sobretudo na hora de minha morte: quando tiver pronunciado pela vez derradeira os nomes Jesus e Maria, aplicar-vos-ão sôbre meus lábios como um sinete de graça e misericórdia. Amém.

SANTO ALEXANDRE I, PAPA,
EVÊNCIO E TEODULO (*)

Mártires

Segundo o *Liber pontificalis*, Alexandre, possivelmente, era natural de Roma. Sucessor de Evaristo, governou a Igreja durante dez anos, no princípio do segundo século.



Medalha de Adriano, imperador romano.

Quando foi do imperador Adriano, Aureliano, seu funcionário delegado, enviou à prisão o santo papa, mais um rico liberto, Hermes, os quais ficaram sob a guarda de Quirino, um tribuno, cuja filha, Balbina, estava doente gravemente.

Ora, Alexandre, ao curar a filha de Quirino, converteu-o também.

Aureliano, quando soube do fato, ordenou que o torturassem e depois lhe tirassem a vida.

Quirino foi decapitado. Hermes, pouco depois, teve a mesma sorte. E os fiéis, recolhendo-lhes os corpos, sepultaram-nos — Quirino no cemitério de Pretextato, e Hermes na Via Salaria Vetus.

Quanto a Alexandre, compareceu êle diante de Aureliano. Disse-lhe o funcionário de Adriano:

— Quero ouvir de tua bôca todo o mistério de tua seita.

Alexandre:

— Proibiu-nos o Cristo de atirar aos cães as coisas santas.

Aureliano:

— Então sou cão?

Alexandre:

— Sim, és pior do que um cão.

Aureliano:

— Se não me responderes ao interrogatório, farei com que te esbordoem.

Alexandre:

— Só creio em Deus, e de mim nada obterás.

Aureliano:

— Deixa-te de palavras artificiosas e pensa no meu poder.

Alexandre:

— Não te glorifiques, porque aquêle que se exalta está a ponto de perder o prestígio.

Aureliano:

— Miserável! Já esperei muito. Tu vais morrer nos tormentos!

Alexandre:

— Tu não farás nada de novo, porque nenhum inocente escapou de tuas mãos. É necessário que me mates como a Hermes, Quirino e todos os que, depois de terem recebido o batismo, mereceram o reino eterno.

Aureliano:

— Pergunto-te por que preferes a morte.

Alexandre:

— Já te disse: é-nos proibido atirar coisas santas aos cães.

Aureliano:

— Então sou cão! Pára com tuas palavras, porque estou pronto para te castigar.

Alexandre:

— Não tenho medo dos golpes que logo cessarão. Temo somente os tormentos que tu não temes.

Aureliano ordenou que suspendessem o santo papa no cavalete e que o suplicassem com as unhas de ferro e as chamas.

Alexandre a tudo suportou com resignação e em silêncio.

Aureliano aproximou-se d'ele, perguntou:

— Por que não dizes nada?

Alexandre:

— Porque o cristão que ora, fala com Deus.

Aureliano:

— Responde a minha pergunta e farei com que se suspenda a tortura.

Alexandre:

— Insensato! É-me indiferente a tua crueldade.

Aureliano:

— Considera que tu tens sòmente trinta anos. Por que morrer em plena juventudé?

Alexandre:

— Praza a Deus que tu não percas a tua alma! Presos, estavam também dois padres, Evêncio e Teodulo. Aureliano mandou que se desligasse o santo papa do cavalete e lhe trouxessem aquêles dois cristãos.

Quando chegaram, Aureliano perguntou a Alexandre, rispidamente:

— Quem são êsses acusados?

Alexandre respondeu-lhe:

— São dois santos padres.

O funcionário de Adriano olhou-os demoradamente, depois do que inquiriu a Evêncio:

— Qual o teu nome?

Evêncio:

— Os homens chamam-me Evêncio, mas meu nome espiritual é *Cristão*.

Aureliano:

— Desde quando és cristão?

Evêncio:

— Há sessenta anos. Fui batizado aos onze e ordenado padre aos vinte. Tenho, pois, oitenta e um anos, e me alegro de ter passado êste último ano em ferros.

Aureliano:

— Tem pena de tua velhice, nega o Cristo. Serás meu amigo. Cumular-te-ei de honrarias e de riquezas.

Evêncio:

— Tu perdeste o senso. Acreditava-te capaz de raciocinar, mas tua cegueira é tal que não poderás compreender as coisas de Deus. Infeliz! Nada mais és do que um mortal! Faze, pois, penitência e crê no Cristo, a fim de mereceres a sua misericórdia.

Aureliano, agastado, ordenou que pusessem o ancião de lado e fizessem avançar Teodulo.

Perguntou-lhe:

— És tu, Teodulo, que desprezas minhas ordens?

Teodulo:

— A ti também te desprezo, porque torturas os santos de Deus. Que te fez Alexandre, para que o torturasses assim?

Aureliano:

— Tu pensas que me escapas?

Teodulo:

— Eu creio na misericórdia de meu Deus, que não me separará da sociedade dos mártires.

Aureliano não mais contemporizou. Fôra-se-lhe a paciência. Fêz com que se acendesse um braseiro e deu ordem para que ali atirassem com o santo papa e Evêncio, ambos amarrados um ao outro, costas com costas.

A Teodulo, agarraram-no e postaram em frente ao braseiro, para que, assistindo à desumanidade, temeroso, renegasse a Jesus Cristo.

Alexandre, enfitando o forçado espectador, disse-lhe, inflamado:

— Teodulo, meu irmão, vem conosco. Eis que aqui está o anjo que apareceu aos três hebreus expostos na fomalha.

O padre Teodulo, ao ouvir aquelas palavras, não titubeou: arrancou-se donde estava e se atirou ao braseiro.

— Senhor, gritaram os três ao mesmo tempo, tu nos provaste pelo fogo, e a iniquidade não se encontra em nossas almas.

Aureliano retirou-se. Logo depois, foram dizer-lhe que os três ainda viviam. Furioso, ordenou que decapitassem Evêncio e Teodulo. Quanto a Alexandre, que o varassem com a espada.

Era em Roma, no ano de 119, e uma piedosa matrona, chamada Severina, recolhendo carinhosamente os corpos dos três heróis do Cristo, enterrou-os num edifício que possuía na via Nomentana.

* * *

SANTO ANFRIDO (*)

Bispo e Confessor

Anfrido, Alfrido ou Ansfrido fôra conde de Brabante e de Huy, e seguira a carreira militar, quando dos imperadores Otão III e Santo Henrique. Casado com Hilsunda, condêssa de Sereyn, teve uma filha chamada Benedita, depois de cujo nascimento ambos os esposos guardaram a castidade, de comum consentimento. .

Os dois fizeram abundantíssima caridade. O conde doou Huy ao bispado de Liège, e a condêssa consagrou a fortuna na fundação da abadia de Thorn, próximo de Liège. Com a filha, mais tarde, tomou o véu, vivendo ambas em grande santidade.

Anfrido, como bispo de Utrecht, sucedeu a Balduino, em 994, depositando as armas que tanto manuseara em memoráveis campanhas no altar de Nossa Senhora, dizendo muito solenemente:

— Até hoje, combati pela glória temporal e em defesa dos direitos dos pobres, das viúvas e dos órfãos. De agora em diante, coloco-me debaixo da proteção da Virgem Maria e pelejarei sem descanso pela conquista das almas, a glória de Deus e a minha salvação.

Sagrado em 995, de quando em quando deixava os trabalhos para se recolher, contritamente, numa

das fundações — na abadia de Fohorst ou na de Saint-Mont.

Falecendo no dia 3 de maio de 1008, transportaram-lhe o corpo para Utrecht, e, na catedral, veneraram-no como a um santo se venera.



No mesmo dia, em Narni, São Juvenal, bispo e confessor. Médico, foi ordenado pelo papa São Damaso. Bispo de Narni (Úmbria) em 369. Faleceu no dia 7 de agosto de 376. São Gregório, o Grande, refere-se a êle na homilia XXXVII, n. 9. No século IX, o corpo foi roubado, juntamente com os corpos de São Cássio e Santa Fausta. Levado a Luca, tornou a Narni.

Em Lectoure, Santo Higino, apóstolo e protetor de Lectoure, na Gasconha. Converteu trinta soldados, que foram martirizados (época desconhecida).

Na Irlanda, São Conleth ou Conlaed, bispo e confessor, habilíssimo na cópia de manuscritos. Auxiliou Santa Brígida de Kildare na construção de uma catedral, onde, com freqüência, desempenhou as funções episcopais. Faleceu em 519.

Na Grécia, Pedro, o Taumaturgo, confessor (século X). Monge em Corinto, foi bispo de Argos, sagrado pelo patriarca Nicolau, o Místico. Levaram-lhe as relíquias para Nauplia em 1421.

Na Úmbria, o bem-aventurado Ventura de Spello, confessor (século XIV). Nascido em Spello, na Úmbria, em Roma recebeu o hábito dos *crociferi*, ordem que, mais tarde, foi suprimida pelo papa Alexandre VII. Fundou um hospital na terra em que nasceu, falecendo no dia 30 de abril. O corpo foi exumado em 1626. A festa é no dia 3 de maio.

Em Portugal, o bem-aventurado Zacarias, confessor. Um dos primeiros discípulos de São Francisco, foi enviado a Portugal para a conversão dos mouros pelo próprio *Pobrezinho de Assis*. No martirologio franciscano está inscrito no dia 20 de janeiro. Morto depois de 1226.

Em Foigny, na antiga diocese de Laon, o bem-aventurado Alexandre, confessor. Filho de um rei da Escócia, onde nasceu no ano de 1180, abraçou a vida religiosa instigado pela irmã, chamada Matilde. Na França, em Foigny, uniu-se aos irmãos conversos cistercienses. Muitos milagres foram operados à beira do túmulo que o abrigou. Falecido em 1229.

Em Nocera, Úmbria, o bem-aventurado Alexandre Vincioli, bispo e confessor, da ordem de São Francisco. Sagrado bispo de Nocera a 22 de maio de 1328, faleceu em 1363, sendo enterrado em Sasoferrato.

Na Polônia, o bem-aventurado Estanislau, confessor, nascido em Casimirz, Cracóvia, em 1439. Faleceu em 1489, ano em que se contaram, à beira do túmulo que lhe recebeu o corpo, cento e setenta e três milagres.

Em Constantinopla, Santo Alexandre, soldado, e Santa Antonina, virgem, que sob o presidente Festo sofreram o martírio durante a perseguição de Maximiniano. Antonina, primeiramente condenada a ser prostituída num lugar de escárnio, dali foi secretamente retirada por Alexandre, que, mudando as vestes com ela, ficou em seu lugar. Esta piedosa fraude foi descoberta e ambos foram submetidos à tortura. Tiveram as mãos cortadas e foram atirados juntos à fogueira, onde, morrendo por Jesus Cristo, receberam a coroa da glória. Em Tebaida, São

Timóteo e Santa Maura, sua mulher, que, por ordem de Adriano, governador da província, após diversos outros tormentos, foram pregados na cruz, onde viveram durante nove dias, encorajando-se mutuamente na fé e enfrentando assim o martírio. Em Afrodísíades, na Cária, os santos mártires Deodoro e Rodopiano, que, durante a perseguição de Diocleciano, foram lapidados por seus concidadãos. No monte Senário, perto de Florença, os bem-aventurados Sostegno e Ugucione, confessores, que, havendo recebido um aviso do céu, morreram no mesmo dia e na mesma hora, recitando a saudação angélica.

* * *

4.º DIA DE MAIO

SANTA MÔNICA

Mãe de Santo Agostinho

Nasceu de família cristã, da qual recebeu boa educação. Submetera-se inteiramente ao marido, suportando os seus escárnios e transportes de cólera com uma paciência que servia de exemplo às outras mulheres, e conquistou-o, assim, para Deus, no fim da vida. Tinha o talento particular de reunir as pessoas divididas. Depois que enviuvou, dedicou-se inteiramente às obras de piedade. Dava grandes esmolas, servia aos pobres, não faltava nenhum dia à oblação do santo altar, nem de vir duas vêzes à igreja, na manhã e à tarde, para ouvir a palavra de Deus e fazer as preces, em que consistia tôda a sua vida. Deus comunicava-se com ela por meio de visões e de revelações; ela sabia distingui-las dos sonhos e dos pensamentos naturais. Tal era Santa Mônica, na narração de Santo Agostinho.

Quando viu o filho envolvido nas peias da hereisia dos maniqueus, afligiu-se mais do que se morto o visse, e não queria mais tomar as refeições com êle; mas foi consolada por um sonho. Viu-se sôbre uma prancha de madeira e ao jovem homem resplande-

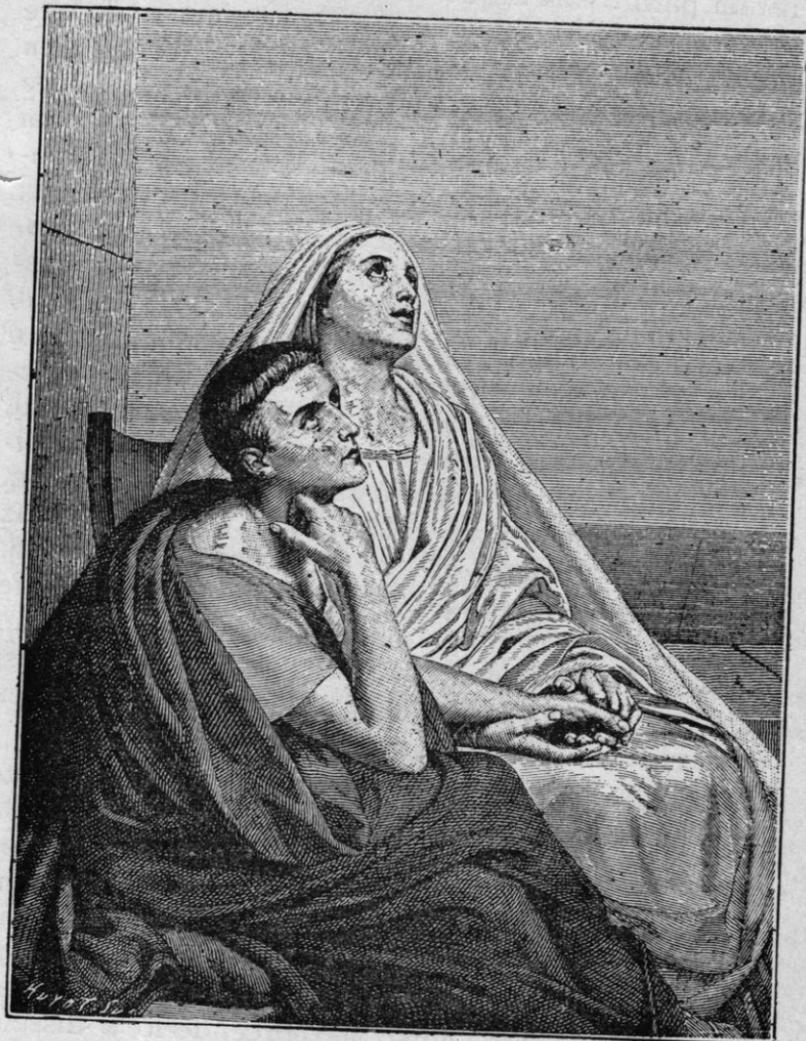
cente que lhe vinha ao encontro e lhe perguntava a causa de sua dor, respondeu que chorava a perda de seu filho. «Olhai, disse-lhe êle, êle está convosco!» Com efeito, ela o viu ao pé de si, na mesma prancha. Contou o sonho a Agostinho, que lhe respondeu: «Ê que sereis o que sou agora.» Mas ela replicou sem hesitar: «Não; porque não me disse: Serás o que êle é, mas êle irá para onde tu estás». Depois disto ela morou e tomou suas refeições com êle, como anteriormente.

Dirigiu-se a um santo bispo e solicitou-lhe que falasse ao filho. O bispo respondeu: «Ainda é demasiadamente indócil e demasiadamente imbuído desta heresia, que lhe é nova. Deixai-o, e contentai-vos em pedir por êle; verá, com leituras, qual é o êrro. Eu, que vos falo, em minha infância, fui entregue aos maniqueus por minha mãe, que êles haviam seduzido; não sòmente li, mas transcrevi quase todos os seus livros, e, por mim mesmo, desenganei-me.» A mãe não se satisfez com estas palavras, e continuou a instar para que falasse ao seu filho. O bispo respondeu-lhe então com certo humor: «Ide, é impossível que o filho de tantas lágrimas pereça!» Isso ela recebeu como um oráculo do céu. Seu filho, todavia, permaneceu nove anos maniqueu, desde a idade de dezenove anos até os vinte e oito.

No ano 384, Agostinho veio a Milão ensinar retórica, e conheceu Santo Ambrósio, que o desiludiu paulatinamente do maniqueísmo. Resolveu definitivamente abandonar os maniqueus e permanecer na Igreja, na qualidade de catecúmeno, como dizia êle, na Igreja que os pais lhe haviam recomendado, isto é, na católica, até que a verdade se lhe revelasse mais claramente.

Santa Mônica veio da África encontrá-lo em Milão, com tão viva fé, que atravessando o mar, consolava os marinheiros, mesmo nos maiores perigos, pela certeza que Deus lhe havia dado que chegaria até seu filho. Quando êle lhe disse que não era mais maniqueu, mas que ainda não era católico, ela não se surpreendeu; respondeu-lhe tranqüilamente que estava certa de vê-lo fiel católico antes de deixar esta vida. Entrementes, continuava com as preces e atenta às prédicas de Santo Ambrósio, a quem amava como anjo de Deus, sabendo que havia levado seu filho a êsse estado de dúvida, que deveria ser a crise de seu mal. Como tivesse o costume, na África, de levar às igrejas dos mártires pão, vinho e carnes, queria fazer o mesmo em Milão; mas o porteiro da igreja lho impediu e lhe disse que o bispo o havia proibido. Ela obedeceu imediatamente, sem nenhum apêgo ao costume. Santo Ambrósio, de resto, havia abolido êsses repastos nas igrejas, porque, em lugar dos antigos ágapes sóbrios e modestos, não ofereciam senão oportunidade para devassidão. Amava, por seu lado, santa Mônica pela piedade e boas obras, e sempre felicitava Agostinho de ter mãe como aquela; porque tôda a sua vida fôra virtuosa.

Santo Agostinho, após o batismo, tendo examinado em que lugar poderia servir a Deus mais útilmente, resolveu voltar para a África com a mãe, o filho, o irmão e um jovem chamado Evódio. Êle era também de Tagasta; sendo agente do imperador, converteu-se, recebeu o batismo antes de Santo Agostinho, e deixou o cargo para servir a Deus. Quando chegaram a Óstia, descansaram do longo caminho que haviam feito desde Milão, e se prepa-



Santa Mônica e Santo Agostinho. Segundo o quadro de Ary Scheffer. Século XIX.

raram para o embarque. Um dia, Santo Agostinho e sua mãe, debruçados ambos sobre uma janela que dava para o jardim da casa, entretinham-se com uma doçura extrema, esquecendo todo o passado e conduzindo o pensamento para o futuro. Buscavam saber qual seria a vida eterna dos santos. Elevaram-se acima de todos os prazeres dos sentidos; percorreram gradativamente todos os corpos, o próprio céu e os astros. Chegaram até as almas, e, passando por tôdas as criaturas, mesmo espirituais, alcançaram a sabedoria eterna, pela qual elas são, e que é sempre, sem diferença de tempo. Ali permaneceram um momento no auge da satisfação espiritual, e suspiraram contrafeitos ao serem obrigados a voltar ao ruído da voz, onde a palavra começa e acaba. Então a mãe lhe disse: «Meu filho, pelo que me diz respeito, já nenhum prazer me prende a esta vida. Não sei o que faço aqui, nem porque existo. O que me fazia ansiar aqui permanecer era ver-vos cristão católico antes de morrer. Deus concedeu-me mais; vejo-vos consagrado a seu serviço, após haverdes desprezado a felicidade terrena.»

Aproximadamente cinco anos após, caiu doente com febre. Um dia perdeu os sentidos; ao voltar a si, encarou Agostinho e seu irmão Navióio, e lhes disse: «Onde estava eu?» Depois, vendo-os compungidos de dor, ajuntou: «Deixareis vossa mãe aqui». Navióio manifestou o desejo de que ela morresse de preferência no seu país. Mas ela encarou-o com olhar severo, como a repreendê-lo e disse a Agostinho: «Vê o que êle diz! Enfim, dirigindo-se a ambos: Colocai êste corpo onde vos aprouver; não vos inquieteis. Peço-vos somente que vos lembreis de mim no altar do Senhor, onde quer que estejais.»

Morreu no nono dia da enfermidade, na idade de cinquenta e seis anos, e no trigésimo-terceiro de Santo Agostinho; isto é, no mesmo ano de seu batismo, 387.

Assim que expirou, Agostinho fechou-lhe os olhos. O jovem Adeodato lançava gritos lancinantes; mas os circunstantes o fizeram calar, não vendo motivo algum para lágrimas nesta morte, e Agostinho conteve as suas, fazendo violência a si próprio. Evódio tomou do Saltério e principiou a cantar o salmo centésimo: «Cantarei em tua honra, Senhor, a misericórdia e a justiça». Tôda a casa respondia, e em poucos instantes se congregou grande número de pessoas piedosas de ambos os sexos. Levaram o corpo; ofereceu-se pela defunta o sacrificio de nossa redenção; fizeram-se as preces ao pé do sepulcro, segundo o costume, em presença do corpo, antes de enterrá-lo. Santo Agostinho manteve os olhos enxutos durante tôda a cerimônia; mas enfim, à noite, deixou correr livremente as lágrimas para aliviar a dor. Orou por sua mãe, como fazia ainda tempos após, descrevendo tôdas as circunstâncias que cercaram essa morte no primeiro livro de suas *Confissões*; pediu aos leitores que se lembrassem, no santo altar, de Mônica, sua mãe, e de seu pai, Patrício.

SÃO SACERDOS DE LIMOGES (*)

Bispo e Confessor

Sacerdos era filho de Labão e Mundana, originários de Bordéus. Nascido em Calviac, pequena cidade localizada às margens da ribeira Dordonha, em 670, era afilhado de Anicius, então governador da Aquitânia.

Educado por Capuano, bispo de Cahors, Sacerdos recebeu o hábito monástico no mosteiro de Calviac, ali passando sete anos na maior austeridade, a fazer penitência.

Sóbrio, humilde e quieto, logo conquistou a afeição dos religiosos, que, pouco depois, dêle fariam seu abade, por unanimidade.

Labão, a certa altura da vida, foi colocar-se sob a conduta do filho, deixando o século, enquanto a espôsa, Mundana, retirando-se a uma caverna, perto da Dordonha, defronte ao mosteiro, levou vida de penitência.

Morto Agerico, bispo de Limoges, o clero e o povo lançaram as vistas sobre Sacerdos. Faltam-nos detalhes sobre o episcopado do Santo.

Falecido, depois de violenta febre, em 720, a mãe, já velha e cega, recuperou a vista tão-sòmente ao tocar o corpo inanimado do filho, em cujo túmulo, anos depois, foi massacrada pelos sarracenos.

* * *

BEM-AVENTURADOS JOÃO HOUGHTON, ROBERTO, LAWRENCE, AGOSTINHO WEBSTER, CARTUXOS, RICARDO REYNOLDES E JOÃO HAILE (*)

Mártires em 1535

João Houghton nascido no Essex, em 1487, de importante família, estudou na Universidade de Cambridge. Desejoso de abraçar o estado eclesiástico, foi padre secular, depois uniu-se aos cartuxos, quando contava vinte e oito anos.

Como noviço e como religioso, João foi verdadeiro modelo de humildade, obediência e mortificação. Desincumbindo-se de diversas funções secundárias da ordem, tanto se sobressaiu que foi feito prior da Cartuxa de Londres.

Foi sob Henrique VIII que João Houghton pereceu.

«Henrique VIII, ensina-nos Oliveira Lima (1), que subiu ao trono em 1509 e que herdara de seu pai, Henrique VII, tanto o amor do dinheiro, que

(1) Oliveira Lima, **Hist. da Civilização**, 10.^a ed., Ed. Melhoramentos..

êste monarca, não podendo cobrar taxas sem consentimento do Parlamento, sabia extorquir dos seus súditos ricos sob a forma de dádivas ou *benevolências*, como uma decidida inclinação para o absolutismo real, blasonava de teólogo e acudira em defesa do papado quando Lutero o atacou. O tratado latino que por essa ocasião escreveu, valeu-lhe o título de defensor da fé (1521), mas sabemos já quanto pouco durou a harmonia.

«O cardeal Wolsey, hábil, se bem que dócil ministro, como êle próprio se reconhecia nos versos de Shakespeare em que exclamava que Deus o não teria abandonado, se êle houvesse pôsto no serviço divino metade da diligência que applicava ao serviço real, via-se banido e acusado de alta traição por se não ocupar com suficiente atividade do divórcio do soberano.

«A anulação do primeiro casamento de Henrique VIII foi decretada por um tribunal organizado pelo novo arcebispo de Cantuária, Cranmer, ao passo que o sucessor de Wilsey, Tomás Cromwell, iniciava a era das prepotências sangrentas contra quantos se afoitavam a opor-se aos caprichos da coroa.

«O divórcio entre esta e a Santa Sé seguiu-se progressiva e rapidamente. Em 1534, o Parlamento transferiu para o erário régio as anatas que pagavam a Roma os altos dignitários da Igreja, e no ano imediato, desprezando as excomunhões papais, que aliás já não surtiam o mesmo efeito, o rei obteve do Parlamento a chamada lei de supremacia, que o converteu em chefe supremo na terra da nova igreja de cujos cargos e rendas ficava sendo exclusivo senhor.

«Um dos seus primeiros atos, foi suprimir os mosteiros e abadias (1536-1539), apropriando-se, após a farsa de um inquérito, de bens eclesiásticos que abrangiam um quinto das terras do reino, e debandando um exército de inimigos certos da sua supremacia religiosa. Só o número de mosteiros confiscados foi de seiscentos e quarenta e cinco e com estas riquezas, fundou o rei estabelecimentos públicos e gratificou seus favoritos que o acompanharam na sua dissidência. Os que se puseram contra êle, como por exemplo Sir Tomás More, um dos seus mais reputados conselheiros, receberam o castigo de morte que a lei de supremacia estatuiu.

«As perseguições religiosas na Inglaterra datam daí e só fizeram aumentar durante o curto reinado de Eduardo VI, débil filho de Henrique VIII e de Jane Seymour, uma das sete mulheres legítimas dêsse Barba-Azul coroado, que as ia mandando executar quando delas se enfastiava. A própria Ana Bolena não escapou ao triste fado. No reinado de Eduardo VI foi que o protestantismo inglês se distanciou do catolicismo, o qual continuava sob Henrique VIII, apenas deixando de ser romano. Conta-se que um dia foram arrastados juntos ao suplício três católicos, que negavam a supremacia eclesiástica do rei, e três protestantes, que contestavam a presença real de Jesus na hóstia consagrada.

«Henrique VIII tinha querido simplesmente ser também o papa do seu reino. Sob Eduardo VI tiveram influência os teólogos reformados que despiram as igrejas dos seus ornamentos, luzes e perfumes, denunciaram o culto da Virgem e dos santos, bem como a crença no purgatório, proibiram as orações

pelos defuntos, negaram a transubstanciação na eucaristia, aboliram o celibato religioso e substituíram no ritual eclesiástico o latim pelo inglês.

«Com a morte do monarca adolescente, subiu, porém, ao trono uma princesa católica, e fervorosa, Maria, única filha sobrevivente de Henrique VIII e da infanta aragonesa e a breve trecho, espôsa de Filipe II de Espanha, matrimônio imaginado por Carlos V para engrandecer ainda mais a sua monarquia com os domínios britânicos. A reação, fácil de prever-se, deu-se imediatamente, favorecida por muitos prelados ingleses, de coração infensos à mudança. O Parlamento votou a obediência à Santa Sé e recebeu das mãos e dos lábios do legado-papal a bênção portadora da absolvição dos seus pecados de heresia e de cisma».

Os cartuxos, de início, não foram molestados, mas, a partir de 1534, os comissários do rei se apresentaram na Cartuxa de Londres, e o prior e os monges foram obrigados a prestar o juramento pelo qual passariam a admitir o que fôra votado pelo Parlamento, isto é, ter no rei o chefe supremo da Igreja da Inglaterra.

João Houghton respondeu, de cabeça erguida, que nem êle nem os monges se curvariam aos negócios do monarca. Todos os religiosos, então, foram presos.

O martírio dos cartuxos foi o comêço de uma longa série de sentenças que ensanguentou a Grã-Bretanha por muitos, muitos anos. Com êles, pereceram também um religioso chamado Ricardo Reynolds, brigitano (2), Agostinho Webster, prior da

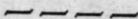
(2) Da ordem de Santa Brígida.

Cartuxa de Axholme, no condado de Lincoln, Roberto Lawrence, prior de Beauvale, no condado de Nottingham, João Haile, padre secular, que levava vida edificante na paróquia de Isleworth.

A acusação que se lhes fêz foi a de que haviam dito que o rei não era o chefe supremo sôbre a terra da Igreja da Inglaterra. Todos, sem exceção, até o fim, perseverando, mostraram admirável valor, uma coragem a tôda a prova.

Quanto à execução, os carrascos deixaram ver a selvageria que lhes ia na alma.

Leão XIII, a 29 de dezembro de 1886, assinou o decreto de beatificação daqueles heróis da fé, quarenta e quatro ao todo.



Neste mesmo dia da festa de Santa Mônica, mãe do bem-aventurado Agostinho, o grande bispo de Hipona em Troyes, Santa Helena, virgem cuja vida desconhecemos.

Em Bérghamo, São Tiago, diácono e mártir, morto por uma flechada, quando pregava, depois de ter convertido um número considerável de arianos. Os heréticos massacraram-no, em seguida, com bastonadas (380). O corpo foi exumado em 1219 e em 1561.

Em Lodi, São Ticiano, bispo e confessor, cujas relíquias se encontram na cathedral de Lodi, onde são veneradas a 4 e 11 de maio. Faleceu no ano de 477.

Em Campanie, o bem-aventurado Bento de Isernia, bispo, século V. Dizem dêle que reergueu

a cidade que fôra destruída durante a guerra. Tem as relíquias na catedral, onde a festa se celebra todo dia 4 dêste.

Em Forli, São Valeriano e outros, mártires, século V. As atas, que não merecem crédito, falam de oitenta companheiros do Santo, quando dos vândalos.

Na diocese de Tours, Santo Antônio do Rochedo, confessor, século VI. Há os que pensam que êste Santo veio da Itália para a França com São Mauro. Fundou em Tours a célebre abadia de São Juliano, da qual foi o primeiro abade, tendo passado os últimos anos da vida como recluso num rochedo (daí o cognome) distante algumas léguas de Tours. O lugar tornou-se objeto de peregrinação. As relíquias, que se conservaram na igreja de São Juliano, foram destruídas durante a Revolução.

Na diocese de Bordéus, São Macário, bispo e confessor, século VI. Êste Santo foi bispo regional, que, com os santos Cassiano e Vitor, pregou o Evangelho na Garona. O corpo repousa ainda na catedral de Bordéus, onde a festa se celebra no dia 4 dêste mês.

Em Senlis, São Malu, ou Malulfo, mesmo Madelulfo, bispo e confessor. Sucedeu a Santino. Segundo Gregório de Tours, presidiu os funerais do rei Chilperico, em Chelles, no ano de 584. Embora o monarca o tivesse tratado duramente, São Malu embalsamou-lhe o corpo com reverência, carinhosamente. Faleceu em fins do século VI.

Na Inglaterra, Santo Etelred, rei e confessor, filho de Penda, sucessor de Wulfero. Faleceu em 716 como abade de Bardney.

Em Hainaut, o bem-aventurado Guntrand, primeiro abade de Liessies, casa que o pai lhe fundara, e confessor. Desaparecido em 764.

Em São Vandrilo, o bem-aventurado Gervoldo, quinto abade de Fontenelle (?), e confessor. Século VIII.

Em Languedoc, São Lupino, confessor, século IX. Foi cônego da catedral de Carcassona.

Em Bitínia, São Nicéforo, abade de Medina e confessor. Prêso, porque defendia as santas imagens, morreu na prisão em 814.

Na Itália, o bem-aventurado Gregório Celli, confessor. Ermitão de Santo Agostinho, foi expulso do convento construído pelos cuidados da mãe. Morreu entre os franciscanos de Rieti, com cento e dezoito anos, no dia 4 de maio de 1343. Tendo sido beatificado por Inocência VI, em 1358, novamente o foi por Clemente XV em 1769. Em Rieti festejam-no em outubro, no dia 22; em Rimini, a 23; em Verucchio, sua terra natal, a 4 de maio.

Na Lituânia, o bem-aventurado Miguel Gerdroyc, confessor. Nascido perto de Vilna, na Lituânia, foi cônego de Cracóvia, na Polônia. Levou vida austeríssima, falecendo em 1485. A exumação das relíquias teve lugar no dia 4 de junho de 1624.

Na Polônia, o bem-aventurado Ladislau Gielnov, confessor. Nascido em 1440, foi franciscano, depois missionário popular. Pregou por toda a Polônia. Depois de 1484, foi nomeado provincial diversas vezes, espalhando a reforma entre os observantes de seu tempo. Enviou missionários à Lituânia. Faleceu em Varsóvia no dia 4 de maio de 1505. Exumaram-lhe o corpo no dia 13 de abril de 1572.

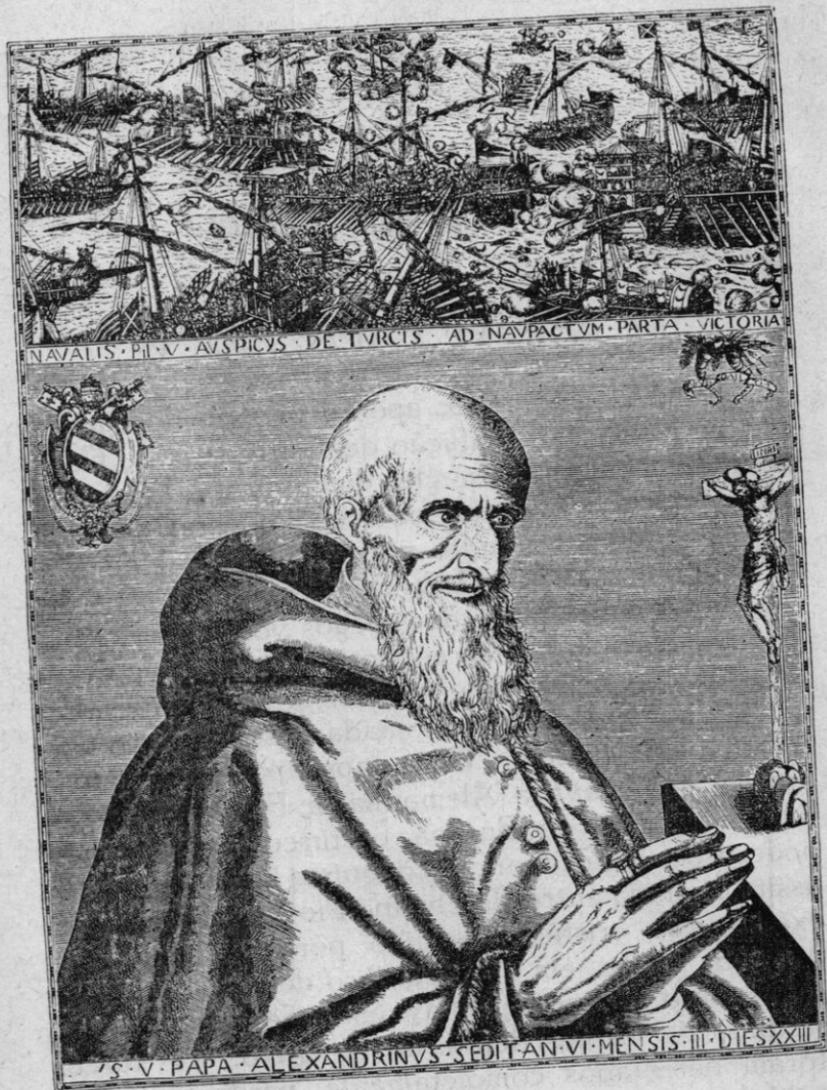
Foi beatificado em setembro de 1586, no dia 24. Celebra-se-lhe a festa a 11 de maio.

Nas minas de Feno, na Palestina, a festa de São Silvano, bispo de Gaza, que, durante a perseguição de Diocleciano, recebeu a coroa do martírio, por ordem do César Galério-Maximiano, com diversos outros membros de seu clero. — No mesmo lugar, trinta e nove santos mártires que, condenados a trabalhos forçados nas minas, foram queimados com ferros quentes, atormentados de diversas maneiras, e enfim decapitados todos juntos. Em Jerusalém, São Ciríaco, bispo, que, visitando os lugares santos, foi martirizado sob Juliano, o Apóstata. — Na Úmbria, São Porfírio, mártir. — Em Nicomédia, Santa Antônia mártir, que foi primeiramente interrogada de maneira cruel, e sofreu outras espécies de torturas; em seguida, durante três dias, suspenso por um braço, depois encerrada num caixão, enfim queimada por ordem do presidente Prisciliano, por sua perseverança em confessar Jesus Cristo. — Em Lorck, na Áustria, São Floriano, mártir, que, sob o imperador Diocleciano, foi, por ordem do presidente Aquilino, precipitado no rio Ens, com uma grande pedra presa ao pescoço. — Em Tarso, Santa Pelágia, virgem, que, encerrada num boi de bronze ardente, terminou o martírio sob o mesmo imperador. — Em Colônia, São Paulino, mártir. — Em Milão, São Venério, bispo, cujas virtudes se tornaram conhecidas por uma carta que lhe escreveu São João Crisóstomo. — Em Hildesheim, na Saxônia, São Godardo, bispo e confessor, incluído no número dos santos por Inocêncio II. — Em Auxerre, São Curdodeme, diácono.

5.ª DIA DE MAIO

O SANTO PAPA PIO V

Desde o ano 1043, após o império dos gregos cair no cisma, por ambição dos patriarcas de Constantinopla, reuniram-se êles duas vêzes à Igreja Romana: na primeira vez, no concílio geral de Lion, em 1274; uma segunda, no concílio geral de Florença, no ano 1439. Mas estas reuniões não perduravam. A maior parte dos gregos voltava ao cisma. Também a vingança do céu, que os ameaçava desde longo tempo, infligiu-lhes os seus últimos golpes. Em 1453, Constantinopla foi tomada, e seu império destruído pelos turcos. Cem anos após, enquanto a heresia devastava a Alemanha, a França, a Inglaterra e o norte da Europa, os turcos, sempre mais poderosos, avançavam à conquista da cristandade, assim dividida entre si. O papa Pio V a salvou. Um exército de cristãos, reunido por seus cuidados, bateu os turcos, em 7 de outubro de 1571, no golfo de Lepanto. Os cristãos haviam começado a batalha rezando de joelhos diante do crucifixo. Os turcos foram derrotados completamente, perderam trinta mil homens, com a maior parte de seus navios, e após êsse dia seu império entrou em decadência. Quinze mil cativos que se encontravam nas galeras dos



O papa São Pio V e a batalha de Lepanto. Segundo uma gravura italiana da época.

infiéis recuperaram a liberdade. Pio V, em reconhecimento dessa vitória, que atribuía à intercessão da Santa Virgem, quis se celebrasse a festa do Rosário no primeiro domingo de outubro. Introduziu ainda na Ladainha esta invocação, *Auxilium Christianorum*. Devemos agradecer à santa Virgem e depois dela ao santo Papa, havermos sido preservados da escravidão dos turcos.

Desde a idade de quinze anos, êste santo, com o nome de Miguel Ghisleri então, entrou como noviço na ordem de São Domingos. Persuadido de que as almas covardes não são talhadas para a verdadeira virtude, ocupou-se com tôda a alma dos meios de cumprir os deveres da maneira mais perfeita. Empenhava-se dia por dia em avantajar-se aos outros irmãos em modéstia, humildade e obediência. Um desejo sincero de agradar a Deus e de cumprir sua vontade lhe dirigia tôdas as ações. A oração, o jejum, as vigílias e as diferentes práticas da mortificação constituíam as suas mais caras delícias. Apesar da fadiga do dia, empregava ainda muitas horas da noite para rezar e meditar, já diante do altar já na cela.

De todos aquêles que o cercavam, êste grande Pontífice preferia particularmente os que lhe faziam notar as menores faltas. Um dia em que lhe recomendavam alguém de sua casa: «Êle é bom, respondeu, mas nunca me contradiz.» Peçamos a Deus que nos conceda a graça de amar assim os que nos repreendem os nossos defeitos.

Lê-se ainda na vida dêste santo Papa: «Um pobre rapaz, ao serviço de um gentil-homem milanês, seguindo um dia o mestre a cavalo, encontrou nas vizinhanças de Toncino um monge extenuado de

fadiga, carregando um saco às costas, em tempo de excessivo calor. Dêle se compadeceu e ofereceu ao religioso a garupa do cavalo. Aquêlê aceitou somente colocar o fardo, e continuaram a viagem lado a lado até um ribeirão onde o pobre rapaz quis absolutamente, para completar a caridade, pagar a passagem ao barqueiro, e não restituiu o saco senão no lugar do destino. Muitos anos haviam decorrido, quando o bom servidor, para grande surpresa sua, foi chamado a Roma, a fim de ocupar um cargo honroso no palácio pontifical: o monge desconhecido tornara-se o papa Pio V.»

Mas, e a cidade de Roma se mostrava digna de tal Pontífice? Eis o que diz uma testemunha ocular, vinda do interior da Alemanha para confirmá-lo. É um senhor alemão, escrevendo de Roma no dia 9 de abril de 1566, a um príncipe da mesma nação.

«Muitas vêzes ouvi dizer, confesso, e li nos escritos dos inimigos de Jesus Cristo e de seu corpo místico, que é a Santa Igreja, das particularidades perversas, das quais não se pode falar sem horror, sôbre a cidade de Roma. Cheguei a ponto de crer que a piedade, a religião e tôda honestidade dela estivessem banidas, enquanto a impiedade, a impudícia e os outros vícios de todo gênero desfilavam impunemente com a cabeça erguida. Supliquei então a Deus, que, sustentado pela sua graça, me fôsse permitido visitar pessoalmente êstes lugares, para reconhecer a verdade, e julgar se as coisas eram ou não tais como se dizia. Aquêlê que está sempre próximo dos que o invocam dignou-se ouvir minha prece, e proporcionou-me esta oportunidade tão favorável de tudo ver pessoalmente. Quanto as coisas são diferentes, na realidade, do que parecem

na bôca dos ímpios que não cessam de vociferar a calúnia! Estou certo, ilustre príncipe. Diria, não soubesse eu que a moderação é particularmente grata a Vossa Alteza, que é a esta espécie de homens que o profeta Isaías se referiu, quando diz, no capítulo XXVIII: «Colocamos nossa esperança na mentira, e fomos protegidos por Êle.»

«Com efeito, para render homenagem à verdade, por que dissimular o que os muros, as esquinas, as casas, os templos desta augusta cidade, testemunhas de tudo o que digo, falam tão gritantemente? devo declarar que, desde o primeiro momento de minha estada em Roma, vejo, não sem espanto e admiração, os fiéis de ambos os sexos maravilhosamente dedicados aos exercícios da piedade. Durante tôda a última quaresma, a observação do jejum era tão exata, a prece dos que se aproximavam do altar tão fervente, o zêlo religioso que leva a visitar sucessivamente as diferentes igrejas da cidade tão ardente; a multidão dos que confessavam aos padres os pecados, dos quais estão vivamente contritos e que satisfazem à justiça divina tão grande, que nada acima dela se pode ver. Mas sobretudo nesta semana que, com justa razão, chamamos santa, pois representa aos nossos olhos a paixão de Jesus Cristo, e que todos, com empenho maior ainda do que anteriormente, se entregaram às práticas piedosas que têm a eficácia de moderar nossos desejos e afastar o espírito de uma grande solicitude para as coisas terrenas. Não, faltam-me expressões para esboçar-vos um quadro do que vi, do que ouvi dizer dos exercícios tão múltiplos de penitência e de piedade a que se dedicavam. Dormem sôbre o chão, duro, praticam mortificações corporais, vigílias e oram e

observam o jejum com a mais rigorosa exatidão. Enfim, para valer-me das palavras de um Santo Padre, todos os santos artificios da penitência foram postos em execução para nêles encontrar os bens da alma... Sim, a cidade de Roma pareceu-me, durante tôda a semana santa, tão estranha a tôdas as fainas do século, tão absorta na contemplação de Jesus Cristo imolando-se sôbre a cruz como sacerdote e vítima, que não pude conter uma justa indignação contra os que não se pejam de desfigurar tão torpemente a cidade de Roma, nem impedir de detestar do fundo do coração a sua impiedade...

«Mas quando o vigário de Jesus Cristo, êle próprio, na quinta-feira santa, dia da última ceia, se mostrou ao público, Deus imortal, que majestade em sua atitude e na sua continência!... A seu lado figuravam os cardeais que mais se distinguem pela piedade e sabedoria... Na imensa praça que se estende diante da Basílica de São Pedro, acotovelava-se a multidão mais variada, que acorreu de todos os quadrantes do globo. Suplicante e respeitosa esta mole humana não eleva os olhos senão para venerar aquêle a quem uma fê inquebrantável mostra o representante de Jesus Cristo na terra. Impregnada de temor e emoção, escuta a sentença de excomunhão que lêem em latim e em italiano, em voz suficientemente alta para ser entendida por todos os assistentes, dois cardeais especialmente designados, entre os quais se encontra o soberano Pontífice. A esta terrível sentença sucede, como o troar de um trovão, o ruído do canhão dos fortes, dos palácios e do castelo de Santângelo. Na verdade, illustre príncipe, acreditei estar no grande dia do Senhor, dia de cólera e de catástrofe, que abalará o céu e a

terra, no qual o Senhor, acompanhado de seus anjos, virá em sua majestade julgar o mundo, enquanto os homens de todos os países e de tôdas as idades, reunidos diante de sua face, esperarão a recompensa ou a condenação.

«No mesmo dia, à tarde, vi uma longa fila de penitentes, andando em ordem, os quais, na contrição de seus pecados, na profunda dor de haverem



Broquel em ferro, dado a dom João da Austria por São Pio V.

êles próprios causado a paixão, a crucificação de Jesus Cristo, serem êles próprios a vara que lhe dilacerou o corpo e o crime que lhe arrancou a vida, açoitavam as ilhargas com tantos golpes e de uma maneira tão lamentável! que o sangue corria até a terra. As associações de flagelantes são muito numerosas. Quando aportaram à basílica de São Pedro, ofereceram à sua contemplação a lança com que Longino transpassou o lado do Salvador, e o véu que reproduz os traços sagrados do semblante de Jesus. Tivesse eu cem línguas e cem bôcas, não poderia repetir os soluços, os gritos, as preces que emitiam em voz alta, ao prostrarem-se, tanto os flagelantes como a imensa mole que acorrera a acompanhá-los. Não me calarei, entrentes, e enquanto viver, para opróbrio de Satanás e para a confusão de seus ministros, atestarei de viva voz e por escrito, públicamente e em face do mundo inteiro, que vi neste tempo, as obras mais resplendentes de piedade e de penitência.»

▼ ★ ★

SANTO HILÁRIO DE ARLES (*)

Bispo e Confessor

Duma muito ilustre família, segundo querem alguns da Borgonha, segundo outros da Lorena, Hilário nasceu no ano de 401, recebendo esmerada educação.

Moço, bem colocado num pôsto da administração da terra natal, deixou-o induzido por um parente, Honorato, que vivia retirado na ilha de Lerins: a princípio, quando Honorato discorreu sôbre as vantagens e as excelências da vida religiosa, o jovem recebeu com indiferença as palavras do parente, mas quando êste lhe disse, em tom profético, que, um dia, haveria de pensar do outro modo, a pouco e pouco, com o correr do tempo, foi-se sentindo diferente e pensando diversamente.

Hilário passou, então, a viver sob a conduta do santo abade, que Honorato o era em Lerins.

Humilde, caridoso, abraçando mortificações, não aspirando outra coisa que não a perfeição, o jovem vendera todos os bens perecíveis, distribuira o dinheiro aos pobrezinhos e principiou a trabalhar com grande afinco para obter os preciosos bens espirituais, aquêles que levam a Deus.

Quando Honorato, em 426, foi nomeado arcebispo de Arles, Hilário acompanhou-o para auxi-

liá-lo nos trabalhos que teria pela frente, mas logo retornou à solidão, voltando àquela cidade somente quando o parente estava à morte. Chamado para que assistisse ao arcebispo, Hilário, com grande ternura, rendeu-lhe os últimos deveres.

Sepultado Honorato, Hilário, temeroso de que o escolhessem para preencher a vaga, abalou para Lerins sem tardança.

Castus, então governador da cidade, ordenou que o prendessem. E, levado para o meio do clero e do povo, procedeu-se à eleição. O futuro bispo, agastado, protestava, alegando incompetência, indignidade, todo êle com a humildade abalada e encolhida. Perguntaram-lhe, então, se se submeteria, uma vez que Deus se dignasse manifestar a vontade de vê-lo alçado àquela dignidade. Hilário não condescendeu. Teimava que não possuía as qualidades que erradamente estavam querendo ver na sua mesquinha personalidade. Nisto, uma pomba muito branca, vinda não se sabe donde, descendo do alto, pousou-lhe na cabeça. E, enquanto o teimoso não consentiu em aceitar o cargo para o qual fôra eleito, a bela ave não abandonou o pôsto.

Arcebispo aos vinte e nove anos, a caridade para com os pobres redobrou de intensidade. E todos, em Arles, foram testemunhas de que o moço prelado, para prover a pobreza, trabalhava com as próprias mãos.

Inteligente, vivo, dinâmico, quando falava aos grandes do mundo, aos sábios, Hilário exprimia-se com elegância, com nobreza e graça, orador que era. Todavia, aos simples, aos humildes sem letras, trans-

formava-se, falando sem retórica, com muita simplicidade, fazendo-se inteligível aos mais ignorantes.

Tão grande ia nêle a compaixão pelos peccadores, que era pelas lágrimas que os induzia à penitência. Deus concedeu-lhe o fazer milagres: a um cego, restituiu-lhe a vista tão-sòmente com a imposição das mãos.

Santo Hilário presidiu vários concílios: o de Riez em 439; o de Orange em 441; o de Vaison em 442; e o de Arles em 443. Combateu o pelagianismo, restabeleceu a disciplina e fundou mosteiros, onde fêz com que se observasse a mais perfeita regularidade.

Quando adoeceu, aos que o auxiliavam mais de perto, indicou o dia em que deixaria o mundo — 5 de maio de 449. E assim foi.

Enterrado na igreja de Santo Estêvão, foi transferido, depois, para a de São Geniez, e, mais tarde, para a de Santo Honorato.

* * *

SANTO ÂNGELO (*)

Carmelo — Mártir

Ângelo, judeu de origem, nasceu em 1185 em Jerusalém, gêmeo de João, que, também como irmão, convertendo-se a mãe e sendo batizado, fêz-se carmelo.

Ambos praticaram ásperas penitências. Ângelo, aos vinte e seis anos, em Jerusalém, recebeu o sacerdócio. Percorrendo vários lugares da Palestina, tornou-se célebre pelos milagres que foi operando. Famoso, mas desgostoso, procurou a solidão, esperando tornar-se esquecido de todos.

Deus comunicou-lhe, pouco mais tarde, o desejo que tinha de vê-lo noutras bandas, indicando-lhe novo campo de ação — a Itália. Ali também obrou prodígios.

Em Licate, quando na Sicília, no afã de converter um mau senhor, que levava vida libertina, foi por êle ameaçado de morte, caso não deixasse de lado o intento.

Avisado, numa aparição, por São João Batista, que findaria pelo martírio, logo mais, a 5 de maio, foi morto por sectários daquele senhor, com cinco estocadas de espada.

Ângelo morreu pronunciando as palavras do salmo:

— Senhor, deponho meu espírito em vossas mãos.

O papa, então Honório III, colocou-o no número dos mártires quase que imediatamente depois do falecimento.

— — — —

No mesmo dia, na diocese de Cambrai, São Mauront, abade e confessor. Filho mais velho de Adalbaldo e de Rictrude, nasceu em 634 em Breuil-sur-Lys, perto de Donai. Batizado por São Riquier. Depois da primeira educação, foi enviado à côrte da França, sob Clóvis II e a rainha Batilda. Abade de Breuil, mosteiro que fundou em Merville, faleceu em 702. É padroeiro de Douai (1).

Em Milão, São Gerôncio, bispo, século V. Foi bispo de Milão de 466 a 472. As reliquias, que estão na igreja de São Simpliciano, foram exumadas por São Carlos Borromeu.

Na Calábria, Santa Irene, virgem e mártir, século IV.

Em Trêves, São Britton, bispo e confessor, sucessor de Bonósio. Durante o pontificado de Damaso, ocupou o terceiro lugar depois do papa (2) como metropolitano da Gália. Resistiu com grande energia aos priscilianistas, mas recusou-se entregar Prisciliano às autoridades civis. Faleceu em 386.

Na diocese de Metz, Santa Valdrade, virgem, ou Waldrada. Consagrou-se a Deus na abadia de

(1) Ver dia 12 dêste mesmo mês.

(2) O 2.º lugar era o de Ambrósio de Milão.

São Pedro de Nonnains, fundada e dotada pelo duque Eleutério, seu parente. Morreu como a primeira abadessa daquela casa em 563. A cabeça é venerada a 5 de maio na catedral de Metz.

Em Verona, as santas Teutéria e Tusca, virgens, séculos VII-VIII. Nascidas na Inglaterra, fugiram do país para escapar do casamento. Juntas, viveram como solitárias perto de Verona. Em 750, dedicaram-lhes uma igreja. Perdidos os corpos, foram reencontrados em 1161.

Na diocese de Tours, Santo Avertino, confessor. Nascido na Inglaterra em 1120, foi cônego regular de São Gilberto. Recebeu a ordem do diaconato das mãos de São Tomás Becket. Assistiu ao sínodo de Tours. Faleceu em 1189. É invocado contra dores de cabeça. Honrado em Anjou, Turena e no Maine. É padroeiro de Bougival, diocese de Versalhes.

Na Prússia, Santa Jutta ou Judith, viúva. Natural da Turíngia, passou para a Prússia, onde um parente, Hannon de Sangerhausen, era grão-mestre do território dos cavaleiros teutônicos. Vivendo solitário e em grande austeridade perto de Kulmse, faleceu em 1260, no dia 12 de maio. A festa é no dia de hoje, 5.

Em Roma, Santa Crescenciana, mártir. No mesmo lugar, São Silvano, mártir. Em Alexandria, Santo Eutímio, diácono, que morreu na prisão por Jesus Cristo. Na Tessalônica, a festa dos santos Irineu, Peregrino e Irene, que expiraram nas chamas. Em Auxerre, o martírio de São Joviniano, leitor. Em Jerusalém, São Máximo, bispo e confessor, a

quem o César Maximiano Galério fêz arrancar um olho e queimar um pé com ferro quente, e depois o condenou às minas. Em Edessa, na Síria, Santo Eulógio, bispo e confessor. Em Viena, São Nizier, bispo, venerável por sua santidade. Em Bolonha, São Teodoro, bispo célebre pelas virtudes. No mesmo dia, São Serdon, bispo de Sagunto, na Espanha. Em Milão, São Jerônimo, bispo. No mesmo lugar, a conversão de Santo Agostinho, bispo e doutor da Igreja, que o bispo Santo Ambrósio instruiu nas verdades católicas e que batizou neste dia (Ver 24 de abril).

* * *

6.º DIA DE MAIO
SÃO JOÃO DAMASCENO

Com a vida de São Brás que êle resume em seus hinos.

Os maometanos haviam conquistado a Caldéia, a Pérsia, a Palestina, a Síria, a Mesopotâmia e o Egito, quando João nasceu pelo fim do sétimo século em Damasco, cidade que lhe emprestou o sobrenome de Damasceno. Sua família era ilustre e cristã. Conquanto os cristãos tivessem que sofrer, de tempos em tempos, perseguições e afrontas, sobretudo quando os muçulmanos foram batidos pelos gregos, seu pai ocupava um cargo de conselheiro de estado junto do califa desses infiéis. Em lugar de dissipar os grandes bens em gastos inúteis, empregava-os em obras de caridade, principalmente em comprar cativos que levavam a Damasco para serem vendidos e decapitados. Um dia, entre um grupo destes infelizes expostos em praça pública, foram vistos os que eram destinados à morte lançar-se aos pés de um deles recomendando-se humildemente às suas preces. Era um religioso italiano, chamado Cosme, aprisionado no mar com os outros. Os bárbaros, notando o respeito que lhe testemunhavam seus companheiros de desgraça, perguntaram-lhe de que dignidade se achava revestido entre os cristãos. Res-

pondeu-lhes que não possuía outra dignidade além de sacerdote. «Sou, ajuntou, um monge inútil que não estudou somente a filosofia cristã, mas também a estranha;» e, dizendo estas palavras os olhos se lhe inundaram de lágrimas. O pai de João, tendo presenciado a cena, indagou da causa de sua tristeza. Cosme confessou-lhe ingênuamente que o afligia ter de morrer sem poder transmitir aos outros as ciências que havia aprendido. Ora, havia muito tempo o pai procurava para o filho um homem que lhe pudesse dar educação conveniente. Contento por encontrar êsse tesouro num cativo que iam degolar, correu a pedi-lo ao califa, que lho concedeu sem dificuldade. Cosme não somente recebeu a liberdade, mas tornou-se o amigo do pai, o mestre do filho, que, sob sua direção, aprendeu com êxito prodigioso a gramática, a dialética, a aritmética de Diofante ou a álgebra, a geometria, a música, a poesia, a astronomia, mas sobretudo a teologia ou a ciência da religião. Seus progressos não foram menores na virtude do que nas ciências. Tinha por companheiro de estudos um órfão de Jerusalém, que seu pai havia adotado. Quando sua educação chegou ao término, Cosme retirou-se para a Palestina, no mosteiro de São Sabas, donde o buscaram para ser bispo de Majume. O mérito de João chegou em breve aos ouvidos do príncipe dos sarracenos, que o fêz chefe de seu conselho após a morte do pai.

Circunstância notável! É um pobre monge da Itália, cativo, votado à morte, que introduz as ciências da Grécia e de Roma na côrte dos califas em Damasco, que as ensina ao filho do grão-vizir; e êste filho, tornado grão-vizir por sua vez, depois monge, sob o nome de São João Damasceno, veio a

naturalizar por certo tempo, as ciências estrangeiras entre os próprios muçulmanos, entre os árabes, que as haviam proscrito e queimado com a biblioteca de Alexandria. Após êstes fatos, constatados pelos sábios da França, não foram os cristãos que aprenderam essas ciências humanas dos muçulmanos, como certos homens se comprazem em afirmar, mas os muçulmanos que as aprenderam dos cristãos.

Viu-se mais de um imperador grego de Constantinopla proteger a heresia; houve um que forjou êle próprio uma heresia nova: condenar e quebrar as imagens dos santos como uma idolatria. Foi o imperador Leão, com o sobrenome de Isauriano, porque era nativo da Isauria, país e povo pelo menos tão bárbaro como o eram os hunos e os vândalos. Sendo muito ignorante, meteu na cabeça que, honrando as santas imagens, os católicos honravam não os santos que representavam, mas a matéria e a côr, de que as imagens eram feitas. Aprestou-se em aboli-las, arrancá-las das igrejas e queimá-las em praça pública. Os católicos que se opuseram foram torturados e levados à morte. Seu filho Constantino Coprônimo mostrou-se ainda mais furioso. Constantinopla tornou-se um teatro de suplícios: arrancavam-se olhos, cortavam-se narizes aos católicos; dilaceravam-lhes os corpos a golpes de azorragues e lançavam-se ao mar. O imperador queria sobretudo os monges; não havia ultrajes nem tormentos que não os obrigasse a padecer; queimavam-lhes as barbas embebidas em pixe; quebravam-lhes sôbre a cabeça as imagens dos santos pintadas em madeira. Seu maior prazer era presidir aos suplícios. Houve ainda quatro ou cinco imperadores semelhantes. Assim, enquanto os reis bárbaros se abrandavam no Oci-

dente, os imperadores de Constantinopla barbarizavam-se.

Deus não abandonou os seus nesses tempos difíceis; suscitou muitos santos para amparar a multidão dos fiéis. São João Damasceno, conquanto vivesse entre os muçulmanos, compôs em favor das santas imagens excelentes escritos, que se conservaram até hoje, e nos quais a heresia dos iconoclastas é refutada com grande força de argumentação.

Escreveu um primeiro discurso endereçado aos amigos, rogando-lhes o difundissem entre os fiéis. Começa com muita modéstia. «Deveria de preferência, conhecendo minha indignidade, guardar um perpétuo silêncio e contentar-me em confessar a Deus meus pecados; mas vendo a Igreja fundamentada sobre uma pedra agitada por violenta tempestade, não creio dever calar-me, porque temo a Deus mais que ao imperador. Ao contrário, é o que me excita; porque a autoridade dos príncipes é de molde a seduzir os súditos. Conquanto se saiba que os reis da terra estão sujeitos ao Rei do céu, e que as leis estão acima deles, poucos há que lhes desprezem as ordens injustas.» São João Damasceno estabeleceu em seguida, como fundamento de seu discurso, que a Igreja não pode errar, que não é permitido julgá-la passível de suspeita de tão grosseiro abuso como a idolatria; rogou, enfim, ao povo de Constantinopla, com seu excelente pastor, acolher com benevolência as suas palavras, sem dar atenção à sua dignidade, que era pequena, nem à sua eloquência, ainda menor, mas ao conteúdo das idéias.

Depois, entrando no mérito da questão: «Sei, disse, que aquêle que não mente disse: O Senhor,

teu Deus, é um; adorarás o Senhor, teu Deus, e a êle sòmente servirás; não farás esculturas nem imagens do que está no céu e sôbre a terra. Também eu não adoro senão um Deus, e a êle sòmente rendo a adoração de latria. Não adoro a criatura em lugar do Criador; mas o Criador que se fêz criatura, para honrar a natureza humana e fazer-me participe da natureza divina. Adoro, juntamente com êste grande Rei e êste Deus, o corpo que é por assim dizer sua púrpura. Ouso fazer uma imagem do Deus invisível, não enquanto é invisível, mas enquanto se tornou visível a nós pela carne e pelo sangue. Por esta imagem, não pretendo representar a divindade, mas a carne que foi visível. Se não posso fazer uma imagem da alma muito menos poderia fazer uma de Deus, que criou de modo a ser imaterial.

«Mas Deus disse a Moisés: Não farás imagens. Atentai para o fato de que Moisés explica no Deuteronomio: O Senhor falou-nos no meio do fogo; não vistes nenhuma imagem, sòmente ouvistes a sua voz, a fim de que, olhando o céu e vendo o sol, a lua e as estrêlas, não vos deixásseis seduzir para adorá-los e servi-los. Vêdes que o seu intento se limita a afastar-vos da adoração da criatura em lugar do Criador, e render a outro, além dêle, a adoração de latria? Êste preceito dirigia-se aos judeus inclinados à idolatria; mas para nós, a quem é dado conhecer perfeitamente a natureza divina, e que, passada a infância, sabemos o que é possível e o que é impossível de representar mediante imagens, como seria possível forjar uma imagem daquilo que não tem figura nem limites? Ou pintar com côres aquêle que não possui corpo? Mas depois que êle se fêz homem, podeis fazer a imagem de sua forma humana. Podeis pintar o seu nasci-

mento da Virgem, seu batismo no Jordão, sua transfiguração no Tabor, seus tormentos, sua cruz, sua sepultura, sua ressurreição, sua ascensão. Exprimi tudo isso assim pelas côres como pelas palavras. Não temais. Conheço a diferença entre adoração (proskyneseos) e imagens.

«A imagem é uma semelhança que caracteriza o original, mas com certa diferença, porque uma imagem não seria inteiramente igual ao original. O Filho de Deus é a imagem viva do Pai, imagem semelhante em tudo; se esta não é senão o Pai, não é do Filho, mas o Filho do Pai. As idéias de Deus são as imagens e os paradigmas das coisas que êle quer fazer. As próprias coisas visíveis são imagens das coisas invisíveis. Assim a Sagrada Escritura, para adaptar-se à nossa fraqueza, representa-nos por vêzes Deus sob figuras corporais. Assim, para representar a Trindade, empregamos a comparação do sol, de sua luz e seus raios. Chamamos ainda imagem o sinal das coisas futuras. Desta maneira, a arca da aliança, a vara de Aarão e a urna do maná, significavam a santa Virgem; a serpente de bronze significava Jesus Cristo na cruz; o mar e a nuvem significavam o batismo. Chama-se ainda imagem o que conserva a memória das coisas passadas, seja pelas letras, como quando Deus escreveu sua lei sobre tábuas, e ordenou escrever a vida dos homens que lhe haviam sido caros, seja por outros monumentos sensíveis, como a urna e a vara que mandou guardar na arca. Despojai-vos, portanto, de tôda sorte de imagens, e declarai-vos contra aquêle que as mandou plasmar, ou recebei-as tôdas, cada uma como lhe convém.

«A adoração, *proskynesis*, é um sinal de submissão e de respeito. Dela conhecemos diferentes espécies. A primeira, que se chama adoração de latria, é a que rendemos a Deus, único adorável por sua natureza. Há outra, que rendemos, por causa de Deus, a seus amigos e a seus servidores, como quando Josué e Daniel adoraram os anjos, já nos lugares e nas coisas consagradas a Deus, já nos príncipes que êle instituiu, como quando os israelitas adoravam o tabernáculo, quando Jacó adorou Esaú, seu irmão primogênito, e o próprio Faraó, e quando José foi adorado por seus irmãos. Existe também uma adoração que consiste somente numa honra que se rende a um ou outro, como quando Abraão e os filhos de Hemor se adoraram reciprocamente. Despojai-vos de tôdas as adorações, ou aceitai-as tôdas, mas com as diferenças e nas ocasiões apropriadas.

«Dizei-me: Deus não é um? o legislador não é um? Por que, então, ordena coisas contrárias? Por que os querubins se incluem entre as criaturas? Por que, então, ordena que os querubins feitos pelas mãos dos homens lancem sua sombra ao propiciatório? Não é para fazer entender que de Deus mesmo, como sendo infinito, não se pode plasmar imagem alguma, a fim de que nenhuma criatura receba adoração de latria; mas que os querubins, sendo seres limitados, são representados como ministros em tôrno de seu trono? A arca, a urna e o propiciatório, não são obras dos homens, feitas de vil matéria, como vos apraz dizer? O que é todo o tabernáculo senão uma imagem, uma sombra, uma figura? A lei mesma, que, segundo o Apóstolo, não era senão sombra dos bens futuros, e não sua imagem

real, não é a figura de uma imagem? Não é absolutamente assim; mas cada coisa a seu tempo.

«Outrora Deus, não tendo corpo, nem figura, não era representado por imagem alguma. Mas depois que Deus foi visto na carne e que palestrou entre os homens, represento em imagem o que tornou visível. Não é a matéria que adoro, mas o autor da matéria, que se fêz matéria por mim, que habitou na matéria, e que, pela matéria, operou minha salvação. E não cessarei de reverenciar a matéria pela qual fui salvo: não que a reverencie como a Deus; jamais! mas como o instrumento de sua graça. O lenho sagrado da cruz não é matéria? E o lugar do Calvário, e a pedra do santo sepulcro, fonte de nossa ressurreição, e as letras que compõem os Evangelhos, e a mesa sagrada, e o ouro e a prata de que são forjados os vasos sagrados, enfim o corpo e o sangue de Nosso Senhor? Tudo isto não tem matéria? Despojai-vos, portanto, do culto e da veneração de tôdas estas coisas, ou convinde que se pode honrar as imagens de Deus e as de seus amigos. Não caluniei a matéria. O que Deus fêz não é desprezível. Isto é um pensamento dos maniqueus. Nada há desprezível senão no que Deus não fêz: uma só coisa, fruto de nosso livre arbítrio, o pecado.

«O que um livro representa para aquêles que não sabem ler, representa a imagem para os que não a entendem; o que o discurso opera no ouvinte, a imagem opera à vista. As imagens são um memorial das obras divinas. Deus ordenou que tomassem doze pedras do Jordão e construíssem um monumento perene desta miraculosa passagem. Por que não representarei os milagres e os sofrimentos de Jesus Cristo, a fim de que, se meu filho me interrogar, eu

lhe responda: É que o filho de Deus se fêz homem, e restituiu ao gênero humano a primitiva felicidade? Mas, dizem'êles, contentai-vos em fazer imagens de Jesus Cristo e de sua Mãe. Que absurdo! Não vêdes que vós declarais abertamente inimigos dos santos? Porque se pintais a imagem de Cristo, e não dos santos, não são as imagens que defendeis, mas aos santos é que recusais a honra. O templo de Salomão estava ornado todo em volta de querubins, de palmas, de romãs, de bois, de leões. Não é mais decente ornar as muralhas da casa de Deus com imagens dos santos do que de animais sem razão? Não queremos pintar Jesus Cristo sem os santos que compõem a sua côrte. Que o imperador da terra se prive da sua antes de privar a de seu mestre.

«Antigamente não se construíam templos aos homens, e não se celebrava a morte dos justos com alegria, mas com lágrimas. Ao contrário, quem quer que tocasse um morto, fôsse mesmo o corpo de Moisés, era reputado imundo. Aboli, pois, as festas instituídas em honra dos santos, contra as máximas da antiga lei, ou então aceitai as suas imagens, que entendeis contrárias à lei. Mas é-vos impossível ab-rogar estas festas estabelecidas pelos apóstolos e pelos Padres. Porque, depois da encarnação do Verbo, somos verdadeiramente santificados, libertados por seus sofrimentos, imortais por sua ressurreição. Desde êsse tempo, honramos a morte dos santos com alegria, e não com luto. A sombra ou o cinto dos apóstolos curava os doentes e expulsava os demônios: por que não haveria de ser honrada a sua imagem? Ou nada adoreis de material, ou não pretendais introduzir inovações, e não abaleis os limites seculares plantados por vossos pais,

que estabeleceram os usos da Igreja, não sòmente por seus escritos, mas pela tradição.»

São João Damasceno respondeu à objeção tirada de Santo Epifânio, que rasgou uma cortina onde se achava pintada uma imagem. Diz primeiramente que o escrito de onde é tirado êste fato talvez não seja de Santo Epifânio, ou que êste santo agiu dessa maneira para coibir certos abusos, como Santo Atanásio ordenou o enterramento das reliquias dos santos para abolir o mau costume dos egípcios, que guardavam seus mortos sôbre leitos; porque, que Santo Epifânio não pretendeu abolir as imagens, vê-se pela sua igreja, que é ainda ornada. Enfim, do mesmo modo que, segundo o provérbio, uma só andorinha não faz o verão, assim também a autoridade de um só homem não deve prevalecer contra a tradição de tôda a Igreja.

No fim de seu discurso, São João Damasceno recorda muitas passagens dos Padres em favor do culto das imagens. Primeiramente, de São Denis o Areopagita: depois de São Basílio, de São Gregório de Nice, que diz haver se comovido até as lágrimas com a pintura do sacrificio de Abraão; de São Crisóstomo, de Leôncio, bispo de Chipre. Acêrca do último, ajunta: «Quem é o melhor intérprete de Santo Epifânio, êste bispo que pregou na mesma ilha de Chipre, ou aquêles que falam segundo sua opinião particular?» Enfim, após haver citado Severino de Gabales e o *Prado espiritual* de São Sofrônio de Jerusalém, e que é pròpriamente de seu amigo João Mosch, conclui: «Muitos bispos e imperadores cristãos há que se distinguem pela sua piedade, doutrina e vida santa; muitos concílios houve, em que tomaram parte os santos Padres inspirados pelo Espírito

Santo; donde vem que nenhum dêles ousou condenar o culto das imagens? Não permitiremos se ensine uma nova fé, nem tenhamos a leviandade de mudar segundo os tempos, a fim de que os infiéis não olhem nossa fé como brincadeira e escárnio. Não toleraremos se obedeça ao edito do imperador que quer subverter o costume dos nossos pais. Não é de um imperador piedoso pretender abolir os usos e os decretos da Igreja. Não é agir como imperador, mas como bandido, querer dar ordens com violência, em lugar de persuadir com a razão. É o que se vê no segundo concílio de Éfeso, ainda hoje chamado a *atrocidade*, porque tudo se caracterizou pela violência do imperador: haja vista o martírio de São Flaviano. Decidir sobre matéria dêsse quilate não competia aos príncipes, mas aos conciliares. Não foi aos reis que Jesus Cristo concedeu o poder de ligar nem de desligar, mas aos apóstolos e a seus sucessores, aos pastôres e doutôres da Igreja. *Se fôr um anjo que vos pregar outro Evangelho do que aquêle que tendes recebido . . . Não acrescentemos o que segue, isto é, que êle seja anátema!* para fazê-los mudar de sentimento. Mas se, o que não apraza a Deus, persistirem obstinadamente em seu êrro, então pronunciaremos o anátema.»

É fora de dúvida um bem considerável ver um ministro, um vizir do califa, do sucessor de Maomé, escrever com esta profundeza, esta justeza e esta força sobre as santas imagens, ao imperador e ao povo de Constantinopla. É fácil imaginar que semelhante escrito, vindo de tal mão, deveria provocar uma grande sensação.

Eis como o imperador respondeu, depois dos escritores gregos, às cartas de São João Damasceno

em favor das santas imagens. João ainda mantinha o cargo de ministro do califa e governador de Damasco. Suas cartas, pois houve diversas, passando de mão em mão, constituíram-se em grande sustentáculo para aquêles que o temor da perseguição teria podido quebrantar. O iconoclasta Leão irritou-se de tal forma que, havendo encontrado uma das cartas, usou dêste meio para vingar-se. Fêz imitar a grafia por um hábil falsário, mandou escrever uma carta em nome de João, a qual convidava o imperador de Constantinopla a marchar sôbre Damasco para conquistá-la. Enviou essa carta suposta ao califa, como penhor de sua amizade e prova do desejo sincero que o animava de manter a paz com êle. O califa, fora de si pela cólera e sem escutar os protestos de Damasceno, mandou cortar-lhe a mão direita. O autor de sua biografia que é João, patriarca de Jerusalém, e que se crê João IV, que foi queimado pelos Sarracenos no ano 969, nos transmite: que Damasceno, obtida a entrega da mão cortada, prostrou-se diante de uma imagem da Santa Virgem, suplicando intercessão junto de seu Filho, a fim de que o conservasse em condições de continuar a defesa da causa das santas imagens; que, à vista de sua mão inteiramente restabelecida, o califa, surpreso com o milagre, lhe reconheceu a inocência e lhe pediu continuasse na côrte.

Seja o que fôr, Damasceno, preferindo renunciar ao mundo, concedeu liberdade aos escravos, distribuiu os bens aos parentes, aos pobres e às igrejas, e dirigiu-se a Jerusalém, e de lá para o mosteiro de São Sabas, em companhia do jovem que havia sido educado com êle pelo monge Cosme. O superior do mosteiro colocou-o sucessivamente sob a di-

reção de alguns anciãos mais sábios; mas excusaram-se todos do encargo, não se acreditando em condições de dirigir um homem, em que parecia haver tanta erudição. Houve finalmente um que aceitou a incumbência, mas o tratou duramente, a ponto de ordenar-lhe as coisas mais repugnantes à natureza, e puni-lo sem contemplação pelas menores faltas. Após diversas provas suportadas com maravilhosa paciência, deixaram-no senhor de seu tempo, que empregou na composição de diversas obras. O patriarca de Jerusalém, que era João III ou Eusébio, seu sucessor, obrigou-o a receber a ordem do sacerdócio. Damasceno não se submeteu senão por obediência; depois voltou à sua cela para continuar nos seus exercícios de penitência e suas obras para a utilidade da Igreja. Animava-o nisto o monge Cosme, seu antigo preceptor, depois bispo de Majume, na Palestina, perto de Gaza.

São João Damasceno morreu pelo ano de 780. Em seus numerosos e excelentes escritos combateu tôdas as heresias antigas e novas, inclusive a de Maomé e a dos iconoclastas. Não as combateu somente com discursos e obras isoladas, mas com um vasto cabedal de doutrina, que sob o nome de *manancial da ciência*, abrange desde os primeiros elementos da linguagem e do raciocínio científico até as culminâncias da fé cristã.

Este corpo de doutrina que o santo doutor dirigiu a Cosme, bispo de Majume, seu antigo preceptor, que o havia como que obrigado a escrever, compõe-se de três partes: a primeira, sob o nome de dialética, expõe os princípios e as regras para falar e raciocinar justamente em matéria de ciência; a segunda é a história e a refutação sumária de tôdas as

heresias, desde a origem do mundo até o seu tempo; a terceira, intitulada *Fé Ortodoxa*, expõe e estabelece essa fé nos quatro livros.

A ciência, segundo São João Damasceno, é o conhecimento verdadeiro daquilo que é. Nosso espírito, não a tendo em si mesmo, como o olho não possui a luz, necessita de um mestre. Este mestre é a própria verdade, o Cristo, que é a sabedoria e a verdade em pessoa, e no qual estão escondidos os tesouros da ciência. Tudo se pode aprender mediante aplicação e trabalho, mas antes de tudo e após tudo, pela graça de Deus. Como o Apóstolo nos advertiu provar tôdas as coisas e reter o que é bom, consultaremos os escritos dos sábios da gentildade; talvez ali encontraremos algo de útil à nossa alma. Um artesão qualquer, para fazer sua obra, necessita de instrumentos; convém ademais que a rainha seja servida por algumas damas de companhia. As ciências puramente humanas são as servas da verdade, instrumentos e armas para defendê-la.

A filosofia é a ciência natural daquilo que é, enquanto é; as ciências das coisas divinas e humanas; a meditação da morte; a imitação de Deus; a arte das artes, a ciência das ciências; enfim, o amor da sabedoria. Ora, a verdadeira sabedoria é Deus; logo o amor de Deus é a verdadeira filosofia. A filosofia divide-se em especulativa e prática; a especulativa subdivide-se em teologia, fisiologia e matemática; a prática, em moral, econômica e política. O objeto da teologia é a consideração dos seres imateriais, Deus, os anjos e as almas. A fisiologia é a ciência das coisas materiais, como são os animais, as plantas, as pedras, tudo o que hodiernamente se chama história natural. A ciência matemática consi-

dera as coisas, que, conquanto sem corpo por elas mesmas, são consideradas nos corpos; tais, os números, as harmonias, as figuras e os movimentos dos astros. A teoria dos números constitui a aritmética; a teoria dos sons a música; a teoria das figuras a geometria; a teoria dos astros a astronomia. A filosofia prática trata das virtudes, regra dos costumes e do comportamento; se impõe regras ao indivíduo, chama-se moral; à uma família inteira, chama-se economia; às cidades e aos países, chama-se política.

Como a filosofia é a ciência daquilo que é, falaremos do ser. Começaremos pela lógica ou a arte de raciocinar, que é mais uma parte da filosofia do que instrumento de que se serve para tôdas as demonstrações. Trataremos primeiramente das palavras simples que exprimem idéias simples, e chegaremos em seguida aos raciocínios. O ser é um nome comum a tudo o que é e divide-se em substância e acidente. A substância é que existe em si mesmo, e não em outro, por exemplo, um corpo; o acidente é o que não pode existir em si mesmo, mas é considerado em outro, por exemplo, uma côr.

Com esta justeza e esta clareza, São João Damasceno precisa as palavras e as idéias que constituem a linguagem e a razão científicas. Quando se considera que as discordâncias filosóficas entre os pagãos, que as grandes heresias entre os cristãos, provinham tôdas de uma obscuridade e de uma confusão mais ou menos voluntárias, no que tange às palavras e às idéias do ser, de substância, de natureza, de forma, de hipóstase, de pessoa, vê-se que São João Damasceno não tinha melhor início do que defini-las bem, e quem quer que pesquise a verdade

em consciência, ou quer defendê-la sinceramente, deve fazer o mesmo.

Em seu *Tratado das Heresias*, onde enumera uma centena até o seu tempo, as oitenta primeiras, das quais vinte antes de Jesus Cristo, são resumidas da obra de São Epifânio. Entre as heresias anteriores à era cristã, um e outro colocam as principais seitas da filosofia grega. Entre as vinte heresias mais recentes, a que São João Damasceno expõe e refuta mais amplamente é o maometanismo. «Até o momento, diz, a superstição dos ismaelitas, arautos do Anticristo, continua a enganar os povos. São descendentes de Ismael, filho de Abraão e de Agar; os israelitas são também chamados comumente de agarianos. Eram idólatras, adoravam a estrêla Lúcifer, e Vênus, que chamavam Chabar ou grande, até o tempo de Heráclio. Então levantou-se entre êles um falso profeta, chamado Maomé, que, havendo encontrado os livros dos Antigo e Novo Testamentos, e tido contato com um monge ariano, formulou uma heresia nova. Conseguido o favor de seu povo por uma aparência de piedade, difundiu o rumor que os escritos lhe vinham do céu. Escreveu um livro erigido de coisas ridículas, onde expõe a sua religião. Estabelece um Deus do universo, que não foi engendrado, nem engendrou nada. Diz que Cristo é o Verbo de Deus e seu Espírito, mas criado e servidor; que nasceu sem cooperação humana, de Maria, irmã de Moisés e de Aarão, por operação do Verbo de Deus, que nela entrou; que os judeus, havendo querido, por um crime detestável, pregá-lo numa cruz, apoderaram-se dêle, mas não crucificaram senão sua sombra; de sorte que Jesus Cristo não sofreu nem a cruz nem a morte, tendo Deus, a

quem era todo querido, arrebatado o Verbo aos céus.» São João Damasceno cita do Alcorão diversas outras fábulas mais ou menos ridículas, mais ou menos ímpias; entre outras a maneira ímpia quanto infame como Maomé esposa a mulher do seu filho adotivo, e apresenta alguns exemplos para refutar os maometanos.

Perguntamos-lhes: Que provas tendes de que Maomé recebeu de Deus o seu Alcorão? Ou que profeta predisse que se levantaria um profeta dêste jaez? A isto, como não sabem o que responder, ajuntamos: Moisés recebeu a lei sôbre o Monte Sinai, quando Deus, à vista de todo povo, se manifestou ali em meio a trovões e coriscos. Todos os profetas, a começar por Moisés, anunciaram que o Cristo é Deus, que se faria homem, que morreria sôbre a cruz, que ressuscitaria, e que seria o juiz dos vivos e dos mortos. Por que o vosso profeta não dispõe de testemunhos semelhantes? Respondem êles: Deus fêz tudo como lhe aprouve. Sem dúvida, replicamos nós. Mas enfim, de que maneira o Alcorão desceu ao vosso profeta? Quando dormia, dizem. Eis que é curioso, continuamos nós, com um sorriso: se o recebeu dormindo, não se deu conta de sua vinda. É o caso de recordar-vos o provérbio: são sonhos o que nos pretendeis impingir! Vindes com fábulas de fazer dormir de pé! Como! Vosso profeta vos proíbe fazer sem testemunhas o que quer que seja, fôsse até a venda ou compra de um asno, e vosso Alcorão, vós o recebestes sem testemunhas!

Os sarracenos censuram-nos dar um companheiro a Deus, porque dissemos que Cristo é seu Filho e Deus como êle. Mas, respondemos-lhes nós, por que nos censurais, vós que dizeis que Cristo

é o Verbo e o Espírito de Deus? Porque de duas uma: ou Cristo está em Deus, como o seu Verbo, seu pensamento, sua palavra e como seu espírito, e então é Deus; ou está fora de Deus, e então Deus estará sem Verbo, sem pensamento, sem palavra e sem espírito. Assim, para não dar a Deus um companheiro, vós o mutilais e dêle fazeis uma pedra, um pedaço de madeira, ou outra coisa bem diversa privada de sentido.

O Sarraceno nos pergunta: Antes que Moisés pregasse o judaísmo, o mundo não estava abismado no culto dos ídolos? Sem dúvida, respondemos nós. Os que, à pregação de Moisés preferiram o judaísmo à idolatria, não agiram bem?

— Sem dúvida.

— Anàlogamente, os que, com a pregação e os ensinamentos de Cristo, preferiram ao judaísmo o cristianismo, não tinham razão?

— Não há dúvida.

— Então os que, com a pregação e os ensinamentos de Maomé, preferiram o islamismo ao cristianismo, igualmente agiram bem e os outros, mal?

— Absolutamente.

— Como assim?

— Eis porque. Cristo e Moisés foram dignos de fé, não porque pregaram e ensinaram, de molde que fôssemos forçados a crer em Maomé unicamente porque ensina e prega; mas Moisés provou a sua missão com milagres, e Cristo, como havia sido predito pelos profetas, obrou milagres não menores do que Moisés. Concordais. Ora, Cristo disse a seus discípulos: a lei e os profetas vão até João; quem tiver ouvidos para ouvir, ouça. Onde estará então

o vosso profeta? A coisa fala suficientemente por si.

Os Sarracenos acusam-nos de idolatria porque adoramos ou veneramos a cruz, a que têm horror. Mas, perguntamoê-lhes, como é que gastais a pedra negra do vosso caaba à fôrça de beijos e abraços? Alguns afirmam que é pela razão de que sôbre esta pedra Abraão conheceu Agar; outros, que foi a esta pedra que Abraão amarrou o seu camelo quando do sacrifício de Isaac. Fábulas ineptas! Enfim, se não tendes vergonha de beijar uma pedra sôbre a qual Abraão conheceu a sua escrava, ou à qual amarrou a sua bêsta, como nos imputais por crime a veneração da cruz de Cristo, pela qual foram destruídos o império de Satanás e as fraudes dos demônios?

Qual dos dois, pergunta um Sarraceno, vos parece maior: aquêle que santifica ou aquêle que é santificado? O santo responde: Vejo bem o que quereis dizer.

— Pois bem, se o vêdes, respondei!

— Se eu respondo: É aquêle que santifica, replicareis imediatamente: Adorai então João Baptista que batiza e santifica vosso Cristo.

— É isto mesmo, replica o Sarraceno.

— Mas, continua São Damasceno, quando entrais num banho com um escravo, que vos lava e limpa, qual dos dois dizeis ser o maior? Será o miserável que comprastes, ou vós, que sois seu mestre? Ora, João é o servo, e Jesus Cristo, o Senhor. O Sarraceno, estupefato, retirou-se sem dizer palavra.

São João Damasceno terminou o seu *Tratado das Heresias*, como o havia feito Santo Epifânio, com uma profissão de fé; mas não se revela tão exato

acêrca da procedência do Espírito Santo. Santo Epifânio, tanto no seu grande *Tratado das Heresias*, como no seu *Ancorato*, não sòmente prova a divindade e a consubstancialidade do Espírito Santo, mas repete em um e outro, pelo menos dez vêzes, que é da substância do Pai e do Filho, que é do Pai e do Filho, que procede do Pai e do Filho, que procede do Pai e recebe do Filho, que procede de um e outro.

Nas regras de dialética e na história das heresias, São João Damasceno faz suceder sua obra da fé ortodoxa, em cem capítulos, que se costumam dividir em quatro livros. Ali fala de Deus, de suas obras, de sua providência, da encarnação e de suas consequências. Sôbre cada verdade, resume êle a Sagrada Escritura e a Tradição. Entre os Padres, que resume e transcreve, sem nomeá-los em minudências, segue particularmente São Gregório de Nazianzo, cujos escritos havia lido muito; cita ainda freqüentemente São Dionísio, o Areopagita, São Basílio, São Gregório de Nissa, Nemésio, bispo de Emesa, na Síria, São Cirilo de Alexandria, São Leão, papa, Leônicio de Bizâncio, São Máximo, Santo Atanásio, São Crisóstomo, Santo Epifânio e muitos outros. Eis como inicia.

«Ninguém jamais viu a Deus. O Filho único que está no seio do Pai, afirma-o expressamente. Deus é, pois, inefável e incompreensível. Porque ninguém conhece o Pai, senão o Filho; nem ao Filho, senão o Pai. O Espírito Santo conhece análogamente o que é de Deus, como o espírito do homem conhece o que está no homem. Após esta primeira e bem-aventurada natureza, ninguém jamais conheceu a Deus, senão aquêle a quem Deus diretamente se revelou. Não me refiro unicamente aos homens,

mas às virtudes celestes, os querubins e serafins. Entretanto, Deus não nos deixou em completa ignorância; porque, em tudo, semeou naturalmente o conhecimento de que há um Deus. A própria criação do mundo, sua conservação e seu govêrno, proclamam a majestade, da natureza divina. Ademais, pela lei e pelos profetas, em seguida por seu Filho único, Nosso Senhor, nosso Deus e Salvador, Jesus Cristo, aumentou êste conhecimento a um grau que logramos alcançá-lo. É por isso que tudo o que nos foi transmitido tanto pela lei e pelos profetas como pelos apóstolos e evangelistas, o recebemos, o reconhecemos, o veneramos, sem procurar nada além. Porque Deus, sendo bom e nada egoísta, revelou-nos o que importa sabermos e omitiu o que ultrapassava nossas fôrças.»

Após haver explicado o mistério da Santíssima Trindade, ajunta, com São Gregório de Nazianzo e São Gregório de Nissa: «Com esta matéria, pela unidade da natureza, destruimos o absurdo politeísta dos gentios, e, reconhecendo o Verbo e o Espírito Santo, derrubamos o dogma dos judeus; permanece de um e outro o que é bom, a saber: do judaísmo, a unidade da natureza; do paganismo, a distinção de pessoas.»

Entre as obras de Deus, fala dos anjos, das criaturas visíveis, do céu, da luz, dos astros, do ar, da água, da terra, do paraíso terrestre; mas sobretudo do homem, cujas paixões e faculdades expõe acurada e pormenorizadamente. Isto pode surpreender num *Tratado da Fé Ortodoxa*; entretanto, êle sente-se à vontade em ouvir a razão neste particular. Idéias vagas, falsas, confusas, sôbre êstes assuntos diversos, serviam de ponto de apoio aos

maniqueus, aos nestorianos, aos eutiquianos, aos monotelistas, para acreditarem nos seus erros sôbre as verdades da fé católica, e particularmente sôbre a encarnação do Verbo. Era necessário, pois, para derrubar os seus erros pela base, substituir com idéias justas e precisas as idéias falsas e confusas em que se apoiavam.

Falando da Eucaristia, disse entre outras coisas: «Se a palavra do Senhor é viva e eficaz, e se o Senhor fêz tudo o que queria; se disse: Faça-se a luz, e a luz foi feita; se o céu e a terra, e tudo o que o mundo encerra, em particular o homem, esta criatura tão admirável, foi feito pela palavra do Senhor; se o Verbo-Deus, porque quis, se fêz homem e se formou um corpo do sangue puríssimo da Virgem santa, não pôde fazer do pão o seu corpo e do vinho o seu sangue? Como acontecerá isto? disse a santa Virgem. E o anjo lhe respondeu: O Espírito Santo virá sôbre ti, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. E agora vos pergunto: Como o pão se tornou o corpo de Jesus Cristo, e o vinho e a água o seu sangue? Respondo também: O Espírito Santo virá e operará esta maravilha que transcende a razão e o pensamento. É o corpo verdadeiramente unido à divindade, o corpo tomado da santa Virgem; não que o corpo que subiu ao céu dêle desce, mas porque o pão mesmo e o vinho são mudados em corpo e sangue de Deus. Se perguntais a maneira sob a qual isto se faz, é bastante entender que é pelo Espírito Santo, do mesmo modo que o Senhor formou para si um corpo da santa Virgem. Nada mais sabemos, senão que a palavra de Deus é verdadeira, eficaz e tôda-poderosa, e o modo é incompreensível. Por outro lado, o pão e o vinho, que comemos e que

bebemos naturalmente, mudam-se no corpo e no sangue daquele que come e bebe, e não se tornam outro corpo do que o seu; da mesma forma, o pão e o vinho com água, por invocação e pela descida do Espírito Santo, mudam-se sobrenaturalmente no corpo de Jesus Cristo e no seu Santo, e não são dois corpos, mas um só e mesmo corpo. Enfim, o pão e o vinho não são a figura do corpo e do sangue de Jesus Cristo, — livre-nos Deus! — mas o corpo mesmo deificado do Senhor. Porque o Senhor disse expressamente: isto não é a figura do meu corpo, mas meu corpo; não é a figura de meu sangue, mas o meu sangue.»

Para completar esta enciclopédia de São João Damasceno, é necessário ajuntar-lhe a sua grande obra dos «Paralelos». Consiste numa comparação das sentenças dos Padres com as da Sagrada Escritura, sobre quase tôdas as verdades morais. Estão dispostas por matéria e com muito cuidado, seguindo a ordem do alfabeto grego. O santo doutor as havia anteriormente distribuído em três livros, o primeiro dos quais tratava de Deus e das coisas divinas; o segundo do estado e da condição das coisas humanas; o terceiro das virtudes e dos vícios; mas julgou, depois, que a obra se adequaria melhor aos leitores, se dividisse os títulos por ordem alfabética. O que há de vantajoso nesta compilação, é que São João Damasceno, com isto, preservou da destruição fragmentos de autores antigos, dos quais não mais temos notícia.

O cardeal Mai reencontrou em São João Damasceno muitos hinos e odes em honra de São Basílio, de São Crisóstomo, de São Nicolau de Mira, de São Jorge e de São Brás. Êstes hinos são em prosa

poética. Há oito em honra de São Basílio, sete em honra de São Crisóstomo: nêles são celebradas as virtudes e as ações que conhecemos em um e outro. Nas nove odes em honra de São Nicolau, mas dos quais faltam os dois primeiros, o poeta de Damasco resume as tradições comuns dos gregos e latinos sôbre o ilustre pontífice de Mira: «Nem a areia acumulada nas praias do mar, diz-lhe, nem a multidão das ondas nem as pérolas do rocio e os flocos de neves, nem o côro dos astros, nem as gôtas da chuva e as correntes dos rios, nem o murmurejar das fontes, igualarão, ó Padre, o número de teus milagres. Todo universo tem em vós pronto socorro nas aflições, encorajamento nas tristezas, consolação nas calamidades, defensor nas tentações, remédio salutar nas moléstias.» Damasceno celebra particularmente seu poder em libertar os prisioneiros que o invocam quando em grilhetas; sua aparição ao imperador Constantino no meio da noite para salvar três generais de morte injusta a que haviam sido condenados; seu zêlo em confessar a fé durante a perseguição; em combater a heresia de Ário para preservar o seu rebanho; sua caridade incomparável, que oculta ao conhecimento do infeliz a mão que o socorre, que salva da desonra um pai e suas três filhas que o cúmulo da miséria levava a dedicar-se ao crime. Nos sete ou oito hinos em honra de São Jorge, Damasceno canta os mesmos tormentos e os mesmos milagres que vemos celebrados por seu compatriota André, arcebispo de Creta: a roda, os fogos, os cavaletes de ferro, as beberagens envenenadas, a ressurreição da morte, a conversão do mago Atanásio, os demônios constrangidos a confessar a sua impotência e a divindade de Jesus Cristo.

Nos nove hinos em honra de São Brás, mas que apresentam algumas lacunas, relata todos os fatos principais que lemos nas quatro ou cinco biografias do mesmo santo. Pensamos que êste acôrdo não deixa mais margem a qualquer dúvida. São Brás, convertido do culto dos ídolos à fé cristã, exercia anteriormente a medicina em Sebasta, na Armênia, no tempo do imperador Diocleciano. Piedoso, modesto, paciente, casto, benfeitor, era amado por todos. Também o clero e os fiéis de Sebasta rogavam unânimemente que se tornasse seu bispo. Essa dignidade tornou-lhe as virtudes ainda mais resplandescentes. De médico dos corpos, fêz-se médico das almas; curava os corpos com a virtude de sua fé e de suas preces. Uma mãe de família lhe levou um jovem filho, único, nas vascas da agonia, porque se lhe havia atravessado uma espinha de peixe na garganta. O Santo bispo impôs as mãos à criança, fêz o sinal da cruz sôbre a garganta, e pediu a Jesus Cristo se dignasse a curá-lo; suplicou-lhe também que curasse todos os que sofressem de males semelhantes e recorressem à sua misericórdia, pela intercessão de seu humilde servo. Terminada a prece, entregou a criança curada à mãe. São João Damasceno relata o milagre, mas ajunta que havia uma infinidade de outros; que Brás curava os males incuráveis das almas e dos corpos; que restabelecia, pelas preces e pelo tato, os que recorriam a êle; que seu nome, tão-só, livrava das moléstias e punha em fuga os demônios.

Durante a perseguição de Diocleciano, o santo bispo de Sebasta mantinha-se oculto, mas encorajava e visitava os confessores e os mártires dando dinheiro a seus guardas. Assim, tendo sabido com

que sabedoria Santo Eustrato havia respondido ao presidente e confundido os ídolos, foi encontrar-se com êle na prisão, durante a noite, lançou-se-lhe aos pés e lhe disse: «Sois bem-aventurado, meu filho Eustrato, porque o Senhor Deus vos deu uma grande fôrça. Lembrai-vos também de mim, rogovos. Santo Eustrato respondeu-lhe: Não faleis assim, pai espiritual, mas esperai isso de nós como dívida, por causa de vossa dignidade.» Confiou-lhe em seguida o testamento. O bispo ofereceu o sacrificio e deu a eucaristia ao mártir. Em santo entretenimento passaram tôda a noite.

Quando da perseguição de Licínio, São Brás retirou-se para uma caverna do monte Argeu. Lá, aconteceu-lhe o que acontecia simultâneamente a São Paulo e Santo Antão nos desertos da Tebaida: os animais selvagens iam a êle como animais domésticos ao mestre, repousavam à entrada da caverna, enquanto êle mergulhava nas preces; depois, êle os curava dos ferimentos. Entretanto, o governador Agricolau, violento perseguidor dos cristãos, enviou os seus soldados para as montanhas de Argeu, a fim de capturarem feras e levá-las a Sebasta para os jogos públicos, que estavam próximos. Os soldados muito se admiraram primeiramente de não encontrar feras nas montanhas; depois foram encontrá-las tôdas reunidas pacificamente na entrada da caverna, onde perceberam o bispo que orava. Não ousaram tomar uma decisão por si mesmos. O governador, informado, enviou tropas mais numerosas para trazer o bispo, com todos os cristãos que pudessem ser descobertos nas montanhas.

Os soldados, entrando na caverna, disseram ao bispo:

— Saí, o governador vos chama.

— Meus caros filhos, respondeu-lhes o santo bispo, que ao vê-los fôra tomado de alegria, — iremos juntos. O Senhor lembrou-se de mim hoje; porque me apareceu esta noite três vêzes, dizendo: Levanta-te, oferece-me hóstias, como tens o costume de fazer. Agora, pois, meu caros filhos, fizestes bem em vir. Meu Senhor Jesus Cristo está convosco.

Estavam bem longe de Sebasta. O rumor do evento havia-se alastrado, as populações acorriam de tôdas as partes ao longo do caminho para ver o santo bispo, apresentar-lhe os filhos e os doentes; os pagãos açodavam-se mais ainda do que os cristãos. O santo acolhia todos com bondade paternal, instruía os mais idosos, abençoava as crianças, impunha as mãos aos doentes e os deixava ir curados, mesmo os animais. À vista de tantas maravilhas, muitos pagãos se convertiam.

Aproximavam-se de Nicópolis. Havia lá uma velha mulher, pobre e viúva, que para a subsistência tinha sòmente um porco. Um lobo, saindo das florestas, acabava de arrebatá-lo. Ela dirigiu-se, chorando, ao santo bispo, que chegava neste mesmo momento. Disse-lhe êle, sorrindo:

— Mulher, não vos aflijais, vosso porco vos será restituído; porque eis que o lobo o traz de volta.

E no mesmo instante, o lobo, esbaforido, atira o porco aos pés da mulher, e foge. São Damasceno fêz alusão a êsse fato na sua ode VI.

Chegado a Sebasta, o bem-aventurado Brás foi atirado numa prisão. No dia seguinte o imperador, fazendo-o comparecer à côrte, disse-lhe em tom de amizade:

— Sêde feliz, Brás, amigo dos deuses.

— Sêde feliz também vós, excelentíssimo governador, respondeu o santo. Mas não chameis deuses aos demônios que estão condenados ao fogo do inferno com aquêles que os adoram.

O governador, em cólera, fê-lo açoitar com bastões. O santo suportou o suplicio durante muitas horas; depois, disse ao governador:

— Insensato, que procurais perder as almas! Crêdes que com êstes sofrimentos me afastareis do amor de meu Deus e Salvador Jesus Cristo: não o conseguireis, porque tenho, para fortificar-me e salvar-me, êste mesmo Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo.

O governador, vendo que os tormentos não logravam abatê-lo, mandou conduzi-lo à prisão. Mas a pobre viúva, notando a paciência do mártir, matou o porco que o lôbo lhe havia restituído, cozeu a cabeça e os pés, pô-los num vaso com frutos da terra, e, iluminados de velas, levou-os à prisão, onde conquistou o carcereiro com um pequeno presente; depois, ofereceu a bênção ao santo mártir. Êle sentiu-se comovido com a devoção, comeu da oferenda, predisse-lhe que morreria brevemente, concitou-a a lembrar-se dêle acendendo tochas, a partilhar com os pobres o pouco que possuía, persuadida de que Deus abençoaria sua indigência caritativa, como abençoara outrora a viúva de Sarepta pela prece do profeta Elias.

O governador, fazendo vir uma segunda vez o santo mártir Brás à sua presença, disse-lhe:

— Escolhei de duas coisas uma: adorai os deuses, e sereis nosso amigo; ou, se recusardes, sereis

condenado a suplicios diversos e horríveis e perecereis de morte funesta.

— Já vos disse, respondeu São Brás, ó governador, que não são deuses mas simulacros os que adorais, madeira, pedras, bronze, prata e ouro, obra da mão de homens. Porque não saberiam ser deuses, os que os homens fabricam, e não foram êles que fizeram os céus e a terra e o que êstes encerram. Também êles perecerão, e com êles todos os que nêles confiam. Eis porque não os adoro, nem temo os tormentos com os quais procurais amedrontar-me; porque é por êles que espero chegar à vida eterna.

O governador ordenou que o suspendessem a um poste, e com pentes de ferro, que serviam para cardar a lã, lhe dilacerassem o dorso e todo o corpo. O sangue escorria de tôdas as partes, as carnes tombavam aos pedaços; os próprios carrascos como-veram-se até as lágrimas. Mas o bem-aventurado mártir parecia não padecer qualquer sofrimento. Enfim, disse ao governador:

— Eis o que desejava há muito tempo, ser erguido para o céu de espírito e corpo. Eis que enfim a carne está de acôrdo com o espírito, e o espírito não mais conspira contra a carne. Já, vizinho do céu, desprezo tôdas as coisas da terra e todos os tormentos convosco. Não posso temer os tormentos, nem achá-los dolorosos, porque tenho alguém que me fortifica, meu Senhor Jesus Cristo. É por isso que não temo êstes sofrimentos visíveis, porque não são eternos, mas temporais. Porque, em relação aos bens e aos males eternos, considero os vossos bens e males absolutamente nada, esperando do céu o prêmio infável de todos os bens, prêmio que o olho jamais viu, que ouvido algum ouviu, e que não reside no

coração dos homens; Deus o preparou para os que o amam.

O governador, vendo-o fortificado com um suplício tão horrível, em vez de abatido, fê-lo desatar do poste e reconduzir à prisão. Como para ali rumasse cheio de alegria e louvando a Deus, sete mulheres, que os seus milagres, doutrina e constância haviam convertido a Cristo, o seguiam. Não temendo nem os tormentos infligidos ao mártir, nem a crueldade do presidente, nem os seus guardas, elas recolhiam em suas mãos e vestes, as gôtas de sangue que rolavam para a terra: salpicavam-se com o sangue, no desejo de participar de sua paixão e de seu triunfo. Os guardas, arrastando-as, conduziram-nas ao governador, uma vez que se confessavam cristãs.

O governador lhes disse:

— Não queirais por êste nome vão perder vossos bens e vida; acreditai em mim e sacrificai aos deuses, aos quais vossos pais sacrificaram, e sacrificam ainda.

Responderam elas:

— Se quereis que, deixando o culto de Cristo, sacrificemos aos deuses, é necessário que antes nos purifiquemos. Iremos, portanto, ao lago vizinho, para lavar a face e todo o corpo, segundo o costume. Ordenai, pois, que nos dêem os deuses aos quais quereis que sacrificemos, a fim de que possamos fazê-lo, mais puras, perto do lago.

O governador, cheio de júbilo, lhos deu, encerrados num saco com chumbo, bem como guardados, para ser testemunhas do sacrificio. Mas chegadas ao tanque, as mulheres lançaram os ídolos ao mais

profundo das águas. O governador, não podendo conter a cólera, bradou aos guardas:

— Por que não as impedistes lançar nossos deuses ao fundo do lago?

Os guardas responderam:

— Fomos enganados como vós.

As mulheres diziam, ao contrário:

— Nós não vos enganamos: falávamos, não para enganar-vos, mas por derrisão; porque não pensávamos que seríeis suficientemente tolos para crer que pudéssemos jamais abandonar o culto do Cristo e sacrificar aos ídolos. Se, pois, fostes enganados, deveis atribuí-lo não a nossos artificios, mas à vossa estultície.

Para vingar-se o governador fêz acender uma fogueira diante delas, e trazer pentes de ferro para as dilacerar, e túnicas rubras ao fogo para revesti-las. Enfim, mandou estender uma toalha de linho diante do tribunal, e disse às mulheres:

Não podendo persuadir-vos por palavras, fá-lo-ei por tormentos. Para mostrar que voltais à religião primitiva, andai sôbre êste pano de linho, sem voltar à direita nem à esquerda; caso contrário, sereis sujeitas a todos os tormentos de que tenho notícia.

Mas uma das mulheres, que tinha perto de si dois meninos, já preparados para o martírio, correu para o pano de linho e o lançou ao fogo, dizendo:

— É assim que Deus arrebatará dêste mundo e lançará no fogo eterno todos os que pensam, que não é necessário adorar Jesus Cristo, ou que é necessário adorar os deuses.» Então os dois filhos, com-

preendendo que a mãe alcançara o martírio, disseram-lhe numa só voz:

— Santa mãe, não nos abandoneis neste mundo; levai-nos convosco para o reino dos céus a fim de que, como vós nos nutristes com o pão terrestre, nos fortifiqueis também com êste pão celeste que nos prometestes tantas vêzes.

O governador, não mais podendo conter-se ordenou suspendessem as mulheres em dois postes e as dilacerassem com pentes de ferro. Mas de suas feridas viram brotar leite em lugar de sangue, e os corpos brilharem como chama. O anjo do Senhor desceu dos céus e, curando-lhes os ferimentos, lhes disse:

— Começastes muito bem; perseverai até o fim, para alcançares a coroa.

O governador, estupefato com tais milagres, ordenou as desatassem dos postes; depois, não se mostrou menos cruel, porque fê-las lançar na fornalha ardente. Elas desceram sem experimentar qualquer dor, sem mesmo queimar as vestes, e cantavam louvores a Deus, passeando no meio das chamas, quando o fogo se extinguiu súbitamente. Saíram das chamas mais puras do que ouro e prata mais fina e mais brancas do que neve. Os assistentes muito se admiravam de tudo. O governador, para dissimular a derrota, disse às santas mulheres:

— É o efeito de vossas magias, que conseguistes do vosso Cristo. Mas deixai êstes vãos prodígios, e adorai, enfim, os nossos deuses, sob pena de, e esta é minha última palavra, condenar-vos eu à morte. As santas mulheres responderam:

— Nosso Cristo não ensina magia, e seus servos não a conhecem; o Deus todo-poderoso faz, por

intermédio de seus servos, o que lhe apraz. Quanto a vós, cumpri afinal de contas o que ameaçais com palavras; desagradam-nos as delongas: porque já fomos chamadas ao reino dos céus, já estamos convidadas para a coroa do combate.

O governador, em cólera, pronunciou a sentença, e os carrascos levaram as sete mulheres ao lugar de suplício. Lá, tendo solicitado permissão, puseram-se de joelhos e fizeram esta prece:

— Que deus é grande como o nosso Deus, que nos separou das trevas, e nos chamou a achar doce a miséria em que nos debatemos? Eis porque, Senhor nosso Deus, grande e terrível, dignai-vos juntar-nos a Tecla, vossa primeira mártir, ouvindo as preces de nosso bem-aventurado pai Brás, que nos ensinou a chegar a êste glorioso martírio e à posse da vida eterna. Depois, levantando-se da terra, e elevando as mãos e os olhos para o céu, disseram numa só voz:

— Glória a Vós, Senhor nosso Deus, que nos concedestes a graça de nos apresentarmos hoje em vosso sacrifício como cordeiros; recebi, pois, nossas almas diante de vosso sacrifício santo e celeste.

A mãe dos dois meninos, que haviam acorrido a recomendar-se às suas orações, ajuntou:

— Dignai-vos, também, Senhor, associar estas crianças ao vosso mártir e bem-aventurado Brás, e fazê-las alcançar vossa misericórdia.

As crianças responderam: *Amém*. A sua mãe foi decapitada com as seis companheiras. Depois disto, o santo mártir Brás foi arrastado pela terceira vez às barras do tribunal. O governador disse-lhe que certamente soubera aproveitar o tempo para

tornar-se mais sensato e sacrificar aos deuses. O santo respondeu:

— Não posso assaz admirar as trevas de vossa cegueira. Não vêdes o que é manifesto a todos; porque se jamais houvésseis visto a luz verdadeira, não adoraríeis os ídolos, não diríeis jamais à madeira, ao bronze, à prata, ao ouro: Tu és meu Deus. Quem não sabe que as obras das mãos dos homens não são deuses? Se duvidais, lançai os deuses ao fogo, e vereis que digo a verdade. Em resposta, vós me preparais os tormentos. Pela virtude do Cristo, nada temo: meu corpo está em vosso poder, mas não minha alma. Ainda o Deus que sirvo pode, se quiser, mesmo corporalmente, libertar-me.

— Mas, replica o governador, como te livrará o teu Cristo, se eu te fizer afogar no fundo do lago?

— É verdade, retrucou o bem-aventurado Brás, que vossos deuses, como dizeis, ali foram afogados, não podendo retirar-se; mas o meu Cristo pode exercer o seu poder sôbre êste elemento. Andou sôbre as ondas do mar como sôbre terra firme, e ordenou a Pedro, príncipe dos apóstolos, fôsse ao seu encontro sôbre as águas.

Mandou o governador que o precipitassem ao fundo do lago. O santo para ali foi com o governador e a multidão, fêz o sinal da cruz sôbre as águas, que se consolidaram a seus pés; andou até ao meio do lago, ali se sentou, e gritou ao governador e à multidão:

— Se tiverem algum poder os vossos deuses, ou se tiverdes alguma confiança nêles, andai em seu nome sôbre as águas e mostrai o seu poder.

A esta provocação do santo mártir, sessenta homens, invocando os deuses, entraram ousada-

mente nas águas, mas ali se afogaram. Entretanto, o anjo de Deus, envolto em resplendente luz, desceu dos céus até o mártir e lhe disse:

— Saí, glorioso atleta, e ide imediatamente à coroa que Deus vos preparou.

Todo povo via a luz, mas não lograva distinguir o anjo, por causa de sua própria luz. O mártir levantou-se e andou sobre as águas como terra firme fôsse.

Todavia, o governador, após presenciar tantos milagres, não se deixou levar a poupá-lo ou crer no mártir; mas pronunciou a seguinte sentença:

— Brás, que desprezou minha pessoa, resistiu à ordem do imperador, desonrou os deuses, e afogou sessenta homens, terá a cabeça despedaçada, com os dois meninos a quem seduziu com artes mágicas.

Imediatamente, o santo bispo, em companhia dos dois meninos, se encaminhou ao lugar do suplício. Lá, dirigiu-se a Deus em ardente prece, agradecendo-lhe tôdas as graças, e suplicando-lhe concedesse a todos que implorassem a sua misericórdia, por sua intercessão, as curas que havia concedido até ali por seu ministério. Ressoou uma voz no céu, que aquiescia à sua solicitação. São Brás e os dois meninos foram decapitados fora da cidade, no dia 3 de fevereiro. Uma piedosa mulher, chamada Elisa, os enterrou no mesmo lugar, onde êle operou muitos milagres. A velha mulher que havia assistido o mártir na prisão, sabendo de sua morte bem-aventurada, executou o que êle lhe havia recomendado: acendeu velas em sua memória, e convocou todos os pobres da vizinhança, para distribuir-lhes o pouco que ela possuía; concitou os parentes, amigos e vizinhos, a fazer o mesmo, e todos notaram que as esmolhas, longe de empobrecê-los, atraíam uma bênção parti-

cular de Deus sôbre o seu parco pecúlio. Tornou-se em breve costume geral, em todo país, acender velas na festa de São Brás e distribuir esmolas aos pobres. Êste costume durava ainda por tôda parte, quando foram redigidas as três primeiras biografias que temos do santo. (1)

Tal é a vida de São Brás, segundo quatro ou cinco biografias gregas e antigas. Não compreendemos mais como Godescardo pôde dizer: «A história da vida dêste santo bispo nos é desconhecida. Fizemos mal em acreditar em sua palavra, quando de nossos primeiros trabalhos. É o cardeal Mai que nos concedeu o «imprimatur» para a publicação dos hinos de São João Damasceno. Nestes hinos sôbre São Brás, o doutor e poeta de Damasco relata e canta absolutamente os mesmos fatos e os mesmos milagres que lemos nas quatro ou cinco biografias em prosa: a prisão de São Brás, seu corpo dilacerado pelos pentes de ferro; as mulheres convertidas por sua doutrina e seu exemplo, demonstrando coragem acima do sexo, afogando os ídolos no fundo das águas, suportando os pentes de ferro e as chamas da fornalha e a acha do carrasco; São Brás, caminhando sôbre as águas, sentado no meio do lago, visitado por um anjo, e terminando, enfim, o martírio pela acha. (2)

Com relação aos hinos de São João Damasceno sôbre São Pedro, que êle chama de corifeu, não nos resta senão uma parte do quinto. Lêem-se ali estas palavras dedicadas ao príncipe dos apóstolos: «Tendo recebido do Cristo a Igreja, que o Senhor dire-

(1) Acta SS, 3 de fevereiro.

(2) Spicileg. rom. t. IX, p. 733-739.

tamente fundou e não o homem, vós a governaste como nau. Guarda de Roma, tesoureiro do reinado celeste, pedra da fé, fundamento inquebrantável da fé católica, sêde celebrado nos santos cânticos.» Na primeira estrofe do segundo hino, São Damasceno fala da repentina viagem de São Pedro, de Roma à montanha de Sião, para assistir aos funerais da Virgem santa, que êle chama de nuvem viva de Deus. Na primeira estrofe da quinta, fala do triunfo do apóstolo sôbre Simão, o Mago.

Mas, o que há de sobremaneira piedosamente notável é a última estrofe de cada hino que contém um louvor e uma invocação à maternidade divina da Santa Virgem Maria. Diz-lhe, por exemplo, nos dois últimos hinos a São Basílio: Aquêle que não tem corpo absolutamente saiu com um corpo de tuas entranhas; êle que pela palavra criou a natureza incorpórea, êle que deu essência à tôda essência criada, racional e irracional, êle a palavra de Deus, o Pai: por isso, Mãe da vida, fazei morrer em mim as paixões do corpo, que fazem morrer meu espírito. Sois vós, Virgem tôda santa, que apresento, medianeira irrecusável e advogada benevolente, àquele que de vós nasceu; e vos suplico apagar inteiramente, por vossa maternal intercessão, a multitude de meus pecados.

Na primeira e segunda a São Pedro: Foi por vossa concepção imaculada que se nos reabriu o antigo paraíso, fechado por nossa primeira mãe, e foi restituído ao gênero humano a antiga pátria. Sois vós, augusta soberana, poderoso refúgio, padroeira sempre pronta a salvar, a quem imploro e suplico ardentemente: protegeí minha alma quando ela sair

desta tenda e abandonar esta terra, por outro mundo.

Na primeira, na segunda e na quarta a São Jorge: com a língua enlanguescida, a voz enfraquecida, a bôca cheia de sons desagradáveis, temo entoar-vos hinos, ó Dama soberana, porque fostes celebrada pelas línguas dos anjos, línguas de fogo e de flama, e pela bôca daqueles que não têm corpos. A tempestade dos pecados, as vagas da iniquidade, os freqüentes escolhos da malícia, me arrastam juntos para o sorvedouro hiante do desespero: estendi-me a mão, ó Virgem, para que os vagalhões não me sepulsem vivo. O leão rugidor ronda, procurando devorar-me: não me abandoneis como prêsa de seus dentes, ó imaculada, que concebestes aquêile, cuja mão divinamente poderosa quebrou os dentes molares dos leões.»

* * *

SÃO JOÃO DIANTE DA PORTA

LATINA (*)

Ano 95

Bisonhos ainda sôbre o mistério da cruz, sem fazer idêia do que devia ser o reino do Cristo, os dois filhos de Zebedeu, João e Tiago, pela mãe, fizeram um pedido ao divino Mestre.

«Então aproximou-se dêle a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos, prostrando-se, para lhe fazer um pedido.

«Êle lhe disse:

«— Que queres?»

«Ela respondeu:

«— Ordena que êstes meus dois filhos se sentem no teu reino, um à tua direita e outro à tua esquerda».

«Jesus respondendo, disse:

«— Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu hei de beber?»

«Êles lhe responderam:

«— Podemos».

«Disse-lhes:

«— Efetivamente haveis de beber o meu cálice, mas, quanto a estardes sentado à minha direita ou

à esquerda, não pertence a mim conceder-vos-lo, mas será para aquêles, para quem está reservado por meu Pai» (1).

Dos filhos de Zebedeu e Salomé, Tiago não esperou muito tempo para beber do cálice da Paixão de Jesus: foi o primeiro apóstolo a dar o sangue e a vida pelo Mestre (2).

«Naquele mesmo tempo o rei Herodes mandou prender alguns membros da Igreja para os maltratar. Matou à espada Tiago, irmão de João» (3).

Quanto ao irmão, ao discípulo amado, esperou longamente o cumprimento da palavra de Jesus, sob Domiciano.

Domiciano foi quem lhe apresentou o cálice, aquêlé déspota detestável que inaugurou a segunda perseguição geral da Igreja, déspota do qual Tácito (55-118) escreveu que, em crueldade, ultrapassou o próprio Nero tristemente famoso. Domiciano, ensinam-nos os historiógrafos, sustentou a sua popularidade apoiado nos confiscos, explorando os ricos. Sob tal homem, de espírito todo voltado para as vinganças, a corporação senatorial baixou a extrema abjeção: diz-se que se chegou, em sessão, a discutir qual môlho seria mais adequado para se servir com determinada qualidade de peixe. Em 96, êste filho de Vespasiano morreu violentamente: assassinado, teve as estátuas abatidas e os decretos anulados pelo Senado. Desde então, João pôde retornar a Éfeso e tranqüilamente viver sob Nerva, um dos membros do Senado, o qual governou paternalmente.

(1) Mt. 20, 20-23.

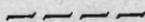
(2) 25 de julho.

(3) Act, 12, 1-2.

Depois da morte de Maria, Mãe de Jesus, João foi para Éfeso, onde governou a Igreja da Ásia. Prêso, foi conduzido a Roma, no ano 95. Conforme à prática romana, possivelmente o Apóstolo suportou a flagelação. Velho já, foi mergulhado numa caldeira de azeite fervente, donde, miraculosamente, saiu, não só ileso, mas rejuvenescido, saudável e vigoroso.

Domiciano, como a maioria dos pagãos, viram no prodígio o poder da magia. Exilado o predileto de Jesus para a ilha de Patmos, São João ali escreveu o Apocalipse. Morto Domiciano, voltou a Éfeso, como vimos, e lá morreu centenário, sessenta e oito anos depois da Paixão de Cristo.

O suplício do Evangelista ocorreu diante da Porta Latina (4). Em memória do milagre, no local do suplício edificou-se uma igreja, igreja que, em 722, foi reconstruída pelo papa Adriano I.



No mesmo dia, em Aire-sur-L'Adour, São Girons ou Gerôncio, mártir, possivelmente o primeiro apóstolo de Aire. As relíquias jazem na cripta da catedral.

Em Viena, Dauphiné, São Justo, bispo, desaparecido em 168.

Na Bélgica, o bem-aventurado Henrique, bispo, que, atemorizado com uma visão, deixou o episcopado, refugiou-se na abadia de Cambron, e ali viveu como simples religioso.

(4) Porta Latina porque dali se demandava o Lácio. (N. do Atual.).

Na Itália, São Maurélio, bispo de Imola e confessor, falecido em 542.

Na Itália ainda, São Paldon, São Tason e São Taton, confessores. Naturais de Benevento, êstes três irmãos foram membros da ordem beneditina, e auxiliaram Petronax na reconstrução do Monte Cassino arruinado pelos lombardos.

No Monte Cassino, o bem-aventurado Petronax, abade e confessor, nascido em Bréscia, no ano de 680. Além da reconstrução do mosteiro, fundou o de Santa Maria de Cingla. Depois de um govêrno de trinta e quatro anos, faleceu em 747.

Na Hungria, a bem-aventurada Isabel, virgem, filha do rei André III, nascida em Buda em 1297 (1). Recebeu o hábito dos dominicanos em Toess, na Suíça, depois de ter recusado contrair núpcias com Henrique, irmão de sua madrasta Inês. Falecida em 1338.

Em Siena, a bem-aventurada Bonizella Piccolomini Cacciacanti, viúva, que foi célebre pela grande caridade. Falecida a 5 de maio de 1300. É honrada em Trequanda, na diocese de Pienza.

Na Itália, a bem-aventurada Prudência, virgem nascida em Milão e falecida em Como no ano de 1492. Diz-se que, do caixão, morta, levantou-se para adorar o Santíssimo Sacramento.

Na Inglaterra, Santo Edberto, bispo de Lindisfarne, célebre pela ciência e a piedade. Sucessor imediato de São Cutberto. Grande conhecedor das santas Escrituras. Falecido em 698.

(1) Parenta de Isabel da Turíngia ou da Hungria, viúva, com a qual não deve ser confundida. Ver 19 de novembro.

Em Paris, Santa Avoye, Avia ou Áurea, virgem e mártir, prima de Santa Úrsula. Morta pelos bárbaros no século III ou V.

Em Arras, o bem-aventurado Hatta, abade de São Vaast, e confessor, quando de Thierry III e de Vendiciano, bispo de Arras. Faleceu em 699.

Em Antioquia, Santo Evódio, que, sagrado primeiro bispo dessa cidade, pelo Apóstolo Pedro, como escreveu Santo Inácio em sua carta ao povo de Antioquia, terminou a vida com um glorioso martírio. Em Cirena, São Lúcio, bispo, de quem São Lucas faz menção nos Atos dos Apóstolos. Na África, os santos Heliodoro e Venusto, com setenta outros mártires. Em Chipre, São Teodato, bispo de Cerinas, que, após ter sofrido tormentos sem par sob o imperador Licínio, entregou o espírito a Deus quando a Igreja já estava em paz. Em Carras, na Mesopotâmia, São Protogênio, bispo. Em Roma, Santa Benedita, virgem. Em Salerno, a translação do apóstolo São Mateus, cujo santo corpo, trazido da Etiópia, passou por diversas províncias e foi, finalmente, conduzido para esta cidade, e depositado com muitas honras na Igreja de Deus, que levou o seu nome (Ver 21 de setembro).

* * *

7.º DIA DE MAIO

ESTANISLAU

Bispo de Cracóvia, Polônia, Mártir

Estanislau nasceu em 26 de julho de 1030, em Szepanow, na diocese de Cracóvia, capital do reino da Polônia, de pais ricos e nobres e que, após trinta anos de esterilidade, o obtiveram do céu com as suas preces. Assim, dedicaram-no a Deus desde o nascimento. Revelou-se desde logo criança de bênção, com a alma inclinada a tôda a classe de ciências, sendo de resto cheio de pudor, de modéstia, de honestidade em seu modo de agir. Estudou primeiramente na cidade de Gnesen, depois na universidade de Paris as artes liberais, o direito canônico e a teologia, onde se tornou um sábio. De regresso, viu que haviam morrido os pais, de sorte que teve o desejo de renunciar ao mundo e fazer-se religioso; dessarte, distribuiu aos pobres os consideráveis bens que os pais lhe haviam legado. Contudo, Jesus Cristo que queria servir-se dêle, permitiu fôsse ordenado cônego e pregador, e algum tempo após, bispo da igreja de Cracóvia, onde sucedeu Lampert. Aceitou o cargo por ordem expressa do papa Alexandre II.

A santidade, vigilância, a prudência e a coragem de Estanislau foram admiráveis no govêrno de sua diocese, como sua caridade para com os pobres. Era o mais humilde de todos, doce com os fracos, severo com os rebeldes, compassivo com os aflitos, paciente nas injúrias, zeloso no serviço de Deus.

Boleslau, filho do rei Casimiro, era então rei da Polônia. Dera provas de valor na guerra com as Rússias; mas perdeu-se em breve nos excessos da devassidão e da tirania. Não contente com sua própria mulher, arrebatava as filhas e as mulheres dos outros e as desonrava públicamente. A êstes atos de lubricidade, acrescentava outros de tirania, que lhe mereceram o apelido de Boleslau, o Cruel. O arcebispo de Gnesen, primaz do reino, deveria tê-lo admoestado, mas não teve suficiente coragem. Santo Estanislau a isso se acreditou obrigado, como bispo da residência real. Fê-lo com grande humildade e modéstia, suplicando a Boleslau, diversas vêzes, que se moderasse e se contivesse, considerando que os pecados dos reis são mais graves que os das pessoas privadas, isso porque devem ser mais gratos a Deus, que os fêz reis, e pelo grande mal que acarretam ao reino, o qual assim se infecta com o mau exemplo do chefe. Se não se corrigisse, poderia assegurar-lhe com certeza que Deus o puniria, e talvez, lhe arrebatasse o reino. Boleslau recebeu muito mal a santa e justa admoestação do bispo; conquanto não quisesse abandonar a vida perversa, em seu reino não havia pessoa que se atrevesse a censurá-lo. Resolveu perseguir Estanislau e fazê-lo calar-se por bem ou por mal, tirando-lhe a igreja; e não tendo motivo algum para fazê-lo, inventou um aparente.

O santo bispo havia comprado a herança de um homem rico chamado Pedro, para a sua igreja, e lhe havia pago em dinheiro, mas não tinha comprovante. Três anos já haviam passado desde que o dono da herança estava morto. Ora, os herdeiros, para agradar ao rei e aproveitar a oportunidade, envolveram o bispo em processo, dizendo que havia usurpado a herança que lhes pertencia. O caso foi tratado perante o rei: como o bispo não dispusesse dos necessários recibos, e como as testemunhas que sabiam a verdade não ousassem falar por causa do rei, foi condenado a abandonar a posse e gozo desta terra. Vendo isso, pediu três dias de prazo, para fazer comparecer em pessoa a Pedro, o vendedor, que havia três anos já estava morto. Concordaram, por escárnio. O santo jejuou, vigiou e pediu insistentemente a Jesus Cristo que defendesse a causa; ao fim de três dias, após haver devotamente celebrado a santa missa, dirigiu-se ao lugar onde Pedro estava enterrado, fêz abrir a tumba, escavar a terra e descobrir o cadáver o qual tocou com o seu báculo pastoral, ordenando-lhe se levantasse. O morto obedeceu imediatamente à voz do santo, levantou-se, e por sua ordem o seguiu até o tribunal, onde o rei, os grandes e os juizes estavam reunidos. Estanislau lhes disse: «Eis Pedro que me vendeu a herdade, e está ressuscitado para comparecer diante de vós: interrogai-o se não é verdade que lhe paguei integralmente o que me vendeu para a igreja. É um homem conhecido, sua sepultura está aberta, Deus o ressuscitou para confirmar a verdade; sua palavra deve ser mais firme e digna de fé do que todos os depoimentos das testemunhas e tôdas as informações que se possam arrolar.»

As partes adversárias do santo bispo ficaram estupefatas com um milagre tão evidente, e não souberam o que replicar, porque Pedro declarou a verdade integral, e advertiu os herdeiros que fizessem penitência por haverem cometido tão grande pecado, havendo molestado Estanislau contra todo direito e tôda justiça. O santo ofereceu sua intercessão junto de Nosso Senhor, caso êle quisesse viver ainda alguns anos: mas Pedro preferiu voltar ao repouso da sepultura a levar uma vida cheia de angústias e perigos; disse ao santo que estava no purgatório e ali não ficaria mais por muito tempo, para encontrar a expiação das faltas cometidas durante a vida; que preferia estar seguro de sua salvação, ainda que tivesse de suportar as penas que lhe restavam, a enfrentar a possibilidade de perder-se, reentrando no mar tempestuoso dêste mundo; suplicava ao bispo tudo fizesse junto de Nosso Senhor para que remisse suas penas, e em breve pudesse gozar da glória com os bem-aventurados. Isso dito, Pedro voltou à sepultura, acompanhado do bispo e de uma grande multidão de povo: deitou-se na tumba, pedindo a todos os assistentes que o recomendassem a Deus, e morreu segunda vez para viver eternamente.

O milagre impressionou Boleslau. Reprimiu por algum tempo a devassidão e as crueldades. Empreendeu até uma expedição gloriosa contra as Rússias, e conquistou Kiev, então capital da Rússia. Mas lá, em meio à embriaguez da vitória, abandonou-se novamente às paixões desregradadas. Não contente dos excessos com mulheres, cometeu públicamente as abominações de Sodoma e Gomorra. O exemplo provocou um mal horrendo, primeiramente no exército, depois na Polônia inteira. Quando as



Coroação de um rei da Polônia na Igreja de São Estanislau, em Cracóvia. Segundo uma escultura sôbre madeira do século XVI.

mulheres polonesas viram que os maridos as esqueciam nos braços das mulheres russas, muitas delas abandonaram-se aos serviçais. Quando a nova se alastrou em Kiev, todo o exército se sentiu abalado e pediu ao rei que voltasse à Polônia. À sua recusa, a maior parte voltou sem sua permissão. Boleslau tornou-se mais cruel do que nunca, fê-los executar como trãsfugas e constrangeu as mulheres a amamentar pequenos cães em lugar dos próprios filhos. A horrível tirania exercia-se em tôda a Polônia.

O primaz do reino, o arcebispo de Gnesen, não ousava abrir a bôca para repreender tão odiosos excessos. São Estanislau, como outro João Batista, devotou-se ao martírio para a glória de Deus e salvação da Polônia. Jejuou, orou, fêz grandes penitências pela conversão do rei; fêz-lhe diversas visitas, a fim de levá-lo a melhores sentimentos. Alguns cortesãos falavam ao rei no mesmo sentido que o bispo, mas a maior parte em sentido contrário.

Enfim, vendo tôdas as admoestações inúteis, e os escândalos de Boleslau recrudescer dia a dia, o santo bispo ò excomungou públicamente, e lhê proibiu a entrada na igreja.

Desde então, o furor de Boleslau não conheceu limites. Sabendo que o bispo ia dizer a missa numa igreja de São Miguel, fora da cidade, mandou que esbirros o prendessem e massacrassem. Foram; mas quando quiseram lançar mão do santo que celebrava a santa missa, uma luz celeste os atemorizou e lançou por terra. Aconteceu, mais duas ou três vêzes, enviar Boleslau seus homens para o mesmo fim. Por fim, foi pessoalmente, de espada nua, atacou o santo no altar, e deu-lhe tamanho golpe sôbre a cabeça, que fêz esguichar o cérebro contra a parede. Os da

guarda cortaram o corpo do santo em pedaços e atiraram os membros esparsos sôbre os campos, para servirem de prêsas aos abutres e animais selvagens. Mas Nosso Senhor enviou dos quatro quadrantes quatro grandes águias que se plantaram em tórno do corpo, e o defenderam milagrosamente durante dois dias: à noite, viam-se também diversas luzes sôbre as santas relíquias. Alguns padres e pessoas piedosas sentiram-se grandemente tocadas com o milagre, e tomaram a resolução de recolher os membros esparsos e juntá-los. Os santos membros uniram-se tão perfeitamente como se jamais houvessem sido divididos, e sem que apparecesse qualquer cicatriz de tantos golpes. Enterraram o corpo à porta da igreja de São Miguel, onde havia sido assassinado. Dez anos após, transportaram-no para a cidade de Cracóvia, e o sepultaram na igreja da fortaleza com grande magnificência.

O papa São Gregório VII, não podendo deixar impune crime tão atroz, interditou o reino da Polônia, anatematizou Boleslau, declarou-o deposto do trono, e ordenou aos bispos não sagrarem rei algum sem sua autoridade. O miserável príncipe, detestado por todos, e roído de remorsos, fugiu da Polônia para a Hungria, onde pereceu de morte funesta.

Em 1253, Inocente IV canonizou Estanislau, e o incluiu no rol dos santos. Clemente VIII ordenou que a festa de Santo Estanislau fôsse colocada no breviário romano, e que tóda Igreja católica a celebrasse com um ofício duplo. A vida do santo Mártir já se encontra de há muito nas Atas dos Santos, compiladas pelos Padres Jesuítas.

* * *

SÃO SERÊNICO
E
SÃO SERENO (*)

Confessores

Serênico e Sereno eram dois irmãos, italianos, filhos de uma das mais importantes famílias de Espoleto, na Úmbria, daquela Úmbria que está tôda cheia das coisas do doce pai seráfico Francisco de Assis.

Ambos, depois de apurado estudo feito sôbre os Livros Santos, resolveram dar-se inteiramente a Deus, e buscaram Roma. Ali, tomaram o hábito beneditino e ficaram agregados, por algum tempo, aos monges do Vaticano.

Eugênio ou Vitaliano, o soberano pontífice elevou-os ao diaconato. Tanta dignidade para tamanha humildade era demasiada: deixaram Roma e passaram à Gália; visitaram o túmulo de São Martinho e de São Juliano no Mans, donde um anjo do Senhor os guiou para as solidões da Charnie.

Fixados perto de Saulges, Serênico, depois de um certo tempo, achando o lugar assaz freqüentado, manifestou ao irmão o desejo de se afastar, de ir em busca de outra região mais sossegada.

Sereno, agradado do lugar, preferiu ficar, e Serênico, deixando-o, afastou-se, entrou no país de Hyesmes, então na diocese de Seez, acompanhado de um discípulo chamado Flavart. Construindo uma ermidezinha, Serênico logo viu surgir vários homens que desejavam viver sob sua conduta.

Quando principiava a construção de uma grande basílica, em 669, que pretendia dedicar a São Martinho, colheu-o a morte, a 7 de maio (1).

O irmão, em Saulges, foi o pai de inúmeros pobres, afligidos e desprotegidos, aos quais provia e consolava. Depois de uma vida tôda ela voltada para as coisas de Deus, tendo operado inúmeros milagres, faleceu a 21 de julho de 680, onze anos depois de Serênico.

* * *

(1) Ver São Milehar, neste mesmo dia.

SÃO JOÃO DE BEVERLEY (*)

Bispo de York

João nasceu na cidadezinha de Harpham, na província de Deirie, província que compreendia os condados de York, de Lancastre e a parte do reino de Northumbrie situada ao sul da Tyne.

Jovem, bem jovem, cheio de ardor, querendo servir a Deus, deixou a terra natal e, chegando no reino de Kent, passou a viver sob a direção do abade Adriano de Cantorbery. Rápido, muito rápido, foi o progresso que fêz na ciência e na piedade.

Assim, depois dos primeiros tempos, tornou ao seu país, e, na abadia de Withby, que era, naquela época, governada por Santo Hildo, recebeu o hábito monástico.

Quando principiava o reinado de Alfredo, falecia Eata, e João, procurado na abadia, preencheu a vaga que aquela morte deixara na sé de Hexham.

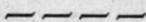
Foi São João de Beverley que conferiu ao venerável Beda o diaconato e o sacerdócio. Fundador de Beverley, numa floresta que se situava a vinte e sete milhas de York, um duplo mosteiro, um para homens outro para mulheres, o Santo, depois de ter governado o bispado de York durante sete anos, cansado,

acabado pelos trabalhos e pela idade, faleceu em Beverley, no dia 7 de maio de 721.

O túmulo que o abrigou, ilustrado por grande número de milagres, foi um dos principais lugares de peregrinação da Inglaterra.

O rei Athelstan, que obteve completa vitória sobre os escoceses, dizia que o êxito da batalha devia-o êle à intercessão do santo bispo.

O arcebispo de York, Alfredo, em 1037, fêz uma translação das relíquias de São João de Beverley, ocasião em que se processou a canonização.



No mesmo dia, em Tarbes, São Misselino ou Mesclino, sacerdote. Diz Dom Ruinart: «Sobre êste Misselino, vulgarmente chamado Musolino, vê-se-lhe o túmulo, em mármore, atrás do altar-mor da igreja paroquial de São João em Tarbes. Êste túmulo, aberto há alguns anos pelos vigários gerais do bispo, foi encontrado completamente vazio. Uma procissão geral de todo o clero processa-se no dia da festa do Santo, a 24 de maio» (1). Segundo uma tradição de Arcizac-sur-Adour, São Misselino seria originário daquela paróquia, da qual é tido como padroeiro, por ter livrado Tarbes dos bárbaros.

Na diocese de Maestricht, São Domiciano, bispo e confessor. Nascido na Gália, foi, primeiramente, bispo de Tongres, depois de Maestricht, por solicitação do clero e do povo, que lhe conheciam a ciência e a piedade. Pela ciência, notabilizou-se no concílio, o quinto, de Orléans, em 541. Pela oração,

(1) Dom Ruinart, A Glória dos Confessores.

livrou a cidade de Huy de um dragão que ali fazia razias sôbre razias. Converteu grande número de idólatras. Conheceu o dia da morte antecipadamente: 7 de maio de 560. O corpo foi enterrado em Huy, cidade que o tomou como padroeiro. Sob Carlos Magno, foi exumado, sendo encontrado sem corrupção.

Em Troyes, Santa Mastidia ou Matias, virgem, cujas Atas se perderam. As relíquias, que foram exumadas em 843 e em 992, são veneradas na catedral de Troyes.

Na diocese de Chartres, Santa Mesma, virgem e mártir (?). Honrada em Santa Mesma, perto de Dourdan, onde a festa é celebrada no dia 7 de maio.

Na África e na Itália, Santo Inocência, bispo e mártir, século IV. Bispo africano, foi expulso da sede pelos arianos, sendo martirizado. As relíquias foram para Gaeta, no reino de Nápoles. A festa celebra-se no dia 7 de maio.

Em Auxerre, São Valeriano, terceiro bispo conhecido de Auxerre (331 a 366), e confessor. Morto em 366, foi enterrado no monte Atré. Transferido depois para uma igreja que, desde o século VI, traz seu nome. Contribuiu para a conversão de Santo Amador.

Na Bretanha, Santo Hermínio ou Hoiernin, confessor, falecido em 540. Nascido na Grã-Bretanha, passou para a Bretanha Armórica, na época da invasão anglo-saxônica. Viveu como ermitão em Dualt, perto de Carhaix, onde faleceu. A festa é no dia 2 de novembro, 7 de maio e 15 de setembro.

Na Itália, São Maurélio, bispo e mártir. Maurélio (Maurelius), sacerdote romano, foi enviado a

Esmirna por João IV, para fazer frente à heresia de Severiano. Em 642, foi nomeado bispo de Vicohabentia. Quando pensava transferir a sede para Ferrara, os habitantes de Vicohabentia revoltaram-se contra êle e o mataram, em 670. A festa é celebrada no dia 7 de maio em Ferrara. As relíquias foram exumadas em 1419, no dia 7 de maio.

Na diocese de Seez, São Milehar, Malehard ou Maillard, bispo e confessor, que acabou e consagrou a basílica de São Martinho de Seez, que, como vimos, São Serênico principiara. Faleceu em 670.

Na diocese de Meaux, Santa Sessetruda, virgem, século VII, religiosa e despenseira da abadia de Faremoutier, quando da abadessa Santa Fare.

Na Itália, São Reginaldo ou Renaldo, confessor. Nascido na Calábria, levou vida eremítica em Falasconi, na Apulia, sob o papa Eugênio IV. Celebra-se-lhe a festa a 7 de maio.

Ainda na Itália, o bem-aventurado Vilano, bispo e confessor. Nascido em Gubbio, professou entre os camaldulos de Fontavellana. Foi bispo de Gubbio em 1206. Faleceu em 1230. As relíquias estão na catedral da cidade natal, onde lhe celebram a festa no dia 7 de maio.

Na Itália, mais uma vez, o bem-aventurado Alberto de Bérgamo ou de Villa d'Ogna, confessor, terciário da ordem dominicana, em Verona. Faleceu em 1279.

Em Terracina, Campaie, a morte da bem-aventurada Flávia Domitila, virgem e mártir. Filha de Santa Plautila, irmã de São Flávio Clemente, côsul e mártir, foi consagrada a Deus pelo pontífice São Clemente, que lhe conferiu o véu. Durante a perse-

guição de Diocleciano, por ter-se declarado cristã, foi exilada na ilha de Ponza, com muitos outros, e ali sofreu longo martírio. De novo em Terracina, onde converteu um certo número de pessoas à fé, pelas exortações e pelos milagres, foi, por ordem do juiz, queimada no quarto em que habitava com duas virgens, Eufrosina e Teodora, suas amigas. Celebra-se ainda a memória de Flávia com as dos Santos Nereu, Aquileu e Pancrácio, no dia 12 dêste mês. Ano 95-96. No mesmo dia ainda, São Juvenal, mártir. Em Nicomédia, os santos irmãos Flávio, Augusto, Agostinho, mártires. No mesmo lugar, São Quadrato, mártir, que após ter enfrentado repetidos tormentos, durante a perseguição de Décio, teve, afinal, a cabeça decepada. Em Roma, São Benedito, papa e confessor. Em Pavia, São Pedro, bispo. Em Roma, a trasladação do corpo de Santo Estêvão, primeiro mártir, que, de Constantinopla foi conduzido para esta cidade, sob o pontificado de Pelágio, e depositado na tumba de São Lourenço, mártir, em Campo Verano, onde foi honrado pelo afluxo e devoção dos fiéis.

* * *

8.º DIA DE MAIO

SÃO PEDRO DE TARENTEISE

Nasceu na diocese de Viena, no ano de 1102, de pais de condição média, mas de virtude eminente, que, após haverem educado os filhos, se dedicaram inteiramente às esmolas e à hospitalidade, praticando particularmente a vida eremítica, sob a direção dos Cartuxos e dos monges cistercienses de Bonevaux. O irmão primogênito de Pedro, chamado Lamberto, foi destinado à Igreja e aos estudos; êle, por sua vez, destinava-se a outra profissão; mas não deixou de estudar por emulação de seu irmão e por natural inclinação de sorte que fêz, em pouco tempo, grandes progressos. Ambos os irmãos tornaram-se clérigos. Pedro, chegando à idade de tomar estado, abraçou a vida monástica em Bonevaux. Com o tempo, tôda a família lhe seguiu o exemplo. O pai e dois irmãos escolheram o mesmo mosteiro de Bonevaux para o seu recolhimento; a mãe e a irmã entraram para os cistercienses que residiam na vizinhança.

Havia um ano que Pedro tinha vestido o hábito monástico, quando dezessete pessoas da mais alta categoria toram pedir ao abade de Bonevaux as recebesse em sua comunidade. Entre elas, estava Amadeu, parente próximo do imperador Conrado

III. Fizeram tôdas profissão, após as provas ordinárias. Mas Amadeu, a conselho de pessoas prudentes e virtuosas, retirou-se depois para Clugni, e ali passou algum tempo para velar pela educação do filho, que estudava na escola da abadia. De volta a Bonevaux, pediu a graça de ser empregado nos mais humildes misteres da casa; o abade atendeu ao pedido, a fim de proporcionar-lhe oportunidade de praticar a humildade e a penitência. O conde de Albion, seu tio, indo vê-lo um dia, encontrou-o suado, ocupado em limpar os sapatos dos monges, e tão profundamente mergulhado na prece, que nem lhe notou a presença. À comparação que fêz instinctivamente dêsse espetáculo com o estado que o sobrinho apresentava no século, tomou-se da mais viva emoção. Deixou Bonevaux penetrado de admiração e tornou público na côrte o prodígio de humildade que se lhe oferecera aos olhos. Amadeu fundou quatro mosteiros de sua ordem, entre os quais se conta o de Tamies, na diocese de Tarentaise. Fêz nomear primeiro abade Pedro, seu amigo íntimo, que não havia ainda completado trinta anos. Enquanto construía êsses mosteiros, misturava-se com os obreiros, e com êles trabalhava. Morreu em Bonevaux, em odor de santidade, no ano de 1140. O filho, chamado também Amadeu, a quem havia feito educar em piedade, e com tantos cuidados, passou alguns anos na côrte do imperador. Tomou, em seguida, o hábito em Clairvaux, sob São Bernardo, e morreu bispo de Lausanne.

Os religiosos de Tamiès viviam como anjos terrestres constantemente unidos a Deus pelo fervor de suas orações. Pedro, com o auxílio de Amadeu III, conde da Sabóia e de Maurienne, que o chamava

freqüentemente para aconselhá-lo, fundou no mosteiro um hospital para os estrangeiros e os pobres doentes, e tinha prazer em servi-los pessoalmente.

Vaga a sede de Tarentaise, o santo abade de Tamiès foi eleito, em 1142, arcebispo. Outro Pedro, da ordem dos cistercienses e abade de Ferté, já havia ocupado essa sede, de 1124 a 1132, e morrera em odor de santidade. Depois, a igreja fôra invadida e ocupada durante seis anos por um tal Idrael, o qual destruiu todo o bem que o predecessor havia feito, tanto espiritual como temporalmente. O indigno arcebispo, deposto pela autoridade do papa, foi substituído pelo abade de Tamiès, eleito unânime-mente. Como não quisesse aceder à eleição, o clero de Tarentaise convocou o capítulo geral dos Cistercienses. O abade Pedro, encontrando-se lá como os outros, não mais pôde resistir à autoridade de tôda a ordem, e principalmente de São Bernardo, pelo qual nutrira sempre um respeito singular. Pôs-se, pois, à disposição do clero que o solicitava, e foi ordenado arcebispo de Tarentaise. Governou essa igreja durante trinta e três anos.

Pedro não alterou a maneira de viver no episcopado. As vestes eram pobres, e, se lhe davam melhores, cedia-as em esmola. A alimentação consistia em pão prêto e legumes, da mesma marmita que se servia aos pobres. Recitava em orações secretas o longo ofício do mosteiro, do qual se afligia estar privado, e supria o trabalho manual mediante a fadiga das viagens e das funções episcopais, dando algumas vêzes confirmação, desde a manhã até a tarde. Pregava assiduamente; mas deixava aos outros os sermões estudados para ouvintes mais delicados, e empenhava-se em instruir os simples, em

consolar, exortar, repreender e intimidar os peccadores. Encontrou em sua igreja um clero composto de nobres, mas pouco regrados, e que faziam o serviço negligentemente. Tão bem se houve, que, sem grande escândalo, colocou no lugar cônegos regulares, a quem instruía e governava como filhos, assistindo com êles ao côro, ao claustro, ao capítulo. Deulhes rendimento suficiente, e não lhes permitiu aumentar os estipêndios com os dízimos e outros bens usurpados arrancados dos senhores, seja pelo temor das censuras eclesiásticas, seja a preço de dinheiro. Muniu as igrejas de móveis e ornamentos necessários, e agiu de maneira que, não obstante a pobreza do país, quase nenhuma capela de sua diocese ficasse privada de um cálice de prata. Reconstruiu as casas e as celas do clero, mas de molde que, sem despertar admiração, fôsem cômodas e agradáveis.

O maior cuidado do santo prelado dirigia-se aos pobres e doentes. Sua casa era um hospital, principalmente nos três últimos meses antes da colheita, quando os víveres faltavam, sobretudo nas montanhas. Nas visitas, prevenia as necessidades, sem esperar que lhe solicitassem. Duas vêzes, passando os Alpes, arrancou a túnica para cobrir pobres mulheres que morriam de frio, expondo-se a morrer êle próprio, não ficando senão com o cilício e o capuz. Numa só viagem despendeu duas mil moedas de prata. Milagres sem conta lhe acompanhavam a caridade. Acorriam de tôdas as partes para pedir-lhe remédios do corpo e da alma, para obter o favor de tocá-lo, de receber-lhe a bênção.

Um dia — negócios o retinham havia mais de um mês no mosteiro de Santo Eugendo, antigamente

São Cláudio, Jura — curou tantos doentes, que acorreu uma multidão incrível, a qual parecia haver jurado a sua perda, tanto se açodavam em vê-lo e ouvi-lo. Para impedir fôsse sufocado pela mole humana, não encontraram senão êste meio: subiu a uma tôrre da igreja, para onde iam dar duas escadas; em cima, assentou-se sôbre uma cadeira, rodeada de uma forte balaustrada; os peregrinos, os enfermos subiam por uma das escadas, recebiam a bênção, a imposição de mãos e os conselhos, e desciam pela outra escada, sem se estorvarem mütuamente. Lá, restituiu a vista a tantos cegos, o ouvido a tantos surdos, a palavra a tantos mudos, a saúde a tantos enfermos ou doentes de tôda sorte, que seria difícil enumerá-los ou escrevê-los. São estas as palavras de seu biógrafo, que relata os fatos por havê-los presenciado, ou ouvido de testemunhas oculares.

Estava ainda no mosteiro de São Cláudio, quando ali chegaram de Lausanne três homens, para agradecer-lhe o haver-lhes rompido as algemas. Estavam os três a ferros num calabouço, quando todos começaram a falar na cidade dos milagres do santo arcebispo de Tarentaise. Os prisioneiros, caindo em si e convertendo-se, puseram-se a invocar-lhe o nome. Um dia, em pleno meio-dia, os guardas jogavam dados diante da porta da masmorra: os prisioneiros deploram sua miséria, e invocam o santo pontífice. Súbitamente êle aparece, rompe as cadeias, estende-lhes as mãos, abre a porta e ordena-lhes que o sigam. Êles o seguem, passam sôbre as tábuas em que jogavam os guardas, sem serem percebidos, e não viram desaparecer o libertador senão quando estavam em lugar seguro. Imediatamente fazem o voto de não comer nem beber

até o encontrarem pessoalmente, para relatar as grandes maravilhas de Deus. Era o que levava os três homens a São Cláudio.

Sendo êsse lugar muito estéril, e a vinda de víveres precária, o santo homem, tomado de pena pela grande multidão, fazia vir provisões da sua casa e de sua diocese. Ora, aconteceu que um sábado o mau tempo impediu a chegada de víveres. Todavia, havia lá milhares de peregrinos e de pobres; os víveres se reduziam a um presunto e uma pequena quantidade de ervilhas. Havia com que encher uma boa panela; mas que era isso para tanta gente? O santo ordenou fizessem o que estivesse ao alcance e distribuíssem o que havia, uma vez que não havia meio de arranjar mais. De manhã, tendo já mandado cozer tudo, fizeram entrar no pátio o número de pobres, a quem, pensava-se, aquilo poderia ser suficiente. Satisfeitos êstes, como ainda houvesse do que comer, fizeram entrar outros, e assim sucessivamente até o fim do dia, quando a alimentação faltou, bem como os pobres.

Aflito e estupefato da veneração que lhe granjeava a multidão de seus milagres, o santo pontífice retirou-se da cidade episcopal, secretamente e de noite, com um só companheiro, por ínvios caminhos e lugares inacessíveis; e, após haver mudado várias vezes de guias para melhor despistar os seguidores, chegou sozinho ao mosteiro dos cistercienses na Alemanha, onde era desconhecido; não entendia a língua e não lograva fazer-se entender. Foi recebido como simples monge, e gozou durante algum tempo do repouso que desejava. Os domésticos e o povo, não sabendo o que acontecera, estavam em extrema aflição; procuravam-no por tôda parte, sem desco-

brir qualquer vestígio. Enfim, entre os que o procuravam em todos os lugares, um jovem que êle havia educado desde a infância, chega ao mosteiro, onde se achava oculto. No momento em que os irmãos vão ao trabalho, examina um após outro, reconhece-o, agarra-o imediatamente, e dá um grande grito. Todos os religiosos se admiraram. Mas quando lhe ouviram o nome, a comunidade inteira se lhe atira aos pés e lhe pede perdão por não lhe ter prestado as honras devidas. Todos derramavam lágrimas e lhe louvavam a obediência e humildade; mas êle chorava mais do que os outros, por lhe ter sido arrebatado o gôzo das doçuras do recolhimento. A notícia dessa maravilha se alastrou em todo país; por tôda parte, torna-se público que haviam descoberto o profeta, poderoso na obra e na palavra. O afluxo de povo foi mais considerável e mais afoito do que nunca. Impossível é, sobretudo, descrever os transportes de alegria com que o reviram na diocese. À sua volta, extinguiu inimizades inveteradas e implacáveis; reconciliou senhores e terminou guerras que levavam o país à ruína. Obrou ainda milagres sem conta.

O cisma do imperador Frederico Barbarroxa havia estourado, e como se encontrasse nas terras do império, foi quase o único bispo que resistiu abertamente aos cismáticos e permaneceu calmamente em sua igreja. Conduziu mesmo grande número à unidade católica, dirigindo-se às províncias vizinhas e pregando com grande desassombro. O imperador respeitava-o, conquanto perseguisse cruelmente os outros católicos. E como os cismáticos por isso o censurassem, dizendo-lhe que era provocar a ruína de sua própria causa honrar um homem que a com-

batia, que os considerava heréticos e os feria com o anátema, êle lhes respondeu: "Se eu resistir aos homens que o merecem, quereis também que me oponha a Deus?" Herberto, arcebispo de Besançon, era, nesses tempos, o mais ardente dos cismáticos. Vindo o imperador a essa cidade, o arcebispo ali o foi encontrar, exortando-o a que desistisse de perseguir os católicos, particularmente os religiosos. E como o povo da cidade e dos arredores vinha em massa honrar o santo prelado, êle pediu-lhes que orassem juntos, para que Deus convertesse o arcebispo Herberto, ou que dêle livrasse a Igreja. O povo orou, e Herberto morreu quatro ou cinco dias após.

Informado o papa Alexandre do zêlo com que o santo arcebispo de Tarentaise se havia declarado contra os cismáticos, mandou chamá-lo. Pedro, dirigindo-se até o papa, consolava os católicos na Toscana e o resto da Itália, como já havia feito na Borgonha e na Lorena, confundindo por tôda parte os cismáticos e pregando públicamente contra êles nas próprias cidades onde os bispos eram cismáticos; porque era ouvido pelo povo com uma devoção maravilhosa, e corroborava os discursos com milagres. O papa rendeu-lhe maiores honras do que a qualquer outro, e não houve depois bispo tão admirado, tão respeitado, tão querido da Igreja Romana: que ninguém, nessa côrte, esperasse liberalidades dêle; elas não se destinavam senão aos pobres. Certo senhor, o atacou no seu regresso, querendo apoderar-se dos cinco cavalos que tinha, e de sua pequena equipagem; quando lhe corria ao encalço, o cavalo tombou e partiu a perna. O incidente fêz cair o cavaleiro

em si; seguiu o santo prelado, atirou-se-lhe aos pés e pediu-lhe perdão, atribuindo à sua bondade o não ter perecido pessoalmente, em lugar de seu cavalo. (1)

Todavia, Pedro continuava a praticar as mais elevadas virtudes e a operar grandes milagres. Quanto mais procurava fugir ao mundo, mais o mundo o amava e venerava. Essa afeição universal o enchia de temor; lembrava-se desta palavra do Salvador: "Se fordes do mundo, o mundo vos amará como se a êle pertencêsseis." Deliberava então, com os homens mais perfeitos, se não devia vender os poucos cavalos que possuía, para ter com que melhor assistir os pobres. Henrique, abade de Haute-Combe, depois de Clairvaux e enfim cardeal-arcebispo da Albânia, consultado a tal respeito, respondeu ao santo arcebispo que êle poderia bem fazer suas visitas pela extensão da província, mas que lhe seria impossível empreender viagens mais longas, das quais não se poderia furtar. A deliberação prosseguia ainda, quando chegou um correio do papa Alexandre, com ordens expressas ao santo arcebispo de ir imediatamente para a França trabalhar para a reconciliação dos dois reis e da Inglaterra, cuja desunião tantos males causava, a morte de homens, a desolação do país, a ruína das igrejas. Pedro, do qual uma das virtudes era obedecer sempre, e em tudo, à autoridade apostólica, partiu imediatamente para a França, acompanhado do abade dos cistercienses.

Chegado em Prully, na diocese de Sens, foi retido por uma enfermidade durante um mês, restituindo, todavia, a saúde a diversos enfermos. Como

(1) Vita S. Petri Tarent. Acta SS., 8 maii.

a gente acorresse de tôdas as partes, o santo advertiu os religiosos do mosteiro que não se inquietassem com a distribuição de víveres, visto que o Senhor abençoaria os celeiros. E de fato, os religiosos testemunharam depois que, conquanto se fizesse menos pão do que anteriormente, era suficiente para tôda a multidão. Um cavaleiro, vendo tôda a gente acorrer ao santo pontífice, ali foi pessoalmente com o filho cego. Antes de chegar a Prully, já o filho via. Haviam encontrado um homem que trazia um pão abençoado pelo santo homem. O cavaleiro, animado pela fé, pediu um pouco de miolo, dêle fêz um colírio que colocou sôbre os olhos do filho, o qual imediatamente recuperou a vista. Foram então os dois a Prully, não para pedir ao santo a cura, mas para agradecer-lhe.

Em Corbeil, São Pedro de Tarentaise foi alojado no palácio do rei, segundo as ordens do príncipe. O comandante do palácio tinha uma filha de cinco anos, entrevada de nascença. O santo a curou com orações e imposição das mãos. Em Chaumont, em Vexin, encontrou o rei Luís e o jovem rei da Inglaterra, Henrique, seu genro. Êste último acorreu ao santo prelado, e, em o vendo, desceu do cavalo, correu a abraçar-lhe os pés, e não obstante a resistência, tirou-lhe a capa ou manto, do qual muitos já haviam cortado pedaços. E como os monges que acompanhavam o arcebispo perguntassem ao jovem príncipe o que pretendia fazer com o velho hábito em seu tesouro: "Diferentemente falaríeis, replicou, se soubésseis quantos doentes foram curados com o seu cinto, que recebi em anos passados."

O santo prelado muitos milagres operou desde a chegada, entre outros o seguinte: Um dia em que tratava familiarmente da paz com os dois reis e o conde de Flandres, viu uma pobre mulher que fazia esforços para chegar até êle e que os officiaes do rei repeliam. Fê-la aproximar-se, com o filho de doze anos, cego desde os sete. Pegando os cabelos do menino e acariciando-os com bondade, perguntou-lhe o que queria. "Senhor, disse-lhe, que eu veja!" O santo collocou-lhe na mão uma moeda, e, molhando os dedos de saliva, fêz-lhe o sinal da cruz sôbre os olhos e sôbre a cabeça; depois, orou algum tempo. Os dois reis e os outros o olhavam, e se perguntavam se o fazia sèriamente. O menino começou a ver e a olhar para a moeda que segurava, bem como para os homens. De súbito, gritou: "Eu vejo, minha mãe, eu vejo! Vejo os homens e tudo o que está aqui." A pobre mãe voltou-se para o bispo, como se fôsse um altar, pôs-se de joelhos, estendeu as mãos e levantou os olhos para o céu, orando ardentemente. O rei de França deteve-se em examinar o milagre, e havendo reconhecido a verdade, pôs-se de joelhos diante do menino, no qual adorava o poder de Deus, beijou-lhe a cabeça e os olhos, e pôs-lhe nas mãos a oferenda.

Na quarta-feira de Cinzas, que, nesse ano de 1174, caiu em 6 de fevereiro, os dois reis dirigiram-se ao mosteiro de Mortemer, da ordem dos cistercienses, na floresta de Lions, na Normandia. O santo arcebispo ali officiou e deu as cinzas aos dois reis. Curou um cavaleiro que desde muito tempo havia perdido um dos olhos por ferimento. Outros milagres ainda operou em Gisors, na abadia de Lierre e em Haute-

Bruyère. Mas foi sòmente êsse o fruto de sua viagem e não teve êxito na negociação de que o papa o havia incumbido. Ao regressar, caiu doente, e foi obrigado a abrigar-se no mosteiro de Bellevaux, na diocese de Besançon. Ali morreu no dia da Exaltação da Santa Cruz, em 14 de setembro do mesmo ano de 1174, e foi enterrado no terceiro dia, por Evrad, arcebispo de Besançon, acompanhado de muitos abades. Havia vivido setenta e três anos; ocupou durante trinta e três anos a sede de Tarantaise. A Igreja honra-lhe a memória no dia 8 de maio. Sua biografia foi elaborada, de acôrdo com ordens do papa, pelo abade Gofredo de Haute-Combe, testemunha ocular (1).

* * *

(1) Acta SS., 8 maii.

SÃO VÍTOR, O MOURO (*)

Mártir

Vítor, natural da Mauritânia, na África, daí o cognome de Mouro, era soldado em Milão, quando do imperador Maximiano.

Cristão desde a infância, foi obrigado, nos tribunais, onde fôra chamado, a prestar contas sôbre a fé. Declarando-se servo de Cristo, obrigaram-no a apostatar, mas o santo, firmemente, sustentou a palavra, sendo torturado com bastonadas e com o suplício do chumbo derretido, que se lhe espalhou por todo o corpo.

Tudo em vão, foi decapitado (ano 303), e piedosamente sepultado pelos cristãos, perto dum bosquezinho onde, mais tarde, erigiu-se uma igreja.

O culto espalhou-se por tôda a região milanesa. Santo Ambrósio, nos seus escritos, fala de São Vítor como um dos principais padroeiros da sua diocese, colocando-o ao lado de São Nabor e São Félix.

Segundo Gregório de Tours, muitos milagres foram obrados à beira do túmulo do santo mártir.

* * *

SÃO BONIFÁCIO IV (*)

Papa e Confessor

Bonifácio IV nasceu em Valério, nos Abruzzos, filho de João, médico, tendo professado a vida monástica em São Sebastião de Roma.

Eleito papa em 607, no dia 23 de agosto, foi sagrado a 15 de setembro do mesmo ano, sucedendo a Bonifácio III, depois dum intervalo de mais de dez meses.

A 27 de fevereiro de 610, reuniu em Roma um sínodo dos bispos da Itália, no qual se tratou da vida e do repouso dos monges. A presença do bispo de Londres, Melito, deu motivo a que se discorresse sobre o estado da Igreja da Inglaterra. Decretou-se, então, *que se podia elevar à dignidade sacerdotal os monges que tivessem as qualidades necessárias, e que nada impediria que fôsem empregados no ministério de ligar e desligar.*

Destarte, pôs-se um termo aos costumes celtas.

Melito, de volta para a Inglaterra, levou os decretos do sínodo, uma concessão de privilégios para o mosteiro São Pedro e São Paulo de Douvres, concedidos em memória de Agostinho, o fundador, e

três cartas do papa — uma para Lourenço, arcebispo de Cantorbéry, outra para o rei Athelberto, e uma terceira para a nação inglêsa.

Bonifácio IV foi um pontífice zeloso e piedoso, todo inclinado para a manutenção da disciplina.

Falecido em 615, meses depois da queda de Jerusalém, sob o poder persa, o santo papa foi encerrado na antiga basílica de São Pedro, debaixo do altar do apóstolo São Tomé.

SÃO BENTO II (*)

Papa e Confessor

Romano, Bento estêve a serviço da Igreja desde a primeira juventude.

Piedosíssimo, muito aplicado ao estudo da santa Escritura e do canto eclesiástico, foi elevado ao sacerdócio, trabalhando sob os papas Agatão e Leão II.

Em 683, sucedeu a Leão II, sendo entronizado sòmente no ano seguinte, porque, segundo o costume da época, devia esperar-se a confirmação do imperador Constantino Pogonato.

Bento II trabalhou desmedidamente pela conversão dos heréticos. O pontificado, muito curto, dez meses apenas, foi notável pela imensidade de boas obras. Humilde, doce, paciente, todo dado à mortificação, entregue aos pobres, aos quais votava desmesurado amor, Bento II faleceu em 685, sendo enterrado em São Pedro do Vaticano.

* * *

SÃO WIRON (*)

Bispo e Confessor

Wiron, também chamado Guiron, que era natural da Escócia, onde nasceu em princípios do século VII, tomou por modelo de vida os santos Patrício, Cutberto e Colomba, que ilustraram as ilhas britânicas.

Graças à liberalidade de Pepino de Heristal, Wiron, depois de ter feito uma peregrinação a Roma, onde foi apresentado ao papa Sérgio I, pôde retirar-se, para uma vida calma, ao monte chamado de Santa Odila, longe uma légua de Ruremonde. Levando vida penitente, erigiu uma igreja, que colocou sob a invocação de Nossa Senhora. Aos discípulos que afluíam, para ficar vivendo sob sua direção, foi edificando pequeninas celas — e assim surgiu o mosteiro de São Pedro.

Sérgio I conferiu-lhe a consagração episcopal, quando em Roma São Wiron fizera a sua peregrinação. Assistindo os bispos, cujas dioceses eram demasiadamente extensas, o santo trabalhou com zelo impar na conversão das almas.

Pelo início de cada quaresma, recolhia-se ao mosteiro, despojava-se da autoridade e, entre os

penitentes, era o primeiro em austeridades, em tôdas as mortificações.

Falecido em 700, foi enterrado na igreja que fizera construir em honra do divino Salvador e de Maria Santíssima.

São Wiron é padroeiro de Ruremonde.

* * *

APARIÇÃO DE SÃO MIGUEL (*)

Arcanjo

A n o 492

Esta festa prende-se a uma visão do bispo de Siponto, ao qual o Arcanjo, Príncipe dos Exércitos Celestes, convidou a erigir uma igreja em sua honra, no Monte Gargano, aquêle que, mais tarde, recebeu o nome de Monte do Santo Anjo.

Um rico homem, chamado Gargano, possuía, naquele lugar, grandes manadas. Um dia, um dos seus touros, apartando-se do rebanho, enfiou-se para as montanhas e desapareceu. Procurado, inútilmente, por muitos dias, encontraram-no, afinal, numa caverna. Atiraram-lhe, então, uma flecha que, voltando contra o atirador, feriu-o.

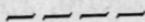
Maravilhados com o sucedido, que julgavam misterioso e significativo, resolveram procurar o bispo de Siponto, o qual, ouvindo a narração do acontecido, ordenou um jejum de três dias, seguido de orações, para que se descobrisse, por via divina, o motivo do prodígio.

São Miguel, então, apareceu ao bispo, declarando-lhe que a caverna em que se ocultara o touro

jazia sôbre sua proteção, e que Deus desejava que fôsse consagrada ao seu nome, em honra de todos os anjos.

O bispo, admirado, com todo o clero, procurou a caverna, encontrando-a já disposta em forma de igreja. Logo se principiou a celebração de ofícios e o erguimento do templo.

Conta-se que, quando o imperador Otão III, faltando com a palavra, ordenou que se matasse, por rebelião, o senador Crescêncio, Romualdo, o fundador dos camaldulos, impôs-lhe como penitência ir descalço até o santuário de São Miguel no Monte Gargano, o que se deu no ano de 1002.



No mesmo dia, em Constantinopla, Santo Acato ou Acácio, centurião e mártir. Durante a perseguição de Diocleciano e de Maximiano, foi denunciado como cristão pelo tribuno Firmo. Por ordem do juiz Bibiano, sofreu, em Perinto, terríveis torturas. Decapitado em Bizâncio por sentença do procônsul Flaccus, o corpo foi levado, miraculosamente, a Squillace, Calábria, onde é conservado com grande honra. Ano 303.

Em Viena, França, São Dionísio, bispo e confessor. Sucessor de São Justo. Século IV.

Em Auxerre, Santo Heládio, bispo, sucessor de São Valeriano. Século IV.

Em Limoges, Santo Aureliano, bispo, século I ou III.

Em Verona, São Metrono, confessor, época desconhecida. Talvez de origem grega, teve as reli-

quias exumadas em 1658, no dia 7 de maio. Em Verona festejam-no no dia 11 do mesmo mês.

Na diocese de Autun, o bem-aventurado João de Chalon, bispo e confessor, falecido no ano de 475. Terceiro bispo de Chalon-sur-Saone.

Na diocese de Reims, São Gibriano, confessor natural da Irlanda. Partiu para o continente com seis irmãos, a saber: Tresano, Helano, Germano, Verano, Abrano e Petrano, e mais três irmãs, quais sejam, Franche, Promptia e Prossena. Faleceu em 515.

Na diocese de Bourges, São Desidério, bispo e confessor, cu Desiderato. Nasceu nas proximidades de Soissons, e era irmão do mártir Deodato. Sucesor de Santo Arcádio, em 543. Em 549, assistiu ao quinto concílio de Auvergne, quando se deram a condenação dos erros de Nestório e de Eutíquio e os sábios regulamentos sôbre a disciplina eclesiástica. Faleceu em 550. O corpo foi conservado na igreja de Santo Ursino.

Em Nivelles, na Bélgica, Santa Iduberga ou Itta, viúva. Filha dum conde da Aquitânia, casou-se com Pepino de Landen. Teve duas filhas, Gertrudes e Begga, e um filho, Grimoldo, que sucedeu ao pai. Iduberga fundou, com o concurso do espôso, a importante abadia de Nivelles. Viúva em 647, fêz-se religiosa beneditina. Faleceu em 652, sendo enterrada na basílica da abadia, perto do altar de São Pedro.

Na Itália, o bem-aventurado Amado Ronconi, confessor, nascido em honrada família de Saludécio, nas proximidades de Rimini. Conta-se dêle que, acusado dum crime execrável, provou a inocência com um milagre. Fêz quatro peregrinações a São

Tiago de Compostela. Fundou um hospital na terra em que nasceu e ali faleceu em 1266. Pio VI, em 1776, aprovou-lhe o culto.

Em Metz, São Godon, bispo e confessor, sucessor de São Goeric. Foi devido a solicitação do santo bispo que Sigeberto, rei da Austrásia, fundou no Luxemburgo um mosteiro, que se tornou famoso. Faleceu em 653.

Na Inglaterra, Santo Indrato e Santa Dominica, sua irmã, de nobre família irlandesa, mártires. Viveiram na solidão e na oração. Mortos por ladrões em 710, em Skapwith. As relíquias foram transferidas para Glastonbury pelo rei Ina. A festa celebra-se em Salisbury no dia 8 de maio.

Em Einsiedeln, o bem-aventurado Frederico, abade e confessor. Foi religioso beneditino naquela cidade, depois abade de Hirschau, que estava incumbido de restaurar. Caluniado sem piedade por três monges, foi deposto em 1059, retirando-se para Ebersberg, onde faleceu no dia 7 de maio de 1070. A festa é no dia 8 em Einsiedeln.

Na Lorena, o bem-aventurado Seher, confessor. Fundador e primeiro abade de Chaumouzey. Falecido em 1127.

★ ★ ★

9.º DIA DE MAIO

SÃO GREGÓRIO NAZIANZENO

Nasceu, pelo ano 316, de mãe cristã e pai ainda pagão, na pequena cidade de Nazianzo, não longe de Cesaréia, capital da Capadócia. Sua mãe, Santa Nona, havia pedido a Deus um filho e lho havia consagrado antecipadamente; quando viu que fôra atendida, consagrou-o novamente. Foi chamado Gregório, como o pai. Ela teve um segundo filho, São Cesário, uma filha, Santa Gorgônia. A piedosa mãe educou pessoalmente os filhos e os ensinou a ler nos livros santos. Deu-lhes o exemplo de tôdas as virtudes. Sua caridade para com os pobres era ilimitada. Se lhe fôsse permitido, teria dado a si mesma. Seu respeito nas igrejas era tamanho que não sòmente ali guardava silêncio, como também tinha escrúpulo de cuspir sôbre o pavimento e virar as costas ao altar. Desde que se tornou mãe, pedia a Deus, com preces, jejuns e lágrimas, a conversão do espôso. Quando Deus lhe deu um filho, empenhou-se nisso com maior zêlo ainda. Gregório, o pai, não era pròpriamente idólatra, mas da seita dos hipsistários, assim chamados porque faziam profissão em adorar a Deus altíssimo, em grego Hysistos, ao que se misturavam muitas observâncias legais dos

judeus. Rendeu-se êle, finalmente, e recebeu o batismo, em 325, das mãos de São Leôncio, bispo de Cesaréia, que passava por Nazianzo para dirigir-se ao concílio de Nicéia. Como já antes do batismo praticasse muitas virtudes morais, fêz tamanhos progressos nas virtudes cristãs, que, quatro anos após, o elegeram bispo de Nazianzo. Tinha, então, perto de cinqüenta e cinco anos, como a espôsa; viveu ainda quarenta e cinco, isto é, quase um século ao todo. Tais são as datas que resultam necessariamente dos pormenores que Gregório, o filho, nos fornece sôbre a sua vida e a de seus pais (1).

Com a piedosa educação de sua mãe, o jovem Gregório recebeu graças particulares do alto. Nessa idade onde as noções de vício e virtude começam a desenvolver-se na alma, teve, à noite, um sonho. Viu ao seu lado duas virgens, vestidas de branco, duma modéstia e ao mesmo tempo de uma majestade sôbre-humanas, que se puseram a abraçá-lo com ternura como ao filho. Em transportes de alegria, perguntou-lhes quem eram e de onde vinham. Responderam que se chamavam respectivamente Castidade e Temperança, que assistiam ao trono do rei Jesus, e se deleitavam na beleza das virgens celestes. Concitaram-no a unir sua alma à delas, a fim de o poderem transportar um dia para os céus e colocá-lo nos esplendores da eterna Trindade. Após o que se elevaram aos céus. A visão encheu-o de ardente amor pela pureza virginal. Seu prazer não residia nas folganças da juventude, mas com as pessoas que haviam consagrado a Deus a pureza de seus corpos

(1) Acta SS., t. II. maii. Ibid., t. III. Godescard, 9 maio. Alberico, Vida de S. Greg. de Naz.

e de suas almas. Com um corpo puro, havia recebido uma inteligência insaciável. Gostava dos livros, amava os sábios; mas os livros e os sábios que falavam de Deus. Se amou, se cultivou as letras profanas, não era senão para melhor servir as letras sagradas. Êle mesmo, nos seus poemas, nos ensina essas particularidades de sua infância.

Quando aprendeu tudo o que lhe era possível aprender na terra natal, dirigiu-se a Cesaréia, na Palestina, e a seu irmão Cesário, em Alexandria. Em Cesaréia se encontrava a escola fundada por Orígenes, e a famosa biblioteca de seu discípulo, o mártir São Pânfilo, aumentada pelo sábio Eusébio. Da Palestina, foi encontrar-se com o irmão em Alexandria, e passou algum tempo com êle; depois, embarcou para Atenas, sempre ainda considerada a metrópole das ciências e das letras. A estação não era favorável. Levantou-se uma furiosa tempestade de vinte dias. Em determinado momento o navio se encontrou cheio de água, quando todos, marinheiros e pilôto, mesmo os que não reconheciam qualquer deus, invocaram em alta voz a Jesus Cristo, e o navio foi salvo. Mas faltava-lhe água doce; os vasos que a continham haviam sido precipitados ao mar por um abalo mais violento da tempestade. Um navio mercante da Fenícia mostrou a humanidade e a coragem de cedê-la. Todavia, a tempestade não amainava; a equipagem já perdia tôda a esperança. O que sobretudo afligia Gregório era não ter ainda recebido o batismo. Sua dor foi tamanha que os próprios marujos se compadeceram. Rogou a Deus com lágrimas, e consagrou-lhe novamente tôda a vida, se se dignasse salvá-lo do perigo. A prece foi atendida: a tempestade serenou. Houve mais: todos os que

com êle estavam no mesmo navio abraçaram com muita piedade a fé em Cristo, e chegaram felizmente a Atenas.

Gregório fala dessa cidade com entusiasmo. Viam-se ali ainda os mestres mais ilustres, entre os quais o orador Anatólio, que Constâncio nomeou prefeito do pretório, o célebre Diofante, inventor da álgebra, e Proerésio, professor de eloquência. O imperador Constante o havia chamado das Gálias. Passando novamente por Roma, tanto se fêz admirar, que o senado lhe erigiu uma estátua com esta inscrição: "Roma, a rainha do universo, ao rei da eloquência".

O que levou ao auge a felicidade de Gregório foi a chegada de seu amigo Basílio. Conheciam-se já anteriormente; mas então a amizade se tornou íntima. Permaneceram juntos, comiam à mesma mesa, e não freqüentavam senão os companheiros mais castos e serenos. Duas ruas sòmente lhes eram conhecidas na cidade; a que conduzia à igreja e aos doutôres que ali ensinavam a fé; a outra, que conduzia às escolas públicas e aos mestres que ensinavam as coisas divinas. Deixavam aos outros as ruas pelas quais se ia ao teatro, aos espetáculos e aos divertimentos profanos. A santificação constituía sua grande preocupação; seu único objetivo era serem chamados e serem efetivamente cristãos. Era nisso que faziam consistir tôda a glória.

Primeiros na piedade, não o foram menos nas ciências e nas letras. À retórica, à poesia, à filosofia, à dialética, Basílio ajuntou o estudo da geometria e da astronomia, necessário para não ser inferior aos mais hábeis. Por causa das moléstias que lhe oca-

sionou a vida austera e mortificada, estudou também medicina, ao menos no que ela tem de mais filosófico. Enfim, quem ler seus escritos sôbre a criação, reconhecerá sem dificuldade que alimentava, com respeito à história natural, idéias mais justas e possuía conhecimentos mais amplos do que Aristóteles. Tantas ciências e virtudes despertaram admiração a tal ponto, que por tôda parte onde se falava de Atenas e de seus mestres hábeis, falava-se da maravilhosa dupla de amigos, Basílio e Gregório, Gregório e Basílio. (1)

A tantos conhecimentos preciosos, acrescentaram outro muito necessário, o conhecimento dos homens. Quando Juliano veio para a mesma cidade e estudou com êles, não sômente as letras profanas, mas ainda as santas Escrituras, com que houve por bem ocupar-se e contrafazer, descobriram êles o desregramento de seu espírito, pela sua fisionomia e todo o seu exterior. Era de estatura mediana, pescoço taurino, largas espáduas, que erguia e encolhia frequentemente, bem como a cabeça. Os pés não eram firmes e o andar inseguro. Os olhos eram vivos, mas esbugalhados e inquietos; o olhar furioso, o nariz desdenhoso e insolente, a bôca grande, o lábio inferior pendente, a barba hirsuta e pontiaguda. Fazia trejeitos ridículos e sinais com a cabeça, sem motivo, ria sem compostura e com grandes gargalhadas, arrastava-se no falar e respirava irregularmente, fazia perguntas impertinentes e dava respostas embaraçadas, que nada tinham de firme nem de metódico. Gregório dizia, ao vê-lo: "Que peste alimenta o

(1) Ver acta SS; 14 juní.

império romano! Deus queira que eu seja um falso profeta (1)!"

Afinal, chegou um momento penoso. Após trinta anos de estudos, Basílio e Gregório iam deixar Atenas e separar-se. Tôda a cidade estava emocionada. Professôres e alunos rodeavam os dois amigos, conjurando-os a que ficassem. Basílio desenvolveu tão eloqüentemente os motivos que os levavam de volta à sua pátria, que, a contragosto o deixaram partir; mas forçaram-no a aceitar uma cadeira de eloqüência. Não foi por muito tempo, porque pouco depois se ocultou sem ruído para ir encontrar-se com o amigo na Capadócia. Chegou a pé a Constantinopla, ao mesmo tempo em que seu irmão ali desembarcava, vindo de Alexandria. Cesário tinha já tal reputação, que os magistrados de Constantinopla, para o reter na cidade, lhe ofereceram um tratamento vantajoso, uma aliança ilustre e a dignidade de senador. A seu pedido, o imperador Constâncio deu-lhe a carta de cidadão e o nomeou seu primeiro médico. Entretanto, Gregório soube persuadir o irmão a voltar com êle para sua terra natal, e consagrar-lhe as primícias de sua arte. Tais eram os estudos e os costumes dos que chamamos os Padres da Igreja.

Os dois amigos Gregório e Basílio visitavam-se, seja por cartas, seja em pessoa, no seu recolhimento do Ponto e da Capadócia. Destas cartas, algumas eram sérias, outras jocosas; porque seu grande gênio e sua austera santidade não os impediam de ter esp'rito alegre e agradável. Assim, havendo Basílio feito uma pomposa descrição das belezas de seu

(1) Greg. Naz. Orat. XXXII.

retiro, comparada com a cela de seu amigo, Gregório lhe responde: Vejo bem porque de mim escarneces. É para atrair-me para junto de ti, como aquêles que obstruem os rios para mudar-lhes o curso. Pois bem, admirarei o teu país do Ponto, suas névoas, e sua morada que vale um exílio, e os rochedos que te pendem sôbre a cabeça, e os animais ferozes que põem a prova tua tranqüilidade, e a solidão que está aos pés, ou a caverna de ratos a que concedes os belos nomes de ginásio, mosteiro e escola; e os tufos de silvas selvagens, e esta coroa de montes escarpados pela qual estás, não coroado, mas encerrado; e êste ar que respiras com moderação e êste sol pelo qual não podes senão suspirar, que não te ilumina senão por uma chaminé. Dizem que existem mortais condenados a uma noite de seis meses; tu, momento algum há em que não estejas mergulhado na sombra; tua vida inteira é uma longa noite, verdadeira sombra da morte, para falar com a Sagrada Escritura. Louvarei igualmente esta vereda estreita e rude que conduz, não digo se ao céu ou ao inferno; faço votos que seja ao céu; depois, o que no meio está, mentindo, diria: êste Eden —, êste regato que em quatro rios as suas águas divide e irriga tôda a terra, ou bem, êste deserto sáfaro e sem água, que sómente outro Moisés lograria abrandar, fazendo brotar água do rochedo? Porque, onde não existem rochas, pântanos se estendem e fluem correntes; onde não há tremedais, crescem cardos e espinhos, por baixo das moitas de espinhos, abrem-se precipícios, acima dos precipícios um caminho escarpado serpenteia, onde o viajor, sob pena de escorregar, é forçado a constante atenção, para não dar um passo em falso. Embaixo, ruge um rio que cascalhos rola em lugar

de peixes, que se arroja em abismos, em lugar de espriaiar-se em lago; porque é grande e aterrador, e encobre com seu rugido o canto dos salmos que se entoam nas alturas: as cataratas perto não estão, mas êle te atordoia noite e dia. Tão rude é, que atravessá-lo é impossível; tão turvo que de suas águas beber não se pode; de humano não têm senão o não arrebatam a tua habitação, quando as torrentes e as borrasças lhe despertam a fúria. Eis o que penso de tuas ilhas afortunadas e de seus felizes habitantes. Cantarei agora com Homero as riquezas internas do palácio? Esta choupana sem teto nem porta, êste átrio sem fogo nem fumaça, êstes miseráveis e magros festins para os quais fomos convidados, do fundo da Capadócia, como pobres náufragos ao banquete de Alcino. Porque me lembro sempre dêste pão, desta sôpa, como os chamavam, onde o dente escorregava entre os pedaços para dêles se afastar como de um cimento. Na verdade, se a grande nutriz dos pobres, quero dizer tua mãe, não nos houvesse tirado bem depressa destas calamidades, já de há muito seríamos do número dos mortos. Como passar em silêncio êstes pretensos jardins sem legumes, êstes pedaços de adubos com que os cobrimos, retirando-os da casa, como outrora Hércules das cavalariças de Augias; e esta enorme carroça que eu, o vinhateiro, e tu, o escarnecedor, arrastávamos com a cabeça e as mãos, que nos deixou marcas, não para ligar os dois rios do Helesponto, como antigamente Xerxes, mas para encher um precipício? Se a recordação destas coisas não te penaliza, nunca mais o fará; se o fizer, quanto não no-lo terão feito as coisas mesmas." (1)

(1) Greg. Naz. epist. VI, VII, VIII.

Depois de se mostrar assim jocoso em duas ou três cartas, Gregório disse em outra: "O que te escrevi anteriormente sôbre a estadia no Ponto era para galhofar; o que vos escrevo nesta hora, é sério e muito sério. Quem me restituirá os dias de antanho, ou minhas delícias de sofrer contigo, quando uma aflição voluntária arrasta para um prazer que se experimenta mesmo contra a vontade. Quem me restituirá os cantos dos salmos e as noites passadas nas vigílias, e as peregrinações para Deus pelas orações, e a vida quase imaterial e incorporeal e a concórdia, e a unanimidade dos irmãos educados acima da natureza como que deificados por ti! Quem me fará rever a emulação pela virtude, que asseguramos por leis e regras escritas! Quem me restituirá os estudos dos divinos oráculos e a luz que ali se vislumbra sob a operação do Espírito Santo! Ou, para falar de coisas menos sublimes e menos importantes, quem me restituirá os trabalhos sucessivos do dia, de carregar lenha, de talhar pedras, plantar árvores e irrigá-las! Quem me fará rever o plátano mais precioso do que o plátano de Xerxes, sob o qual costumava assentar-se, não como um rei mergulhado em delícias, mas um monge extenuado de fadiga; êste plátano maravilhoso que eu plantei, que Apolo, vale dizer tua excelência, irrigou, mas a que Deus deu o crescimento para nossa glória, a fim de que permanecesse contigo um monumento de nosso amor ao trabalho, como se acredita encontrar-se na arca a vara de Aarão, que floriu. Eis o que me é fácil desejar, mas não obter. Ajuda-me a inspirar-me e a implantar em mim a virtude: o fruto que colhemos outrora, conserva-o com tuas preces, para que não se esvaeça pouco a pouco, como sombra no declinar

do dia. Para mim, respiro-te mais do que respiro o ar, e não vivo quando não estou contigo, seja em realidade, seja em imaginação (1)".

Cesário, irmão de Gregório, permanecera na cõrte como primeiro médico. Os cristãos de Nazianzo murmuravam ao ver o filho do bispo numa cõrte cheia de ídolos e na comitiva de um imperador apóstata. O pai se entristecia tanto, que a vida lhe parecia insuportável. Quanto à mãe, tudo lhe era ocultado com cuidado, para não penalizá-la. Gregório escreveu ao irmão uma carta comovente, conjurando-o a voltar à antiga situação, pois não tardaria que se visse na contingência de optar entre o cargo de primeiro médico e o cristianismo. Com efeito, Juliano tudo fêz para conquistá-lo; teve com êle, em presença de testemunhas, uma disputa em forma, em que empregou todos os artificios de sua eloquência; mas Cesário desfazia-lhe os sofismas mais capciosos como brinquedos de criança, e afirmou perante todos que era cristão e que o seria sempre. Vendo-o assim decidido a partir, Juliano, que conhecia sua família e particularmente o irmão Gregório, gritou com admiração e despeito: "Feliz pai! Infelizes filhos!" (2).

Os dois amigos Basílio e Gregório não permaneciam sempre juntos nem no retiro. Quando um bem maior ou um dever mais premente os chamava, deixavam-se, e abandonavam a solidão. Nos primeiros dias do ano de 362, Basílio viu chegar o amigo Gregório, vergado de tristeza. Seu pai havia-o ordenado sacerdote contra a sua vontade no dia de Natal de 361, e o povo de Nazianzo conspirara para tanto

(1) Greg. Naz. epist. lX.

(2) Epist. XVII, Orat. X.

com o pai. Fugiu para junto do amigo, no retiro, para ali encontrar consôlo à dor. Algum tempo depois, havia-se-lhe amainado a dor, e seu pai, que tinha mais de noventa anos, não cessando de conjurá-lo para que não o abandonasse na velhice, e o povo juntando as súplicas às do pai, fizeram-no regressar a Nazianzo; pregou no dia de Páscoa um sermão, seguido de dois ou três outros, nos quais explica eloqüentemente os motivos de sua fuga, o temor que tinha do sacerdócio e grande dificuldade que julgava encontrar desempenhar devidamente as funções. Antes do fim do ano, Basílio foi ordenado sacerdote da mesma maneira por Eusébio de Cesaréia, na Capadócia, sucessor de Dianeu. Participou a tristeza a Gregório, que lhe respondeu nestes têrmos: "Aprovo o início de tua carta: e poderia eu não aprovar o que vem de ti? Então, prenderam-te como a mim, e caímos ambos na mesma armadilha? Enfim nos forçaram a tornar-nos sacerdotes, conquanto não fôsse êste absolutamente o nosso desejo. Porque se jamais houve testemunhas dignas de fé, nós somos um do outro, que sempre fomos afeiçoados à filosofia mais humilde e mais modesta. E talvez tenha sido mais vantajoso para nós que não nos fizessem o que fizeram: ao menos não ousaria dizer outra coisa até onde conheça as vistas do Espírito sôbre nós. Mas desde que uma coisa está feita, creio, de minha parte, que é necessário nos submetamos, principalmente por causa do tempo em que vivemos, onde línguas heréticas nos atacam de todos os lados, e nada fazer de indigno da esperança que depositaram em nós, nem da vida que levamos até agora."

Morto Juliano, o Apóstata, de morte funesta, nas planícies da Babilônia, Gregório pronunciou con-

tra êle dois discursos em Nazianzo. Ali traça o perfil do apóstata, cujos caprichos havia predito em Atenas; aponta a injustiça de sua perseguição, o absurdo de sua empresa de extinguir a religião cristã, a extravagância do paganismo, e concluiu com um conselho aos fiéis: não se prevalecerem da época para vingar-se dos pagãos, mas vencê-los pela doçura. "Aquêles, disse, que mais animosidade contra êle têm, reserve o julgamento a Deus. Não pensemos em confiscar-lhes os bens, nem em arrastá-los aos tribunais para serem banidos e açoitados com varas, nem, em uma palavra, fazê-los sofrer o que fizeram a nós. Tornemo-los, se possível fôr, mais humanos com o nosso exemplo. Se algum dos vossos sofreu, vosso filho, vosso pai, vosso parente, vosso amigo, deixai a Deus a recompensa total de seus sofrimentos. Contentemo-nos de ver o povo gritar públicamente contra nossos perseguidores nas praças e nos teatros, e deixá-los reconhecer, afinal, que os seus deuses os enganaram."

Em 370, Gregório perdeu Cesário, seu irmão, e Gorgônia, sua irmã que a Igreja enumera paralelamente entre os santos. Cesário havia sido gloriosamente chamado à côrte por Joviano, e Valente o havia nomeado questor e tesoureiro da Bitínia, onde morava. São Gregório, bem longe de regozijar-se, afligia-se ao vê-lo embaraçado com afazeres temporais, e exortava-o a demitir-se. Decidiu-se, com o tremor de terra que destruiu a cidade de Nicéia, em 11 de outubro de 368. Cesário foi quase um dos únicos homens que se salvou; mas perdeu parte dos bens, e ficou embaraçado sob as ruínas, de onde não se retirou senão por milagre com ferimentos leves. Resolveu dedicar-se inteiramente a Deus; mas mor-

reu pouco tempo depois, tendo antes recebido o batismo, e deixou os bens aos pobres, não tendo mulher nem filhos. São Gregório fêz-lhe a oração fúnebre, em presença do pai e da mãe. Santa Gorgônia, sua irmã, morreu algum tempo depois, e São Gregório fêz-lhe também a oração fúnebre, onde descrevendo as virtudes, a apresentou como modelo de perfeição cristã para as mulheres casadas. Entretanto, ela não fôra batizada senão no fim de sua vida; antes de morrer, contudo, tivera a consolação de ver o marido, os filhos e os netos receber a mesma graça.

São Basílio, arcebispo de Cesaréia, na Capadócia, fêz eleger o amigo Gregório para o novo bispado de Sasimas, na mesma província, mas Gregório jamais conseguiu tomar posse, e voltou a Nazianzo onde ajudou o velho pai, que morreu no ano de 373.

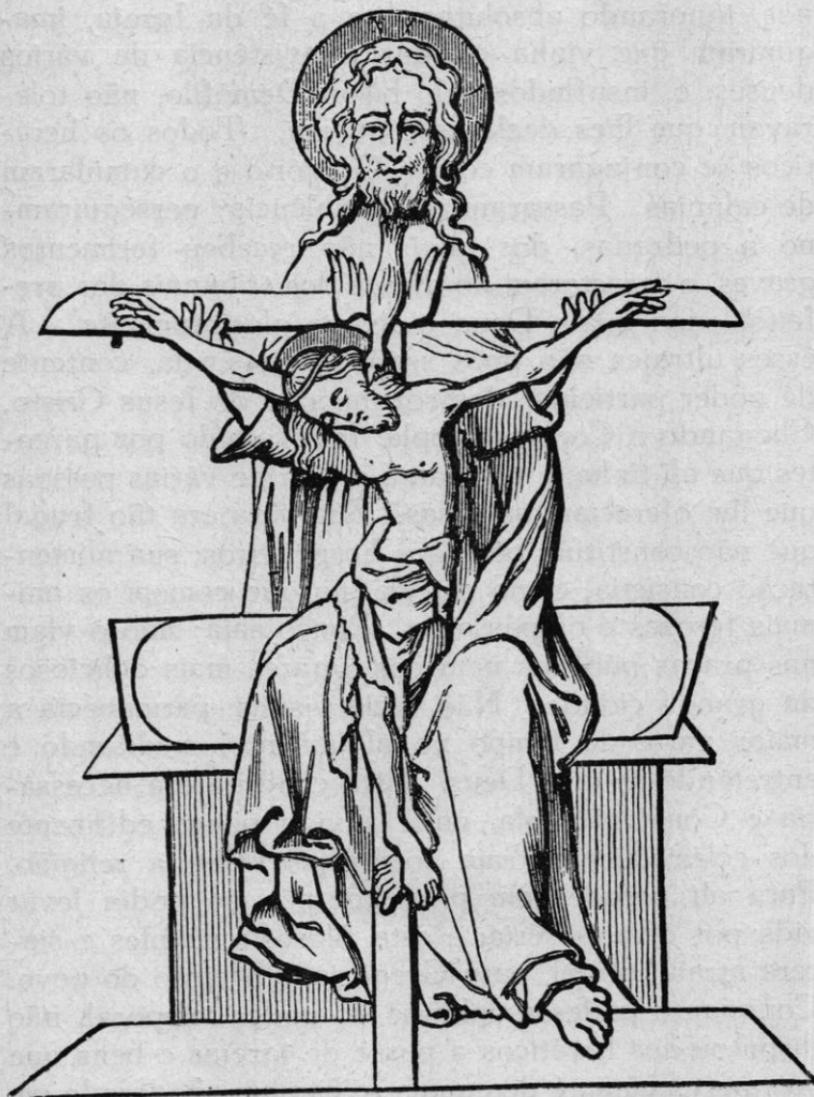
Os tempos eram difíceis. Após a morte de Juliano, o Apóstata, o imperador Joviano, bom católico, não governou muito; o imperador Valente, que o substituíu no Oriente, favoreceu os arianos e perseguiu os católicos até sua morte, em 378. De tôdas as igrejas do Oriente, a de Constantinopla se apresentava em estado mais lastimável. Desde quarenta anos gemia sob a tirania dos arianos, e o pequeno número de católicos que ali permanecia encontrava-se sem pastor e sem templo. A morte de Valente, a ascensão ao trono de Teodósio, deu-lhes oportunidade para respirar. Ninguém parecia mais indicado para reconstruir a igreja extinta do que Gregório de Nazianzo. Sua virtude, doutrina e eloquência haviam-lhe conquistado grande reputação. Era bispo, mas sem bispado; porque jamais governara a igreja de Sasimas, para a qual havia sido indicado; e quanto

à de Nazianzo, não a governara senão como estrangeiro, esperando que recebesse um bispo. Havia-a mesmo deixado seis anos antes, e vivia na solidão do mosteiro de Santa Tecla, na Selêucida. Os católicos de Constantinopla desejaram, então, que tomasse conta de sua igreja abandonada; os bispos acederam ao desejo, os melhores amigos com êle instaram; enfim, Pedro de Alexandria escreveu-lhe uma carta por intermédio da qual o estabeleceu bispo de Constantinopla, e lhe enviou as insígnias da dignidade.

Gregório sentiu dificuldade em deixar a solidão querida, onde vivia separado de tudo e gozava das doçuras da contemplação celeste. Sua relutância foi tamanha, que todos se queixavam. Censuravam-no por haver deixado Nazianzo; acusavam-no por descurar dos interesses da Igreja; faziam-no ver como ela estava ameaçada de novos ataques, e falava-se de um concílio que deveria realizar-se em Constantinopla para tratar da heresia de Apolinário. Ace-deu, afinal, malgrado a fraqueza do corpo extenuado pela velhice, pelas austeridades e pelas moléstias, e creu não poder empregar melhor a vida do que trabalhando para a Igreja. Foi, o mais tardar, em 379 que veio a Constantinopla.

Seu exterior não se mostrava adequado para merecer o respeito dos heréticos, nem das pessoas do século. O corpo estava vergado pela velhice, a cabeça calva, o rosto enrugado pelas lágrimas e austeridades. Era pobre, mal vestido, sem dinheiro; o falar tinha algo de rude e estranho. Saía de um país longínquo, e com dificuldade o reconheciam no lugar de nascimento. Todavia, ousou atacar a heresia triunfante depois de tanto tempo na capital do impé-

rio. Também, a princípio, foi mal recebido; os arianos, ignorando absolutamente a fé da Igreja, imaginaram que vinha ensinar a existência de vários deuses, e, insuflados pelo bispo Demófilo, não toleravam que lhes declarasse guerra. Todos os heréticos se conjugaram contra Gregório e o cumularam de calúnias. Passaram até à violência: perseguiram-no a pedradas, das quais não recebeu ferimentos graves, e arrastaram-no diante dos tribunais dos prefeitos, dos quais Deus o livrou gloriosamente. A esses ultrajes não opôs senão a paciência, contente de poder participar dos sofrimentos de Jesus Cristo. Chegando a Constantinopla, foi acolhido por parentes que ali tinha, e recusou a oferta de várias pessoas que lhe ofereciam as casas. Sua vida era tão frugal que não constituía pêso aos hospedeiros; sua alimentação consistia, como diz êle, no que comem os animais ferozes e os pássaros. Pouco saía: não o viam nas praças públicas nem nos lugares mais deliciosos da grande cidade. Não fazia visitas; permanecia a maior parte do tempo no alojamento, meditando e entretendo-se com Deus. Esta conduta era necessária em Constantinopla, onde a vida pouco edificante dos eclesiásticos atraía zombarias sôbre a religião. Para ali pregar com proveito, não se podia levar vida por demais séria; e esta filosofia simples e sincera atraiu, afinal, para Gregório, a afeição do povo. Conquanto pudesse valer-se do poder temporal, não disputou aos heréticos a posse de igrejas e bens que lhes pertenciam, e dos quais se haviam apoderado em detrimento dos católicos. Não se irritou com o desprezo com que recebiam os editos, e não solicitou contra êles a ação dos magistrados.



Símbolo da Trindade. Segundo uma miniatura do século XIV.

Começou a organizar assembléias nas casas dos parentes, que o hospedavam; porque os arianos haviam tirado aos católicos tôdas as igrejas, e não lhes davam a liberdade de reunir-se em lugar algum. Esta casa tornou-se depois uma igreja célebre, a que chamaram de Anastásia, vale dizer ressurreição, por haver São Gregório como que ressuscitado a fé católica. Granjeou em breve a admiração de todos por seu profundo conhecimento das sagradas Escrituras, raciocínio justo e pronto, imaginação fértil e brilhante, facilidade incrível de explicar-se, estilo exato e lacônico. Os católicos acorriam como pessoas mudadas, contentes de ouvir pregar a sã doutrina da Trindade, de que tinham sido privados havia muito tempo. Os que o haviam feito vir, favoreciam-no como se obra sua fôsse. Os heréticos de tôdas as seitas, e os próprios pagãos, queriam pelo menos gozar do prazer de sua eloquência. Para ouvi-lo melhor, forçavam-se as balaustradas que rodeavam o santuário onde pregava. Interrompiam-no freqüentemente, para aplaudir, batendo palmas ou soltando exclamações em seu louvor; muitos escreviam os discursos, à medida que êle os pronunciava. A matéria reduzia-se à defesa da fé e à refutação dos erros. Mas não se detinha nisto de modo a não se aplicar também na formação dos costumes dos fiéis, fazendo-os ver que o meio de conseguir a salvação não era falar das coisas da religião em todos os tempos e em todos os lugares, mas observar os mandamentos de Deus, dar esmolas, exercer a hospitalidade, assistir aos doentes, ocupar-se do canto dos salmos, rezar, gemer, chorar, mortificar os sentidos, reprimir a cólera, velar sôbre a língua e sujeitar o corpo ao espírito.

Os frutos de seus discursos foram consideráveis, e viram a sua assistência tornar-se maior e mais numerosa, de pequena que fôra anteriormente. Não havia quase dia em que não fizesse hereges voltar à verdadeira fé. Livrou os povos do veneno que os corrompia havia tantos anos, e isso com um êxito tão imediato, que acreditavam não terem começado a ser cristãos e perceber a luz da verdade a não ser desde então. São Jerônimo foi a Constantinopla ouvi-lo, e gloriou-se, depois, de ter aprendido as Sagradas Escrituras com um homem tão eloqüente, conquanto já tivesse êle próprio a reputação de entendê-las. Relata que havendo-lhe um dia pedido a explicação de uma palavra do Evangelho, bastante obscura, São Gregório lhe respondera prazerosamente: "Dir-to-ei na igreja, onde todos me aplaudem. Será mister que saibas lá o que não sabes; porque, se fores o único a nada dizer, todos te tomarão por um estúpido." Vê-se, por isso, que sabia o valor das aclamações do vulgo, que, como diz São Jerônimo, admira mais o que menos entende.

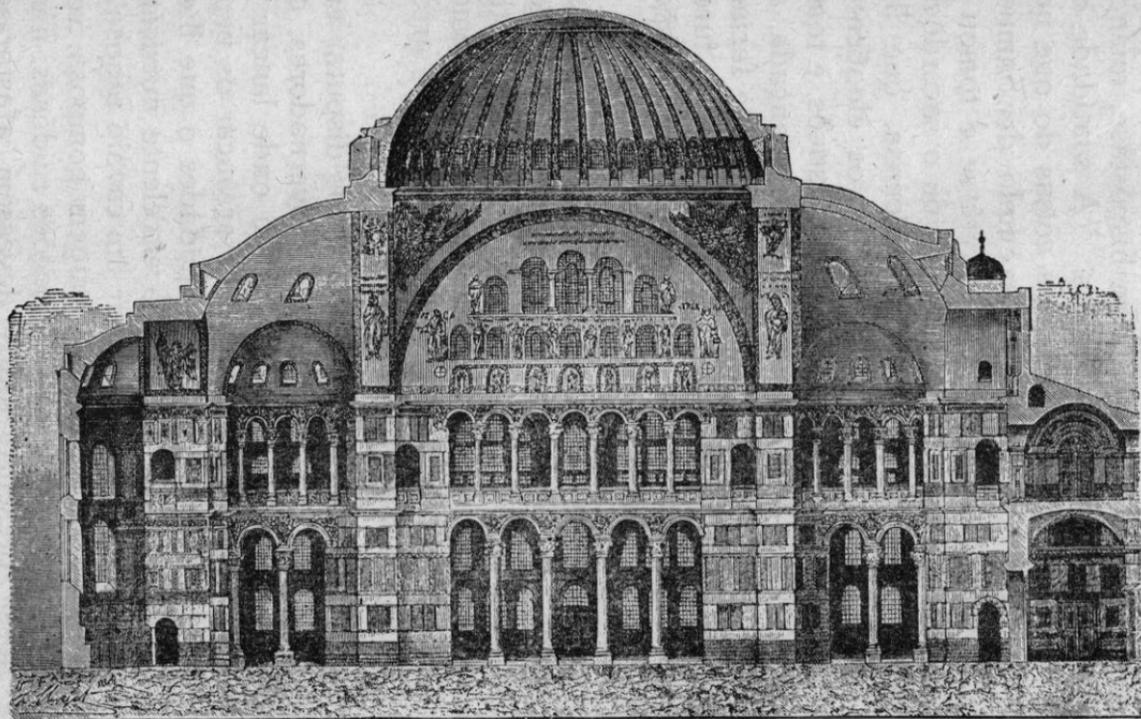
Pode-se ver em pormenores, na História da Igreja, como São Gregório se tornou bispo de Constantinopla por providências do imperador Teodósio, como presidiu ao segundo concílio geral, e como se demitiu de bispo de Constantinopla.

Para consolar o clero e o povo, pronunciou, na grande igreja de Constantinopla, em presença de bispos do concílio, o célebre discurso que constitui o seu adeus. Presta-lhes conta de sua atitude; faz ver o estado deplorável em que encontrou a igreja, e o estado florescente em que a deixa; mostra a doutrina que havia ensinado, com exposição sumária do

mistério da Trindade, onde, para acabar de uma vez por tôdas a disputa, emprega o têrmo *proso-pon*, como equivalente à palavra hispóstase, quando um e outro estão bem explicados. “A santidade de nossa fé, disse, consiste mais nas coisas do que nos nomes.” Fêz, em seguida, a exemplo de Samuel, um protesto público de seu desinterêsse e tomou a Deus por testemunha de que conservou o sacerdócio sem mácula. Solicita, como recompensa, que lhe dêem um sucessor de mãos puras e voz eloqüente, que possa retirar-se dos misteres eclesiásticos, e toma como pretexto do afastamento, a idade avançada, as moléstias, o esgotamento, as censuras que lhe faziam por sua doçura, as dissensões das igrejas, o furor que em Constantinopla se demonstrava pelos espetáculos, o luxo e magnificência das equipagens.

Entre as censuras que diz lhe fazerem, não esquece a de ser demasiadamente modesto, não ter mesa própria e magnífica, não se servir de vestes pomposas, não aparecer em público com cortejo numeroso, não receber com ar majestoso e cheio de arrogância os que vinham procurá-lo.

“Não sabia, disse, que devêssemos disputar em magnificência com os cônsules, os governadores, os generais do exército, que não sabem onde lançar a riqueza. Ignorava que devêssemos arrancar os bens dos pobres, e dissipar em superfluidades o que lhes é necessário, e exalar no altar a excelente nutrição. Ignorava que devêssemos montar um cavalo fogoso e soberbo, instalar-nos numa carruagem pomposa, rodeada de uma escolta e de aclamações ruidosas; nem que à nossa presença todos devessem afastar-se, como se encontrassem um animal feroz, ou que nossa



Igreja de Santa Sofia, em Constantinopla.

vinda se devesse anunciar com muita antecedência. Se isso vos parece um mal terrível, a coisa está feita; perdoai-me a ofensa. Elegei outro que agrade à multidão; quanto a mim, deixai-me a solidão, e a rusticidade, e Deus, a quem se pode mais facilmente agradar com uma vida frugal e modesta." Por fim, despediu-se da querida Anastásia e das outras igrejas da cidade, dos apóstolos que lhe haviam servido de exemplo nos seus combates, da cadeira episcopal, do clero, dos monges, das virgens, das viúvas, dos pobres, dos órfãos, do imperador e de toda a corte, da cidade, do Oriente e do Ocidente, dos anjos tutelares da igreja e da Santíssima Trindade. Prometeu que se a língua se lhe calasse, as mãos e a pena combateriam pela verdade.

De regresso de Constantinopla a Capadócia, São Gregório retirou-se para a terra de Arianzo, que havia herdado de seu pai. Um jardim, uma fonte, árvores que lhe proporcionavam abrigo, constituíam todas as suas delícias. De resto, jejuava, orava, vertendo abundantes lágrimas; o leito era uma esteira, o cobertor um grosso saco, o hábito uma túnica; andava descalço, não fazia fogo, não tinha por companhia senão animais. Entretanto, não obstante as austeridades, moléstias constantes e extrema velhice, sentia ainda violentos combates da carne contra o espírito. Dizia-se que embora fôsse virgem de corpo não sabia ao certo se ainda o era por pensamento. Fugia com grande cuidado da vista das mulheres. Vê-se por uma carta a um de seus parentes, chamado Valentiniano, que, sob o pretexto de gozar de sua companhia, veio alojar-se com mulheres perto dêle. A vizinhança fê-lo abandonar o local, conquanto

cultivado com seu trabalho e situado perto de uma igreja de mártires. O principal remédio que empregava nas tentações era a oração e a confiança em Deus. Deixava as austeridades apenas para dedicar-se à poesia. Assim, tendo passado uma quaresma inteira sem falar, fêz um poema para dar conta de seu silêncio, e outro na Páscoa, para recomeçar a falar com louvores a Jesus Cristo.

Gregório Nazianzeno terminou, pelo ano de 389, sua longa vida de santo, de doutor, de bispo, de monge e de poeta. Morreu no retiro de Arianzo, encantando sua velhice e suas dores pelos transportes da poesia cristã. Entre os seus muitos poemas, há-os sôbre o princípio das coisas, a Trindade Divina, o mundo, a Providência, os anjos, a alma, os dois Testamentos juntamente, a encarnação do Verbo, a vida monástica, sua própria vida, e também sôbre os vícios do clero e dos povos do tempo. Encontra-se ainda entre as suas obras poéticas uma tragédia intitulada: *Cristo Sofredor*; mas não se tem certeza se é de sua autoria. O gênio de Gregório conservou até a morte a verve, a imaginação e as graças do poeta.

O cardeal Mai reencontrou, sôbre as poesias de São Gregório, preciosos comentários de Cosmas, de Jerusalém, condiscípulo e irmão adotivo de São Damasceno, e que foi bispo de Majume ou Atedon, no patriarcado de Alexandria.

* * *

SÃO PACÔMIO (*)

Bispo e Confessor

Pacômio nasceu na Alta Tebaida, em 292, filho de pais idólatras. Desde a meninice, mostrou-se doce e modesto, e sempre deixou entrever a aversão que sentia pelas celebrações profanas dos infiéis no culto dos ídolos.

Aos vinte anos, partiu para Tebas ou Dióspolis, com as tropas de Maximino, que enfrentava Licinius e Constantino, e, entrando em contato com inúmeros cristãos, converteu-se.

A derrota de Maximino dispersou as tropas. Pacômio, então, ao invés de voltar para os seus, foi fixar-se numa cidade da Tebaida, onde havia uma igreja cristã. Inscrito entre os catecúmenos, com sofreguidão preparou-se para receber o batismo. Desde que se convertera, tendo Jesus Cristo como o Filho único de Deus, ansioso por fazer o bem aos homens, vinha recitando com calor:

— Ó Deus, criador do céu e da terra, lança sobre mim um olhar de compaixão, livra-me das misérias, ensina-me o meio de te ser agradável. Isto será

tôda a minha ocupação e a maior aplicação de minha vida — servir-te e cumprir a tua vontade.

Recebido o batismo, o jovem Pacômio começou a examinar-se meticolosamente, a procurar o meio de cumprir fielmente as obrigações que sentia devia cumprir. Teve, então, conhecimento de que, no deserto, servindo a Deus com grande perfeição, vivia um venerável ancião, chamado Palimão. Foi procurá-lo.

Encontrando-o, com insistência pediu ao bom velho que o admitisse em sua companhia. Desejava viver sob sua direção e nada havia de desviá-lo daquele intento.

Palimão considerou o moço longamente, e principiou a falar das dificuldades e das austeridades daquela maneira de viver, dos que, com o mesmo ardor e a mesma disposição de ânimo, desejavam viver ao seu lado — e acabaram, depois dum determinado tempo, por renunciar o caminho tão ardentemente palmilhado de início. E aconselhou:

— Experimenta tuas fôrças, êste teu ardor, nalgum mosteiro. Considera, ademais, meu filho, que meu alimento não passa dum pouco de pão e de sal, que não bebo vinho, não faço uso de gorduras, velo para mais da metade da noite, que passo todo êste tempo a entoar salmos, a meditar as santas Escrituras, e que, às vêzes, varo tôda uma noite sem dormir.

Pacômio ouviu-o um tanto surpreso, mas não deu mostras de desencorajado. Sabia que, com a ajuda de Deus, conseguiria vencer tôdas as dificuldades e havia de ser agradável ao Senhor, conforme prometera a si mesmo, catecúmeno ainda. E, dizendo

a Palimão que observaria tudo aquilo que lhe fôsse dado observar, o santo velho admitiu-o em sua modestíssima cela, dando-lhe o hábito monástico.

Levado pelo exemplo do solitário Palimão, Pacômio, com tôda a disposição, começou a suportar a vida isolada. De quando em quando, juntos, recitavam o saltério, davam-se aos trabalhos manuais, os quais sempre eram acompanhados pela oração mental.

Pacômio, muito contrito, pedia a Deus, principalmente, a pureza de coração. Queria, livre de todo apêgo às criaturas, desembaraçado de tôdas as coisas do mundo, servir a Deus de corpo e alma, com tôdas as fôrças de que pudesse dispor. Assim, para arrancar, pela raiz, as paixões desordenadas, a primeira coisa que fêz foi aplicar-se na obtenção da mais profunda humildade, da paciência e da doçura.

Rezando com os braços estendidos, todo êle uma cruz, fazia a admiração do mestre, que nêle via um discípulo verdadeiramente promissor. E lhe dizia, encorajando-o, ternamente:

— Trabalha e vela, meu caro Pacômio, para que o inimigo não deite por terra todos os teus esforços, arruinando-te.

Um dia de Páscoa, o velho solitário ordenou ao discípulo que preparasse o jantar de modo que se comemorasse condignamente a grande solenidade. Pacômio tratou de cumprir a ordem do mestre: tomou uma certa quantidade de óleo e juntou-lhe um pouco de sal, depois do que, com êle regou um punhado de ervas selvagens que esperava num rude prato.

Quando se sentaram à mesa, Palimão tomou do pão que lhe cabia. Pacômio, então, viu-o chorar e

dar pancadas na cabeça, desesperado. Admirado, mas respeitoso, nada perguntou, à espera, pacientemente, duma explicação. E o velho, sempre a chorar, olhando o discípulo, exclamou:

— Ai! Meu Salvador foi pregado na cruz e eu me vou dar a satisfação de comer com azeite?

E nada o levou a tomar daquilo que Pacômio havia preparado.

O santo, depois dum certo tempo, habituou-se com o retiro que, de vez em vez, fazia num vasto deserto desabitado, às margens do Nilo, o deserto de Tebena, adstrito à diocese de Tentira. Um dia, ali, todo consumido na oração, ouviu uma voz que lhe dizia, muito claramente:

— Tu erguerás aqui um mosteiro para abrigar aquêles que Deus te enviará para o servir.

Imediatamente, apareceu-lhe um anjo, que se lhe aproximou e principiou a dar algumas instruções que diziam respeito à vida monástica.

Depois que deixou a solidão de Tebena, Pacômio buscou Palimão e lhe contou o sucedido. E os dois, indo ao deserto, no local em que o anjo apparecera ao Santo, construíram uma cela. Era no ano de 325, e Palimão, que ao discípulo prometera visitar todos os anos, pouco depois falecia (1).

O primeiro discípulo de São Pacômio foi o irmão mais velho, João, que logo faleceu. Jovens acorriam ao deserto de Tebena de tôda a parte, atraídos pela santidade do santo abade. O edifício, que se construiu inicialmente, foi pequeno para acolher os sequiosos, de modo que, sem tardança, houve que ampliá-lo.

(1) Ver 11 de janeiro.

Pouco tempo havia passado e a nova casa já contava uma centena de almas.

São Pacômio, que aos religiosos dera hábitos de grosseira lã, vivia apenas coberto com o cilício que lhe adería, apertado, ao corpo castigado pelas austeridades, sêco pelos jejuns constantes. Por quinze anos, viveu o santo sem se abrigar. Repouso, tomava-o êle assentado numa pedra, onde cochilava, porque não dormia, que o tempo gasto no sono era tempo roubado ao exercício do divino amor.

Pacômio, desde que se convertera, jamais tomara refeição completa. Ali, na casa do deserto, todos comiam juntos, em silêncio, num vasto refeitório, com o capuz caído sôbre o rosto, de sorte que o vizinho não visse o companheiro.

Todos os monges se ocupavam com trabalhos manuais, e Pacômio era quem se dava aos doentes, pensando-os, cuidando dêles com grande e paternal solicitude. O silêncio era estritamente observado no mosteiro: mais se exprimia por sinais do que com palavras. Quando um monge era obrigado a ir a um determinado lugar, afastado da comunidade, devia fazê-lo a meditar, pelo caminho, sôbre alguma passagem da santa Escritura. O trabalho, êsse, era acompanhado sempre, do canto de salmos. À morte dum membro do mosteiro, celebravam-se missas para o descanso da alma.

São Pacômio recebia sempre e sempre discípulos que vinham de tôdas as regiões. Cumpria-se, assim, o prometido naquele dia em que orava, sòzinho, e em que o anjo lhe aparecera, dando-lhe instruções. Deus, em verdade, enviava-lhe servidores sôbre ser-

vidores. Houve, pois, necessidade de novas casas — e São Pacômio levantou seis mosteiros na Tebaida.

Fixando-se no de Pabau, perto de Tebas, êste mosteiro tornou-se famosíssimo, mais do que o primeiro, o da fundação do deserto de Tebena.

Sugerido pelo bispo de Tentira, Serapião, o Santo, erigiu uma igreja na aldeia, para que dela se servissem os pastôres que abundavam na região, igreja em que êle fazia de leitor e pregou com admirável fervor a palavra de Deus.

Numerosas foram as conversões feitas pelo doce abade, discípulo de Palimão. Com grande coragem, opôs-se sistemáticamente aos arianos. A reputação do santo crescia, e, um dia, era em 333, Atanásio honrou-o com uma visita.

Quando, dum dia, apareceu em Pabau uma das irmãs, pedindo para vê-lo, Pacômio enviou alguém para lhe dizer que não poderia fazê-lo, que mulher alguma havia de quebrar a clausura: que se contentasse por saber que ainda vivia. Ora, a irmã desejava levar vida religiosa. Sabedor daquilo, Pacômio alegrou-se muito, e providenciou a construção dum mosteiro para mulheres, do outro lado do Nilo — mas a irmã, não o viu.

São Pacômio operou vários milagres. Deus cumulou-o de bondades sem par. Conta-se dêle que, não sabendo o latim nem o grego, exprimiu-se nestas duas línguas com grande perfeição. A muitos doentes, curou-os, a vários possessos, libertou-os do demônio, com a aplicação de óleo bento.

Teodoro, que foi o seu mais querido discípulo, e aquêle que, morto o Santo, sucedeu-o no govêrno dos mosteiros todos, sofria constantemente de terríveis

dores de cabeça. Aos irmãos, que ao abade pediam o curasse, Pacômio respondia:

— A abstinência e a oração são seguramente uma fonte de grandes méritos, mas a doença, suportada com paciência, é seguramente de maior mérito ainda.

No mosteiro havia monges que se dedicavam à feitura de esteiras. Um dia, um dos religiosos, aplicando-se com afinco naquele mister, conseguiu fabricar duas belas peças. E, todo orgulhoso, agiu de modo que o santo abade se inteirasse daquilo que julgava um grande feito.

Pacômio considerou o monge, as duas esteiras, depois disse, calmamente, aos demais:

— Este irmão se afanou da manhã à tarde a trabalhar para o demônio.

E, para curá-lo da vaidade, deu-lhe, como penitência, cinco meses de cela, passando a pão, sal e água.

Certa vez, um moço chamado Silvano, que fôra ator de teatro, apareceu no mosteiro, procurando o abade, porque ali desejava fazer penitência. Admitido, Silvano levou por alguns tempos, vida de grande indisciplina. Transgredia as regras, quebrando o profundo silêncio que sempre reinou na casa, fazendo graçolas, rindo das próprias facécias.

Pacômio, por caridade, conservou-o no mosteiro assim mesmo, procurando guiá-lo, apontando-lhe o perigo a que se expunha. Tudo era em vão. Por aquela pobre alma, chorou, orou, mortificou-se, deu-se a grandes jejuns — debalde. Então, chamando-o, um dia, à parte, fêz com que o jovem visse que com Deus não se brincava impunemente.

Silvano, profundamente impressionado, transformou-se por completo. E, desde aquêles dias, não mais deixou a comunidade, para a qual foi objeto de imensa edificação. Logo, tais foram as austeridades que começou a praticar, Pacômio ofereceu-o como modelo a todos os irmãos. Agora, em vão, procurava levá-lo à moderação, temendo-lhe pela saúde.

Quando, tempos mais tarde, faleceu o ex-ator de teatro, São Pacômio recebeu do céu a certeza de que aquela boa alma fôra apresentada como vítima muitíssimo agradável a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Morto em 348, no dia 9 de maio, São Pacômio viu, em vida, nos diferentes mosteiros que fundara, o elevado número de sete mil monges a viver sob sua direção. Exortando os religiosos para que sempre se dessem com maior fervor ao serviço de Deus, faleceu doce e santamente.

* * *

BEM-AVENTURADO NICOLAU ALBERGATI (*)

Confessor

Nicolau nasceu em Bolonha, na Itália, em 1375, na antiga e conceituada família dos Albergati. Moço, principiou a estudar direito, para alçar-se a um bom pôsto, mas, ao invés de satisfazer aquêle desejo, deixou-o de lado e foi encerrar-se na Cartuxa, perto da cidade em que nascera, para ali se consagrar inteiramente a Deus.

Nicolau foi tão exato cumpridor da disciplina regular que, embora jovem, foi encarregado sucessivamente de diversos cargos, sendo prior das casas de Florença, Roma, Mântua e Bolonha.

Quando, em 1427, João, bispo de Bolonha, faleceu, teve que aceitar a sucessão, embora o fizesse todo amedrontado.

O papa Martinho V fê-lo núncio na França, onde devia restabelecer a paz entre esta nação e a Inglaterra. Em 1428, chamado a Roma, foi feito cardeal do título de Santa Cruz de Jerusalém e enviado a Ferrara como legado *a latere*, encarregado de acomodar milaneses e venezianos.

Nicolau, durante todo o tempo que estêve longe da diocese, jamais deixou de ser cartuxo: guardava a regra, vivia humildemente, praticava a pobreza e a

continua mortificação. Diz-se que o papa Eugênio, o qual o fêz seu grande penitencieiro, depois que deixou Florença, levou Nicolau consigo, porque não podia ficar privado de sua assistência.

Durante a estadia em Siena, o bem-aventurado adoeceu. E, depois de sofrer longamente, a todos edificando pela infinita paciência, Nicolau Albergati faleceu no dia 9 de maio de 1443, com sessenta e oito anos de idade.

Tôda Bolonha, quando soube da morte, foi prêsa de grande aflição, chorando o filho com grande sentimento.

O corpo do bem-aventurado, levado de Siena para a Cartuxa de Florença, onde sempre desejou ser enterrado, ali descansou.

Nicolau Albergati teve o culto aprovado por Bento XIV a 6 de outubro de 1744.



No mesmo dia, em Roma, Santo Hermas, do qual fala São Paulo na epístola aos romanos (1), século I.

Em Vendome, na França, São Beato, confessor, originário da Itália, que morreu muito entrado em anos. Em Blois festejam-no no dia 11 de maio.

Na Itália, São Prisco, bispo e confessor (I século?). A tradição coloca a morte dêste primeiro bispo de Nocera no primeiro século.

Em Quimper, São Tudy, ou Tudino, querem outros Thetgo, discípulo dos santos Guenoleu e Maudez. Ermitão perto de Landevennec, foi companheiro de São Corentino. Século V.

(1) Rom. 16, 14.

Na Saxônia, o bem-aventurado Adalgar — Adger, Auger, Alger — bispo e confessor, falecido em 909. Depois de ter sido monge de Corvey, foi coadjutor de São Remberto como bispo de Hamburgo e Bremen. Sob seu episcopado, a diocese muito sofreu com a invasão eslava.

Na Itália, o bem-aventurado Gregório de Óstia, bispo e confessor. Beneditino, depois abade de São Cosme e São Damião *ad Micam auream* em Roma, foi criado cardeal-bispo de Óstia, e bibliotecário da Igreja romana. Faleceu em 1044. Invocado contra invasões de gafanhotos.

Na Suíça, o bem-aventurado João Wagner, confessor, nascido na Suábia, falecido em 1516. As relíquias são veneradas numa igreja de Nossa Senhora, construída sobre sua tumba. Na Pérsia, trezentos e dez bem-aventurados mártires. Em Cagli, na via Flamínia, São Gerônimo, bispo de Cervia. Em Constantinopla, a transladação do corpo de Santo André, apóstolo, e de São Lucas, evangelista, chegados da Arcádia, e de São Timóteo, discípulo do apóstolo São Paulo, trazido de Éfeso. Longo tempo após, o corpo de Santo André foi transportado para Amalfi, onde é honrado pelo afluxo e pela piedade dos fiéis. Escorre sem cessar de sua tumba um líquido maravilhoso que cura as moléstias. Em Roma, também, a transladação do corpo de São Jerônimo, padre e confessor da Igreja, trazido de Belém de Judá para a Igreja de Santa Maria Maior. Em Bari, a transladação de São Nicolau, bispo, cujo corpo foi trazido de Mira, cidade da Lícia.

* * *

10.º DIA DE MAIO

SANTO ANTONINO

Arcebispo de Florença

Um irmão Pregador, o bem-aventurado João Domingos, restaurador da vida regular na Itália e na Sicília, empreendeu a construção de um novo mosteiro em Fiesole, perto de Florença. Era pelo ano de 1403. Apresentou-se um menino, de treze ou quatorze anos, pequeno de estatura e franzino de compleição. Pediu que o incluíssem no mosteiro, no número dos religiosos. O bem-aventurado João Domingos nêle encontrou espírito e boa natureza; mas, vendo-o tão jovem e tão frágil, aconselhou-o a esperar alguns anos. Entretanto, perguntou-lhe qual o estudo a que se applicava, respondendo o menino que lia de bom grado o decreto de Graciano. "Pois bem, replicou o bem-aventurado João Domingos, quando souberes todo o decreto de Graciano de cor, não terás senão que voltar para seres recebido na ordem." Era uma maneira honesta de despedi-lo. No fim do ano, o jovem apresentou-se ao bem-aventurado João Domingos, para enfrentar o exame; sabia de cor todo o decreto de Graciano, e respondeu

sem êrro a tôdas as perguntas que lhe puderam fazer. Dessa vez foi acolhido com solicitude, e recebeu imediatamente o hábito de irmão Pregador. Êste jovem, ou esta criança, chama-se Antonino, quer dizer o pequeno Antônio, por causa da estatura.

Santo Antonino, nascido em Florença, em 1389, no fim do pontificado de Urbano VI, era filho de Nicolau Forciglioni e de Tomasina, ambos considerados entre seus concidadãos, tanto por sua religião como pela antiguidade de sua nobreza. O avô do santo, chamado Nicolau Pierrozi, havia sido secretário da cidade de Florença, e quatro vêzes procônsul da república, o que lhe proporcionava uma linhagem distinta e uma grande autoridade. Mas nada, sem dúvida, ilustrou mais a família do que ter produzido um santo também célebre.

Como era filho único de seu pai e de sua mãe, empenharam-se êstes com dobrado zêlo em proporcionar-lhe educação cristã. Mas o menino parecia talhado para a virtude, antes de poder conhecê-la. Cheio de pudor e de modéstia, sempre dócil às santas instruções, mostrou inclinação unicamente para a piedade, e horror ao vício. Inimigo desde então da ociosidade e dos vãos divertimentos da infância, a leitura de qualquer bom livro, a conversação com pessoas que lhe falavam de religião ou das vitórias dos mártires, constituíam suas mais caras delícias. Sua atração para a oração não era menos notável. Quando, após os exercícios da escola, não estava encerrado em casa, podia-se estar certo de encontrá-lo na capela da Virgem, ou diante de uma imagem do crucifixo, que se visitava com veneração parti-

cular, na igreja de São Miguel, chamado do Jardim, por causa do lugar onde se encontrava.

Fechado no oratório ou diante dos altares, o jovem discípulo de Jesus Cristo permanecia de joelhos, prostrado por terra, com uma perseverança que surpreendia a todos. Aplicado ao mesmo tempo aos estudos, fêz progressos consideráveis, e não surpreendia a ninguém vê-lo fazer tão santo uso do talento que recebera da natureza. Um espírito fácil, vivo, penetrante, uma memória feliz, e tanta assiduidade quanto amor ao trabalho, tudo o fêz um sábio e o tornou hábil numa idade em que outros apenas começavam a aprender os elementos das ciências.

Mas fôsse qual fôsse a sua paixão pelo estudo das letras, não igualava o seu ardor pela aquisição da ciência da salvação. Em tôdas as orações, não pedia por assim dizer outra coisa senão que, por sua graça, se dignasse afastá-lo de tôda a ocasião de pecado, conduzir-lhe os passos e ensiná-lo a fazer sempre a sua vontade. Desde a infância, havia desejado consagrar-se ao serviço do Senhor; e durante as sábias reflexões que fazia sôbre o estado de vida que devia abraçar, para trabalhar mais seguramente para a salvação e tornar-se útil ao próximo, teve a felicidade de ouvir freqüentemente as prédicas do bem-aventurado João Domingos de Florença, e de ser testemunha dos grandes exemplos de virtude que o faziam admirado pelo povo. Foi a êle que o jovem Antonino se dirigiu, como já vimos, para ser recebido na ordem de São Domingos.

O fervoroso noviço dissipou imediatamente todos os temores de succumbir aos rigores da disciplina regular. A coragem deu-lhe fôrças; e como recebesse sem-

pre novas graças, na medida de sua fidelidade, em pouco tempo fêz extraordinários progressos nos caminhos da perfeição. Pareceu em tôdas as coisas não sòmente o mais humilde, o mais obediente, o mais recolhido, senão também o mais igual nas práticas austeras da regularidade. Suas abstinências, vigílias, amor pela pobreza, aplicação e assiduidade na oração, tudo já o fazia ser considerado pelos irmãos como um modelo.

O sacrifício que para sempre fêz de sua liberdade pela profissão religiosa tornou-o ainda mais vigilante sòbre si mesmo, e o sacerdócio lhe aumentou a piedade. Nunca o viam no altar sem ter os olhos inundados de doces lágrimas que o santo amor lhe fazia correr dos olhos. Houveram por bem moderar-lhe as austeridades, pois a vida que levava não era senão um exercício contínuo de penitência. São ou enfêrmo, deitava-se sempre sòbre uma dura enxêrga. Dir-se-ia que não tinha corpo, tanto se achava êste submetido ao espírito para fazê-lo servir a tudo o que pudesse conduzir a uma alta santidade. Veio a perder de certa maneira o santo religioso que lhe servia de guia e de pai: João Domingos de Florença, eleito bispo de Ragusa e cardeal, foi obrigado a dirigir-se para junto do papa Gregório XII. Mas a sua ausência não fêz senão excitar mais a vigilância e a emulação do fiel discípulo. Havia correspondido a tôdas as suas expectativas, e satisfeito plenamente todos os seus desejos. O que o primeiro havia iniciado com êxito — restituir a muitas das casas de sua ordem a sua primitiva beleza —, o segundo parecia em condições de continuar a levar à última perfeição. A virtude supria a idade, e Santo Antão, conquanto muito jovem, foi escolhido para

governar o convento de Minerva, em Roma; demonstrou tanta sabedoria, prudência, moderação, no primeiro cargo, que o elegeram sucessivamente prior em Nápoles, em Gaeta, em Cortona, em Siena, em Fiéssole, em Florença. Em tôdas essas casas, Antonino restabeleceu ou firmou a regularidade, renovando o espírito de fervor, o amor da oração e do estudo, e o zêlo no exercício do ministério apostólico.

A solicitude do govêrno e as ocupações que lhe são inerentes não o impediam de cumprir êle mesmo as funções do apostolado. Pregava freqüentemente, e pregava sempre com frutos, porque a santidade de vida lhe dava nova base aos discursos. O povo e os sábios mostravam a mesma solicitude em segui-lo: a unção de suas palavras atraía uns, a abundância de sua doutrina causava prazer nos outros. As obras que publicou algumas vêzes, frutos preciosos de suas vigílias, aumentavam-lhe ainda a reputação: era consultado de todos os lados pelos teólogos e canonistas, e seguiam-lhe com confiança as decisões.

Vigário-geral duma célebre congregação composta de diversos conventos, tanto da província de Roma como da Sicília, que haviam abraçado uma reforma mais severa, o servo de Deus aplicou-se com zêlo incrível a cultivar, estender e aperfeiçoar todo o bem que os predecessores tinham introduzido neste santuário de piedade; e, à sua imitação, menos pela autoridade das ordens ou pela sabedoria das indicações, do que pela virtude do exemplo, inspirava aos irmãos a fidelidade a tôdas as práticas da regra. Tanto mais humilde quanto mais o elevavam, começava sempre a visita dos mosteiros com o exercício dos ofícios mais humildantes e mais abjetos. Viam

ordinariamente o vigário-geral confundido com os últimos dos irmãos no mesmo trabalho; o fervor somente o distinguia, e esse fervor parecia algumas vezes ir longe demais. Não obstante o rigor das estações e o esgotamento de forças, continuava com a mesma severidade os jejuns, e emprendia longas viagens a pé.

Essas contínuas fadigas contribuíram para arruinar-lhe a saúde, enfraquecida por outro lado pelas moléstias que o haviam conduzido mais de uma vez às portas da morte. Nos intervalos menos críticos, era acometido por uma febre de quatro em quatro dias, e de uma espécie de ftisia que o exauriam inteiramente. Mas seu espírito, sustentado pela graça de Jesus Cristo e pela contemplação de seus sofrimentos, não se sentia jamais tão forte como nas mais terríveis enfermidades. Deus sempre o havia elevado acima dos males; e o que lhe esgotava o corpo servia para purificar-lhe ainda mais a virtude, experimentar-lhe a fidelidade e colocá-lo em condições de continuar os serviços à ordem e à Igreja (1). Tal era Santo Antonino, que mais tarde veremos arcebispo de Florença, sua pátria.

O bem-aventurado João Domingos havia nascido na mesma cidade, no ano de 1360. A fortuna não favoreceu seus pais; de condição obscura, ou muito medíocre, distinguiam-se, no entanto, por uma sólida piedade, que em boa hora inspiraram ao filho. Como tivessem necessidade do trabalho braçal, este jovem homem, já com dezoito anos, havia somente apren-

(1) Tournon. Hist. dos homens ilustres da ordem de São Domingos, t. III, Acta SS., 2 maii.

dido os elementos da gramática, quando se apresentou ao convento de Santa Maria Nova, para pedir o hábito de São Domingos. Recusaram-lho primeiramente, por causa de sua incapacidade, de sua ignorância, de sua dificuldade em falar, bem como por ser necessário aos pais. Êle não desanimou e voltou à carga várias vêzes. Acabaram por ceder à sua perseverança, uma vez que acreditavam poder recusar ainda ao seu mérito. Todavia, um religioso dos mais severos e mais velhos da comunidade predisse, desde então, que o jovem, do qual tão pouco caso faziam, seria ainda o apoio da ordem, o ornamento da pátria e um ilustre defensor da Igreja.

Santo Antonino foi ao concílio de Florença por ordem de Eugênio IV; assistiu, na qualidade de teólogo, a tôdas as sessões e discussões entre latinos e gregos. Durante a estada em Florença, foi eleito prior do convento dominicano de São Marcos, que se situava nesta cidade, e para o qual o célebre Cosme de Médicis, cognominado o pai de sua pátria, fazia construir então magnífica igreja, consagrada pelo papa Eugênio IV. Quando ali estabeleceu perfeita regularidade, empreendeu a visita dos conventos de sua ordem que se erguiam na Toscana e no reino de Nápoles.

Enquanto Antonino empreendia as viagens, vagou-se a sede arquiepiscopal de Florença, por morte de Bartolomeu Zabarella. Muito tempo ficou êsse prelado sem sucessor, por intrigas de muitos pretendentes; mas Eugênio IV nomeou Antonino, tanto por que possuía tôdas as qualidades exigidas num bom bispo, como para atender aos florentinos que desejavam um homem de sua cidade, os quais, por-

tanto, concordaram unânimemente na escolha. O santo, ausente havia dois anos, sensivelmente se afligiu com a notícia de sua eleição. Formulou o desejo de empreender a fuga e ir esconder-se numa ilha da Sardenha; mas impediram-no de executá-lo. Obrigado a dirigir-se a Siena, escreveu de lá ao Papa uma carta muito comovente. Conjurou-o que não o sobrecarregasse com um fardo superior à capacidade de seus ombros, alegando que o fim de sua carreira se achava próximo e que estava esgotado pelas fadigas e enfermidades. Insistiu ainda sôbre a sua indignidade pessoal e sôbre a sua falta de capacidade. "Quereis tratar como inimigo um homem a quem tantas provas de bondade demonstrastes?" O papa foi inflexível, e lhe ordenou que se retirasse sem detença ao convento de Fiesole. Simultâneamente, escreveu aos florentinos para comunicar-lhes que havia enviado um arcebispo às portas de sua cidade.

As pessoas mais qualificadas de Florença, com Cosme de Médicis à frente, dirigiram-se a Fiesole para ali apresentar os cumprimentos a Antonino, mas encontraram-no em desacôrdo com os seus desejos. Conseguiram, não obstante as mais insistentes súplicas, que se tornasse o seu pastor. O papa, informado de tudo o que se passava, enviou-lhe a ordem de obedecer, e ameaçou-o mesmo com a excomunhão se persistisse em resistir à vontade de Deus. Antonino rendeu-se, após haver derramado muitas lágrimas; deixou-se sagrar, e tomou posse do arcebispado em meados de março de 1446.

A regularidade que reinava em sua casa e em tôda a sua conduta, lembrava os tempos apostólicos. Sua mesa, seus hábitos e móveis mostravam a estima

que tinha pela pobreza, pela modéstia, pela simplicidade. Costumava dizer que um sucessor dos apóstolos não deve ter outras riquezas além da virtude. Praticava as observâncias de sua regra, conquanto a sua condição disso o dispensasse. Sua casa não tinha mais de seis pessoas, a quem pagava salários assaz consideráveis para lhes tirar a tentação de desejar algo mais, e por consequência, cortar pela raiz tôda a sorte de injustiças. Nomeou primeiramente dois grandes vigários; mas reduziu-os depois a um só, a fim de que houvesse menos variações no govêrno; e como estivesse persuadido de que um bispo está obrigado a trabalhar por si mesmo, expedia quase todos os negócios, após se haver, todavia, aconselhado com êle. Deixou os encargos temporais a uma pessoa de conhecida probidade e competência, para não se ocupar senão das coisas espirituais. Todos os dias dava audiências aos que se apresentavam, e mostrava-se em tôdas as ocasiões protetor e pai dos pobres. Sua bôlsa e seus celeiros eram menos dêle do que dos indigentes; e quando êles estavam esgotados, dava uma parte dos seus móveis e de suas vestes. Nunca o viram dono de algo de precioso. Não possuía nem cães nem cavalos; uma mula era suficiente para as necessidades de sua casa, e ainda a vendia por vêzes para assistir os pobres. Pessoas ricas pediam então para comprá-la, para terem oportunidade de a restituir de presente ao santo.

Como consequência dessa caridade o santo arcebispo fundou o colégio de São Martinho, destinado a dar alívio aos que se encontravam em necessidade, e não ousavam tornar conhecida a sua miséria. Atualmente atende çabalmente a mais de seiscentas

famílias. A tantas virtudes Antonino ajuntava uma paciência admirável. Suportava não somente a importunidade e a insolência dos pobres, senão também os maus tratos dos inimigos: tal paciência operava freqüentemente felizes efeitos. Imputavam diversos crimes a um tal de Ciardi. O arcebispo concitou-o a comparecer diante d'ele para responder às acusações com que o sobrecarregavam. O infeliz formulou, então, o negro projeto de tirar a vida ao pastor; deu-lhe até um golpe de punhal. O santo, por uma proteção de Deus, não saiu ferido. Longe de procurar vingar-se do assassino, perdoou-lhe generosamente, e orou por sua conversão. O culpado, reconhecendo a enormidade do crime, fêz penitência, e entrou para a ordem de São Francisco.

Antonino sabia mostrar firmeza quando a glória de Deus estava em jôgo. Suprimiu os jogos de azar, reformou vários outros abusos que se haviam infiltrado em tôdas as ordens. Cada ano, visitava a sua diocese sempre a pé.

Gozava de grande reputação de sabedoria e integridade; também vinham consultá-lo de tôdas as partes. As pessoas mais qualificadas dirigiam-se a êle com confiança, e respeitavam-lhe as decisões como oráculos. Foi o que lhe granjeou o cognome de Antonino, o Conselheiro.

Nada obstante a multiplicidade dos afazeres, não se recolhia menos diante de Deus. Além do ofício da Igreja, recitava todos os dias o ofício de Nossa Senhora e os salmos da penitência. Recitava o ofício dos mortos duas vêzes por semana, e todo o saltério dos dias de festa. Em meio às mais graves

ocupações, nada perdia da serenidade de alma. Francisco Castillo, seu secretário, havendo-lhe dito uma vez que os bispos seriam de lamentar se devessem ser como êle, perpétuamente assoberbados de encargos, ouviu uma resposta que seria necessário, segundo o biógrafo, escrever com caracteres de ouro. "Os encargos, disse êle, não nos impedirão de gozar da paz interior se reservamos no interior do coração um retiro onde possamos estar conosco mesmos, e onde os embaraços do mundo não tenham jamais liberdade para entrar" (1).

O papa Nicolau V não testemunhou menos afeição e confiança em Antonino do que seu predecessor Eugênio IV; dizia mesmo que não tinha receio em canonizá-lo vivo, como acabava de canonizar morto a São Bernardino de Siena. Bem que gostaria de retê-lo em Roma, mas o santo pediu-lhe a bênção e regressou a Florença.

No ano seguinte, 1448, teve a dor de ver sua diocese devastada pela peste. Deu o exemplo do zelo ao clero, tanto secular como regular; recebeu sobretudo grandes auxílios de seus irmãos os dominicanos. Pereceu grande número destes religiosos, de sorte que foi mister trazer da província da Lombardia outros para repovoar os conventos de São Marcos de Florença e de Fiesole, quase inteiramente desertos. A peste, como acontece ordinariamente, foi seguida da fome. O santo arcebispo procurou todos os meios possíveis para prover às necessidades dos

(1) Acta SS., 2 maii, Godescard, 10 de maio.

infelizes. Seus discursos e seus exemplos abriram as bôlsas de várias pessoas ricas; obteve também de Roma socorros abundantes. O papa Nicolau V concordou com tudo o que lhe era pedido; ordenou mesmo que não se citassem mais em Roma sentenças que o santo não houvesse dirigido.

Quando cessaram os flagelos públicos, Antoino nem por isto terminou com as liberalidades para com os pobres. Ouviu por acaso que dois cegos mendicantes, haviam recolhido, um duzentos francos e o outro trezentos ducados; tirou-lhes o dinheiro, para atender aos que realmente estavam em necessidade, encarregando-se, todavia, de alimentá-los e sustentá-los durante o resto de suas vidas.

A humildade impedia se tornassem conhecidas a maior parte de suas boas obras. Em consequência dessa humildade, ocultava a si mesmo o conhecimento das virtudes. Não via senão imperfeição em tudo o que os outros nêle admiravam; não compreendia também, senão confusamente, os elogios que se faziam ao seu raro mérito. Suscitou muitos imitadores de suas eminentes virtudes.

Dêsse número foi um artesão, que, na obscuridade de sua condição, levava vida muito penitente e não suspirava senão pelos bens do céu. Passava nas igrejas os domingos e os dias de festa. Tudo o que ganhava por seu trabalho era distribuído aos indigentes, salvo o que lhe era absolutamente necessário à subsistência. Encarregava-se de nutrir um pobre leproso; servia-o com cordialidade e o pensava com as próprias mãos. Suportava com alegria as murmurações e censuras contínuas daquele mísero.

As coisas chegaram a ponto de o leproso queixar-se ao arcebispo contra o benfeitor. O santo prelado, após haver examinado o caso, descobriu no artesão um tesouro de santidade e puniu, ao mesmo tempo, a insolência do leproso.

A cidade de Florença ressentiu-se de freqüentes tremores de terra durante o ano de 1453 e nos dois seguintes; mesmo um quarteirão onde tudo ficou destruído. O santo procurou víveres e alojamentos para os mais necessitados, e fêz reconstruir as casas. Essas calamidades públicas forneceram-lhe matéria para muitas instruções; exortou fortemente o povo e os grandes a apaziguarem o braço de Deus pela penitência, e viver de maneira mais conforme ao Evangelho. Cosme de Médicis contava muito com o crédito de seu arcebispo perante Deus, e tinha o costume de dizer que era principalmente às suas preces que a república de Florença devia a conservação.

Alimentavam o desejo de enviá-lo em embaixada à Alemanha, ao imperador Frederico IV; mas não lograram fazê-lo aceitar a missão, da qual ninguém era mais capaz para dela desempenhar-se com êxito. Tinha demasiado horror às honras; por outro lado amava com ternura o rebanho, e era infinitamente penoso a seu coração separar-se dêle.

Deus o arrebatou dêste mundo no dia 2 de maio, na idade de setenta anos, e após trinta anos de episcopado. Nos seus derradeiros momentos, repetia estas palavras, que tinha freqüentemente na bôca quando ainda estava com saúde: *Servir a Deus é reinar*. Foi enterrado, como havia pedido, na igreja

dos dominicanos de São Marcos. O papa Pio II, que se encontrava então em Florença, assistiu aos funerais. Operaram-se muitos milagres pela virtude de suas relíquias. Adriano VI o canonizou no ano de 1523. O corpo, ainda intacto em 1559, foi transferido solenemente para uma capela da igreja de São Marcos, preparada para recebê-lo, e magnificamente decorada.

* * *

JOB, O PATRIARCA (*)

Antigo Testamento

Podemos considerar o livro de Job como um dos mais belos poemas do mundo. De ação simples, fala de um homem, Job, de proceder irrepreensível, modelo de virtude, temente a Deus, que educava os filhos na piedade, e que foi afligido por desventuras de todo o gênero. Deus mesmo, na sua infinita bondade e misericórdia infinita, parecia surdo aos tristes lamentos do Patriarca. A paciência, porém, e a confiança em Deus, na justiça divina, não pereceu naquele infeliz. E, tendo vencido a prova, o próprio Senhor lhe apareceu, defendeu e acabou por lhe restituir a primitiva felicidade perdida.

Por que isto? Porque por uma misteriosa e sábia disposição de Deus, os justos sofrem, algumas vezes, sem nenhuma culpa, recebendo, mais tarde, a recompensa, não só das virtudes que já praticavam, mas também dos sofrimentos que suportaram com tanta resignação, servindo, ademais, de exemplo aos outros homens.

A Tobias também Deus o provou.

“Sucedeu, um dia, que, cansado de enterrar mortos, ao chegar a sua casa deitou-se junto de uma parede e adormeceu. Enquanto dormia, caiu-lhe de um ninho de andorinhas um pouco de estêrco quente

sôbre os olhos, e ficou cego. O Senhor permitiu que lhe acontecesse esta prova, para que a sua paciência servisse assim de exemplo aos vindouros, como a do Santo Job. Como havia sempre temido a Deus, desde a sua infância, e guardado os seus mandamentos, não se entristeceu contra Deus, por lhe ter acontecido a desgraça da cegueira. Permaneceu firme no temor de Deus, dando-lhe graças todos os dias da sua vida" (1).

— — — —

Lê-se no *Prólogo* do livro de Job:

"Havia na terra de Hus um homem chamado Job. Êste homem era sincero, reto, temia a Deus e fugia do mal. Nasceram-lhe sete filhos e três filhas. Possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois, quinhentos jumentos e um grande número de servos. Êste homem era o maior entre todos os Orientais.

"Seus filhos iam e banquetevam-se em suas casas, cada um em seu dia, e mandavam convidar suas três irmãs para irem comer e beber com êles. Tendo decorrido o turno dos dias de banquete, Job mandava chamar seus filhos, purificava-os e, levantando-se de madrugada, oferecia holocausto por cada um dêles, porque dizia:

"— Talvez meus filhos tenham pecado, ofendido a Deus nos seus corações".

"Assim fazia Job de cada vez.

"Porém, um certo dia, tendo-se os filhos de

(1) Tob. 2, 12-14.

Deus (2) apresentado diante do Senhor, encontrou-se também Satanás entre eles. O Senhor disse-lhe:

“— Donde vens tu?”

“Ele respondeu:

“— Venho de dar uma volta pela terra e de passear por ela.”

“O Senhor disse-lhe:

“— Porventura consideraste o meu servo Job? Não há semelhante a êle na terra: homem sincero e reto, teme a Deus e foge do mal?”

“Satanás respondeu:

“— Porventura Job teme (3) debalde a Deus? Não o cercaste de um valado protetor, a êle, à sua casa e a todos os seus bens? Não abençoaste as obras de suas mãos, e os seus bens não se têm multiplicado sôbre a terra? Mas estende tu um pouco a tua mão, toca em tudo o que êle possui, e verás se êle te não amaldiçoa na tua face”.

“Disse, pois, o Senhor a Satanás:

“— Pois bem, tudo o que êle tem está em teu poder; sômente não estendas a tua mão contra êle”.

“Satanás saiu da presença do Senhor” (4).

— — — —

Aqui, então, começam as primeiras tribulações do rico homem temente a Deus.

“Um dia, enquanto os filhos e as filhas de Job estavam comendo e bebendo vinho em casa do seu irmão primogênito, foi ter com Job um mensageiro, que lhe disse:

(2) Isto é, os anjos.

(3) Ou serve.

(4) Job, 1, 1-12.

“— Os bois lavravam, e as jumentas pastavam junto dêles; de repente, acometeram-nos os sabeus, que levaram tudo e passaram à espada os criados; só eu escapei para te trazer a nova”.

“Estando ainda êste a falar, veio outro e disse:

“— O fogo de Deus caiu do céu, e, ferindo as ovelhas e os pastôres, consumiu-os; escapei eu só para te trazer a nova”.

“Ainda êste falava, quando chegou outro, que disse:

“— Os caldeus dividiram-se em três esquadrões, lançaram-se sôbre os camelos e levaram-nos, e passaram à espada os criados; só eu escapei para te trazer a nova”.

“Ainda êste estava falando, quando entrou outro, que disse:

“— Estando teus filhos e filhas comendo e bebendo vinho em casa de seu irmão mais velho, de repente levantou-se um vento muito forte da banda do deserto, que abalou os quatro cantos da casa, a qual, caindo, esmagou os teus filhos, que morreram; só escapei eu para te trazer a nova”.

“Então, levantou-se Job, rasgou as suas vestes e rapou a cabeça; depois prostrou-se por terra, adorou o Senhor e disse:

“— Nu sai do ventre de minha mãe,

“e nu tornarei para lá (5);

“o Senhor o deu, o Senhor o tirou,

“como foi do agrado do Senhor, assim

[sucedeu;

“bendito seja o nome do Senhor”.

(5) Para o seio da terra.

“Em tôdas estas coisas Job não pecou com os seus lábios, nem disse coisa alguma insensata contra Deus” (6).

— — — —

Não satisfeito, Satanás, diante de Deus, conseguiu a permissão para ferir Job também no corpo.

“Ora, sucedeu que, em certo dia, tendo comparido os filhos de Deus diante do Senhor, foi também Satanás entre êles, e pôs-se na sua presença. O Senhor disse a Satanás:

“— Donde vens tu?”

“Ele respondeu:

“— De dar uma volta pela terra e de passear por ela”.

“O Senhor disse a Satanás:

“— Não consideraste o meu servo Job? Não há outro semelhante a êle na terra: homem sincero e reto, teme a Deus e foge do mal. Ainda conserva a sua perfeição, apesar de me haveres incitado contra êle, para o afligir em vão.

“Satanás respondeu:

“— Pele por pele! O homem dará tudo o que possui pela sua vida. Mas estende a tua mão (7), toca-lhe nos ossos e na carne, e então verás se êle te não amaldiçoa cara a cara”.

“Disse o Senhor a Satanás:

“— Eis que êle está na tua mão; conserva, porém, a sua vida”.

(6) Job, 1, 13-22.

(7) Mas experimenta, estende a tua mão...

"Satanás, tendo saído da presença do Senhor, feriu Job com uma chaga horrível, desde a planta do pé até o alto da cabeça. E Job, sentado sôbre a cinza, raspava a podridão (8) com um pedaço de telha.

"Disse-lhe a mulher:

"— Ainda perseveras na tua integridade? Maldiz a Deus e morre".

"Job respondeu-lhe:

"— Falaste como uma mulher insensata; se nós recebemos os bens da mão de Deus, por que não havemos de receber também os males?"

Em tôdas estas coisas Job não pecou com os seus lábios.

"Ora, os três amigos de Job, tendo ouvido todo o mal que lhe havia sucedido, foram ter com êle, cada um do seu lugar: Elifaz de Teman, Baldad de Suhé, e Sofar de Naama. Tinham combinado irem juntos visitá-lo e consolá-lo. Tendo, de longe, levantado os olhos, não o conheceram; então, erguendo a voz, choraram e, rasgadas as suas vestes, lançaram pó ao ar sôbre as suas cabeças. Sentaram-se com êle por terra durante sete dias e sete noites, e nenhum lhe dizia palavra, porque viam quão veemente era a sua dor" (9).

Neste pnto, entra a discussão de Job com os amigos, em verso, a parte principal do livro. As desgraças, levam-no a lamentar-se da sorte, desejando não ter nascido para não sofrer o que sofria. Não se revolta, porém, contra o próprio destino: as imprecações nada mais são do que um desabafo no meio da imensa dor que o torturava. Diz:

(8) A lepra.

(9) Job, 2, 1-13.

"Pereça o dia em que nasci,
e a noite em que se disse: Foi concebido
[um homem.

Converta-se aquêl dia em trevas,
Deus não cuide dêle do alto do céu,
nem seja êsse dia iluminado pela luz.
Escureçam-no as trevas e a sombra da
[morte,

cerque-o uma negra escuridão,
e seja envôlto em amargura.
Que as trevas se apoderem daquela noite,
não seja ela contada entre os dias do ano,
nem seja numerada entre os meses.
Seja solitária aquela noite,
não se ouça nela grito algum de alegria!
Amaldiçoem-na aquêles que amaldiçoam o
[dia,
os que sabem evocar Leviatan (10).

Escureçam-se as estrêlas do seu crepúsculo
[matutino.

Espere a luz, mas não a veja,
nem veja o abrir das pálpebras da aurora,
porque não fechou o ventre que me trouxe,
nem apartou de meus olhos os males.
Por que não morri eu dentro do ventre
[materno?

Por que não pereci logo que saí dêle?
Por que fui recebido sôbre dois joelhos?
Por que me amamentaram dois seios?

(10) Monstro que, segundo as mitologias orientais, ao despertar, causava grandes males, entre êles o eclipse. (N. do Atual.).

*Agora, dormindo, estaria em silêncio,
e descansaria no meu sono,
juntamente com os reis e com os árbitros da
[terra,
que fabricam para si mausoléus;
com os príncipes que possuem ouro,
e que enchem as suas casas de prata.
Ou, então, como um abôrto escondido,
eu não existiria,
como os que, depois de concebidos, não
[viram a luz.*

*Ali (11) os ímpios cessam de tumultos,
ali repousam os cansados de fôrças.
Ali estão em paz todos os cativos,
sem ouvir a voz do cruel comitre (12).
O pequeno e o grande ali estão,
e o escravo está livre do seu senhor.
Por que não foi concedida a luz aos
[infelizes,
a vida aos que estão em amargura de ânimo,
os quais esperam a morte que não vem,
que a buscam mais ardentemente que um
[tesouro,
e ficam transportados de alegria
quando encontram o sepulcro?
Por que foi dada a vida a um homem como
[eu que não sabe
o caminho,
e a quem Deus cercou completamente?*

(11) Ali, no sepulcro...

(12) Superintendente dos forçados, oficial de galés. (N. do Atual.).

*Suspiro em vez de comer,
e os meus gemidos derramam-se como*
[águas.

*O mal que eu temo, acontece-me,
e o que receio, cai sobre mim.
Não tenho paz nem sossêgo,
não tenho repouso, mas apenas perturba-*
[ção" (13).

— — — —

Diante dos amigos, que se encarniçavam, por declará-lo culpado, que se transmudaram em aflitivos consoladores, Job se justificou com calma e moderação. Acusado de impaciente, de ignorante, atormentado pelos homens, sabia que a sua testemunha estava no céu, bem como o seu defensor. Que se conservasse, pois, sempre viva a lembrança dos sofrimentos até que fôsse reconhecida a sua inocência. Quem o afligia senão Deus? Afligiu-o, porém, não em virtude de um juízo, de uma sentença que provém da justiça que castiga o vício, porque não era culpado, mas inocente. Passava por tribulações sem conta porque Deus, sábio e poderoso, trata as criaturas segundo os seus insondáveis desígnios — e sempre para maior bem delas mesmas — e instrui os homens por meio de tribulações.

Afinal, o Senhor proclamou a inocência do servo sofredor.

"E o Senhor abençoou Job no seu último estado muito mais do que no primeiro. Job chegou a ter catorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentas. Teve também sete filhos e três

(13) Job, 3, 3-26.

filhas. À primeira pôs o nome de Jemima, à segunda o de Ketsia, e à terceira Kereu-Happouk. Não houve em tôda a terra mulheres tão formosas como as filhas de Job, e seu pai deu-lhes herança entre seus irmãos.

“Depois disto, viveu Job cento e quarenta anos, e viu seus filhos e os filhos de seus filhos até a quarta geração. Depois morreu, velho e saciado de dias” (14), por volta do ano de 1500 A. C.

Há por todo o livro de Job passagens admiráveis, cheias de poesia. Desesperado da vida, diz:

*“Os meus dias passaram,
os meus projetos ruíram,
os projetos queridos do meu coração
tornaram a noite em dia;
em face das trevas a luz está próxima.
Ainda que eu espere com paciência,
o sepulcro será a minha casa,
e tenho preparado o meu leito nas trevas.
Eu disse à podridão: Tu és meu pai!
E aos vermes: Vós sois minha mãe e minha
[irmã]
Onde está, pois, agora a minha esperança?
E a minha felicidade, quem a pode ver?
Tôdas as minhas coisas descerão ao mais
[profundo do sepulcro;
e julgas tu que eu, ao menos neste lugar,
[terei descanso?”* (15)

(14) Job, 42, 12-16.

(15) Job, 17, 11-16.

O seu espírito adornou os céus,
e a sua mão produziu a cobra tortuosa (18).
Eis que tudo isto não é senão uma pequena
[parte das suas obras,
e, se apenas temos ouvido um leve sussurro
[da sua palavra,
quem poderá compreender o trovão da sua
[grandeza?" (19).

— — — —

Na *Última Réplica*, lê-se, sôbre as muitas coisas da natureza que o homem conhece:

"A prata tem um lugar donde se extrai,
o ouro um lugar próprio, onde se acrisola.
O ferro tira-se da terra,
e a pedra, derretida no fogo, torna-se em
[metal.

O homem põe um fim às trevas,
e êle mesmo investiga o fim de tôdas as
[coisas,
mesmo a pedra escondida na escuridão e na
[sombra da morte.

Longe dos povoados abre galerias,
ignoradas dos pés que passam;
suspenso, em cordas, o mineiro oscila,
longe dos homens, no fundo da mina.
Uma terra, que produz o pão,

(18) A constelação do Dragão, segundo os modernos comentadores.

(19) Job, 26, 2-14.

por baixo está como fogo;
as suas pedras contêm saíras,
e os seus torrões partículas de ouro.
A águia não conhece êsses caminhos,
e o ôlho do abutre não os viu;
as feras não os trilharam,
nem o leão passou por lá.

Estende a sua mão contra os rochedos,
remexe os montes desde as suas raízes.
Cortando os penhascos, abre galerias,
e os seus olhos vêem aí tudo o que há de
[precioso.

Investiga também a profundidade dos rios,
e põe a descoberto o que estava escondido.
Mas a sabedoria, onde se encontra ela?
Qual é o lugar da inteligência?

O homem não conhece o seu caminho,
nem ela se encontra na terra dos mortais.
O abismo diz: Ela não está comigo.
Não é dada pelo mais puro ouro,
nem é comprada a pêso de prata.

Não se põe na balança com o ouro de Ofir,
nem com o precioso berilo nem com a saíra.
Não se lhe iguala o ouro nem o vidro,
e não é dada em troca por vasos de ouro;
o coral e o cristal não se comparam com ela;
a sabedoria vale mais que as pérolas.

Não se lhe iguala o topázio da Etiópia,
nem é comparada com o ouro mais puro.
Donde vem, pois, a Sabedoria,
e onde é que se encontra a inteligência?
Está escondida aos olhos de todos os

[videntes,

até às aves do céu está oculta.
O inferno e a morte dizem:
Aos nossos ouvidos chegou a sua fama.
Deus conhece o caminho para a encontrar,
êle sabe onde se encontra,
porque êle vê até os confins do mundo,
e vê tudo o que há debaixo do céu.
Quando deu o seu pêso aos ventos,
e regulou as águas com medida,
quando prescreveu uma lei às chuvas e
[traçou um caminho
aos relâmpagos,
então êle a viu e a mediu,
e a estabeleceu e a perscrutou.
E disse ao homem:
O temor de Deus é a verdadeira sabedoria,
o apartar-se do mal é a inteligência" (20).

O nome de Job se encontra nos martirólógos latinos. No martirólógo romano vemo-lo no dia 10 de maio. O culto do santo patriarca encontra maior prática no Oriente. Na Abissínia há um ofício que se celebra em honra de Job no dia 27 de abril. Na Grécia, a 6 de maio. Em Jerusalém no dia 22 de maio, e na Igreja copta a 29 de agosto.

(20) Job, 28, 1-28.

SÃO COMGALL (*)

Abade e Confessor

Um dos mais célebres fundadores da vida monástica na Irlanda, Comgall nasceu numa família muito nobre, do Ulster, em 516.

Educado por São Fintam em Clonenagh e por São Kieran em Clonmacnoise, firmou-se como um mestre dos mais completos.

Em 550, fundou a grande abadia de Bangor, a mais célebre de toda a Irlanda, e a que mais religiosos abrigou. Comgall dirigiu para mais de três mil monges, em Bangor e noutros mosteiros menores, monges que se davam à cultura da terra e aos trabalhos manuais.

De Bangor saíram São Columbano, que implantou a regra na Gália, e um grande número de abades, de bispos e de santos.

Tendo trabalhado por uns tempos na Escócia, como missionário, tornou à Irlanda, onde, depois de ter fundado outro mosteiro, o de Cell Comgall, faleceu no dia 10 de maio de 601. Neste dia, toda a Irlanda o festeja. São Comgall teve o culto aprovado a 17 de dezembro de 1903.

* * *

SANTA SOLANGE (*)

Virgem e Mártir

Solange nasceu em Villemont, perto de Bourges, tendo sido pastora na infância.

Moça, belíssima, despertou a paixão de Bernardo de Gothia, filho de Bernardo, conde de Poitiers, que se propôs desposá-la.

Solange respondeu-lhe que, tendo prometido a Deus guardar a virgindade, jamais poderia casar-se.

Se a paixão do jovem Bernardo era grande, com a negação da bela jovem tornou-se violenta e avassaladora. Resolveu, pois, raptá-la, o que fêz. Agarrando-a levou-a consigo, a cavalo, mas Solange, fortalecida pela graça, arrancou-se dos braços do raptor e, num salto, precipitou-se da montaria, indo cair logo adiante, perto de um riacho.

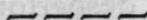
Furioso por se ver desprezado, Bernardo, num repente, levado pela cólera, desmontou, puxou da espada e decepou a cabeça da santa virgem.

Diz a lenda que a mártir, tomando a cabeça entre as mãos, levantou-se e foi até São Martinho de Cros, onde a sepultaram no cemitério daquela igreja, em 880.

A igreja de São Martinho passou a chamar-se de Santa Solange, quando, à beira do túmulo da

virgem, os milagres principiaram e se multiplicaram por muito tempo. É padroeira da diocese de Bourges, e os habitantes da cidade, quando de calamidades públicas, invocam-na confiantemente. Invocam-na também em tempos de sêca. Levam-lhe em procissão as relíquias, solenemente, até Bourges, e as chuvas caem copiosamente, antes mesmo que o cortejo finde o seu trajeto.

Uma bula do papa Alexandre VIII, em 1658, aprovou a constituição de uma piedosa confraria sob o nome de Santa Solange.



No mesmo dia, em Besançon, São Silvestre, bispo e confessor, falecido em 396.

Em Besançon ainda, São Fronimo, bispo e confessor, sucessor de Silvestre. Fêz construir a basílica de Santo Estêvão, onde foi enterrado.

Em Bourges, dois bispos de nome Paládio. Paládio I é o nono na lista dos bispos daquela cidade, falecido em 384. Paládio II foi o décimo-terceiro. Consoante um discurso de Sidônio Apolinário, êste segundo Paládio teria sido o padrasto de Simplicio, um dos seus sucessores. Faleceu em 460.

Na diccese de Orleans, São Leonardo, ermitão (século VI). Anacoreta, discípulo de São Mesmino em Micy, retirou-se numa floresta, a de Marchenoir. Morto, foi enterrado numa capela de Santo Estêvão, que construía. Em 1226, o corpo foi transferido para a igreja do lugar colocada sob sua invocação.

Em Bourges, Santa Eustadiola, viúva. De família senatorial, foi casada com um nobre senhor, chamado Tetrádio. Viúva, fundou a abadia de Moyen-Moutier de Bourges, restaurou muitas igrejas. Durante setenta anos, guardou abstinência, morrendo nonagenária, a 8 de junho de 624. Festejada neste dia e no da morte.

Na Itália, o bem-aventurado Miro, confessor (século XI). Nascido em Canzo, no lago Como, em 1036, distribuiu aos pobres tudo o que possuía, levando vida solitária, primeiramente perto da cidade natal, depois em Sorigo. Houve uma exumação das relíquias em 1452 e outra em 1637. A primeira a 10 de setembro, a segunda a 25 de outubro.

Na diocese de Versalhes, o bem-aventurado Guilherme, confessor, também chamado Antelmo, inglês de origem, padre encarregado das almas de Pontoise. Honrado por Filipe Augusto, faleceu em 1193. Os numerosos milagres ocorridos à beira de seu túmulo, atraiu por muito tempo legiões de peregrinos. Em Versalhes festejam-no a 11 de maio e em Pontoise a 10 do mesmo mês.

Em Pádua, a bem-aventurada Beatriz do Este, virgem. Filha do marquês do Este de Ferrara, professou entre as religiosas beneditinas de Santa Margarida de Salarola. Mais tarde, retirou-se ao monte Gemmula, onde se distinguiu pela humildade e o amor à pureza. Faleceu com vinte anos, a 10 de maio de 1226. O corpo é venerado na igreja de Santa Sofia de Pádua. Teve o culto aprovado em 1763. Duas outras bem-aventuradas do mesmo nome são honradas no dia 18 de janeiro e 29 de julho.

No mesmo dia, em Roma, na Via Latina, os santos mártires Gódio e Epímaco. O primeiro, por haver confessado Jesus Cristo no tempo de Juliano, o Apóstata, foi longamente flagelado com cordas providas de chumbo, e, afinal, decapitado. Durante a noite, os cristãos enterraram-lhe o corpo sôbre a mesma via, numa gruta, onde as relíquias de Santo Epímaco haviam sido transferidas anteriormente de Alexandria, cidade em que havia sofrido a morte pela fé de Jesus Cristo. Em Roma, São Calepódio, sacerdote e mártir, que o imperador Alexandre fêz morrer pela espada ordenando, depois, que seu corpo, após ser arrastado pela cidade, fôsse atirado ao Tibre; mas o papa Calixto, tendo-o encontrado, deu-lhe sepultura. Palmácio, cônsul, foi também decapitado juntamente com sua mulher e filhos e quarenta e duas pessoas de sua casa, homens e mulheres. O senador Simplício foi condenado ao mesmo suplício com a mulher, os filhos e sessenta e oito pessoas de sua família; análogamente Félix e Blanda, sua espôsa. Expuseram as cabeças dêstes santos mártires sôbre diversas portas da cidade para intimidar os cristãos. Ademais, em Roma, na via Latina, num lugar chamado as **Cem Salas**, a festa dos santos mártires Quarto e Quinto, cujos corpos foram transportados para Cápua. Em Lentini, na Sicília, os santos mártires Álfio Filadelfo e Cirino. Em Esmirna, São Dioscórido, mártir. Em Tarento, São Cataldo, bispo, célebre pelos milagres. Em Milão, a invenção dos Santos Nazário e Celso, em memória do dia em que Santo Ambrósio, bispo, tendo encontrado o corpo

de São Nazário coberto de sangue, que parecia ainda fresco, o transferiu para a igreja dos santos apóstolos com o do bem-aventurado Celso, menino que o santo mártir havia educado, e que o juiz Anolim mandara decapitar durante a perseguição de Nero, em 28 de julho, dia no qual se lhe soleniza a festa.

* * *

11.º DIA DE MAIO

SÃO MAYEUL

Abade de Cluny

Em meio às agitações políticas do décimo século, a congregação de Cluny continuava a produzir santos e a propagar a restauração religiosa. O abade Santo Aimard, sucessor de Santo Odon, tendo perdido a vista, tomou como adjutor São Mayeul, nascido na Provença pelo ano de 906. Foucher, seu pai, era da primeira nobreza, e tão rico que doou ao mosteiro de Cluny vinte terras com as igrejas a que pertenciam, situadas nas dioceses de Riez, Aix, e Sisteron. São Mayeul era ainda jovem quando perdeu pai e mãe; e suas terras haviam sido devastadas pelos bárbaros, obrigando-o a abandonar o país e dirigir-se à Borgonha, onde se retirou para Mâcon. Estes bárbaros eram os sarracenos e os húngaros, mas principalmente os sarracenos, que, de sua fortaleza de Freysinnet, nos Alpes, faziam incursões nos países vizinhos. O jovem Mayeul foi recebido em Mâcon por um senhor seu parente; e, após pequena permanência ali, o bispo Bernon, conhecendo-lhe o excelente natural, colocou-o entre seus cônegos recomendando-lhe em segrêdo que se con-

servasse na pureza, como êle fizera. Ouvindo que em Lyon havia um doutor famoso, Antônio, abade da ilha Barbe, foi estudar sob sua direção, e aproveitou muito, tanto em relação aos costumes como no que tange à doutrina porque Lyon era então a escola mais célebre do país, e ali se estudavam sèriamente as artes liberais e a filosofia.

São Mayeul, de regresso, foi promovido, por todos os graus, até o diaconato, pelo bispo de Mâcon, que o fêz mesmo arcediácono. Nessa dignidade, demonstrou principalmente a caridade para com os pobres, empenhando-se, outrossim, em instruir os clérigos que vinham encontrá-lo de lugares diversos. Sua reputação tornou-se tal que, tendo vagado o arcebispado de Besançon, foi eleito, com consentimento do príncipe, do clero e do povo; mas recusou-se constantemente, e concebeu mesmo a idéia de deixar o mundo. Como o mosteiro de Cluny estivesse nas vizinhanças de Mâcon, São Mayeul lá ia em freqüentes visitas, no tempo do abade Aimard, e se entretinha espiritualmente com os monges, que, por seu lado, o desejavam para confrade, como homem capaz de governá-los um dia. Quem contribuiu para atraí-lo para lá, foi Hildebrando, preboste do mosteiro, que recusou por duas vèzes ser abade. Afinal, em 943, Mayeul abraçou a vida monástica nessa santa comunidade.

Não se distinguiu senão pelas virtudes, sobretudo a obediência e a humildade. O abade o fêz bibliotecário e apocrisiário; o primeiro encargo lhe dava a intendência dos estudos; e dêle se servia para afastar os monges da leitura dos poetas profanos, mesmo de Virgílio. A função de apocrisiário compreendia a guarda do tesouro da igreja e das ofe-

rendas, e o cuidado pelos negócios externos. Nessa qualidade foi São Mayeul enviado a Roma, e durante a viagem, em Ivreu, curou com a unção dos santos óleos, o monge Helderico, que o acompanhava. Êste fôra dos primeiros da côrte do rei da Itália; mas atraído pela reputação de São Mayeul, deixara mulher, bens, que eram grandes, e cargo, indo tornar-se monge em Cluny.

Seis anos após a entrada de Mayeul no mosteiro, isto é, no ano de 948, o santo abade Aimard, sentindo-se velho e cego, e temendo que as enfermidades fôssem causa de relaxamento na observância da regra, declarou-o abade, com o consentimento de tôda a comunidade; e, a fim de que São Mayeul não se pudesse excusar, pediu o conselho de alguns bispos e abades. Temos a ata autêntica que lhes endereçou, onde declara que lhe dá o govêrno do mosteiro de Cluny, com tôdas as abadias e outros lugares que dêle dependiam. A ata está subscripta por Mainbolde, bispo de Mâcon, e outros dois bispos, dois abades e cento e trinta monges, já de Cluny, já dos mosteiros vizinhos. Letoldo, conde de Mâcon, e advogado ou protetor de Cluny, concedeu a sua aprovação. Para essa ata, Santo Aimard tomava São Mayeul mais por coadjutor do que por sucessor; porque se encontra Aimard nomeado como abade em várias cartas dos anos seguintes, até 964. (1)

Após a morte do venerável Aimard, em 965, Mayeul governou sòzinho a abadia durante perto de trinta anos. A leitura dos livros santos constituía-lhe as delícias; em viagem mesmo e a cavalo, tinha sempre um livro à mão. Não desprezava, todavia, os filósofos e outros escritores profanos, e dêles

(1) Acta Bened. sect., v. Acta SS., 11 maii.



A tonsura eclesiástica. Segundo
uma carta ornada dos meados
do século XIV.

tirava o que de útil achava. Ninguém melhor do que êle tinha conhecimento da disciplina eclesiástica, dos Cânones e das leis. Juntava à doutrina grande facilidade de falar, e escutavam-no com prazer quando proferia um discurso de moral. Como havia guardado a virgindade, empenhava-se a fundo em conservar a pureza dos monges. Reprimia as faltas com zêlo, mas, em seguida, abrandava a correção por todos os meios possíveis. Muitos ricos e poderosos, tocados pelas suas exortações, abraçaram a vida monástica e aumentaram consideravelmente a comunidade de Cluny, sem que a união fôsse prejudicada pela diversidade de nacionalidades. O abade Mayeul procurara sempre o recolhimento, mesmo nas viagens, e orava com tal compunção, que o mais freqüentemente encontravam a terra regada de lágrimas. Deplorava as menores faltas como se fôsem crimes.

Também tinha o dom dos milagres. Indo, por devoção, a Puy-en-Velay visitar a igreja de Nossa Senhora, entre os muitos pobres que lhe pediam esmolas, um cego disse ter tido a revelação de São Pedro que recuperaria a vista, se lavasse os olhos com a água onde São Mayeul houvesse lavado as mãos. O abade despediu-o com forte reprimenda, e, sabendo que êle havia pedido tal água aos domésticos, proibiu-lhes terminantemente lha dessem. O cego não se desencorajou; após ser despedido várias vêzes, esperou o abade à beira do caminho, tomou o cavalo pela brida, e jurou não largá-lo antes de obter o que pedia. Para que não fôsse possível uma escusa, trazia água num vaso pendente do pescoço. O santo compadeceu-se; desceu do cavalo, benzeu a água segundo o costume da santa Igreja, fêz o sinal

da cruz sôbre os olhos do cego, depois, com os assistentes, se pôs de joelhos e orou à santa Virgem com lágrimas nos olhos. Antes de levantar-se, o cego recuperara a vista. Siro, biógrafo do santo, diz ter ouvido êsse fato das testemunhas que o haviam presenciado. Numa das terras da abadia de Cluny, um camponês tomou secretamente da água onde o abade lavara as mãos, lavou os olhos do filho cego, e êste recuperou imediatamente a vista. O santo varão, sabendo do fato, fazia depois derramar, em sua presença, a água em que se havia lavado; mas não deixavam de furtar-lha, pois curava os enfermos. Dêle se relata grande número de outros milagres.

Aumentou consideravelmente os bens temporais de Cluny e estendeu a observância a diversos mosteiros, de cuja reforma o encarregaram, em França e outros países. O imperador Otão, o Grande, conhecendo-lhe o mérito, pelo relato de diversas pessoas, desejava ardentemente vê-lo; os cuidados do império não o impediam de ter grande afeição pelos mosteiros, e queixava-se muitas vêzes, ao ver os monges levarem uma vida secular. Helderico, que, como vimos, após ter sido senhor de alta consideração na Itália, tudo havia deixado para tornar-se monge em Cluny, levou ao conhecimento do imperador a vida particular do abade Mayeul. O príncipe fê-lo vir junto de si, e de tal maneira se lhe afeioou, que quis dar-lhe o govêrno de todos os mosteiros dêle dependentes na Itália e na Alemanha. A imperatriz Santa Adelaide quis servi-lo como a mais humilde das mulheres; era amado e respeitado por todos os senhores; confidente do imperador, todos que tinham negócios com o príncipe procuravam-lhe a mediação. Nessa época, vale dizer no ano

966, reformou a abadia de Classe, perto de Ravena, dedicada a Santo Apolinário, e ali colocou um abade; e, a pedido da imperatriz, restabeleceu o mosteiro de São Salvador, perto de Pavia, chamado o Céu de Ouro, fundado pelo rei Luitprando, e famoso pelas relíquias de Santo Agostinho.

São Mayeul empreendeu outra viagem a Roma em 973; de regresso, predisse aos irmãos que o acompanhavam que o rei Otão, o Grande, morreria naquele ano. Na passagem dos Alpes, foi atacado pelos sarracenos de Freysinet, com grande grupo de homens de todos os países, que se criam seguros na companhia de um santo. Os sarracenos colocaram a ferros os que prenderam; e o santo abade, vendo que, do alto de uma rocha, um dêles lançava um dardo contra um de seus servidores, estendeu a mão e recebeu o golpe, do que levou uma cicatriz tôda a vida. Não temia a morte; mas afligia-se sumamente por não poder socorrer tantos cativos presos na ocasião. Todavia, por sua prece, obteve de Deus, não fazer morrer ninguém. Quando o levaram para os alojamentos, os principais dentre êles lhe renderam honras; outros homens vinham com zombarias e falavam com desprezo da religião cristã.

O abade santo começou a mostrar-lhe, com fortes razões, a excelência da nossa religião e a falsidade da dêles o que os irritou a tal ponto que lhe algemaram os pés e o encerraram em horrenda gruta. Lá pedia a Deus a graça do martírio; mas teve um sonho que o fêz crer que seria libertado, e perto dêle encontrou o *Tratado da Assunção da Virgem Santa*, atribuído, desde então, a São Jerônimo, o qual os sarracenos haviam deixado com êle por descuido, tendo-lhe tirado os outros livros. Contou quantos

dias faltavam para a festa da Assunção, e viu que eram vinte e quatro; vale dizer, estava-se no dia 23 de julho. Pediu o Santo à Virgem santa que intercedesse junto do Filho, a fim de lhe ser permitido a festa com os cristãos; adormeceu em seguida e, ao acordar, encontrou-se livre das algemas. Os infiéis, estupefatos com o milagre, não ousaram prendê-lo novamente e começaram a tratá-lo com respeito. Perguntaram-lhe se era suficientemente rico em sua terra para resgatar a si e aos seus. O santo respondeu que nada dêste mundo possuía de próprio, mas que governava pessoas que possuíam grandes terras e muito dinheiro. Então êles o exortaram a que enviasse um dos seus a fim de trazer o resgate, e o estipularam em mil libras de prata, para cada um receber uma libra. O abade Mayeul enviou um dos monges, com uma carta escrita de próprio punho que continha estas palavras: "A meus senhores e meus irmãos de Cluny, irmão Mayeul, infeliz cativo. As torrentes de Belial me cercaram, as rédes da morte sôbre mim caíram. Enviai, pois, se vos aprouver, o resgate para mim e para os que comigo estão.» Chegada essa carta a Cluny, causou extrema aflição, bem como em todo o país. Venderam tudo o que servia de ornamento ao mosteiro; muitas pessoas de bem contribuíram com suas liberalidades, e reuniram prontamente a soma prometida.

Entretanto, o abade atraía mais e mais a veneration dos bárbaros. Na hora do repasto, ofereciam-lhe o que êles próprios comiam, isto é, carne e pão. Êle respondeu: «Se tenho fome, compete ao Senhor alimentar-me; o que me ofereceis não estou acostumado a comer.» Um dêles apiedou-se; arregaçou as mangas, lavou as mãos e um escudo, sôbre o

qual amassou um pão com muito asseio, em presença do abade, fê-lo cozer prontamente e lho trouxe. O santo recebeu-o, fêz sua oração e comeu-o com ação de graças. Outro sarraceno, querendo polir um bastão, colocou o pé sôbre uma bíblia que Mayeul trazia sempre consigo. O santo gemeu, e os outros repreenderam o companheiro, dizendo que não era preciso tratar assim as palavras dos grandes profetas. No mesmo dia, êste sarraceno, tendo entrado numa briga com outros, teve cortado o pé com que pisara a Bíblia. Vindo enfim o resgate, São Mayeul foi libertado, bem como todos os que com êle haviam sido aprisionados, e celebrou a festa da Assunção entre os cristãos, como havia pedido. Os sarracenos não demoraram a ser completamente batidos e rechaçados de Freysinet pelas tropas de Guilherme, o que foi considerado uma punição divina pelo aprisionamento do santo abade. Restituíram, mais, os livros, que tinham sido encontrados entre os despojos.

Algum tempo após o regresso de São Mayeul a Cluny, o imperador Otão II e a imperatriz Adelaide, sua santa mãe, havendo-o chamado junto de si, instaram com êle para que aceitasse a Santa Sé de Roma, vaga. O abade Mayeul recusou constantemente a dignidade, dizendo que queria viver pobre e não deixar jamais o seu pequeno rebanho. Como o imperador e a imperatriz insistissem, pediu tempo para pensar. Mergulhou na prece e encontrou-se fortificado na resolução. Disse aos senhores e aos bispos que o queriam persuadir a aceder aos desejos do imperador: "Sei que não tenho as qualidades necessárias a uma dignidade tão insigne, e os romanos e eu estamos tão distanciados no que tange aos

costumes, como o estamos com relação ao país." Permaneceu irredutível na recusa, e êste talvez não seja o menor de seus milagres.

O bom odor dos frutos da reforma que Mayeul havia já estabelecido em diversos lugares, levou os bispos e os senhores, notadamente o rei Hugo Capeto, a colocarem sob a disciplina dêle os mosteiros de sua dependência; porque, quanto aos monges, longe de desejarem a reforma, a maior parte a temia tanto quanto dela necessitava.

Não podendo suportar sòzinho tantos afazeres, por causa da idade avançada, São Mayeul creu dever designar Santo Odilão para seu sucessor. Reunida em assembléia a comunidade, fê-lo eleger a viva voz, temendo, como disse, que as enfermidades da velhice o impedissem de manter em vigor a disciplina regular. Temos a ata da eleição, assinada por São Mayeul, Rodolfo II, rei da Borgonha, muitos prelados e cento e setenta e sete monges. Crer-se-ia que o rei e os prelados não assinaram senão contrangidos, para mostrar que aprovavam ou ratificavam esta eleição.

Após decisão tão importante, Mayeul, não mais se acreditando útil na terra, não suspirava senão pelo céu; mas sua reputação e zêlo não lhe permitiram gozar do repouso pelo qual ansiava. O rei Hugo, que havia recebido grandes queixas dos monges de São Dionísio, pediu a São Mayeul que fôsse estabelecer a reforma. O santo abade pôs-se a caminho imediatamente, não obstante a enfermidade; chegado a Souvigni, caiu gravemente doente. Sabendo que a última hora tinha chegado, encarou-a com a santa alegria que a confiança cristã concede aos santos. Os religiosos derramavam lágrimas

em tórno de seu leito; êle consolou-os. «Deus me chama, disse, e, após o combate, convida-me à coroa. Se me amardes, porque afligir-vos da felicidade de que vou gozar?» Perguntaram-lhe sob que proteção os deixava. Respondeu-lhes: «Se observardes a vossa regra, Jesus Cristo, o soberano pastor, será êle próprio o vosso protetor.» Conjuraram-no a que lhes desse a absolvição, e prostraram-se por terra para recebê-la. Deu-lhes a absolvição, com a bênção; depois, entretendo-se amorosamente com Deus, como se já gozasse das alegrias celestiais, exclamou: «Senhor, estou encantado com a beleza de vossa mansão. Quão amáveis são os vossos tabernáculos!» Ficando algum tempo em silêncio, recitou em voz baixa orações, e, fazendo freqüentemente o sinal da cruz, passou ao repouso do Senhor, cheio de anos e méritos, quarenta e um anos após haver sido eleito abade de Cluny. Morreu em 994, em 11 de maio, que, nesse ano era o dia após a Ascensão. Sua biografia foi escrita por Santo Odilão, seu sucessor, e por outros de seus discípulos. (1)

Enterraram-no em Souvigni, na igreja de São Pedro, e sua sepultura ficou célebre por tão grande número de milagres, que Pedro, o venerável, não receou dizer que, depois da Santa Virgem, não há outro santo na Europa que mais milagres operou. O rei Hugo Capeto, ouvindo de sua morte, dirigiu-se a Souvigni para assistir aos funerais. Begon, bispo de Clermont, consagrou um altar sôbre a tumba pouco tempo depois de sua morte, e Urbano II exumou-lhe o corpo, em 1095, para expô-lo à veneração dos fiéis.

* * *

(1) Acta Bened. sect. v. Acta SS., 11 maii.

SÃO GANGULFO (*)

Mártir

Gangulfo ou Genguto nasceu numa ilustre família da Borgonha, tendo passado a infância e a juventude na mais perfeita inocência, estudando e aplicando-se às práticas da piedade cristã.

Casado, teve uma espôsa frívola, vaidosa, muito amante das coisas do mundo — o que foi uma prova para a virtude do santo.

São Gangulfo tomou parte em várias guerras de Pepino, o Breve, depois pregou o Evangelho na Frísia.

A espôsa, que lhe ria das virtudes, foi-lhe infiel, e, um dia, advertiu-a, procurando, com imensa paciência, levá-la a recuperar a honra.

Disse-lhe, então, a mulher, que o que se propalava a respeito da vida libertina que levava era injusto e sem fundamento.

— Se assim é, disse-lhe Gangulfo, eis ali que límpida água, nem quente nem fria, que não causará qualquer mal. Vai, e lá mergulha teu braço. Se nada te acontecer, serás inocente aos meus olhos.

A espôsa apressou-se à prova tão fácil. Mergulhou o braço na água, e, quando o retirou, sentiu dores atrozes, ao mesmo tempo que a pele lhe caía por si só, impressionantemente.

Culpada, o orgulho que nela morava e era grande, impediu-a de pedir perdão. Num silêncio só cortado pelos gemidos de dor, que deixava escapar, tinha os olhos baixos, tôda ela fremente, cheia duma raiva que a custo reprimia.

— Poderia, disse-lhe Gangulfo, atirá-la a tôda a severidade da lei, mas não o farei. Melhor deixar-te a liberdade para que expies, na penitência e nas lágrimas, o adultério que o céu revelou.

Gangulfo deixou-a, e logo mais, enviou-a a um dos seus domínios, conferindo-lhe uma certa pensão para a subsistência. E, retirando-se a um dos seus castelos, perto de Avallon, entre Auxerre e Autun, dali continuou a velar pela infiel. Por cartas, exortava-a a expiar as faltas passadas, para que pudesse ter melhor vida. Tôdas as delicadezas, porém, foram inúteis. A mulher continuou a levar a mesma vida depravada, libertina e de desordens. E, à medida que o tempo ia passando, foi concebendo um grande ódio pelo marido que a apartara de si — e resolveu matá-lo.

Atacado na cama, quando dormia, por um cúmplice da adúltera, Gangulfo ainda teve tempo de receber os últimos sacramentos. Falecido a 11 de maio de 760, foi sepultado por duas piedosíssimas tias que viviam em Varennes, Villetrudes e Villegosa, as quais obtiveram o corpo do santo sobrinho, enterran-

do-o na igreja daquela cidade. Muitos milagres atestaram-lhe a santidade, e o culto logo se espalhou pela França, Suíça, Países Baixos e Alemanha.

O corpo, mais tarde, foi transferido para Langres, onde uma igreja carmelita foi colocada sob sua invocação. São Gangulfo, que é um dos padroeiros de Montreuil-sur-Mer, é especialmente invocado pelos homens mal casados.

* * *

SANTO UDALDO (*)

Mártir

Udaldo ou Audaldos nasceu na Itália, em 405, numa família pagã, que combatera sob os generais romanos e conseguira vastas terras.

Um dia, encontrando-se com um santo ermitão chamado Pancrácio, impressionado, lembrando-se do que aprendera da religião cristã, quando na infância privara com amiguinhos católicos, suplicou ao solitário que o admitisse a seu lado, para melhor se instruir das verdades religiosas.

Não demorou muito, tal a sua aplicação, recebeu o batismo, já com a intenção de se consagrar ao serviço de Deus.

Pancrácio avisou-o de que a aprendizagem era dura, fazendo-se mister encontrar um lugar em que se vissem a seguro dos assaltos do desencorajamento.

Ambos, então, resolveram deixar a Itália, indo parar nas imediações de Elna. Era em 423, e os visigodos arianos, sob Teodorico, o primeiro deles, eram o governo no país.

Udaldo viu voltar-lhe, de repente, poderoso, o instinto do bárbaro. No mesmo instante, o gôsto que

tomara pela vida contemplativa soube-lhe amargo e acre. E, tencionando abandonar o companheiro, ia fazê-lo, quando um trovão, sem que nada pudesse motivá-lo, ribombou surdamente pelos céus, amedrontando o jovem, curando-lhe as ilusões que acalentara por pouco.

Udaldo e Pancrácio aplicaram-se com grande diligência à oração, às austeridades, ambos impondo-se rudes macerações. Pancrácio, todo tomado pelo espírito de caridade, movido por uma força divina, pôs-se a trabalhar na conversão dos do país, todos pagãos, enquanto Udaldo, conhecedor das línguas bárbaras dos godos, dava-se com ardor incomum a salvar as almas que o companheiro reunia em torno de si, pregando-lhes vivamente, falando-lhes das coisas de Deus.

Foi durante êste tempo de grandes trabalhos que Udaldo, dalgum bispo da região de Barcelona, recebeu o sacerdócio. Tais trabalhos, que acabaram por derrear com o bom Pancrácio, levou-o para o Senhor.

Morto o amigo, o santo fêz uma peregrinação ao túmulo de São Saturnino, em Tolosa, donde, em 444, seguiu para Roma.

Átila, naquele tempo, tendo diligenciado na formação dum colossal exército (1), marchava sobre Constantinopla, para depois ganhar Roma.

Obedecendo a uma divina inspiração, Udaldo foi ao encontro daquele que se chamou o *Flagelo de Deus*.

(1) Segundo alguns 500.000 homens, segundo outros 700.000 (N. Atual.).

No exército do rei huno, encontrou cristãos que eram tratados como escravos, relegados a uma vida sem qualquer higiene, quase todos desaparecendo vitimados por insetos venenosos e outras doenças.

Udaldo encorajou-os com ardorosas palavras, com ferventes orações, o que desgostou os chefes. E o rei Vuillielm, irmão mais velho de Átila, foi encarregado de castigar o missionário que, com miraculosas curas, fazia prosélitos mesmo entre os súditos do *Flagelo*.

Condenado ao suplício do chicote com aplicações de ferro, que à terceira chibatada fazia perder os sentidos a um homem de compleição normal e ao quinto lhe ocasionava a morte, o futuro mártir, sofrendo a pena, foi deixado como morto no lugar da execução.

Curado miraculosamente, foi ter com a divisão dos ostrogodos, reiniciando os apostólicos trabalhos, mas o chefe Valamir, sabedor do que lhe sucedera, ordenou que o prendessem, para que passasse pelo mesmo suplício, ao qual, se não sucumbisse, acrescentaria um novo, qual seja o de beber uma conca de chumbo derretido.

Udaldo, pela segunda vez, suportou o castigo nacional dos bárbaros, e não pereceu. Apresentaram-lhe, então, sem qualquer comoção, a conca de chumbo derretido. Udaldo, vacilante, ergueu-se, banhado em sangue, cadavérico, a tressuar. Tomou da conca, onde o chumbo chiava e se enrodilhava, liquefeito, fêz sôbre ela o sinal da cruz, e, como a uma reconfortante água pura e fria, sorveu confiantemente o metal enrubescido.

Valamir, estupefacto, nem mesmo pensou em lhe ordenar o decepamento da cabeça. Encantado, limitou-se a enviar o grande missionário para bem longe dos exércitos do huno terrível, mal sabendo que, um pouco mais tarde, haveria de reencontrá-lo, desta vez para não mais poupar-lhe a vida.

O santo regressou a Tolosa, através dos Pireneus. Ali, pediu e conseguiu relíquias de São Saturnino, e se fez para o Vale de Andorra e chegou a Urgel. No lugar chamado de Tavernolas, ergueu uma igreja, e dedicou-a ao santo cujas relíquias tão carinhosa e respeitosa trazia.

Por sete anos, trabalhou Udaldo na conquista de almas para Deus.

Um dia, era a 11 de maio de 452, o exército ostrogodo de Átila acampou em Ax, barulhento e terrível. E Valamir, com intenções de sacrificar ao deus Março, foi impedido por Udaldo. O chefe bárbaro não titubeou: ordenou que o encerrassem no tonel que contivera o vinho dos sacrifícios e o varassem com longos pregos agudos.

Rolado o tonel pelos campos até os muros de Ax, o sangue do valoroso Udaldo banhou generosamente a terra por que passou. Findo o trajeto, arrancaram-no para fora e lhe acabaram a vida com certo golpe de punhal no imenso coração de santo.

Enterrado no lugar que se chamou de Santo Udaldo, entre os ribeiros de Ause e de Ariège, em meio a dois rochedos, fora da cidade, ali descansou o santo mártir até 581, quando, então, os habitantes de Ax conseguiram do bispo Germier, a permissão

para exumá-lo e depositá-lo, honrosamente, na igreja paroquial, onde passaram a venerá-lo como um dos padroeiros da cidade da qual foi a salvaguarda, no tempo das guerras de Carlos Magno e de Luís, o Piedoso, contra os sarracenos.

Em 978, as relíquias foram transferidas de Ax para Ripoll.

SÃO GALTÉRIO DE ESTERP (*)

Abade e Confessor

Galtério nasceu em 990, na Aquitânia, de pais que habitavam o castelo de Confolens. Educado na abadia do Dorat, foi, pela conduta, exemplo para todos os estudantes.

Um dia, apareceu na comunidade um considerável personagem — Hervê, então tesoureiro do mosteiro de São Martinho de Tours, fervoroso na oração. Galtério, que almejava tornar-se poderoso junto de Deus, pelas orações, achou que devia seguir o visitante, quando êste fôsse orar na igreja, de modo a descobrir quais as palavras que dirigia aos céus, ou que fórmulas usava quando falava ao Senhor. E assim o fêz. Chegando furtivamente atrás de Hervê, apenas viu que o santo homem só fazia chorar e suspirar, não pronunciando uma única palavra. E o juvenzinho compreendeu que a melhor oração que se podia dirigir a Deus não era constituída de palavras nem de fórmulas, mas tôda ela feita de lágrimas copiosas e de suspiros sem fim.

Anos depois, Galtério tornou-se cônego do Dorat, e, seja com os da comunidade, seja sôzinho na cela, estava sempre ocupado em orar a Deus com

o maior enlêvo, sem que qualquer distração o arrancasse da presença do Altíssimo, porque, observador que era, tirava, com grande proveito, dos defeitos dos outros, as devidas correções para os seus.

Um dia, porque o abade tratava os cônegos com certa dureza e procurara adoçar-lhe o feroz humor, caiu nas desgraças do superior. Retirou-se, então, para um subúrbio de Confolens. Ali, redobrando as austeridades, não tardou a chamar a atenção da gente do lugar e, pouco depois, a dos cônegos regulares de Esterp, abadia que estava afeta à diocese de Limoges.

Atraído pelos membros daquela comunidade, Galtério, num instante, conquistou o coração de todos — e foi escolhido como abade, quando o velho superior faleceu, de volta duma peregrinação que empreendera à Terra Santa.

Inicialmente, o santo recusou o cargo com grande veemência, alegando incompetência, todo êle com a humildade e o amor pela tranqüilidade espantados. Resistiu por longo tempo, implorando que escolhessem outro mais digno e com maiores aptidões, mas a comunidade não se deu por achada: recorreu ao senhor do país, Aymard — e Galtério, instado por êste, acabou cedendo. Estava, então, com quarenta e dois anos.

Como abade, Galtério mais governou com os exemplos de vida do que com a autoridade que lhe advinha do pôsto ao qual o alçaram. Mais humilde ainda, considerava-se o último dos religiosos. Todo zêlo, jamais se esqueceu da pobreza das circunjaçães, e fêz esmolas como ninguém o fizera antes

dêle em Esterp. Os pecadores que converteu foram em grande número.

Sete anos antes da morte, Deus provou-lhe a paciência, tirando-lhe a vista. Cego, Galtério viu-se ainda mais perto do Senhor.

A 11 de maio de 1070, faleceu o santo com imensa doçura, e o corpo foi enterrado na igreja de Esterp. Deus ilustrou-lhe o túmulo com diversos milagres.

A festa de São Galtério de Esterp foi estabelecida em 1091.

* * *

SÃO FRANCISCO DE GIROLAMO (*)

Confessor

Francisco era filho de João Leonardo de Girolamo e de Gentilesca Gravina. Nascido perto de Tarento, na Itália, a 17 de setembro de 1642, era o mais velho de onze irmãos, aos quais suplantou na virtude e na aplicação aos estudos.

Recebido na sociedade de eclesiásticos de São Cajetano, ali se fez ministrador de catecismo às crianças, incumbindo-se também da arrumação da igreja.

Depois dos primeiros estudos, estava com dezesseis anos, enviaram-no a Tarento, para se dar à teologia. Ali, recebeu, depois de algum tempo, as santas ordens e o diaconato.

Fazendo-se para Nápoles, estudou direito canônico e direito civil.

A 8 de maio de 1666, com uma dispensa de idade, recebeu o sacerdócio.

Cheio de desejo de perfeição, suspirando constantemente, desde algum tempo, pela solidão, foi, porém, por cinco anos, prefeito dum colégio da Companhia de Jesus.

Quando entrou nos vinte e oito anos, foi admitido como noviço na Companhia. Humilde, dado às mortificações, obedientíssimo, passou por duras provas.

Passado o noviciado, Francisco, com o padre Agnello Bruno, trabalhou nas missões. Durante três anos, com aquêlê companheiro, percorreu inúmeras aldeolas da Puila e de Otranto, como se fôra um anjo que os céus lhes enviara.

Em 1674, estava novamente em Nápoles, onde terminou os estudos de teologia, e, no ano seguinte, foi nomeado pregador da igreja do *Gesu Nuovo* — início duma carreira apostólica que iria durar, sem interrupções, quarenta proficuos anos.

Grande parte do sucesso que São Francisco de Girolamo obteve lhe adveio da grande eloqüência. Possuindo voz forte e sonora e estilo simples, insinuava-se no coração dos ouvintes com maneiras graciosas e atraentes. Preferentemente, falava sôbre o pecado e os terrores dos divinos julgamentos, pintando-os com côres tão vivas, suscitando imagens tão perfeitas, que arrancava lágrimas de arrependimento ou sustos dos que o ouviam, todos presos, de olhos escancarados, como que magnetizados pela fôrça do verbo fácil. Hábil, passava a falar das doçuras, da bondade, da infinita misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo, e aquêles que choravam, entregues ao desespêro, do terror passavam à tranquilidade, à esperança. Era o momento em que, apelando aos corações endurecidos, convidava-os a solicitar do Salvador o perdão e a reconciliação. Era de ver, então, o grande número de pessoas que,

caindo de joelhos, suplicavam a Jesus crucificado a bênção dum olhar terno e cheio de perdão.

Sempre, antes de dar início às pregações, São Francisco de Girolamo passava longo tempo ajoelhado aos pés do Crucifixo. E o santo soube aproveitar-se das oportunidades com maestria.

Em 1707, numa erupção do Vesúvio, disse êle aos ouvintes, com voz cava, num tom tão lúgubre que arrepiava:

— Nápoles! Em que tempos vives?

Estas palavras, que em outras circunstâncias nenhum efeito teria, mesmo lançadas naquele dia-pasão terrível, foi duma eficácia incomum.

Doutra feita, pregava, com tantas lamúrias, sôbre os malefícios do pecado, que um menino, entre os assistentes, rompeu a chorar desbragadamente. São Francisco de Girolamo deixou o púlpito, apressou-se a ir ao encontro do pequeno, ao qual abraçou com imensa ternura, depois do que, voltando-se para o auditório emudecido, disse:

— Êste menino inocente derrama lágrimas tão sentidas e os pecadores permanecem insensíveis!

Sentindo-se inspirado, tornou ao pequeno:

— E teu pai, que faz êle?

O pai, presente, tocadíssimo, a conter uma avalanche que queria, a todo custo, romper da alma, levantando-se, incontrolado diante das lágrimas do filho, rompeu a correr e a gritar, em direção de Jesus crucificado, suplicando-lhe o perdão dos pecados que carregava.

Francisco fêz conversões admiráveis. Um homem de Paris, protestante, casara-se com uma católica.

Chamava-se Francisco Cassier, a espôsa Madalena Olivier. Tiveram duas filhas. A estas, o pai queria encaminhá-las no protestantismo, mas a mãe, zelosa e sempre atenta, não o consentiu. E as meninas, por isso, eram rudemente castigadas pelo pai.

Um dia, a morte colheu Madalena Olivier, e Francisco resolveu mudar-se para Gênova. Forçou as pequenas a vestirem-se como homens e empreendeu a viagem.

Uma tarde, cansados da caminhada, trataram de repousar um pouco. E o pai, assim que adormeceu, foi, insensivelmente, morto pelas filhas.

Escondido o cadáver, ambas fugiram, deixaram a França, e, sempre envergando roupas masculinas, chegaram a Milão, onde se puseram a serviço de Carlos II, rei da Espanha, então senhor do ducado de Milão.

A companhia em que se engajaram foi enviada para Messina, depois para Nápoles. Ali, incumbida de perseguir uma audaciosa quadrilha de bandoleiros que se embiocara nos Abruzzos, enfiou-se pelas montanhas.

As duas filhas do malfadado Francisco Cassier lutaram com bravura incomum, mas uma delas pereceu. E a irmã, de medo que lhes descobrissem o sexo, tratou de enterrar o cadáver com grande pressa.

Terminada com êxito a expedição que se lançara aos bandidos dos Abruzzos, a jovem, adotando o nome de Carlos Pimentel, tornou a Nápoles com a companhia.

Um dia, em que a moça se achava de sentinela na praça do Castelo Novo, São Francisco, perce-

bendo-a, aproximou-se dela, dizendo-lhe misteriosamente que o procurasse na igreja de *Gesu Nuovo*, depois do sermão.

Carlos Pimentel boquiabriu-se.

— Que desejará de mim êste homem? perguntou-se. Jamais o vi, e nada tenho a tratar com êle!

São Francisco, notando a hesitação da sentinela, tornou, explicando:

— Quero que te vás para confessares.

— Confessar-me? Por que? Cometi eu porventura algum grande crime? Em sã consciência não sei que grave pecado haja cometido!

E, virando bruscamente as costas ao santo, afastava-se, quando São Francisco, contundentemente, retornou:

— Como podes dizer que não cometeste pecado? Não és uma mulher a viver escondida debaixo de trajos masculinos? Não és Maria Cassier, nascida em Paris, donde vieste para a Itália? Não te escondes também sob o nome de Carlos Pimentel? Não procures negar-mo, que de nada te servirá. Aquêlê que tudo me revelou é aquêlê Senhor Jesus que tu vêes na cruz. Queres tu que te diga mais? Não foste tu que, de acôrdo com tua irmã, mataste teu pai tão cruelmente?

O *soldado*, a estas palavras, pôs-se pálido e trêmulo. E para impedir que o Santo mais falasse, prometeu que iria confessar-se no dia seguinte, embora pensasse o contrário.

São Francisco esperou-a, inútilmente, por dois dias. No terceiro, saiu procurá-la, e, tendo-a encontrado, disse-lhe:

— É assim que tu tens em conta a palavra dada?

— Pai, crê em mim, respondeu-lhe ela, eu não pude ir. De resto, é-me impossível ver-te agora, porque, por ordem do vice-rei, embarcaremos imediatamente: partiremos para a Toscana.

O santo pensou por um momento, depois disse:

— Não, não partirás. Jura-me, pelo Cristo, que amanhã de manhã irás procurar-me. Não temas nada, porque tenho grande esperança de que Deus te quer salvar.

Inexplicavelmente, aquêlê dia mesmo, a ordem de embarque foi revogada, e a jovem appareceu na igreja de *Gesu Nuovo*, cumprindo a promessa feita a São Francisco de Girolamo.

— Então, disse-lhe êle alegremente, a sorrir, querias fugir das mãos de Deus? Lembra-te de que é um Pai que te ama, Aquêlê que te quer.

Ouvida em confissão, Maria Cassier recebeu a absolvição, cumpriu a penitência que o santo lhe impôs, e se acerçou da mesa santa, passando quase que o dia inteiro na igreja, muito feliz, em piedosos exercícios de devoção.

À noitinha, o santo confessor levou-a consigo até a casa da bondosa marquesa de Santo Stefano, onde ficou a viver, retomadas as vestes do próprio sexo, no mais perfeito recato, a tratar de soldados inválidos.

Tal conversão, extraordinária, ocorreu no ano de 1688. Falecida em 1727, onze anos depois do nosso santo, que deixou o mundo no dia 11 de maio de 1716, Maria Cassier, sob juramento, quando do processo de canonização de São Francisco de Giro-

lamo, em 1839, confirmou detalhadamente o que aqui se disse em resumo.

Conta-se ainda de São Francisco que, estando ausente de Nápoles, numa localidade que se situava a cinco léguas daquela cidade, apareceu a um dos irmãos, Cataldo, o qual, aos cuidados de Maria Cassier, desejava morrer ao lado do santo. Maria, ao ver São Francisco no quarto, exortando o bom Cataldo a perseverar até o fim, a levá-lo a uma boa morte, maravilhou-se, uma vez que era sabedora do afastamento do homem de Deus da cidade.

Aquêlê fato, propalado por tôda Nápoles, foi motivo dum sem-número de conversões. E São Francisco de Girolamo, sempre humilde, sempre a fugir da glória, aos milagres que Deus obrava por sua intercessão, atribuía-os êle ao santo de sua grande devoção — São Ciro.

Deus fê-lo sabedor do dia da morte, um ano antes, quando do falecimento de Cataldo. Disse:

— Daqui um ano nós nos acharemos reunidos. E assim foi, de fato.

Nosso Senhor, no fim da vida, enviou-lhe grandes sofrimentos, aos quais São Francisco recebeu e aceitou sem um único murmúrio. Se fôra puro, cristalizara-se. E não cessava de repetir:

— Bendito seja Deus, que nos consola nas tribulações tôdas.

E quando, instando com êle os mais chegados, para que invocasse São Ciro e assim obtivesse ainda alguns anos mais de vida para dedicar ao serviço de Deus, respondia, sorrindo:

— Ah, não! O santo e eu, sôbre êste ponto, não nos entendemos. A questão aqui, está consumada.

O único pedido que fêz foi o de poder viver para contemplar a estátua do seu santo padroeiro que estava quase terminada. Foi atendido, chegou a vê-la. E, tendo-a contemplado, todo banhado em riso, exclamou, comovido:

— Agora sim, morro contente!

À última hora, o demônio assaltou-o com grande violência. E São Francisco, agitando-se terrivelmente, na grande luta que se travava, dizia, como que respondendo a inaudível pergunta:

— Não! Jamais! Retira-te! Nada tenho, nada, a tratar contigo!

O rosto, ditas aquelas palavras iluminou-se, e uma grande calma do santo se apossou, sinal patente de que vencera o Tentador, expulsando-o de si para sempre.

Pôs-se, então, com muita suavidade, a cantar o *Magnificat* e o *Te Deum*, como que agradecendo a Deus a grande vitória alcançada.

O corpo de São Francisco de Girolamo está conservado sob um altar lateral da igreja de *Gesu Nuovo*, em Nápoles. Quantos milagres foram obtidos por intermédio do santo? Muitos. Inúmeros milagres honraram-lhe as santas relíquias.

Pio VII, em 1806, beatificou-o, e Gregório XVI canonizou-o, como vimos, em 1839.

São Francisco de Girolamo é um dos padroeiros de Nápoles.

— — — —

No mesmo dia, na França, São Mamerto, bispo, que, para desviar calamidades iminentes, instituiu as litanias solenes para os três dias que antecedem a Ascensão do Senhor, prática que a Igreja universal aceitou e aprovou: "Nós rogamos ao Senhor que nos livre das enfermidades, dos flagelos, que nos preserve de todo o mal, que nos garanta contra a peste, o granizo, a sêca, o furor dos nossos inimigos; que nos proporcione tempo favorável para a saúde do corpo e para a fertilidade da terra, e que nos faça gozar da paz e da calma, perdoadando os nossos pecados". São Mamerto faleceu em 477.

Na Alemanha, o bem-aventurado Filipe de Zell, confessor, no século VIII, anglo-saxão de nascimento. Fêz uma peregrinação a Roma, época em que foi ordenado padre. De volta, fixou-se na aldeia de Nahegau, próximo de Worms, onde viveu como ermitão. Falecido numa data que não se precisa, sabe-se, contudo, que em 970 lhe descobriram as relíquias, no lugar chamado Zele ou Cela, relíquias que, até 1531, foram veneradas na igreja daquela localidade.

Na Inglaterra, São Fremond, mártir, morto em 886. De família real, aparentado aos reis de Mércia, deixou o mundo para viver como ermitão. Quando os dinamarqueses invadiram a Grã-Bretanha, tomou das armas para ir em defesa da religião e da independência do país. Assassinado por Osway, um ambicioso parente, foi enterrado em Offschurch, uma fundação do rei Offa. O corpo, encontrado duzentos anos mais tarde, foi transferido para o priorado dos agostinianos de Dunstable. Em 1212, muitos mila-

gres aumentaram a extensão do culto que já lhe rendiam.

Na Sicília, o bem-aventurado Aloysius Rabata, confessor. Nascido em 1430, na Sicília, recebeu o hábito religioso dos carmelos de Randazzo. Distinguiu-se pelo zêlo na salvação das almas, a paciência e a caridade. Faleceu a 11 de maio de 1490, tendo o culto confirmado por Gregório XVI.

Em York, na Inglaterra, os bem-aventurados João Rochester e Tiago Walworth, mártires. Dois religiosos da Cartuxa de Londres, quando de Henrique VIII, foram tirados do convento durante a missa conventual, por ordem de Cromwell, e levados a fôrça à igreja de São Paulo, onde foram obrigados a ouvir um dos sermões pronunciado por bispo cortesão. Em seguida, remetidos a York, acabaram na fôrça a 11 de maio de 1537. Beatificados por Leão XIII.

Em Cagliari, Sardenha, o bem-aventurado Inácio de Laconi, confessor, natural da cidade que lhe deu o sobrenome. Em dezembro do ano de 1701, deixou a família, contando vinte anos, fazendo-se para Cagliari, onde foi recebido como irmão converso entre os capuchinhos de São Benedito. Faleceu em 1781. Levou a vida a procurar os afligidos pelas praças públicas, tavernas e os cais do pôrto, nas bodegas e nos meandros do baixo mundo.

Festa do bem-aventurado João Batista de Fabriano, filho da nobre família dos Righi, nascido em Fabriano em 1496. Chamado a um estado de vida mais perfeita, impressionado que ficou com a leitura da vida de São Francisco de Assis, professou entre os irmãos menores, no convento de Forano, na Marca

de Ancona, depois passando para Massati. Humilde, obediente e piedoso, faleceu em 1539. O corpo, exumado depois de muitos anos, não só foi encontrado sem qualquer corrupção, mas exalando suavíssimo odor. Teve o culto aprovado em 1903.

No mesmo dia, em Roma, na via Salária, a festa de Santo Antímio, sacerdote, que, após haver brilhado por virtudes e prêdicas, foi, durante a perseguição de Diocleciano, precipitado no Tibre, de onde um anjo o retirou e levou ao oratório. Depois, tendo a cabeça decepada, entrou vitoriosamente no céu. Santo Evelio, mártir, um dos oficiais de Nero, que, tocado pelo martírio de São Torpeso, acreditou em Jesus Cristo, pelo qual foi também decapitado. Ademais, em Roma, na via Salária, os santos Máximo, Basso e Fábio, mártires do tempo do imperador Diocleciano. Em Camerino, os santos mártires Anastásio e seus companheiros que Antíoco mandou matar durante a perseguição de Décio. Em Osimo, na estrada de Ancona, os santos Sisínio, diácono, Diocésio e Florente, discípulos de Santo Antímio, que, sob Diocleciano, mortos a pedradas, terminaram o martírio. Em São Saverino, na estrada de Ancona, Santo Iluminado, confessor.

* * *

12.º DIA DE MAIO

SANTO EPIFÂNIO

Arcebispo de Salamina, em Chipre

O discípulo mais ilustre de Santo Hilário foi Santo Epifânio, tornado em 367 arcebispo de Salamina, metrópole de tôda a ilha de Chipre. Nascido na Palestina, pelo ano 310, conhecia perfeitamente o hebraico, o egípcio, o sírio e o grego, e sofrivelmente o latim. Instruído na piedade por Santo Hilário, abraçou a vida monástica, que exerceu diversos anos no Egito; voltando-se para a Palestina, fundou pessoalmente um mosteiro. Continuou a dirigi-lo e a trazer o hábito de eremita, mesmo depois de tornar-se bispo de Chipre. Falecido Hilário, em sua ilha, êle fêz-lhe o elogio fúnebre. Pelo ano de 374, diversos sacerdotes e leigos da Panfília e da Pisídia haviam-lhe pedido a explicação da doutrina da Igreja sôbre a Trindade, particularmente com respeito ao Espírito Santo, compondo êle então um discurso célebre, sob o nome de *Ancorato*, pois era como que uma âncora própria para firmar o espírito sacudido pelas dúvidas. Trata ali amplamente dos mistérios da Trindade e da Encarnação, contra as novas heresias. Chama a

santa Virgem freqüentes vêzes de *Theotocos*, ou mãe de Deus. E o que é ainda mais notável, e ainda não mereceu o devido relêvo, não sòmente prova a divindade e a consubstancialidade do Espírito Santo, como também repete, pelo menos dez vêzes, que é da substância do Pai e do Filho, que é do Pai e do Filho, que procede do Pai e do Filho, que procede do Pai e recebe do Filho, que procede de um e de outro (1).

Na mesma época, trabalhava na história e na refutação de tôdas as heresias. Conta oitenta até a sua época, a partir da origem do mundo; vinte antes de Cristo, sessenta depois. A idéia que lhe serviu de base foi que a Igreja católica é da eternidade e do princípio dos séculos. Adão não foi criado circunciso, nem tampouco adorou os ídolos; mas, sendo profeta, conheceu Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Não era judeu nem idólatra, mas mostrava desde logo o caráter do cristianismo; o mesmo é mister dizer de Abel, de Set, de Enós, de Henoc, de Matusalém, de Noé, de Heber, e até de Abraão. Até então não havia princípio de ação além da piedade e impiedade, a fé e a incredulidade com o caráter de impiedade e de crime; a fé sem qualquer heresia, sem qualquer diversidade de sentimentos, sem qualquer denominação particular, todos se chamando homens, tal qual o primeiro; a mesma fé que professa ainda hoje a santa e católica Igreja de Deus, a qual, existindo desde a origem, foi revelada novamente, em seguida. Do primeiro homem ao dilúvio, a impiedade revelou-se em crimes violentos e bárbaros: primeira

(1) *Epiph.*, t. II, p. 13, 14, 16, 71, 75, 77, 78, etc. edit. Petavii.

fase que Santo Epifânio chama barbarismo; do dilúvio ao tempo de Abraão, revela-se ela em costumes selvagens e cruéis, como os dos Citas: segunda fase, que chama de Citismo, usando a distinção de São Paulo: em Jesus Cristo não há bárbaro, nem cita, nem helênico, nem judeu. O helenismo ou idolatria começou no tempo de Sarug, bisavô de Abraão, e o judaísmo com a circuncisão dêsse patriarca. Abraão foi primeiramente chamado com o caráter de Igreja católica e apostólica, sem ser circunciso. Do helenismo nasceram as heresias ou sistemas da filosofia grega; da união do helenismo com o judaísmo, a heresia dos samaritanos, com diversas ramificações; do judaísmo, as heresias dos saduceus, dos escribas, dos fariseus e outros; do cristianismo, brotaram até agora sessenta, entre as quais conta e refuta os que negavam a divindade do Espírito Santo, e os apolinaristas: provando contra os primeiros, que o Espírito Santo é coeterno e consubstancial ao Pai e ao Filho, e que procede de um e outro; e contra os segundos, que o Filho de Deus, ao encarnar-se tomou realmente um corpo e uma alma semelhantes aos nossos. Quanto à Virgem, existiam hereges que lhe negavam a perpétua virgindade; outros, pelo contrário, a adoravam como uma divindade: estabeleceu contra aquêles que ela permanecera sempre virgem e contra êstes que a Deus sòmente cabe a honra da adoração. Termina a obra repetindo o primeiro pensamento: que a Igreja Católica, formada com Adão, anunciada pelos patriarcas, acreditada por Abraão, revelada por Moisés, profetizada por Isaías, manifestada por Cristo e unida a êle como sua única espôsa, existe simultâneamente, antes e depois de qualquer êrro.

Nesta obra, bem como no seu *Ancorato*, diz que Pedro, o príncipe dos Apóstolos, sem embargo de sua negação, é a pedra sólida e inamovível sôbre a qual o Senhor construiu sua Igreja, sob todos os pontos de vista, e contra a qual as portas do inferno, vale dizer as heresias e os heresiarcas, não prevalecerão. Foi a êle que o Senhor disse "apascenta os meus cordeiros", confiando-lhe a guarda do rebanho, rebanho que êle governa como se deve pela virtude de seu mestre (1).

Após haver exposta a fé da Igreja, acrescenta a disciplina geral. O fundamento é a virgindade que guardava grande número de fiéis, depois a vida eremítica, em seguida a continência, após a viuvez, afinal um matrimônio honesto, sobretudo se é único. A coroa dêste conjunto é o sacerdócio, que se recruta mais freqüentemente entre os virgens, ou ao menos entre os monges, ou, na falta dêles, entre os que se abstêm de suas mulheres, ou viúvos depois de um único casamento. Aquêle que tiver contraído segundas núpcias, não pode ser recebido no sacerdócio, seja como bispo, como padre, como diácono ou subdiácono. As assembléias convocadas pelos apóstolos tinham lugar geralmente aos domingos, na quarta-feira e na sexta-feira; nestes últimos dois dias, jejuava-se até a nona, salvo no tempo pascal. Não era permitido jejuar aos domingos nem na festa do Natal, em qualquer dia que caísse. Excetuados os domingos, jejuava-se nos quarenta dias que precediam a Páscoa; nos últimos, não se tomava senão pão, sal e água, e pela noite. Os mais fervorosos

(1) T. I, pág. 500; t. II, pág. 14 e 15.

passavam vários dias, ou mesmo todos, sem comer. Nominativamente eram lembrados os mortos nas orações e no sacrifício. Muitos levavam a devoção a ponto de se absterem das coisas permitidas. A Igreja proibia em geral tudo o que era mau, supersticioso, desumano, e recomendava a hospitalidade, a esmola e tôdas as obras de caridade para com todos. Tal é a substância da grande obra de Santo Epifânio. Enviou-a, a pedidos, aos padres e abades da Síria, com uma carta que contém o sumário e que desastradamente foi dividida em dois.

Em 382, Santo Epifânio foi em peregrinação a Roma com São Paulino de Antioquia e São Jerônimo, para procurar, junto do papa São Damaso, remédios para os males das igrejas do Oriente. Alojaram-se na casa de Santa Paulina, cuja família descendia dos Cipiões e produzia então grande número de santos personagens. Santa Paula, por sua vez, hospedou-se em casa de Santo Epifânio, quando passou pela ilha de Chipre, para ir estabelecer-se na Palestina, em Belém, junto do berço do Senhor.

Discutia-se então, mesmo entre os católicos, pró ou contra certas doutrinas de Orígenes. Santo Epifânio teve a êsse respeito certa dificuldade com João, bispo de Jerusalém, sôbre um ponto qualquer de disciplina eclesiástica, que variava de província para província. Teve uma dificuldade dêsse gênero com São Crisóstomo, quando passou por Constantinopla, em 402; São Crisóstomo era então acusado por bispos, e defendido por outros. Santo Epifânio deixou Constantinopla, dizendo aos bispos que o acompanhavam até o mar: Deixo-vos a cidade, o palácio, o teatro; quanto a mim, vou-me, porque tenho pressa, tenho

grande pressa. Efetivamente, morreu em caminho no ano 403, após trinta e seis anos de episcopado; seus discípulos construíram uma igreja em Chipre, com o seu nome, onde colocaram a sua imagem com muitas outras. Deus honrou-lhe a tumba com muitos milagres. A festa celebra-se, entre os latinos como entre os gregos, no dia 12 de maio.

SANTA RICTRUDE (*)

Viúva

Esta santa viúva nasceu no país basco, numa família que, por longos anos, lutou contra os francos do Norte. Cristã no meio de um povo idólatra, Rictrude era, como o disse alguém, *uma doce rosa em meio a espinhos lacerantes*.

Casada com Adalbaldo, foi viver no país de Ostrevento, onde teve os filhos, filhos que educou na piedade e no temor de Deus.

Morto o bom espôso, quando, numa viagem a Gasconha, caiu nas mãos dos parentes desgostosos com o casamento que fizera, Rictrude, sòzinha, na dura viuvez, incumbiu-se da educação dos filhos, sempre voltada para Deus, no mesmo tempo que se dava, com diligência e muito amor, às obras de caridade.

Desejando retirar-se do mundo, consultou Santo Amando, que conhecera na primeira juventude, quando então pregava o Evangelho no seu país, que a aconselhou a esperar até que o filho Mauront atingisse a idade para ser admitido na côrte dos reis francos.

Chegada a hora de se dar a Deus, um empecilho surgiu: o rei Clovis II queria que a santa viúva desposasse algum dos nobres da côrte; inspirada, Rictrude respondeu-lhe que tal passo deveria ser meditado, dada a sua importância. Queria, destarte, um prazo para refletir. Assim, numa grande festa que dera tempos mais tarde, e em que o rei estava presente, perguntou-lhe se lhe era dado fazer o que desejava na própria casa.

A uma afirmativa de Clovis, Rictrude tirou do seio um negro véu, que Santo Amando benzera, pô-lo sôbre a cabeça e chamou, em alta voz, o Senhor, conjurando-o a ajudá-la a conservar aquela peça até o fim da vida.

O monarca, rubro de raiva, indignado consigo mesmo, consentindo justamente com o que não queria, deixou abruptamente o salão.

Tôda entregue a Deus, tendo o filho em Breuil, Rictrude viveu feliz até a morte, que ocorreu no dia 12 de maio de 688, na diocese de Arras. O corpo, sepultado na igreja do convento de Marchiennes, foi muito venerado.

de

consulto. Quando a primeira juventude de Amando de Coucy, na sua primeira juventude, quando ainda estava em sua casa, esperava até que o filho Mauduade para ser admitido na côrte dos

* * *

SANTA JOANA DE PORTUGAL (*)

Virgem

Joana era filha de Afonso V, décimo-segundo rei de Portugal, apelidado o Africano, filho de Dom Duarte. Tendo vivido na côrte, praticou as mais altas virtudes cristãs. Apenas se lembrava dos sofrimentos de Nosso Senhor, lágrimas sem conta banhavam-lhe as faces e soluços infintos sacudiam-lhe o corpo. Debaixo das ricas vestimentas que era obrigada a envergar, ninguém podia adivinhar os instrumentos austeros que trazia apertadamente aderidos à carne. Doce e compassiva, humilde e amorosa, vivia interessada por tôda a sorte de misérias, procurando-as no próximo e tudo fazendo para suavizá-las.

Muitos príncipes pediram-lhe a mão, insistentemente, mas a todos, fiel ao Cristo, negou-a com firme determinação.

Encerrando-se no mosteiro de Aveiro, da Ordem de São Domingos, pela humildade e pronta obediência ninguém havia de dizer que ali se encontrava uma filha de reis.

Santa Joana trabalhou com grande afinco na conversão das almas, tôda temerosa que vivia com

a sorte dos pecadores. A redenção dos cativos da África, porém, foi sua obra predileta.

Acometida por longa e dolorosa doença, a qual suportou com infinitos de paciência, com indissolúvel resignação, Santa Joana de Portugal faleceu a 12 de maio de 1490, tornando-se, em breve, padroeira de Aveiro.

Inocência XII permitiu às Igrejas de Portugal e aos irmãos pregadores que lhe celebrassem a festa nos dias 12 de maio de cada ano.

SÃO PANCRÁCIO (*)

Adolescente — Mártir

Filho de Cledônio, cognominado o Frígio, Pancrácio, muito jovem, perdeu o pai e foi recolhido por um dos tios, Dionísio (1), que o educou cristãmente, embora ainda fôsse catecúmeno.

Era no tempo de Valeriano e de Galiano, e, quando Pancrácio completou catorze anos, tio e sobrinho buscaram Roma, onde acabaram por instruir-se na religião cristã e receberam o batismo.

Data daqueles dias o desejo que ambos conceberam de verter o sangue por Nosso Senhor Jesus Cristo, Redentor nosso. Dionísio, todavia, pouco depois, falecia sem poder satisfazer aquela alta pretensão.

Quanto a Pancrácio, visto como cristão, foi prêso e levado à presença do imperador Diocleciano, o qual, em vão, procurou levar o jovem a apostatar, sacrificando aos ídolos.

Irritadíssimo com a persistência do generoso menino-moço, e com as seguras respostas que lhe dava, sem titubear, o imperador ordenou que lhe

(1) Também inscrito no dia de hoje.

decepassem a cabeça, o que sucedeu na Via Aureliana, no dia 12 de maio do ano da graça de 304.

Otávia, uma santa mulher, prontamente apode-rou-se do corpo da vítima e o sepultou naquela mesma via.

Hoje, Roma possui uma igreja de São Pancrácio — São Pancrácio Fora dos Muros — onde, segundo São Gregório de Tours (2), os que ali prestam solene juramento e o fazem falsamente, são imediatamente mortos ou então tomados pelo demônio.

São Pancrácio, depois de 1517, tornou-se um título cardinalício. Na França, tornou-se tão famoso e tão querido, que, com o correr dos séculos, o nome foi-se transformando, desfigurando: *Planchais, Planchat, Plancher, Branchais, Blancat*, e outros mais ou menos semelhantes. Assim na Itália, onde é chamado *Branças, Brancaccio*, etc.

A São Vandrilo, abade de Fontenelle, que construiu uma igreja que ficou debaixo da invocação de São Pancrácio, o papa Vitaliano enviou relíquias do mártir. Ao rei Oswi, o mesmo Vitaliano concedeu relíquias de São Pancrácio, em 656. Depois da conversão dos ingleses, levada a cabo por Santo Agostinho, enviado de Gregório, São Pancrácio de Cantorbéry foi a primeira igreja que se consagrou a Deus naquelas terras. Grande, pois, é São Pancrácio junto de Deus. Peçamos a êle que vele por êste mundo, agora mais do que nunca tão conturbado por péssimas ideologias sem raízes no céu.

* * *

(2) Gr. T., Glor. Mart., c. LXXXIII.

No mesmo dia, em Constantinopla, São Germano, bispo, célebre pela ciência e as virtudes, e que se opôs corajosamente e com grande firmeza a Leão, o Isauriano, que publicara um edito contra as santas imagens. Nascido em 635, nos tempos do imperador Heráclio, era filho de um patrício chamado Justiniano, que ocupou altos cargos no Estado. Contam-se d'êle numerosos escritos: um livro sôbre as heresias e os concílios; uma carta dogmática (controvérsia iconoclasta), *Cartas dos gregos aos armênios, para sustentar os decretos do concílio da Calcedônia*; nove discursos, dos quais sete são sôbre a santa Virgem, um trabalho moral sôbre o limite da vida; uma explicação mística da liturgia; alguns hinos.

Em Trêves, São Modoaldo, bispo. Originário da Aquitânia, foi aliado de Pepino, prefeito do palácio, e tio de Santa Gertrudes de Nivelles. Educado na côrte do rei Dagoberto I, do qual foi, por algum tempo, conselheiro. Bispo de Trêves em 622. Fundador de vários mosteiros, entre os quais se sobressai o de São Sinfroiano de Autun, convento de mulheres, governado por Severa, sua irmã (1). São Modoaldo assistiu ao concílio de Clichy a 12 de maio de 627. Faleceu em 640.

Na Itália, a bem-aventurada Imelda Lambertini, virgem. Cognominada *Flor da Santa Eucaristia*, nasceu em Bolonha em 1320. Professou entre as dominicanas de Val di Petra, onde faleceu, particularmente favorecida por Deus, aos treze anos, no dia 12 de maio de 1333.

Na Inglaterra, o bem-aventurado João Stone, mártir, no tempo de Henrique VIII. Pertencente aos

(1) Primeira abadessa, falecida em 20 de agosto de 640.

agostinianos de Cantorbéry, era doutor em teologia, gozando de grande estima pelo saber e pela santidade. Morto em 1538.

Em Nápoles, a bem-aventurada Catarina de Cordonha, virgem, nascida em Nápoles no ano de 1519. Desde muito jovem, prometeu ao Senhor guardar a virgindade. Filipe, rei da Espanha, em 1566, chamou-a à côrte para que se incumbisse da educação do príncipe Dom Carlos. Desesperada por não conseguir fazer do jovem alguém à altura do seu destino, renunciou ao cargo. Levando vida de grande austeridade, retirada de tudo e de todos, faleceu em 1577. Santa Teresa proclamou-lhe a grande santidade.

Em Calzada, Espanha, São Domingos, confessor, natural da Biscaia, falecido em 1109.

Na diocese de Blois, São Mondry ou Monderico, confessor, cujas reliquias se encontram perto de Blois (século VI).

Na Itália, Santa Gemma, virgem, reclusa. Pastora, muito pobre, foi educada pelos servidores do conde de Celano. Viveu quarenta e dois anos numa cela, falecendo em 1429.

No mesmo dia, em Roma, na via de Ardeu, os santos mártires Nereu e Aquileu, irmãos, que passavam longo tempo, em exílio, na ilha de Ponce, com a virgem santa Flávia Domitila, da qual eram servidores: em seguida sofreram uma cruel flagelação; após o que o consulário Minutius Rufus, tendo baldadamente tentado, por intermédio de tormentos do cavalete e do fogo, constrangê-los a sacrificar, porque diziam que haviam sido batizados pelo Apóstolo São Pedro, e por isso não podiam de maneira alguma

oferecer incenso aos ídolos, mandou decepar-lhes a cabeça. Suas sagradas relíquias, com as de Flávia Domitila, foram, por ordem do papa Clemente VIII, solenemente transferidas da sacristia de Santo Adriano, para a antiga igreja que leva o seu nome, onde antigamente haviam sido colocados, e que havia sido reformada depois: a trasladação fêz-se na vigília desse dia. — Em Roma ainda, São Dionísio, tio paterno do mesmo São Pancrácio. — Na Sicília, São Filipe de Argirion, que, enviado para essa ilha pelo soberano pontífice, converteu à religião de Jesus Cristo a maior parte dos insulares. A santidade revela-se-lhe principalmente no poder que tinha de livrar os energúmenos.

* * *

13.º DIA DE MAIO

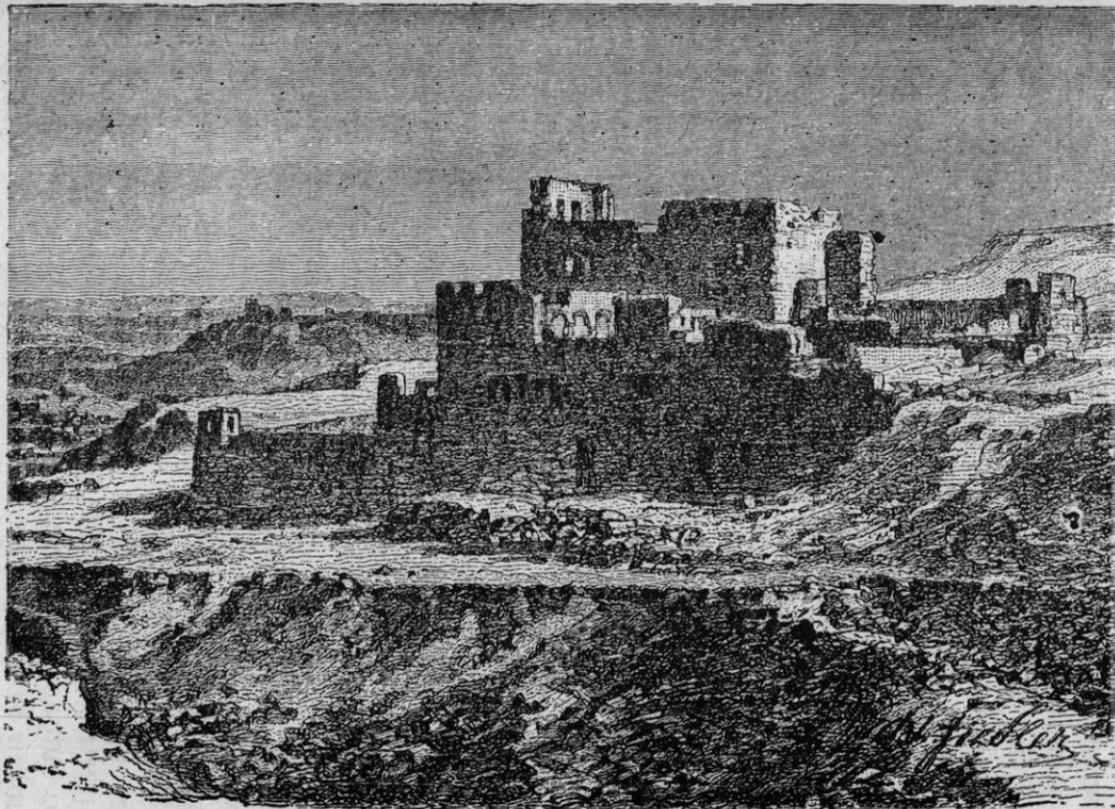
SÃO JOÃO, O SILENCIOSO

Bispo, depois eremita

Pelo ano de 492, havia São Sabas recebido em seu mosteiro, perto de Jerusalém, um postulante estrangeiro. Para conhecê-lo, pô-lo à disposição do ecônomo, que o enviou a procurar água e o mandou carregar pedras para os operários ocupados com a construção de um novo hospital. O noviço, chamado João, obedecia com grande simplicidade. Conservava-se em perpétuo silêncio, tinha a face serena, e parecia sempre recolhido. São Sabas encarregou-o de receber os estrangeiros. Servia a cada um dos hóspedes, como se servisse ao próprio Jesus Cristo. Todos se sentiam tocados com o seu exterior modesto e edificante. Sabas não podia admirar bastante a atitude que mostrava um jovem religioso em lugar tão perigoso, mesmo para o mais perfeito. Nada, com efeito, era capaz de lhe distrair a alma sempre unida a Deus. O santo abade não duvidou mais de que João fôsse dotado, em grau eminente, do espírito da vocação e permitiu-lhe ir viver num eremitério separado, o que não se concedia senão aos que estivessem mui sôlidamente estabelecidos na perfeição religiosa.

Encerrado na cela, João permanecia cinco dias da semana sem tomar alimento. Não saía senão aos sábados e aos domingos, e para assistir somente ao ofício público da igreja. Após ter levado três anos tal vida, foi nomeado ecônomo do grande mosteiro, onde estavam internados cento e cinquenta religiosos. Sua virtude atraía visivelmente as bênçãos do céu a tôda a comunidade. As ocupações inseparáveis de seu cargo não influíam jamais sôbre o recolhimento de sua alma. Abrasado de amor de Deus, não necessitava fazer esforços para nêle pensar continuamente. O santo hábito de permanecer, sem cessar na presença de Deus, e de jamais perdê-lo de vista, não o conseguiu de um golpe, mas gradativamente. Acostumou-se primeiramente a ajuntar às suas ações jaculatórias, que proferia em seu próprio coração, ou tirava dos livros santos. A fôrça de repetir tais orações, que continham atos de amor, de louvor, de compunção, etc., familiarizou-se com a prática da divina presença, e a continuidade de recolhimento, de que falamos.

O santo exerceu durante quatro anos o cargo de ecônomo. O abade, extremamente edificado com suas virtudes, julgou-o digno de elevado ao sacerdócio; apresentou-o a Elias, patriarca de Jerusalém, a fim de que lhe conferisse as ordens. Quando chegou à igreja do Calvário onde se faria a ordenação, João disse ao patriarca que tinha algo a comunicar-lhe em particular, e que, em seguida, se deixaria ordenar, se o julgassem digno. Elias, chamando-o à parte, permitiu se explicasse. O santo pediu-lhe segrêdo; depois continuou a falar: "Meu pai, fui feito bispo; mas a multidão de meus pecados me decidiu a emprender a fuga, a retirar-me para êste deserto a



Mosteiro em ruínas, perto de Assouant (Tebaida).

fim de esperar a visita do Senhor.” O patriarca admirado chamou São Sabas, e lhe disse: “Dispensai-me, eu vos peço, de ordenar êste homem; estou impedido por certas particularidades que acabo de descobrir.” São Sabas retirou-se muito aflito, temendo que João houvesse cometido um grande crime. Nesta perplexidade, dirigiu-se humildemente a Deus para que revelasse o que causava aquela dor e inquietude. A prece foi atendida, e êle entrou alegre na cela do santo homem, e abraçando-o, disse: “Ó pai João, vós me ocultaste o dom de Deus que em vós está, mas o Senhor mo fêz conhecer. — Estou aflito, meu pai, respondeu João, porque não queria revelar o segrêdo a ninguém; agora não mais poderei permanecer no país”. Mas o santo ancião prometeu-lhe, por Deus, que disso não falaria jamais a homem algum.

João, nascido em 454, em Nicópolis, na Armênia, havia sido efetivamente sagrado, em 482, bispo de Colônia.

Procedente de ilustre família, mas tendo perdido ainda muito jovem pai e mãe, consagrou os grandes bens aos costumes piedosos. Construiu em Nicópolis uma igreja em honra da Santa Virgem, e um mosteiro no qual se encerrou com dez pessoas animadas do mesmo fervor. Não tinha senão dezoito anos. Seu objeto era ocupar-se apenas da santificação da alma e de fazer disso o único motivo de seus pensamentos. Elevado, apesar da resistêcia, à sede episcopal de Colônia, governou nove anos a diocese com zêlo de bom pastor. Seu irmão e seu sobrinho, que tinham cargos honrosos na côrte do imperador, ficaram singularmente tocados pelo exemplo. Souberam desprezar o mundo no seio das honrarias e das riquezas, e a graça, que santifica os anacoretas nos

desertos, fêz dois santos na côrte. João igualmente não estava satisfeito com o comportamento do cunhado, governador da Armênia; mais de uma vez, viu-se na contingência de defender a igreja contra as opressões de um homem que lhe estava unido estreitamente por laços de sangue. Enfim, certos males, que não podia remediar, com uma forte inclinação para a solidão, fizeram-no decidir-se a pedir a demissão de sua sede e retirar-se secretamente para a Palestina.

Vendo-se obrigado a revelar o segrêdo, como já vimos, viveu quatro anos seguidos sem falar a pessoa alguma, senão ao que lhe trazia de comer. Alguns monges sediciosos haviam forçado São Sabas a deixar o mosteiro em 503, e o santo, querendo furtar-se a tais turbulências, retirou-se para um deserto vizinho, onde passou seis anos em silêncio absoluto. Não conversava senão com Deus durante êsse tempo, e seu alimento consistia em ervas e raízes que cresciam no deserto. São Sabas foi chamado de volta em 510; foi imediatamente procurar o santo em sua solidão, e levou-o consigo para o mosteiro. João, acostumado ao exercício de uma sublime contemplação, não encontrava nas outras coisas senão vácuo e amargor. Reentrou na antiga cela, onde continuou a levar uma vida inteiramente angélica. O fulgor de sua santidade atraiu-lhe grande número de pessoas. Não recusava jamais os seus ensinamentos a quem ia consultá-lo. Um de seus discípulos foi Cirilo, que escreveu a sua vida, e muito bem, quarenta anos após ter regressado à sua ermida, e quando tinha cento e quatro anos. João, não obstante a idade avançada, conservava ainda uma presença de espírito e uma doçura de caráter, que o faziam amado e respeitado por todos os que o viam. Morreu em 558.

SANTA ROLANDA (*)

Virgem

Século VIII ou IX

Filha de um príncipe francês, Didier, Santa Rolanda, pela beleza, inteligência e piedade, foi perdida em casamento por um ilustre e valente guerreiro, jovem filho de um rei da Escócia. Como havia consagrado a Deus, desde menina, a virgindade, Rolanda, inteirando o pai da situação em que se via, foi, bondosamente, atendida nas pretensões que tinha: retirar-se à tranqüilidade de um mosteiro.

Com pequeno séquito, a princesa empreendeu a viagem para Santa Úrsula de Colônia. Em Gerpines, perto de Namur, escoceses quiseram retê-la, mas conseguiu continuar a caminhada, parando em Villiers-la-Poterie, onde um bondoso camponês lhe deu hospitalidade.

Reiniciando a jornada, faleceu oito dias depois.

Sôbre o túmulo em que descansou, erigiu-se uma igreja, que foi consagrada por Otger, bispo de Liège, em 1103.

* * *

BEM-AVENTURADO GERALDO DE VILLAMAGNA (*)

Confessor

O bem-aventurado Geraldo nasceu numa pobre família de Villamagna, perto de Florença.

Órfão aos doze anos, recolheram-no e educaram os proprietários do negócio em que os pais trabalhavam. Com um dos tutores, que era cavaleiro de São João de Jerusalém, Geraldo partiu para a cruzada, sendo feito prisioneiro pelos turcos, passando por tôda a sorte de privações, debaixo dos piores tratamentos.

Morto aquêlê cavaleiro de São João, foi pôsto em liberdade. Principiou, então, a visitar com muita piedade e imensa satisfação, os santos Lugares, depois do que retornou à cidade natal, abraçando vida solitária, pondo em prática os exercícios da penitência e da contemplação, numa pequena choça um tanto retirada do centro populoso.

Ali se deixou Geraldo ficar por oito anos. Um dia, um cavaleiro, parente daquele antigo tutor, morto quando prisioneiro dos turcos, levou-o consigo a Síria. Vinte homens ao todo, certa tarde foram assaltados por duzentos piratas. Prontos para fugir, Geraldo garantiu-lhes a vitória, se resistissem. Com efeito, fizeram êles cinqüenta mortos, enquanto que o bando, surpreso e amedrontado, debandava.

Permaneceu o bem-aventurado sete anos na Palestina, fazendo de servidor na ordem de São João de Jerusalém, consagrando-se todo inteiro à oração, à penitência e aos exercícios de caridade, tratando de doentes e de peregrinos.

Com fama de santo, assustou-se. Pediu, então, aos superiores, com muita insistência, porque os serviços que prestava eram inestimáveis e dêle não queriam desfazer-se, que lhe permitissem voltar para a Itália.

De regresso, encontrou-se, um belo dia, com São Francisco de Assis. Do seráfico pai, recebeu o hábito da ordem terceira e buscou as antigas plagas.

Desprendido do mundo, cada vez mais angélico, foi querido dos pobres e louvado pelos doentes. Aos coitadinhos que nada possuíam, desprotegidos da sorte, tudo dava — quando, porventura, tinha algo para dar. Quando não, alegremente saía a esmolar para os indigentes.

Tôda a semana, visitava três igrejas, bastante afastadas uma da outra: aos domingos, dedicava as canseiras daquela peregrinação ao alívio das almas aflitas do purgatório; às quartas, para a obtenção de perdão para as próprias faltas; e, finalmente, às sextas, para pedir a remissão dos pecados dos cristãos todos, e a luz da salvação para os infiéis.

O nosso bem-aventurado Geraldo viveu até a mais extrema velhice. Sem que diminuísse as austeridades — e eram muitas — a que se entregava, faleceu no dia 13 de maio de 1245. O culto, tantos os milagres que operou, foi confirmado e aprovado em 1833, pelo papa Gregório XVI.



BEM-AVENTURADA MADALENA ALBERICI (*)

Virgem

Filha de Nicolau Alberici, principal magistrado de Como, Madalena nasceu nos princípios do século XV.

Menina ainda, declarou-se no ano de 1409 a fome que castigou, rudemente, a cidade de Como: Madalena era a personificação do desespero, ao ver, errando pelas ruas, desfalecentes, esqueléticos e em farrapos, os pobres que, então, mais pobres se tornavam. E, não mais suportando presenciar aquela triste procissão de indigentes, penalíssimas, resolveu, um dia em que se viu sòzinha em casa, distribuir aos coitados metade do feijão que jazia armazenado na grande despensa da família. Não era uma montanha que lá estava?

Assim, e só assim, sentiu-se de alma mais leve.

Uma surpresa, todavia, esperava a menina Madalena: quando o pai chegou, chamou um dos servidores e lhe ordenou que tratasse de apartar o feijão que, como sabia, fôra vendido há poucos dias e ainda não seguira tão-sòmente porque a transação dependia da resolução de pequenos detalhes.

Quando a pequena, que estava por perto, ouviu aquela conversa do pai com o servidor, ficou aterrorizada. E agora? Pôs-se, então, a chorar, medrosa do que lhe poderia suceder.

Nicolau Alberici era homem de bom coração. Inteirado da filha, limitou-se a contemplá-la com veneração. Agora, dirigiu-se ao servidor que aguardava novas ordens, o que restava a fazer era enviar aos compradores o feijão que fôra reservado para os gastos da casa. Como, porém, se o que tinha para si não era suficiente? Quando entraram na despensa, acharam-na abarrotada.

Mortos os pais da bem-aventurada Madalena, a jovem, com o beneplácito do confessor, resolveu tomar o véu, buscando o então célebre convento de Santa Margarida, mais ou menos afastado de Como.

Na caminhada, misteriosa voz fêz-se ouvir, voz que dizia à jovem virgem que, ao invés de Santa Margarida, procurasse Brunata, situada num montezinho, nas vizinhanças mesmas de Como. Ali, em Santo André, tomou o véu.

Madalena não tardou em ser a abadessa do claustro de Santo André. Auxiliada pela duquesa de Milão, Branca, a bem-aventurada virgem estabeleceu o convento sob a regra dos ermitães de Santo Agostinho. Em 1448, do papa Nicolau IV, conseguiu a bula.

Ora, naqueles tempos a comunidade passava por dura fase, reduzida à mais extrema pobreza, tanto que as religiosas se viam na contingência de esmolar pelas ruas. Para pôr fim a tal situação, Madalena teve que procurar pessoas caridosas e su-

plicar que, por uns tempos, alojassem um certo número de suas filhas. Assim, espalharam-se por Como e Brunata.

Um dia, a despenseira, quase na hora do jantar, foi dizer a abadessa que não mais havia pão, uma côdeazinha sequer.

— Não importa, respondeu-lhe a bem-aventurada, cheia de confiança em Deus. Que as religiosas se sentem à mesa.

Nem bem chegavam tôdas ao refeitório, e eis que a irmã-porteira, às pressas, surgia, tôda alegre, com um vasto cêsto que a derreava, a dizer que, tendo ouvido bater à porta, fôra atender, mas não vira ninguém, dando apenas com aquêle grande cêsto de pão, que cheirava, ainda quente, no limiar.

Madalena, que operou muitos milagres mais, depois de longa e penosa doença, que suportou com tôda a paciência, sem se queixar, muito corajosamente, faleceu aos 13 de maio de 1465, sendo venerada como santa imediatamente. Em Como, celebram-lhe a festa no dia 15 de maio. Na ordem a 21 do mesmo mês.

* * *

SANTA INÊS, ABADÊSSA, E DISCÍOLA (*)

Virgens

Inês, desde os primeiros ancs, foi educada pela rainha Radegonda. Quando se retirou da côrte aquella grande dama, para consagrar-se a Deus no seu mosteiro de Poitiers, levou a jovem consigo, collocando-a à frente das religiosas.

Tendo recebido a bênção abacial das mãos do bispo de Paris, Germano, a regra que Inês adotou no mosteiro foi a de São Cesário, aquella mesma que o Santo havia composto para uma congregação de virgens, a de Arles, e que a irmã, Cesária, dirigira.

Inês foi abadêssa zelosa e prudente, firme e terna, que cuidou, maravilhosamente, de duzentas religiosas.

Modêlo das virgens e das abadêssas, segundo o testemunho de Venâncio Fortunato, sucessor de Meroveu, bispo de Poitiers, Inês faleceu no dia 13 de maio de 588, nove meses depois de Santa Radegonda, sendo sepultada na igreja de Santa Maria, mais tarde collocada sob a invocação da santa rainha.

Ao mesmo tempo que Inês, venera-se uma de suas religiosas, Discíola, sobrinha do bispo de Albi, a qual se santificou no convento de Poitiers e jaz no mesmo túmulo em que repousa Radegonda.

* * *

SÃO ROBERTO BELARMINO (*)

Bispo, Confessor e Doutor

Roberto Francisco Belarmino nasceu em Montepulciano, na Toscana, em 1542, no dia 4 de outubro, terceiro de doze irmãos, filho de pais nobres, mas sem grande fortuna, piedosos e caritativos. Cíntia Cervini, a mãe, era irmã do papa Marcelo II.

Depois das primeiras letras, Roberto Francisco matriculou-se no colégio dos jesuítas de Montepulciano. Foi jovem piedoso, dado aos estudos e excelente amigo dos colegas. Particularmente, apreciava o canto e a música.

Findo o curso no colégio de Montepulciano, o pai fêz com que descansasse um ano, porque lhe reservara a carreira médica, cujos estudos seriam feitos em Pádua, e desejava tê-lo, tanto o amava, ainda por um pouco ao seu lado.

Roberto Francisco Belarmino ingressou na Companhia de Jesus no ano de 1560. Depois de um breve noviciado, começou o curso de filosofia, época em que, com grande sucesso, deu-se à pregação.

Terminados os estudos de filosofia, empreendeu os de teologia, em Pádua. Ali, na catedral, por três dias, defendeu teses sôbre a *Retórica* de Aristóteles

e sôbre a *Suma* de Santo Tomás conquistando plenamente os ouvintes pela sapiência e pela precocidade.

Francisco Bórgia, seu superior, enviou-o para Louvain, onde devia aperfeiçoar-se em teologia. Naquela cidade, ao mesmo tempo, foi encarregado do apostolado junto aos colegas: naquele tempo, a Universidade, que rivalizava com a de Paris, reunia, fervilhando, perto de três mil estudantes.

Belarmino recebeu as ordens maiores em 1569. De aluno, o nosso Santo passou a professor de teologia. Lecionava, principalmente, aos religiosos da ordem e a certo número de estrangeiros, atraídos pelo seu saber. Apoiando-se sôbre os textos dos concílios, dos Padres e, particularmente, sôbre a Bíblia, foi obrigado a estudar o hebraico, tendo composto uma gramática daquele idioma.

Com a permissão do Index, leu e releu as obras heréticas, as quais desejava, ardentemente, refutar, e os primeiros passos que ensaiou no áspero caminho foi em direção das falsas doutrinas de Baius, chanceler da Universidade de Louvain, discorrendo sôbre o pecado e a graça.

Com a saúde abalada, teve que retornar a Montepulciano. Era em 1576, e, daquele ano até o de 1588, ocupou, por determinação do geral da Companhia, a cadeira de Controvérsias no Colégio romano.

Os ensinamentos de Francisco Roberto, naquela época, alcançavam cêrca de mil ouvintes, entre os quais se achavam inglêses e germânicos, aquêles inglêses e germânicos que, nas respectivas pátrias, seriam firmes refutadores de heresias.

As aulas do Santo tiveram sucesso estrondoso. E tantas foram as insistentes solicitações para que as imprimisse, que Belarmino assim o fez.

Foi no ano de 1686 que, com ordem superior, o Doutor, contando então quarenta e quatro anos, deu a lume o primeiro volume das *Controvérsias*, a mais importante e mais louvada de suas obras. Nas *Controvérsias*, no primeiro tomo, tratou Belarmino de Deus, segundo a Tradição, do Cristo e do papa. No segundo, da Igreja militante, da Igreja sofredora e da Igreja triunfante. O segundo volume, cujo objeto eram os sacramentos, surgiu em 1588, e o terceiro, sôbre a graça, em 1593, em edições que se sucederam com grande celeridade, espalhando-se por Paris, Lião, Praga e outras grandes cidades da Europa.

Sem mêdo de errar, afoitam-se todos em afirmar que São Roberto Belarmino pode ser considerado como o maior defensor da doutrina cristã contra os heréticos de seu tempo. Clara, enriquecida com vasta e sólida documentação, tôda ordem, precisão e equilíbrio, a obra do Santo é magistral, e, com ela, não podem rivalizar os trabalhos católicos contemporâneos.

Em 1579, São Roberto Belarmino auxiliou Salmerom a rever os comentários do Novo Testamento. Em 1584, escreveu um tratado *Sôbre a translação do império romano dos gregos aos francos, depois aos germanos*, contra um feroz herético de Magdeburgo, que procurava minar a autoridade pontifical naqueles tempos.

Em 1588, o santo doutor deixou o título de professor de controvérsia no Colégio romano, para

ser o pai espiritual daquela mesma casa. O mais ilustre dos seus dirigidos foi Luís Gonzaga, pelo qual tinha grande veneração.

Tendo exercido a direção espiritual por quatro anos, viu-se guindado à reitoria do Colégio. Sob seu govêrno, a casa ganhou novo vigor. Firme, mas doce, observava com minúcias tudo aquilo que devia impor aos outros. Assim, em disciplina, dando o exemplo, sempre foi o primeiro.

Dois anos depois, ou seja, em 1594, deixou Roma, e foi para Nápoles como provincial dos jesuítas, mas logo teve que retornar à capital: morto o teólogo particular de Clemente VIII, foi solicitado para preencher aquela vaga. Pouco depois, Clemente VIII também o nomeava consultor do Santo Ofício, e, logo mais, reitor da Penitenciária.

Muito embora se visse assoberbado de trabalho, nem por isso deixou de escrever. Assim, achou tempo para produzir várias obras, entre as quais a *Refutação de um libelo sôbre o culto dos santos*, de 1596; o *Grande Catecismo* e o *Pequeno Catecismo* (êste último considerado como a obra mais notável depois da do concílio de Trento, *Pequeno Catecismo* que São Francisco de Sales adotou e ensinou aos seus pequenos); *As indulgências e o jubileu*, e outras.

O papa recompensou tão devotado trabalhador, fazendo-o cardeal em 1599. Príncipe da Igreja, Belarmino tornou-se mais humilde e mais caridoso. E a todo o aparato exterior, natural a personalidade de tal porte, procurava o Santo, sempre que podia, fugir, apagar-se.

Bispo de Cápua em 1602, teve naquela cidade triunfal recepção. Acolhido com imensa alegria Be-

larmino ocupou aquela sé tão-sòmente por três anos. Ali, embelezou a catedral, relegada ao abandono pelos predecessores, socorreu eficazmente as igrejas mais pobres da diocese, pregou com sucesso, instituiu o ensino do catecismo como um dever que não se devia descuidar jamais.

Veneradíssimo pela bondade, pela caridade sem limites, Cápua chorou imensamente quando, em 1605, deixou-a para tomar parte no conclave que se seguiu à morte de Clemente VIII. Ao povo, que lhe bebia as palavras de despedida, anunciou, profeticamente, que jamais o reveria.

Todos julgaram que o cardeal Belarmino seria o novo papa, mas quem se alçou à cãtedra de São Pedro, tomando o nome de Leão XI, foi o cardeal Alexandre de Medicis. Leão XI, porém, deixava o mundo um mês depois da eleição. Desta vez, diziam todos, o cardeal Belarmino seria o novo pontífice.

A maioria, entretanto, escolheu aquêle que se denominou Paulo V, o qual não permitiu que o Santo retornasse a Cápua: necessitava dos seus serviços em Roma, de modo que ali ficou Roberto Francisco participando de diversos trabalhos, quer do Santo Ofício, quer do Index, já dos Ritos ou da Propagação da Fé.

Como membro, depois como prefeito da Congregação dos Ritos, o cardeal Belarmino ocupou-se com as causas de canonização de vários santos: Raimundo Penhaforte, Francisca Romana, Carlos Borromeu, bispo de Milão.

Quando o papa consultou o Santo Ofício a propósito de questões que a doutrina da Imaculada Conceição suscitava entre os teólogos, São Belarmino

afirmou e justificou sua crença naquele privilégio de Nossa Senhora, à qual tinha grande devoção. Desejava ardentemente que aquela doutrina fôsse definida e promulgada oficialmente, mas as circunstâncias não o permitiriam ainda.

Embora ocupadíssimo, enredado a mil e uma tarefas, continuava a escrever. Data daqueles tempos de Paulo V o seu *Comentário sobre os Salmos*, principalmente, afora as cartas que escrevia, respondendo a um número imenso de personalidades espalhadas por todo o Velho Mundo, abordando os mais variados temas, resultado da extraordinária reputação de erudito.

Em fins do mês de agosto de 1621, cansado, retirou-se ao noviciado de Santo André do Quirinal, onde tinha o costume de passar alguns dias, em setembro de cada ano. Ali escreveu os últimos trabalhos, cinco tratados de ascetismo, dos quais o último foi *A arte de bem morrer*.

Obrigado a guardar o leito, porque uma febre insistente o perseguia sem interrupção, logo uma multidão de visitantes acorreu acercar-se do seu leito de enfermo. Piorando sempre, faleceu no dia 17 de setembro de 1621, contando setenta e nove anos de idade.

Beatificado somente em 1923, Pio XI canonicizou-o em 1930, proclamando-o doutor da Igreja em 1931, no mês de setembro. Os milagres não faltaram para atestar a santidade do grande Santo, que está repousando na igreja de Santo Inácio, ao lado de São Luís Gonzaga.

No mesmo dia, em Utrecht, São Servásio, bispo da Igreja de Tongres, que Deus, a todos, deu a conhecer os méritos, permitindo que, enquanto tôda a região, num duro inverno, cobria-se totalmente de neve, o túmulo do santo bispo permanecia como se fôra em plena primavera. Trataram, então, de o cobrir com uma basílica, para o proteger (384).

Na diocese de Soissons, Santo Onésimo, bispo e confessor, contemporâneo de Hilário de Poitiers e de Martinho de Tours. Trabalhou na evangelização da região de Soissons, falecendo bastante idoso no ano de 360.

Na diocese de Autun, São Flávio, bispo e confessor, primeiramente chanceler do rei São Gontran, depois eleito bispo de Chalon-sur-Saone. Assistiu aos dois primeiros concílios de Mâcon, em 581 e 585, ao terceiro de Lião, em 583 e ao segundo de Valença, em 584. Falecido em 595, foi enterrado na igreja de São Pedro. Canonizado em 879 por João VIII. A cabeça foi profanada pelos huguenotes.

Na Irlanda, São Moeldod ou Mac Eingin, abade de Mcknor ou Monaghm.

Na Itália, São Cristanciano, mártir, invocado contra as tempestades, o granizo, as trovoadas e os raios.

Na diocese de Soissons, Santa Rastragena, virgem e mártir.

Na diocese de Sens, São Marceliano, bispo e confessor, sucessor de Peregrino, que foi o primeiro bispo de Auxerre. Falecido em 330, quando de Constantino, o Grande.

Em Apaméia, Frígia, São Pausicaco, bispo. Médico que abandonou o mundo, praticou austeras

mortificações, chegando a bispo de Sinnado, falecendo em 606.

Em Milão, São Natal, bispo e confessor, prelado de imenso saber. Faleceu em 741.

No mesmo dia, em Roma, a dedicação de Santa Maria dos Mártires, feita pelo bem-aventurado papa Bonifácio IV; que, após haver purificado o velho templo dedicado a todos os deuses, e que se chamava Panteão, o consagrou à bem-aventurada Maria sempre virgem, e a todos os mártires do tempo do imperador Focas. Em Constantinopla, São Múcio, padre e mártir, o qual, muito tendo sofrido, sob o procônsul Laodício e o imperador Diocleciano, pela defesa do nome de Jesus Cristo, na cidade de Anfípolis, foi levado a Bizâncio, onde o decapitaram. Em Heracléia, Santa Glicéria, nascida em Roma, e que foi martirizada sob o imperador Antonino e Sabino. Em Alexandria, a comemoração de vários santos mártires, que os arianos chacinaram na igreja de São Tomás, por ódio à fé católica. Em Valladolid, São Pedro Regalato, confessor da ordem dos Frades Menores, restaurador da disciplina regular nos conventos da Espanha, e colocado no rol dos santos pelo papa Bento XIV.

* * *

14.º DIA DE MAIO

SÃO BONIFÁCIO DE TARSO

M á r t i r

Havia em Roma uma mulher poderosa chamada Aglaé, filha de Acácio, que havia sido procônsul, da classe dos senadores. Dera por três vêzes os jogos públicos em Roma, às suas expensas. Dispunha de setenta e três intendentes para governar os seus domínios, e um acima de todos, chamado Bonifácio, com quem ela mantinha um comércio criminoso. Êle era dado ao vinho e a tôda a sorte de devassidões; mas tinha três boas qualidades: hospitalidade, liberalidade e compaixão. Quando via um estrangeiro ou um viajor, servia-o com afeição; à noite, andava pelas praças e ruas, e dava aos pobres o que necessitavam.

Depois de muito tempo, Aglaé, tocada pela graça de Deus, chamou-o um dia, e lhe disse: Meu irmão Bonifácio, bem vêes em quantos crimes estamos mergulhados nós, sem refletir que teremos de apresentarmos diante de Deus, e prestar-lhe conta do mal que fizemos neste mundo. Ouvi dizer pelos cristãos que aquêle que serve aos santos que combatem pelo Cristo, com êles estará no dia do terrível julgamento. Acabei

também de ouvir que os servos do Cristo combatem no Oriente contra o demônio, e entregam os corpos aos tormentos para não negar a Cristo. Vai, pois, e traze-nos relíquias dos santos mártires, para que, servindo-os e construindo-lhes oratórios dignos dêles, sejamos salvos por seu intermédio, nós e muitos outros.

Bonifácio tomou uma quantidade de ouro para comprar as relíquias e para dar aos pobres, com doze cavalos, três liteiras e diversos perfumes para honrar os santos mártires. Ao partir, disse à patroa, galhofando: Senhora, se encontrar relíquias de mártires, trá-las-ei; mas se minhas próprias relíquias vos chegarem às mãos, recebei-as como as de um mártir. Aglaé lhe disse: Deixa dessa embriaguez e dessas extravagâncias, e pensa que deverás trazer relíquias de santos. Quanto a mim, pobre pecadora, espero-te em breve. Entretanto, que o Senhor Deus do universo, que tomou por nós a forma de escravo e derramou seu sangue pela salvação do gênero humano, se digne enviar seu anjo diante de ti, conduzir os teus passos nas sendas de sua misericórdia e satisfazer meu desejo, sem considerar os meus pecados. Bonifácio partiu e, no caminho, dizia consigo mesmo: É justo que eu não coma carne e não beba vinho, já que, pecador como sou, devo trazer as relíquias dos santos mártires. E, levantando os olhos ao céu, disse: Senhor Deus todo-poderoso, Pai de vosso Filho único, vinde em meu socorro e guiai minha viagem, a fim de que vosso nome seja glorificado para todos os séculos. Amém.

Já, no tempo de Orígenes, viam-se cristãos na Igreja, que tinham muito zêlo pelas obras exteriores de piedade e caridade, sem terem ainda a fôrça para

renunciar aos maus hábitos. Aglaé e Bonifácio pertenciam a êste número.

A Igreja do Ocidente gozava então de uma paz profunda. O próprio Maxêncio, que em 306 havia tomado o título de imperador em Roma, simulara a princípio abraçar a fé cristã, para agradar ao povo romano. Ordenou aos subordinados que cessassem a perseguição, e quis mostrar-se mais brando e humano do que os predecessores. Verifica-se, por êste tempo, que Melquíades ou Melciades, então sacerdote da Igreja Romana e depois papa, enviou o diácono Straton com cartas do imperador Maxêncio e do prefeito do pretório, ao prefeito de Roma, para reentrar nos lugares que haviam arrancado aos cristãos durante a perseguição (1).

Assim não acontecia no Oriente. A perseguição era mais cruel do que nunca, sob o império de Galério e de Maximino Daia: sobretudo na Cilícia, que tinha Simplicio por governador. Após alguns dias de viagem, Bonifácio chegou à cidade de Tarso, capital daquela província. Vendo que, naquele mesmo momento, havia mártires no combate, disse aos companheiros de viagem: Meus irmãos, ide procurar uma hospedaria e fazei repousar os animais: vou ver o que mais desejo. Chegado ao local do combate, viu os mártires nas torturas. Um estava pendente por um pé, e tinha fogo sob a cabeça; outro estava amarrado com os pés extremamente separados; os carrascos serravam um terceiro; um quarto tinha as mãos decepadas; um quinto tinha uma estaca prêsã à garganta e estava assim pregado na terra; outro tinha as mãos

(1) Euseb., I. VIII, c. XIV. Aug. Revic., diçl 3.

e os pés torcidos para trás e assim amarrados, e os carrascos o espancavam a golpes de bastão. Seus tormentos gelavam de frio os espectadores. Bonifácio aproximou-se dos mártires, em número de vinte ao todo, e beijou-os, exclamando: Como é grande o Deus dos cristãos! Como é grande o Deus dos santos mártires! Graças, servos de Cristo, orai por mim, a fim de que tome parte convosco no combate contra o demônio! Sentou-se a seus pés e abraçou as algemas, beijando-as e dizendo: Combatei, atletas e mártires do Cristo, calcai aos pés o demônio. Um pouco de paciência; o trabalho é pequeno, a recompensa é grande.

O governador, lançando os olhos sôbre o povo, percebeu-o e disse: Quem é aquêlê que zomba assim de mim e dos deuses? Que o arrastem a meu tribunal. Depois, dirigindo-se a êle: Dize-me, quem és tu, que desprezas o esplendor de minha sede? Bonifácio respondeu: Sou cristão; e, como tenho Cristo por mestre, desprezo a vós e vosso tribunal. O governador repetiu:

— Como te chamas?

Retorquiui Bonifácio:

— Já vos disse, sou cristão; mas se quereis saber meu nome vulgar, chamam-me Bonifácio.

O governador disse:

— Antes que te toque os lados, aproxima-te e sacrifica.

Bonifácio respondeu:

— Já diversas vêzes vos disse que sou cristão e que não sacrifico aos deuses. Se quereis fazer alguma coisa, fazei; eis meu corpo diante de vós.

O governador, em cólera, fê-lo suspender e dilacerar com unhas de ferro; os carrascos o dilaceraram a ponto de tornarem visíveis os ossos. O bem-aventurado não respondeu, fixando os olhos nos santos mártires. O governador, mandando aliviar um pouco os tormentos, disse-lhe uma hora após:

— Miserável! Sacrifica e tem piedade de ti.

— Três vêzes miserável, não vos envergonhais de repetir sem cessar "Sacrifica", a mim que nem sequer quero ouvir falar nos vossos simulacros de nada?

O governador ordenou que aguçassem canas e as enfiassem sob as unhas das mãos. O santo olhava o céu e sofria sem nada dizer. O governador, vendo-o insensível aos tormentos, mandou que lhe abrissem a bôca e nela derramassem chumbo derretido. Antes de executarem essa ordem, o santo, contemplando o céu, orou assim: Rendo-vos graças, Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus; vinde em socorro de vosso servo, aliviai as minhas dores e não permitais seja eu vencido por êste impuro governador; sabeis que é por vosso nome que sofro. Terminada a prece, exclamou aos outros mártires:

— Suplico-vos, servos de Cristo, rogai por vosso servo!

Os santos disseram numa só voz:

— Nosso Senhor Jesus Cristo enviará o seu anjo para livrar-vos dêste perverso; êle porá fim, dentro em breve, ao curso de vossa vida e colocará vosso nome entre os protonascidos.

Terminada a oração e dito amém, o povo começou a soluçar e gritou em alta voz:

— Grande é o Deus dos Cristãos. Grande é o Deus dos mártires! Jesus Cristo, Filho de Deus, sal-

vai-nos! Cremos todos em vós e recorremos a vós. Anátema aos ídolos das nações!

Então todo o povo correu a derrubar o altar e atirar pedras ao governador que se levantou e se retirou, atemorizado com o tumulto.

No dia seguinte, bem cedo, sentou-se ao tribunal e mandou vir o santo, dizendo-lhe:

— Miserável, de onde te vem êste furor de colocar tuas esperanças num homem, que foi crucificado como malfeitor?

O mártir respondeu-lhe:

— Cala-te, não abras a bôca impura para dizer o nome de Jesus Cristo. Serpente de inteligência tenebrosa, que envelheceste em má hora, anátema a ti! Porque Jesus Cristo, meu mestre, sofreu para salvar o gênero humano. O governador, irritado, mandou que enchessem uma caldeira de pixe, para, quando estivesse fervendo, nela se atirar o santo, de cabeça para baixo. O mártir fêz o sinal da cruz e foi lançado. Mas um anjo desceu do céu e tocou a caldeira, que fundiu como cêra diante do fogo. Não afetou o santo, mas queimou vários ministros. O governador, estupefato com o poder de Jesus Cristo e com a paciência do mártir, mandou que lhe cortassem a cabeça com a espada, dizendo: Ordenamos que todo aquêle que não obedecer às leis dos imperadores sofra a pena capital. Os soldados levaram-no imediatamente do tribunal. Feito o sinal da cruz, o mártir suplicou aos carrascos que lhe concedessem algum tempo para rezar; e, virando-se para o oriente, disse: Senhor, Deus todo-poderoso, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, vinde em socorro de vosso servo, enviai vosso anjo e recebei minha alma em paz, a fim de que o dragão assassino não consiga fazer-

lhe mal. Levai-me para o repouso, com o cõro de vossos santos mártires, e livrai vosso povo da opressão dos ímpios. Porque a vós pertence a honra e o poder, com vosso Filho único e o Santo Espírito, pelos séculos dos séculos, amém. Terminada a prece, foi executado; houve um grande tremor de terra, de sorte que todos exclamaram: É grande o Deus dos cristãos! E muitos creram em Jesus Cristo.

Todavia, os companheiros de Bonifácio, o procuravam por tôda parte; não o encontrando, começaram a dizer entre si: Êle deve ter ido a um antro de perdição para divertir-se, enquanto nós nos atormentamos na sua procura. Assim falando, encontraram o irmão do carcereiro, e lhe disseram:

— Não viste, por acaso, aqui um estrangeiro, vindo de Roma?

Respondeu-lhes êle:

— Ontem houve um estrangeiro que foi martirizado por Cristo e teve a cabeça decepada.

— E onde está? indagaram os outros.

— Na arena, replicou êle. Qual é o seu aspecto?

— É homem entroncado, forte, louro, que veste de escarlata.

— Aquêle que procurais, sofreu ontem o martírio.

— Aquêle que procuramos é um ébrio, um devasso, que nada tem em comum com o martírio.

— Que vos custa vir até a arena e ver?

Seguiram-no e êle lhes mostrou o corpo exangue. Pediram-lhe que mostrasse também a cabeça; foi procurá-la trouxe-a. O semblante do mártir apresentado aos companheiros pareceu-lhes miraculosamente que sorria. Tendo-o reconhecido, choraram amargamente, dizendo: Não vos lembreis de nosso pecado e do

mal que de vós dizemos, servo de Cristo! E disseram ao oficial: eis quem procuramos; solicitamos que nos seja entregue. Este recusou dá-lo gratuitamente; e êles pagaram quinhentos talentos de ouro, o que corresponde a mais de cem mil cruzeiros, e o levaram. Embalsamaram-no e o envolveram em linhos preciosos. Colocaram-no numa das liteiras e empreenderam a viagem de volta, louvando a Deus pelo feliz fim do santo mártir.

Todavia, um anjo apareceu a Aglaé, e lhe disse: Aquêlê que era vosso escravo é agora vosso irmão; recebei-o como vosso senhor, e colocai-o em lugar digno; porque, por sua intercessão, todos os vossos pecados vos serão perdoados. Levantou-se ela prontamente, levou consigo eclesiásticos piedosos, com círios e perfumes, e, assim orando, rumaram ao encontro das santas relíquias. Já meio século antes, e na mais feroz perseguição, vimos as relíquias de São Cipriano transportadas com círios e tochas. As de São Bonifácio foram colocadas a cinqüenta estádios de Roma, e Aglaé ali fêz construir um oratório digno do santo mártir. E ali operou muitos milagres; os demônios ali eram expulsos e os enfermos curados. Aglaé renunciou ao mundo, doou todos os bens aos pobres e libertou todos os escravos, não retendo senão algumas moças que renunciaram ao mundo com ela. Consagrou-se ao serviço de Jesus Cristo, e tornou-se-lhe agradável, pois expulsava os demônios e curava tôda a sorte de doenças mediante as orações. Viveu ainda no exercício da piedade treze anos, após os quais adormeceu em paz e foi enterrada junto de São Bonifácio (1).

(1) Ruinart. Et Acta SS.. 14 maii.

SANTA MARIA DOMINGAS
MAZZARELLO (*)

Virgem

Primeira Salesiana de Dom Bosco

*Fundadora do Instituto das Filhas
de Maria Auxiliadora*

Maria Domingas nasceu em 1837, no dia 9 de maio, em Mornese, diocese de Acqui, na Itália, filha de humildes agricultores. Batizada no dia mesmo em que nasceu, fêz a primeira comunhão em 1847, e a confirmação, recebeu-a a 30 de setembro de 1849.

Muito devotada aos seus, zelosíssima, logo principiou, piedosamente, a trabalhar pelas obras da paróquia, inscrevendo-se numa pia associação chamada Congregação de Maria Imaculada, associação essa fundada pelo cura Pe. Pestarino.

Quando Maria Domingas cuidou de se consagrar àquela obra de educação cristã, procurou uma companheira de trabalho: chamava-se Petronilha, e como Maria, também era Mazzarello.

Um dia, o Pe. Pestarino deixou seu encargo pastoral para entrar no instituto salesiano, com a

idéia de estabelecer em Mornese uma escola para meninos.

Pe. Pestarino e Dom Bosco, duas grandes almas que foram feitas, dir-se-ia, especialmente para se entenderem, tiveram grande influência sôbre Maria Domingas, que, na Congregação, ensinava catecismo e costura às jovens de Mornese.

Quando Dom Bosco, a convite do Pe. Pestarino, foi a Mornese, Maria ficou impressionada — “sentiu em si qualquer coisa de extraordinário que não sabia explicar” — como diria mais tarde.

Sonaglia, no seu livro “Uma Flor do Campo Sôbre o Altar” (1), falando sôbre aquêlê encontro, diz:

“Se na vida de São João Bosco o encontro com a jovem Mazzarello representa e assinala uma das fases mais importantes da sua marcha apostólica em prol da salvação da juventude feminina, Dom Bosco, na vida dessa mesma jovem, representa o homem de Deus que a auxilia a realizar um desejo intenso do coração, a conquistar o ideal de perfeição intimamente sentido nos arroubos de sua piedade eucarística, na necessidade incontida de dar-se, com amor ardentíssimo, a Deus e às almas.

“Maria Mazzarello, na presença do Santo de Turim, transforma-se, como iluminada de uma nova luz em seu verdadeiro ser. Ela vê em Dom Bosco a própria alma como refletida na sua; entrevê o dom inestimável de Deus na forte inclinação que sente de

(1) M. Sonaglia. “Uma Flor do Campo Sôbre o Altar — Santa Maria Domingas Mazzarello”, Liv. Salesiana Editôra, 1952.

se ocupar da juventude feminina para conservá-la boa.

“Por isso não se cansa de olhá-lo, de escutá-lo, e quisera fixar aquêlê instante tão precioso e belo que lhe revela Deus, o seu amor, a sua predileção, a sua missão.

“Dirá, mais tarde: “Teria querido que não acabasse mais de falar”. Tôda enlevada pelas maravilhas experimentadas naquele prelúdio magnífico da própria vocação, sente-se plenamente possuída daquele admirável encanto.

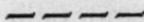
“*Os teus ouvidos escutarão as palavras de quem aos ombros te avisa e te diz: a estrada é esta; caminha por ela e não te voltes nem para a direita, nem para a esquerda (Is 30, 21).*”

“Dom Bosco aí está, fala, e sua palavra é palavra do céu. E a Mazzarello, diante dêle, enlevada, extasiada, feliz, vê e compreende o que é para ela vontade de Deus: “seguir Dom Bosco numa nova vida”.

“Dom Bosco falou depois àquele que o acompanhava, isto é, ao futuro cardeal Cagliero, da sua grande surpresa de encontrar naquelas simples camponezinhas tanto desprendimento das coisas terrenas e tanto empenho pelas coisas celestes.

“Outras vêzes ainda Maria verá o Santo. Vê-lo-á uma tarde, enquanto, conforme o uso tradicional introduzido nas suas casas, dá a *boa-noite* aos seus jovens. Depois, com a alma saturada de alegria e de entusiasmo santo, às companheiras que a interrogavam admiradas da coragem que tivera, porque fôra sempre tão reservada, de se colocar na primeira fila dos ouvintes, responderá pronta e segura:

“ — Dom Bosco é um Santo, e eu o sinto!”



Quando Maria Domingas se encontrou com Dom Bosco, contava vinte e sete anos.

Nos primórdios, quando nos primeiros tempos da fundação do Pe. Pestarino, Auffray conta no seu *Santa Maria Domingas Mazzarello — Uma Educadora Formada por Dom Bosco*, que, quando a jovem cuidou de se consagrar àquela obra de educação cristã, para proceder com método, Maria e Petronilha puseram-se a pensar no melhor modo de atrair as jovens para levá-las a uma bela vida da alma.

Maria, com o senso prático que a caracterizava, desde menina, foi quem encontrou a resposta: ensinariam corte e costura às meninas.

“Ora, diz Auffray, para que fôsem mestras era necessário que conhecessem a fundo aquilo que se propunham ensinar. E as duas, com ardor, principiaram a aprendizagem com um alfaiate da cidadezinha, por seis meses, passando outros seis a estudar na casa de uma costureira. Assim armadas, ambas se lançaram à obra, e numa humilde oficina acolheram meninas e mocinhas.

“No modesto *atelier*, logo surgiu um minúsculo orfanato para crianças abandonadas ou pequerruchos de viúvas incapazes de se ocupar com os filhos por causa dos afazeres. A princípio, tiveram sete, mas aquêle número, num átimo, saltou para doze”.

E Sonaglia conta:

“Um dia, à pequena casa de trabalho e de oração apresenta-se um pobre mascate: tem duas filhinhas

e deve abandoná-las para continuar a vida errante e incômoda.

“Na voz, que treme pela angústia, percebe-se a esperança de encontrar nas duas amigas a compreensão da sua dor.

“— Oh, se vós pudésseis recebê-las, eu ficaria tranqüilo, mas compreendo...”

“As dificuldades — pensa Maria — precisam ser superadas, ao invés de perder o tempo em considerá-las”.

“E decide, prontamente:

“— Traga as crianças e fique tranqüilo”.

“O pobre homem afasta-se, livre do pêso que lhe esmagava o coração e bendiz a Providência”.

E, mais adiante:

“Na oficina, dia a dia, a vida se organizava numa sempre mais bela e útil regularidade. Maria não tolerava atrasos nem ócios, nem tagarelices inúteis; trabalhava-se sèriamente e conscienciosamente; por vêzes, as meninas eram também convidadas a desmanchar os trabalhos feitos com descuido. Inúteis eram as làgrimazinhas ou os protestos: cumpria submeter-se, mas aprendiam de verdade.

“Mais com o exemplo do que com a palavra, animava as meninas a prestar-se para arrumar a igreja e recomendava constantemente a modéstia e o recolhimento na casa de Deus.

“Que emulação de fervor sabia provocar nas proximidades das festas e particularmente nas de Maria Santíssima! Queria que o amor à Mãe de Deus não se limitasse à exterioridade do culto, mas recomendava a cada uma imitar as virtudes mais

belas, especialmente a modéstia, a pureza, a humildade, a caridade dessa Virgem sem mancha.

“De Maria Santíssima — depuseram — sabia falar com tanto ardor e tanta unção que se transportava ao alto. E quando cantava os louvores da Virgem com aquela sua voz, doce e vibrátil pela intensa emoção, extasiava a todos”.

“Instruía também as meninas sôbre o modo de confessar-se. Exortava-as a invocar o Espírito Santo e a recomendar-se ao Anjo da Guarda, a serem modestas e mortificadas. Bem podia fazê-lo ela que, pelo testemunho de uma confidente, “tinha crucificado com Jesus olhos, ouvidos, gôsto, tato”.

“Particular cuidado mostrava para que tôdas, com a costura, aprendessem bem o Catecismo. “Pelo estudo do Catecismo tinha predileção a Santa”. Pode dizer-se que tal estudo foi sempre a sua força e a sua glória.

.....

“A oficina é insuficiente aos muitos pedidos de aprendizes e de asiladas. Para prover ao caso, pensa o Padre Pestarino, que, generosamente, oferece a própria casa recentemente construída ao lado da sede paroquial, com a intenção de doá-la à sua terra natal. Chamá-la-ão a casa da Imaculada e, de ora em diante, hospedará tôdas as Filhas que, como Maria e Petronilha, quererão viver em comunidade. Bem depressa foram transportados para a casa da Imaculada os poucos utensílios e as crianças asiladas.

“É um novo ninho, mais belo e mais cômodo que o primeiro. Então as Filhas aí reunidas sentem a

necessidade de uma cabeça e, com o consentimento do Padre Pestarino, elegem uma superiora.

— — — —

Dom Bosco, solicitado pelo bispo de Acqui, encarregou Pestarino de fundar uma escola para meninas, e Maria Domingas foi encarregada de dirigir a nova casa, com o concurso da pequena congregação de Maria Imaculada.

A 5 de agosto de 1872, Maria e as companheiras da velha oficina receberam o hábito religioso das mãos do bispo e pronunciaram os votos. E Pio IX, ao qual Dom Bosco havia apresentado a nova fundação, mostrou-se cheio de esperança.

— Tenho a convicção, disse o pontífice, que as irmãs de Maria Auxiliadora prestarão à educação das meninas os mesmos serviços que os padres e os irmãos salesianos prestam aos meninos.

Naquele ano mesmo de 1872, no dia de São Francisco de Sales, o bom Padre Pestarino levou a terno o anseio de Dom Bosco: reuniu as Filhas de Maria Imaculada, procedendo a eleição. Dos vinte e sete membros presentes, vinte e um votos foram dados a Maria Domingas, que se elegeu Superiora da nova casa.

Dom Bosco ficou satisfeitíssimo com o resultado da eleição. E Maria, que não queria receber aquêlê título de Superiora, humilde, dizendo-se incompetente, acabou por conseguir do Santo de Turim o ser chamada de Vigária, porque, como dizia, "a Superiora era Nossa Senhora".

Dizia São João Bosco às Filhas:

— Vós vos chamareis Filhas de Maria Auxiliadora, porque o vosso Instituto há de ser um monumento de perene reconhecimento aos singulares favores obtidos de tão boa Mãe.

— — — —

“Sòmente uma mulher forte, continua Sonaglia, citando o Cardeal Piazza, poderia assumir o govêrno de uma Congregação religiosa que nascia entre as desconfianças externas e os incômodos de uma pobreza extrema. Sòmente uma mulher forte poderia suster as filhas que levavam o pêso de uma vida de contínuas e gerais privações com generosidade, com afoiteza, e com verdadeira alegria poderia manter-se tranqüila e serena em situações delicadas, sigilando com o silêncio as amarguras do coração”.

“Quanto mais gravemente sentia estas amarguras a boa Madre, quando tocavam a sua cara Comunidade:

“Uma tarde, perto da hora da ceia, chama as Irmãs para junto de si:

“— Tenho uma coisa para dizer-vos, o que muito me penaliza”.

“E os olhos enchem-se-lhe de lágrimas.

“— Diga o que é, Madre”.

“Ela hesita por um momento e depois:

“— Não temos em casa nem ao menos um pedaço de pão”.

“Algumas respondem prontamente:

“— Pois bem, assim imitaremos Santa Teresa, que desejava ir à mesa sem encontrar nem mesmo o pão”.

“A Madre olha as filhas tão dispostas ao sacrifício e um borbotão de lágrimas jorra-lhe do coração e dos olhos. São lágrimas de consolação.

.....

“Exatíssima em observar a regra, é tôda zêlo e de admirável firmeza para fazê-la observar; e isto mais com o exemplo do que com a força da autoridade.

“Com uma intuição da palavra de Dom Bosco e, talvez por divina ilustração, a Santa entrevê que a Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora é destinada a propagar-se por todo o mundo. Sente, por isso, a imensa responsabilidade que lhe incumbe de fazer da sua pequena Comunidade de Mornese, e depois de Nizza, o exemplar, o tipo, a que tôdas as Filhas que virão depois devem inspirar-se.

“Sente que o rico, divino patrimônio do Espírito que animou Dom Bosco e que êste confiou às primeiras filhas como um facho para transmitir, deverá ser guardado íntegro e puríssimo. Esta convicção inspira-lhe acentos quase dolorosos.

“Minhas boas irmãs, é necessário que nós, as primeiras Filhas da Congregação, sejamos não só virtuosas, mas o espelho no qual aquelas que virão depois de nós vejam resplandecer o verdadeiro espírito do Instituto. Devemos viver, trabalhar, falar de maneira que essas possam e devam dizer: Que

fervor havia entre as nossas primeiras Irmãs! Que observância! Que espírito de humildade e de pobreza! Que obediência! Assim essas, seguindo o nosso exemplo, poderão continuar a fazer viver entre elas o verdadeiro espírito da Congregação! Porque deveis saber que quando as Irmãs forem tantas e tantas, dificilmente poderão ter o fervor que podemos ter nós”.

“E continua:

“— Vêde nesta Regra que Dom Bosco nos deu, que tesouro: aqui estão indicados todos os meios para fazer-nos santas, e se a praticarmos realmente bem, estaremos seguras de irmos para o Céu”.

“Estas palavras, escutadas com profundo respeito, são a mola que faz saltar ao mínimo convite da Madre e à mínima prescrição da Regra. Uma só é a mente, um é o coração de tôdas, um o fim: tornar-se santas para santificar o próximo.

“Em alguns lugares de passagem, colocado bem à vista de tôdas, há um cartaz em que se lê:

*“Cada religiosa deve ser uma
cópia vivente da S. Regra”.*

“Em Mornese, esta sentença foi praticada à letra”.

De Mornese, Maria Domingas Mazzarello passou a Nizza, onde chegou no dia 4 de fevereiro de 1879. Ali, foi alvo de perseguições, que lhe moveram os maus, mas a Santa, sempre voltada para Jesus, para Maria Auxiliadora, tendo sempre em mente a

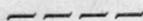
fibra de Dom Bosco, que tudo arrostou por Deus, a tudo superou — porque também fôra talhada para o áspero mister. E a Congregação, a pouco e pouco, estendeu-se, deitou ramos, frutificou.

À morte da fundadora, com quarenta e quatro anos, ocorrida em 1881, a Congregação espalhava-se pela Itália, França e América, contando com vinte e seis casas, cento e trinta e nove professoras e cinqüenta noviças.

À morte de Dom Bosco, em 1888, sete anos mais tarde, existiam cinqüenta casas, trezentos e noventa professoras e noventa e nove noviças.

À morte do seu primeiro sucessor, Dom Rua, em 1910, as casas eram duzentas e noventa, as professoras duas mil e seiscentas, e as noviças em número de duzentas e trinta e cinco.

Em 1951, contavam-se treze mil e cem religiosas, mil e duzentas casas e mil e duzentas noviças, repartindo-se pelo mundo, em cinqüenta e oito países, distribuindo-se por cinqüenta e duas províncias: movimentavam-se elas pelas Américas, África (Congo Belga) Índia, China, Japão, Austrália.



Sonaglia fixa assim os derradeiros momentos de Santa Maria Domingas Mazzarello:

“As Irmãs notam que a Madre deve ter agudos sofrimentos e uma delas lhe pergunta:

“— Sofre muito, Madre?”

“— Sim, mas não quanto as almas do Purgatório”.

“— Que coisa sente?”

“— Sinto continuamente como se uma faca me girasse nos ouvidos”.

“Está esgotada, mas não cede nem ao mal nem ao cansaço. Tem ainda tantas coisas para dizer às suas filhas, tem ainda mil recomendações a fazer.

“— Madre, repouse. Não fale mais agora”.

“Depois de um momento torna a si como se nada tivesse dito, interessando-se por cada qual.

“Trata-se de ir para Marselha, e todos, embora com o coração tão pesaroso, pedem à Madre que fique. Não pode mais, assim. Mas a Madre não cede.

“— Vós ides para a América. Por que não posso acompanhar-vos ao menos por um trecho da estrada? Depois, em S. Cyr há uma Irmã que há tanto tempo deseja ver-me e falar-me. Se não fôr agora, quem sabe se ainda me verá?”

“Em viagem é atacada de uma febre alta, mas mostra-se serena e sorridente, para não contristar as Irmãs.

“Tendo partido as missionárias, Dom Bosco, vendo a Madre tão abatida, aconselha-a a repousar:

“— Ide com as vossas Irmãs a S. Cyr. Elas cuidarão de vós. Lá nos veremos”.

“O Dr. X anuncia uma grave pleurite com derramamento e começa a medicá-la com diligência e caridade superiores a todo o elogio.

“Transcorreram quarenta dias de penosos sofrimentos da Madre, de cuidados assíduos e delicados por parte das filhas. A Madre nada pensa quanto à sua pessoa.

“Entretem-se familiarmente e com prazer com as Irmãs e com as órfãzinhas. Dispensa a tôdas a sua maternal ternura, tem para tôdas uma palavra de confôrto e de fé. O seu quarto é um verdadeiro santuário, onde se aprendem tôdas as virtudes.

“Dom Bosco vai visitá-la, entretem-se com ela sôbre as coisas da Congregação, depois se despede, pedindo às Irmãs que lhe dêem sempre notícias.

“A Santa, convencida agora de ser esta a sua última doença, pede ao Senhor, por intermédio de São José, poder viajar para chegar a Nizza, onde é esperada com tanta ansiedade.

“Em sua parada em Nizza Marítima, encontra-se novamente com Dom Bosco, e arrisca uma pergunta:

“— Padre, sararei ainda?”

“O Santo não responde diretamente, mas divaga um pouco e depois, quase gracejando, conta o seguinte apólogo:

“Um dia, a morte foi bater à porta de um convento. A porteira abriu e ela lhe disse: — Vem comigo. — Mas a porteira respondeu que não podia, porque não havia ninguém para substituí-la no seu ofício. E a morte, sem nada dizer, entrou no convento e convidou quantas encontrava, e tôdas diziam que não podiam aderir ao seu convite, porque tinham muita coisa a fazer. Então a morte se apresentou à Superiora, que deu tôdas as desculpas possíveis para se eximir de segui-la. Ao contrário, a morte ficou firme: — A Superiora deve preceder a tôdas no bom exemplo, também na viagem para a eternidade. — Que fazer? A Superiora abaixou a cabeça e seguiu a morte”.

“Dom Bosco sorriu, e Madre, que compreendeu muito bem, agradeceu o Santo pela bênção e o bem que fêz a ela e ao Instituto, depois partiu para Nizza.

.....

“A pleurisia recomeça, com fôrça, o seu trabalho destruidor, e a Santa se prepara para a morte.

“Em meio a tantos sofrimentos, é ela mesma que anima a tôdas, e tem finezas de caridade para tôdas as que a assistem ou que vem procurá-la, sejam Irmãs ou postulantes, sejam as suas filhinhas ou as alunas.

“Em certos momentos, desafoga a sua piedade de modo comovente:

“— Oh, Senhor! exclama, olhando o Crucifixo. Oh, se eu tivesse começado mais cedo a conhecervos e a amar-vos!”

“— Oh, meu querido Jesus, se vos tivesse conhecido como agora vos conheço, não vos teria deveras ofendido! Fazei-me sofrer, quero amar-vos!”

“Agravando-se o mal, pede e obtém a Extrema-Unção, a Bênção Papal, depois volta-se alegre ao Diretor presente:

“— Agora que me assinou todos os papéis, posso partir, não é verdade?”

“Algumas vêzes canta:

“— Quero amar Maria, quero dar-lhe o coração. Quem ama Maria contente estará!”

“Pede ao confessor para que não a abandone e acrescenta:

“— Se depois eu fôr para o Paraíso, como espero, pela misericórdia de Deus, não vos esquecerei”.

“Para as Superiores e Irmãs anciãs presentes, que lhe pedem uma lembrança, tem a palavra de uma prudência e de uma fôrça que faz refletir.

“Depois de haver recomendado união de espírito e de coração, manifesta o seu temor de que alguma se deixe dominar pelo desejo de ter a proeminência, e continua com palavra vibrante:

“— A nossa Congregação é de Maria Santíssima. Esta vos ajudará. Obedecei, amai-vos, não deixeis entrar o mundo em casa. Quisera dizer-vos outras coisas, não posso...”

“Dizem-lhe que repouse. Ela obedece e depois retoma com voz bem marcada:

“— Recordai-vos e repeti às filhas que vierem, que, abandonando o mundo, não devem formar um mundo aqui dentro. Graças a Deus, o que me parece deva ser corrigido não é coisa grave... são pequenas coisas que impedem a perfeição... invejzinhas, desobediências, soberba, agarramentos... e não pensam mais no fim por que vieram à Congregação”.

“Aqui, volta-se para o Crucifixo numa ardente invocação:

“— Querido Jesus, celeste Espôso... e depois dizem que querem amar somente a Vós... Oh, se vos conhecessem como agora vos conheço!”

.....

“A última noite passa tranqüila.

“Lá pelas duas horas, exclama:

“— Cantemos!”

“E entoia um louvor a Maria.

“A última tentação de desconfiança assalta-a. É a última purificação. Mas a Graça e a energia do caráter a sustêm. Ergue-se e grita com fôrça:

“— Vergonha, vergonha! Ânimo, coragem, coragem!”

“Perguntam-lhe:

“— Madre, com quem fala?”

“— Sei bem eu com quem falo!”

“Depois:

“— Por que tremer? Coragem, coragem! Quem confiou jamais em vão em Nossa Senhora? Quem confiou em Maria e foi confundido? Sus, coragem. Irmã Maria, não és tu filha de Nossa Senhora? Amanhã começará a novena de Maria Auxiliadora. Canta, pois, os louvores da Virgem Santa na Paixão do Senhor”.

“E, ainda uma vez, canta com tôda a fôrça que possui:

“— Quem ama Maria contente estará!”

“A luta terminou.

“*Circundaram-me aflições de morte . . .*

“*Na minha tribulação invoquei o Senhor*

“*e Êle escutou a minha voz*”.

(Salmo XVII, 51).

“São três horas e três quartos. Chama-se depressa o Diretor e Dom Cagliero que está se preparando para celebrar a Santa Missa.

"A Santa, jubilosa, está perfeitamente calma.

"— Oh, Padre, adeus! Já me vou!"

"Recitam a oração dos agonizantes.

"Depois, diz ainda:

"— Componde-me".

"E, dirigindo-se a Dom Cagliero:

"— Adeus! Adeus! Ver-nos-emos no Céu!"

"Fixa o Crucifixo:

"— Jesus, José e Maria, recomendo-vos a minha alma".

"Depois, três vêzes:

"— Jesus, José e Maria . . ."

"São as últimas palavras".

— — — —

A abertura do Processo Diocesano de Informação de Acqui deu-se a 23 de junho de 1911. A beatificação a 20 de novembro de 1938, e a canonização no dia 24 de junho de 1951.

Vejamos aqui a Marcha da Causa:

23 de setembro de 1913, transferência do despôjo mortal de Madre Maria Domingas Mazzarello do Cemitério de Nice-Montferrat, para a Capela da Casa-Mãe.

10 de maio de 1925, introdução da Causa em Roma.

9 de dezembro de 1926, abertura do Processo Apostólico.

29 de setembro de 1929, reconhecimento canônico dos restos mortais de Madre Maria Domingas.

3 de maio de 1936, proclamação do Decreto sobre a heroicidade das virtudes de Madre Maria Domingas, proclamada *Venerável*.

9 de fevereiro de 1938, transferência dos restos gloriosos da Venerável Madre Maria Domingas de Nizza para a Basílica de Turim.

20 de novembro de 1938, *Beatificação* da Venerável Madre.

2 de julho de 1941, Decreto de Retomada da Causa para a Canonização.

14 de março de 1950, Congregação Preparatória sobre os dois milagres propostos para a Canonização.

13 de março de 1951, Congregação Geral, em presença de S.S. Pio XII.

27 de março de 1951, Congregação Geral de *Tuto*, declarando que se pode proceder com segurança à Canonização da Bem-aventurada.

Finalmente, aos 24 de junho, Natividade de São João Batista, Precursor de Nosso Senhor Jesus Cristo, Canonização da Bem-aventurada Madre Maria Domingas Mazzarello.

* * *

BEM-AVENTURADO EGÍDIO DE PORTUGAL (*)

Confessor

Egídio ou Gil era o terceiro filho de Dom Rodrigo de Valiaditos, governador de Coimbra, quando do reinado de Sancho I, chamado o Povoador, segundo rei de Portugal (1154-1211).

Destinado ao estado eclesiástico, estudou na Universidade de Coimbra, ali se salientando pela inteligência e a maturidade, sendo dotado de grandes benefícios, mesmo antes de ter entrado nas ordens.

Conta-se dêle que, não tendo outro afazer senão o de alimentar a ambição, que nêle era grande, resolveu ir a Paris estudar medicina.

A caminho, um dia, encontrou-se com um homem, que se interessou muitíssimo pelo seu futuro, propondo-se a ensinar-lhe a alquimia, ciência que lhe proporcionaria todos os prazeres e tôdas as honras cá da terra.

Tal homem outro não era senão Satanás. Tomando-o, de repente, nos braços, elevou-se com Egídio pelos ares, chegando a uma grande caverna, depois de um vôo vertiginosíssimo. Apresentando-lhe um documento que só faltava ter a assinatura do

bem-aventurado para entrar na posse de sua alma, o Tentador exigiu que Egídio o assinasse com o próprio sangue. Na peça, que o afoito jovem assinou, lia-se: "Renuncio ao título de filho de Deus, subtraindo-me às suas leis; renuncio à minha fé e renego os votos de meu batismo, para me tornar devotado escravo de Satanás, que, em troca, conceder-me-á todos os prazeres e honras terrestres".

Egídio principiou imediatamente o aprendizado. Por sete anos, viveu confinado à vasta caverna, noite e dia ocupadíssimo com os segredos diabólicos.

Quando chegou em Paris, se brilhara em Coimbra, sendo louvado, ali foi delirantemente bajulado, e incensado. Entretanto, alguma coisa não correspondia ao seu desejo, algo indefinível que lhe escapava quando prestes a apreender: não era feliz.

Uma noite, depois de um longo labor, cansado, dormiu. Dormiu e sonhou. Sonhou que era transportado através do espaço, estonteantemente, e acabou por se ver no cemitério da terra natal. Ali, espectros sem fim censuravam-no, terrivelmente, lembrando-lhe infidelidades sôbre infidelidades.

— Infeliz! Infeliz miserável! gritavam-lhe. Se tu não mudares de vida!

Aturdido, Egídio, com um grito, invocou a Mãe de Deus. Como por encanto, os fantasmas desapareceram, a proclamar, alto e bom som:

— Estás salvo!

Desperto, o jovem levantou-se e pôs-se de joelhos; agradecendo à divina protetora aquêle imenso favor, e, como penitência, tornou para Portugal a pé.

Foi uma viagem triste, penosa, que lhe parecia jamais chegar ao fim.

Ao avistar Valença, já na Espanha, deu com irmãos pregadores que se afanavam na construção de um mosteiro. Pobres, sem recursos, trabalhando duramente — como o faziam alegremente, sem esmolecimentos, lançando mão de todos os recursos, a entoar loas ao Senhor!

Emocionado, Egídio pensava: “É aqui que devo passar o resto de meus dias, na obscuridade, na humildade, na penitência.”

Na mesma hora, perguntou pelo prior. Atendido pelo superior com caridade, longamente; em confissão, referiu-lhe a triste história tôda. Chorando, derramando lágrimas abundantes, sentiu-se mais aliviado com a absolvição.

Admitido na comunidade, Egídio logo ultrapassou a todos no fervor do trabalho. Foi religioso obedientíssimo, silencioso, austeríssimo, expiando os pecados cometidos com uma áspera, muito áspera penitência.

Em 1221, enviaram-no a Santarém, em Portugal. E o demônio, que possuía documento assinado com o sangue do bem-aventurado, não lhe deu sossêgo, reclamando-o para si, lançando mão de tôdas as tentações que se possam conceber, para atraí-lo novamente para si.

Maria Santíssima, porém, é um escudo intransponível, e Egídio, colocado debaixo de seu manto protetor, daquele manto que abriga com infinita segurança os que ali se põem com confiança, venceu o terrível reclamador importuno.

Sete anos mais tarde, depois de rigorosas abstinências, de austeras penitências, de orações sem fim, que endereçava à dulcíssima Mãe de Deus, recuperou o ímpio documento que tão ligeiramente assinara, há tempos, na execrável caverna miserável: lá estava êle a sua espera, uma noite que subira ao côro, sôbre a cadeira que lhe era reservada.

Desde aquela noite, Egídio gozou de tôdas as consolações espirituais. Quão grande o poder de Maria! Que imensa, que infinita bondade se encerra naquele puríssimo coração da Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo!

O bem-aventurado Egídio de Portugal faleceu em 1265, depois de ter, com grande sucesso, trabalhado na salvação das almas, levando para Deus os pecadores mais empedernidos.

Bento XIV, em 1784, aprovou-lhe o culto.

* * *

BEM-AVENTURADO MIGUEL
GARICOITS (*)

*Fundador dos Padres do Sagrado
Coração de Betharram*

Confessor

Miguel Garicoits nasceu em Ibarra, no país basco, diocese de Baiona, no dia 15 de abril de 1797, filho de modestíssimos camponeses.

Pastor, Miguel cresceu junto da natureza, sempre dócil aos pais.

Aos dez anos, empregou-se na casa de um casal de estrangeiros, mas logo tornou à casa paterna, próxima que estava a data marcada para a primeira comunhão. Datam destes tempos, o desejo de abraçar o sacerdócio.

Aluno e servidor do seminário, foi, tanto no seminário menor como no maior, o predileto dos mestres.

Padre, Miguel logo caiu nas graças do bispo. Vigário, por dois anos deu vasão ao zêlo pastoral de que vivia animado.

Tendo lecionado por alguns anos, foi feito, em 1831, superior do seminário maior de Betharram.

Em 1841, dez anos mais tarde, com a aprovação do bispo, estabeleceu naquela casa, a Sociedade dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Esta congregação foi abençoada de modo visível pela Providência — uma vez que não tardou a ter grande repercussão e os seus missionários se espalharam pelos mais afastados rincões da terra. Em 1856, percorriam o Plata, na América do Sul e, dois anos depois, estabeleciam-se na capital da Argentina.

O padre Miguel Garicoits faleceu aos 14 de maio de 1863, na noite de Ascensão, com sessenta e seis anos de idade.

Não houve quem não sentisse aquela perda, e multidões foram venerar-lhe o cadáver, tocar-lhe as vestes, beijar-lhe o rosário.

A causa do padre Miguel foi introduzida quando de Leão XIII, em 1899. No dia 10 de maio de 1923, Pio XI publicou, solenemente, o breve de beatificação.

* * *

SANTO AMPÉLIO, O FERREIRO (*)

Confessor

Século V

A vida de Santo Ampélio, apelidado o Ferreiro, é tôda ela lendária, dando-o como originário do Egito, ferreiro de profissão.

Almejando vida mais e mais perfeita, sempre em busca de Deus, foi procurar os solitários que viviam na Tebaida, e a êles prestou serviços os mais variados, inclusive os da própria profissão.

Como se aperfeiçoasse rapidamente, caminhando com segurança na vereda que leva ao céu, o demônio, agastado, resolveu agir, para perdê-lo. Trasmudou-se numa linda jovem impudica e foi haver-se com o santo confessor, que o venceu facilmente: quando a mulher, aproximando-se de Ampélio, procurava seduzi-lo, o ferreiro, aquela hora com um ferro em brasa nas mãos, avançou para ela, para queimá-la, e a espantou para sempre, com a ajuda de Deus.

Como Santo Ampélio, já velho, deixou a Tebaida e se fêz para Gênova, onde, nas imediações daquela cidade italiana, levou vida de mortificação

e de contemplação, não o sabemos, nem a lenda nô-lo diz. O fato é que ali faleceu no dia 5 de outubro de um ano que não se precisa.

Santo Ampélio é venerado como o padroeiro dos ferreiros.

No mesmo dia, na Irlanda, São Carthag, o Jovem, bispo e confessor, também conhecido como Mochuda, filho de Fingen. Nasceu em 555, tendo sido educado por Carthag, o Velho. Levou vida eremítica, em 580, numa cela que construiu em Kiltalagh. Passou um ano em Bangor. Fundador do mosteiro de Rathin, grande escola de piedade e de ciência, e do bispado de Lismore, do qual foi o primeiro bispo, faleceu em 637, pouco depois de ter acabado a catedral, que foi colocada sob sua invocação. A cidade, desde então, passou a chamar-se Lismore Mochuda.

Na diocese de Clermont, Santo Aprônculo, bispo e confessor, nascido em Autun. Foi bispo de Langres, donde foi expulso pelo rei Gondebaldo. Sucessor de Sidônio Apolinário na sé de Clermont, faleceu em 488.

Em Perusa, São Bevignato, confessor, filho de um pobre camponês. Morto em 500, uma igreja foi construída sôbre seu túmulo. Parte das relíquias está na catedral de Perusa.

Na diocese de Seez, São Gilderico ou Joudry, confessor, nascido na Escócia. Passando para a Gália, levou vida de ermitão, perto de Exmes. Morto,

foi transferido para Vendome, onde é invocado contra a febre (século VII).

Em Ratisbona, o bem-aventurado Tuton, bispo e confessor. Antes monge de Santo Emmeran, foi feito bispo de Ratisbona. Regulamentou e restaurou as possessões temporais do bispado, que sofrera perdas com a ambição do imperador Arnolfo, e defendeu os direitos das sés de Passau e de Ratisbona contra as pretensões eslavas. Cego no fim da vida, o que lhe foi um bem para a alma, faleceu em 930.

Na Noruega, Santo Halwardo ou Harwaldo, mártir. Filho de um reideiro de Lier, perto de Dramman, e primo do rei Olaf, foi morto, em 1043, quando protegia uma mulher que, sendo perseguida, implorou-lhe os préstimos. Depois de 1130, dedicaram-lhe a catedral de Oslo e a igreja atual, católica, de Cristiana.

Na Inglaterra, a bem-aventurada Juliana de Norwich, virgem. Mística da Inglaterra, levou vida de reclusa desde os treze anos, morrendo em odor de santidade. Jamais foi honrada com um culto.

No mesmo dia, em França, São Ponte, mártir, que, pela fôrça de suas prédicas e habilidade, tendo convertido Filipe Cesário à fé de Jesus Cristo, obteve a palma do martírio sob o imperador Valeriano, e Galieno. Na Síria, São Vítor e Santa Corona, mártires sob o imperador Antonino. Vítor foi primeiramente torturado pelo juiz Sebastião de várias maneiras, e tôdas igualmente horríveis. A mulher de um soldado chamada Corona, admirando a constância com que êle suportava as mais cruéis dores, começou a louvar-lhe a coragem e a chamá-lo bem-



Mosaico de São Pascal, na absida da Igreja de Santa Cecilia, em Roma.

aventurado: ao mesmo tempo, viu duas coroas caídas do céu, uma para Vítor, a outra para ela; por haver dito tudo isto aos presentes, foi desmembrada entre duas árvores e Vítor decapitado. Na Sardenha, as santas mártires Justa, Justina e Henedina. Em Roma, São Pascal, papa, que tirou de grutas muitos corpos de mártires, e os colocou com honra em diversas igrejas. Em Ferente, na Toscana, São Bonifácio, bispo que, como relata São Gregório, papa, brilhou desde a infância pelos milagres e pela santidade.

* * *

15.º DIA DE MAIO

SANTO ISIDORO

Operário

Durante o século doze, Madri, a futura capital da Espanha, viu um pobre trabalhador, que deveria um dia ser seu protetor no céu. Tinha o nome de Isidoro, tendo nascido de pais pobres, mas católicos e piedosos. Educado por êles no temor de Deus, praticou, desde a infância, a caridade, a piedade, a paciência, a humildade, a abstinência e outras virtudes, com certa gravidade viril. Chegando à idade em que deveria escolher uma indústria para ganhar a vida, dêle e de sua família, desprezou tôdas as outras profissões e dedicou-se à agricultura, por lhe parecer mais humilde, trabalhosa e segura. Exerceu-a a vida inteira, de tal maneira que jamais, um só dia, suprimiu algo dos exercícios de devoção que se havia proposto praticar. Jamais se dirigia ao trabalho sem antes haver visitado as igrejas, ouvido a missa e orado a Deus e à Santa Virgem, de todo o seu coração. Deus deu a conhecer quão agradável lhe era aquela devoção. Isidoro havia contratado com um cavaleiro de Madri que trabalharia em uma

de suas fazendas. Vizinhos acusaram-no perante o patrão, que não ia ao trabalho senão depois dos outros, e fazia somente a metade do que era necessário. O cavaleiro, em cólera, dirigiu-se à fazenda, a fim de repreender Isidoro. Mas, ali chegando, ao lugar de uma charrua, viu três, das quais Isidoro conduzia a do meio, e dois jovens vestidos de branco as outras duas; êstes últimos desapareceram quando êle se aproximou. O cavaleiro compreendeu o que lhe dizia muitas vêzes Isidoro, que o tempo dado a Deus para a devoção não era tempo perdido. Outra vez, quando o santo rezava na igreja de Santa Madalena, vieram dizer-lhe que sua mula ia ser devorada por um lobo, se não corresse imediatamente. O santo homem responde sem se alterar: Ide em paz, meus filhos! Que a vontade de Deus seja feita! Saiu da igreja após concluir a prece e encontrou a mula sã e salva, e o lobo morto, ao lado dela.

Isidoro amava o próximo como a si mesmo, particularmente os pobres. Ainda que nada tivesse, economizava todos os dias de sua indigência para ter o que dar aos que mais pobres eram do que êle. A sua caridade era agradável a Deus, a ponto de mais de uma vez fazer milagres para que seu servo tivesse o que dar. Certa vez em que havia distribuído aos pobres tudo o que tinha, apareceu um mendigo, pedindo esmola. Muito triste por ter que deixá-lo partir em jejum, Isidoro disse à mulher que olhasse na marmita, para ver se algo ainda havia; ela olhou, e a encontrou vazia. Pediu Isidoro que olhasse segunda vez; ela o fêz por obediência, e a encontrou cheia, de modo a ter mais do que era necessário para saciar o pobre. Isidoro estendia a caridade aos animais. Um dia de inverno, com um frio rigoroso, ia ao moi-

inho com um saco de trigo, quando percebeu sôbre as árvores um grupo de pombas sofrendo fome, porque a neve cobria tôda a terra. Tocado de compaixão, limpou um lugar e espalhou bastante trigo para alimentar as pombas esfaimadas. Seu companheiro o censurou muito, mas Deus o recompensou, porque, chegado ao moinho, encontrou o saco tão cheio que parecia nada ter sido tirado.

Maria, sua mulher, era igualmente compenetrada de fé e piedade. Tiveram um filho, que morreu jovem, após o que guardaram continência. Morreu Isidoro em 1170, na idade de quase sessenta anos. Sua santidade havia sido comprovada por um grande número de milagres, e o papa Bento XIII o colocou no rol dos santos. A Igreja honra a sua memória no dia 15 de maio (1).

Cada um de nós é um trabalhador, cada um de nós tem uma fazenda a cultivar: é a terra de nosso coração. É Deus o proprietário; êle no-la deu em arrendamento; êle nos pedirá contas talvez amanhã, talvez hoje. Em que estado se acha a fazenda? Talvez em ruínas, eriçada de silvas, mal cultivada, mal semeada, mal guardada. Temamos que o Mestre condene ao fogo o fazendeiro e a fazenda.

* * *

(1) Acta SS., 15 maii.

SANTOS PEDRO, ANDRÉ, PAULO E DIONÍSIA (*)

Mártires

Em Lampsaco, na Ásia Menor, quando da perseguição do imperador Décio (ano 251) um jovem cristão chamado Pedro, generoso, piedoso e de vida irrepreensível, foi prêso.

Ótimo era, então, procônsul da Ásia, e a êle o moço foi apresentado.

Perguntou-lhe:

— Tu conheces os decretos dos nossos invencíveis príncipes, que te ordenam sacrificar à grande deusa Vênus?

Pedro respondeu-lhe:

— Procônsul Ótimo, admiro-me de que me queiras persuadir a sacrificar a uma mulher impudica e infame, cujas ações são tão vergonhosas que não se pode ouvi-las sem que se enrubesça. As histórias mesmas acusam-lhe as desordens. Se a chamam de cortesã e mulher sem pudor, como ousas forçar-me a honrar com a adoração e os sacrifícios a uma vil meretriz? É, pois, mais necessário e mais glorioso oferecer o sacrifício da adoração e da oração, da

compunção e do louvor, ao Deus vivo e verdadeiro, ao rei de todos os séculos, ao Cristo.

Ótimo não gostou de tal resposta, lançada assim com altivo destemor, por isso, virando-se para os esbirros, ordenou-lhes que tomassem do prêso e o atassem à roda, com pesadas cadeias de ferro.

Pedro enfrentou as dores com heroísmo, e, quanto mais rude se tornava a tortura, tanto mais o valeroso cristão ganhava fôrça e ânimo. Fixando o céu com um olhar de imensa esperança, dizia, numa ciciante oração:

— Rendo-te graças, ó Senhor Jesus. Digna-te dar à minha debilidade bastante paciência para vencer êste cruel tirano.

Inúteis que foram tôdas as barbaridades perpetradas pelos carrascos, Ótimo, irritado, deu ordem para que ao valente moço cortassem a cabeça a espada — e assim o fizeram.

Pouco depois, o procônsul, com numeroso e brilhante cortejo, viajava para Troadê. Foi nesta cidade que três cristãos, André, Paulo e Nicômaco lhe foram apresentados.

Êste último, mais impaciente que os companheiros, a uma pergunta do procônsul, que desejava saber quem eram e o que faziam, adiantou-se impavidamente, revelando:

— Eu sou cristão!

Ótimo percorreu-lhe o corpo com olhar feroz, depois do que bradou:

— Sacrifica aos deuses!

Nicômaco respondeu-lhe:

— Um cristão não deve sacrificar aos demônios.

Ótimo não esperou mais: mandou que o suspendessem e o torturassem a valer.

Nicômaco, vencido pela violência da dor, sentindo-se às portas da morte, entrou a gritar, desenfreadamente:

— Eu não sou cristão, jamais o fui! Eu sacrifico aos deuses!

Ótimo, sorrindo, ordenou que cessassem com os suplícios. E, apenas o apóstata se viu livre dos carascos, caindo por terra, aos gritos, tomado que fôra pelo demônio, decepando a língua com violenta mordida, a estrebuchar, faleceu diante de todos, estupefatos.

Entre os espectadores da cena, estava uma jovem cristã chamada Dionísia, de dezesseis anos, que, elevando a voz, disse para que todos a ouvissem:

— Ah, miserável, o mais infelizmente dos homens! Como, por uma hora apenas de vida, pudeste atrair sobre ti as penas eternas, aquelas que a palavra humana, impotente, não pode descrever?

Ótimo enfitou-a, terrível, e fêz com que a trouxessem para mais perto de si.

— Tu és cristã? perguntou-lhe, quando a jovem se achegou.

— Sim, respondeu Dionísia, eu sou cristã. Eis porque choro êste infelizmente por não ter sofrido alguns instantes mais, para ganhar o repouso sem fim.

Ótimo:

— Mas êle, verdadeiramente, encontrou o repouso do qual tu falas, cumprindo, por um sacrifício, a vontade dos deuses e a dos nossos invencíveis

príncipes, porque Vênus e a grande Diana dignaram-se levá-lo, para subtraí-lo das exprobrações daqueles que professam tuas vãs superstições. Como êle, sacrifica tu também. Não permaneças por mais tempo nas vergonhosas ilusões, porque, se assim não fôr, ver-me-ei obrigado a te queimar viva.

Dionísia:

— Meu Deus é maior do que tu, por isso que não temo tuas ameaças. Êle é assaz poderoso para me dar a necessária paciência em todos os suplícios que me infligires.

Ótimo, rindo, entregou-a nas mãos de dois jovens libertinos.

Quanto aos dois outros, André e Paulo, ordenou que os atirassem à prisão.

Dionísia, lutando contra os dois devassos, que não lhe conseguiram vencer o pudor, viu-se atacada. E o fogo da bestial paixão que consumia o corpo dos ímpios, num instante, apagou-se: a penumbra do quarto em que se reuniam cedera lugar a uma grande, cegante luminosidade.

Os dois, estonteados, boquiabertos, viram, diante de si, um bellissimo jovem de fisionomia serena. Aterrados, caíram por terra, rastejantes, trêmulos, a rogar humildemente a Dionísia que os salvasse.

A generosa moça tomou-os pela mão, levantou-os, dizendo:

— Não temais. Êste que aqui está é o defensor e o guarda que Deus me enviou, porque fui arrojada entre vossas mãos por um juiz ímpio.

Os dois jovens, sempre trêmulos, empalidecendo mais e mais, pediram-lhe, a balbuciar, que intercedesse por êles, para que mal algum lhes sucedesse.

Quando amanheceu, o povo, excitado, saiu às ruas, aos gritos, pedindo que lhes dessem André e Paulo, desejosa que estava a massa de sangue: atiraram-na, perversamente, dois sacerdotes de Diana, Onesicrato e Macedônio.

Ótimo, já levantado de algum tempo, ordenou que lhe trouxessem ambos os cristãos, e, quando os teve diante de si, gritou-lhes:

— André e Paulo, sacrificai à grande Diana!

Os dois, numa só voz, responderam-lhe:

— Não reconhecemos a Diana nem aos demais demônios que tu adoras!

O povo, cada vez mais exarcebado, gritava de enlouquecer, pedindo, numa assuada interminável, a morte dos dois jovens cristãos.

Ótimo perscrutou longamente os presos, nada espantados. Deu ordem, então, para que os vergastassem sem dó nem piedade.

Tudo em vão, não conseguindo sequer arrancar daqueles lábios um único gemido, entregou-os ao populacho, para que os lapidasse.

Dionísia, que comparecera ao local da grita, reuniu-se corajosamente aos dois moços já estraçalhados e sem vida.

Levada pela turba insana, gritou a André e Pedro, que já não podiam ouvi-la:

— Para poder viver convosco no céu, quero morrer convosco aqui na terra!

Agarraram-na brutalmente e a levaram ao pro-cônsul.

Ótimo, cansado, decretou-lhe a morte na hora: morreria decapitada longe do centro — e assim sucedeu.

* * *

SÃO FRANCOVEU

Confessor

Século VII

Francoveu ou Franconeu nasceu nos Armognes, em Nivernais, nos fins do século VI.

Filho de pais ricos e piedosos, educado desde a infância nas mais altas virtudes, bem instruído, cresceu habituado às orações e às vigílias.

Grande fazedor de esmolas, quase chegou, um dia, a dar caríssimo vaso de estimação da família.

Vivendo na abundância, meditava continuamente sobre a dificuldade dos ricos em ganhar o reino dos céus. Assim, bem cedo, deixando o século, ingressou no mosteiro de São Martinho, não longe de suas terras.

Francoveu, ali, levou vida de grande rigor.

Certa vez, um irmão, religioso que se enchera de inveja, tantas as virtudes do Santo, procurou atormentá-lo. Francoveu, no mosteiro, naquela época, fazia de padeiro, e, um dia, percebeu que lhe sumia, sem saber como, um dos principais objetos auxiliador do trabalho de panificação. O santo confessor, bem

ao contrário do que desejava o invejoso, não se desesperou, e trabalhou como pôde, paciente que era, apresentando, na hora de sempre, perfeitamente cozidos, os pães de que a comunidade se servia.

Quando foi do incêndio que destruiu o mosteiro, Francoveu, com um dos seus mais fervorosos amigos, chamado Antônio, foi viver na solidão.

No fim da vida, cheio do desejo de rever a terra natal, empreendeu a caminhada, mas as fôrças não lhe permitiram continuar, chegando a meio da viagem.

Diz a lenda que o amigo de sempre, o bom Antônio, surgindo com dois touros selvagens, levou-o de volta à solidão, e ali morreu o Santo, docemente.

O ofício atual de São Francoveu, monge e confessor, é celebrado na diocese de Nevers, no dia 15 de maio. Inúmeras paróquias e capelas da diocese de Nevers tem a São Francoveu como padroeiro.

* * *

SÃO ROBERTO (*)

Duque de Bingen

Confessor

Século VII

Roberto, ou como querem alguns autores, Rupert, de família originária da Lorena, nasceu em Bingen, num vasto castelo situado a quatro léguas mais ou menos de Mayence, no Reno.

Filho do duque Robolaus, homem pagão, e de Berta, mulher entranhadamente cristã, Roberto, aos três anos de idade, perdeu o pai, sendo educado pela mãe com grande desvêlo e sabedoria.

Berta inculcou-lhe, principalmente, o amor a Deus e aos pobres. Jamais, então, o santo duque deixou de socorrer e consolar os indigentes. E, um dia, quando a mãe lhe disse que tinha intenções de fundar um mosteiro, onde os pobres seriam amparados, exclamou:

— Oh, mãe, tu me fazes lembrar daquilo que me lêste na profecia de Isaías: *Reparte teu pão com*

aqueles que têm fome, recebe em tua casa aqueles que não têm abrigo (1).

Roberto contava, então, doze anos, e desde aquêlê dia, principiou a lançar mão dos próprios bens para fundar hospitais e albergues. E o que mais feliz o fazia era, uma a uma, visitar as fundações, cuidar dos doentes, procurar e descobrir as necessidades de cada qual. E Berta, satisfeitíssima com aquêlê traço do caráter do filho, cada vez mais o encorajava a trilhar tal vereda.

São Roberto enriqueceu e embelezou a igreja de Bingen. Sôbre a montanha vizinha à cidade, construiu um mosteiro, ao qual grandemente dotou, e onde, freqüentemente, para os momentos de solidão, retirava-se com muito agrado. E tanto apreciava a solidão, que, um dia, depois de ter feito uma peregrinação ao túmulo dos santos Apóstolos, resolveu viver na soledade.

São Roberto, duque de Bingen, com vinte anos, morreu para o mundo, nasceu para o céu. Enterrado no mosteiro da montanha, que construira com tanto carinho e tanto amor, os milagres se sucederam por muito tempo, tornando-lhe o túmulo famoso, tanto que o lugar passou a chamar-se Rupesberg — que Santa Hildegarda, no século XII, habitou. Ali, escreveu ela a vida do Santo.

Berta, qualificada de bem-aventurada, é honrada no ducado de Bingen no mesmo dia em que o filho o é — 15 de maio.

* * *

(1) Is. 58, 7.

BEM-AVENTURADO ANDRÉ ABELLON (*)

Confessor

André nasceu em São Maximino, no ano de 1375. Jovem ainda, entrou no convento dos dominicanos daquela cidade, onde estudou com grande afincos e não menor proveito.

De São Maximino, enviaram-no a Marselha, e ali, ensinou as artes liberais por algum tempo. Concluído o curso de teologia, feito em Tolosa, em Montpellier lecionou filosofia.

Em junho de 1403, foi o bem-aventurado André encarregado pelo capítulo da ordem de *ler as sentenças* no convento de Avinhão.

Aos 21 de setembro de 1409, era mestre de teologia. Dez anos mais tarde, eleito prior do convento de São Maximino, para lhe proceder a reforma, em pouco tempo obteve excelentes resultados.

Durante o priorado, André tratou de dotar o convento com rendas estáveis: obteve de Luís II de Anjou parte de um legado e da rainha Iolanda de Aragão uma renda de duzentos florins; de dois moinhos que mandara construir em Nossa Senhora de Claux, carreou para a casa grandes quantias.

Em 1432, o mestre geral da ordem, Bartolomeu Texier, enviou-o ao convento de Arles com a missão de ali restabelecer a observância.

Sòmente no fim do ano de 1432 pôde o bem-aventurado voltar para São Maximino, mas logo foi enviado para o convento de Aix, do qual foi prior, de 1438 a 1442.

De 1444 até 1448, estêve novamente em Marseilha. Reeleito prior de Aix, recusou o cargo.

Falecido em Aix, em 1450, o corpo foi transportado para São Maximino. À beira do túmulo do bem-aventurado André de Abellon vários milagres atraíram os fiéis, que o veneraram com ardor.

O papa Leão XIII beatificou-o em 1902.

— — — —

No mesmo dia, em Autun, São Retício, bispo e confessor, filho de nobre família das Gálias, falecido em 334.

Festa de São Genebrardo, mártir, no século VI.

Na Itália, São Liberator, mártir, primeiro bispo de Ariano, época desconhecida. A catedral de Magliano e uma igreja de Ariano são-lhe dedicadas.

Em Apúlia, Santo Eutício, mártir, em 310. Em Faleria, na Úmbria, sepultou os santos Graciliano e Felicíssimo. Torturado e decapitado pela fé, em Soriano, diocese de Venosa.

Na Tessália, Santo Aquiles, bispo e confessor. Taumaturgo, foi um dos membros do concílio de Nicéia. Falecido em 330.

Em Plaisance, São Domnin, diácono, morto em 443.

Na diocese de Quimper, São Primaël, confessor. Natural da Grã-Bretanha, levou vida de solitário, falecendo em 450.

Na Toscana, Santo Hilário ou Ilar, confessor. Nascido em 476, faleceu em 558. Fundou o mosteiro de Galeata, hoje de Santo Haro dell Paglia, na diocese de Faenza, ao qual deixou uma regra.

Na Itália, Santo Urso, bispo de Fano e confessor. Nascido em Roma, foi eleito bispo em 625. Desconhece-se a data do falecimento.

Em Constantinopla, São Nicolau, apelidado o Místico, bispo e confessor. Foi patriarca de 895 a 906, em união com Roma. Em 906, foi deposto pelo imperador Leão VI. Faleceu em 925.

Na Itália, o bem-aventurado Benvindo de Recanati, confessor, irmão leigo da ordem de São Francisco no convento de Recanati. Viveu em constante união com Deus e teve freqüentes êxtases. De uma fidelidade inviolável à regra franciscana, faleceu em 1289.

Festa de São João Batista de La Salle, presbítero, confessor, fundador da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, que adormeceu no Senhor aos 7 de abril.

No mesmo dia, na Espanha, os santos Torquato, Ctesifonte, Segundo, Indalécio, Cecílio, Hesíquio e Eufrásio, que, sagrados bispos em Roma pelos santos apóstolos, foram enviados à Espanha para pregar a palavra de Deus: após haverem anunciado a doutrina cristã em diversas cidades e submetido ao jugo da fé uma multidão inumerável de povos, morreram em paz em lugares diversos desta província: Tor-

quato, em Cádiz, Ctesifonte em Vierza, Segundo em Ávila, Indalécio em Portilla, Cecílio em Elvira, Hesíquio em Gibraltar, e Eufrásio em Anduxar. Em Évora, Portugal, São Manços, mártir. Na ilha de Quio, a festa de santo Isidoro, mártir. Vê-se ainda hoje na igreja que leva o seu nome o poço onde se crê tenha sido atirado, e cuja água freqüentemente curou dementes.

Em Sauzine, em Sardenha, São Simplicio, bispo, que, no tempo do imperador Diocleciano, e sob o presidente Bárbaro, transpassado pela lança, encontrou assim o martírio. Em Clermont, em Auvergne, os santos mártires Cássio, Vitoriano, Máximo e seus companheiros. Em Brabante, Santa Dimpne, virgem e mártir, filha do rei da Irlanda, por ordem de quem ela foi decapitada pela fé de Jesus Cristo e pela conservação de sua virgindade.

* * *

16.º DIA DE MAIO

SÃO JOÃO NEPOMUCENO

Mártir

João nasceu pelo ano de 1330, em Nepomuck, pequena cidade da Boêmia, a algumas léguas de Praga. Seus pais distinguiam-se mais pela piedade do que pela linhagem e pela fortuna. Já estavam avançados em anos, sem ter filhos, quando obtiveram êste filho pela intercessão da santa Virgem, que iam pedir diante de sua imagem, na igreja dos cistercienses, fora da cidade. A fim de que seu nome lembrasse ao recém-nascido que afeição devia a Maria, deram-lhe o nome de João. Êle devia-lhe não sòmente o nascimento, mas a conservação; porque, nos primeiros anos, caiu gravemente enfêrmo; mas seus pais haviam feito um voto diante da mesma imagem da Virgem, e tomado certos compromissos pelo resto de sua vida, e a criança levantou-se em breve, curada. No nascimento, flamas mui serenas, para grande alegria da cidade de Nepomuck, pareceram descer do céu e cercar, sem fazer mal, tôda a casa onde acabava de nascer. Veremos flamas semelhantes reaparecerem por ocasião de sua morte.

Enviado em boa hora à escola, ali aprendeu primeiramente os responsos da missa. Desde que os

soube, ia tôdas as manhãs à igreja dos Cistercienses, fora da cidade, e lá servia tôdas as missas que se rezavam. As pessoas sábias auguravam desde então qualquer coisa de grande. À piedade mais terna, ajuntava um espírito muito vivo. Seus pais o mandaram a estudar a língua latina em Staaze, cidade considerável do país. Ali estudou humanidades, sobretudo a retórica, com a maior distinção.

Carlos IV, imperador da Alemanha, e rei da Boêmia, acabava de fundar a universidade de Praga sob o modelo das de Paris, Bolonha e Pádua. Atraíra mestres hábeis de tôdas as partes da Europa, e os havia contratado, prometendo-lhes magníficas recompensas. A nova universidade ficou célebre desde seu nascimento. Afluiu grande número de estudantes de diferentes regiões da Alemanha. João foi enviado para lá. Além de filosofia, estudou teologia e o direito canônico, e colou grau de doutor nestas últimas matérias.

Desde os primeiros anos, sentiu forte inclinação pelo sacerdócio; para isso havia destinado todos os seus estudos, e havia feito uma espécie de aprendizado, participando freqüentemente da santa comunhão. O objetivo que se propunha, ao abraçar tal estado, era consagrar-se, sem reserva, à diligência da glória de Deus. Quanto mais via chegar o dia da ordenação, tanto mais redobrava o fervor nos diferentes exercícios. Não se apresentou ao bispo senão depois de ter passado um mês em retiro, e purificado a alma pela oração, jejum e pela mortificação.

Assim que recebeu a unção sacerdotal, ordenaram-lhe fizesse valer o raro talento que tinha pela

pregação. O bispo confiou-lhe a cátedra da paróquia de Nossa Senhora de Tein. Os primeiros trabalhos produziram frutos admiráveis. Tôda a cidade se açodava em ouvi-lo anunciar a palavra de Deus, e viram em pouco tempo uma reforma geral. Os estudantes, que perfaziam então quatro mil, afluíam também em grupos a ouvir-lhe os discursos. Os mais descarados libertinos não podiam escutá-lo sem se comoverem, e voltavam para casa penetrados de sentimentos de viva compunção.

O arcebispo e o capítulo de Praga resolveram servir-se de homem tão compenetrado do espirito de Deus; deram-lhe um canonicato que ficava vago; João assistia sempre com pontualidade e exatidão ao côro; mas isto não o impedia de encontrar ainda tempo para trabalhar na salvação das almas, exercendo as funções precípuas.

O imperador Wenceslau, que permanecia habitualmente em Praga, ouvindo falar do servo de Deus, quis conhecê-lo pessoalmente, e nomeou-o pregador do advento na côrte. João sentia quanto tal missão era difícil e perigosa; aceitou, entretanto, e dela se desincumbiu com os aplausos do príncipe e de todos os cortesãos. Wenceslau comoveu-se mesmo com os discursos do santo pregador, e suspendeu por algum tempo o curso de suas paixões desregradas.

Entrementes, a sede episcopal de Letomeritz veio a vagar. O imperador, para mostrar a estima que tinha de João Nepomuceno, lha ofereceu; mas foi impossível decidir o virtuoso cônego a aceitá-la. Suspuseram que sua recusa se prendesse aos perigos e trabalhos inerentes ao episcopado; assim, ofereceram-lhè o prebostado de Wisegrad, que, após os

bispados, era a primeira dignidade eclesiástica da Boêmia; rendia cem mil florins por ano; não oferecia dificuldades, cuidados, nem fadigas, e dava o título honorífico de chanceler hereditário do reino. Não se podem conhecer melhor os santos do que oferecendo-lhes cargos semelhantes; se recusam os grandes, quando se apresentam trabalhos ao seu zêlo e cruces à sua virtude, que devem êles pensar daqueles que, por todo atrativo, não apresentam senão tesouros a recolher e honras a receber. O virtuoso cônego foi também inquebrantável nessa ocasião, como havia sido na precedente.

Quanto mais desprezava as grandezas do mundo, mais permitia Deus que o mundo o estimasse. Se, em seguida, aceitou o lugar de esmoler do imperador, não o fêz senão para se dedicar à instrução da côrte com mais autoridade, e, conseqüentemente, com maiores frutos; via também neste cargo uma oportunidade de mostrar ternura para com os pobres. Por outro lado, não o expunha às distrações, e não lhe proporcionava riquezas nem honras que o haviam atemorizado nas prelaturas; foi, pois, a humildade que o levou a fixar-se na côrte, para onde a ambição conduz quase todos os homens. Mostrou-se lá o mesmo que fôra no recolhimento. Sua morada era o lugar de encontro de todos os infelizes. Servia-lhes de advogado e de pai; aquela causa tornava-se sua, e lhes diligenciava todos os auxílios que dêle dependessem. Sua caridade era engenhosa em descobrir e em conciliar as disputas que se levantavam na côrte e na cidade. Resolvia muitas querelas, e prevenia um sem-número de processos. Restam ainda monumentos autênticos dessas acomodações que se devem à sua decisão; ali se admira igualmente o espírito de

penetração, de sabedoria e de equidade. Achava tempo para todos êsses assuntos, porque os santos, esquecendo o que lhes concerne pessoalmente, têm muito mais tempo livre do que os outros homens para dedicar-se ao serviço do próximo.

A imperatriz Joana, filha de Alberto da Baviera, conde de Hainot e da Holanda, era uma princesa ornada de tôdas as virtudes. Tocada da unção que acompanhava os discursos de João Nepomuceno, escolheu-o para diretor de sua consciência. Tinha necessidade de tal guia em meio aos desgostos que lhe advinham da parte do imperador. Wenceslau a amava com paixão; mas como era dotado de espírito inconstante e caprichoso, dava-se, de tempos em tempos, a acessos de ciúmes que, juntados à sua ferocidade natural, muitas tristezas causam à virtuosa princesa.

Desde que o mundo foi salvo pelos sofrimentos de um Deus, é pelas aflições que se formam os santos. Para santificar a imperatriz, para afastá-la de tudo o que pudesse partilhar o seu coração, o céu empregou primeiramente a perseguição do marido, a qual muitas vêzes chegou aos piores excessos; ao mesmo tempo, deu-lhe João Nepomuceno para a consolar e conduzir. Com êsse hábil diretor, fez em poucos anos rápidos progressos. Sustentada por um homem que seu zêlo preparava para o martírio, aprendeu a suportar as dores com alegria.

A imperatriz não foi a única a colocar-se sob a orientação espiritual do servo de Deus; tôdas as pessoas virtuosas da cõrte lhe solicitavam que tomasse a si o encargo de lhes guiar a alma. Admirava-se nêle o talento de formar santos sôbre o trono, felizes

nos sofrimentos, e de fazer amar a virtude em meio ao mundo da alta sociedade onde ela era frequentemente desconhecida. Obrigaram-no ainda a dirigir os religiosos do castelo de Praga; e êle os guiou tão bem nos exercícios da vida espiritual, que sua casa se tornou modelo de perfeição monástica.

A imperatriz havia constantemente praticado a virtude; mas a virtude aumentou muito desde que se guiou pelos conselhos de João Nepomuceno. Em breve, notaram a mudança que nela se operara. As igrejas tornaram-se o lugar onde se encontrava habitualmente. Passava ali dias inteiros de joelhos, e num recolhimento que despertava admiração em todos. Suas preces não se interrompiam senão pelo tempo que empregava em aliviar os pobres, a quem não se pejava de servir com suas próprias mãos. Seus entretenimentos com as damas de sua comitiva, a única liberdade que se permitia, não versavam senão sobre as verdades eternas, e suas palavras eram então acompanhadas de uma unção que denunciava o fervor de sua alma. Alimentava em si o amor divino pela frequência aos santos sacramentos, pela prática das austeridades e pelo costume de uma mortificação constante. O temor de desagradar a Deus fazia-a fugir até da sombra do pecado, e se lhe acontecia cometer algumas destas faltas leves, das quais nem os santos estão isentos, ia imediatamente levá-las ao tribunal da penitência, a fim de expiá-las. Jamais dêle saía sem ter o coração ralado de compunção e os olhos inundados de lágrimas.

Mas como tudo se transforma em veneno para um coração corrupto, a piedade da imperatriz não fêz senão acentuar o caráter feroz de Wenceslau;



A Confissão. Fac-simile da gravura de um opúsculo de Santo Antonino. Século XVI.

e êle se ofendia até com os sinais de ternura e de complacência que ela não cessava de dar-lhe. Presente, odiava-a; ausente, amava-a perdidamente. Seu ciúme não conheceu limites; e, interpretando mal as ações mais santas de sua espôsa, aproveitou a ocasião para aumentar as suspeitas em relação à conduta da princesa.

Cego pela paixão, formulou um projeto tão original como extravagante. Chamou São João Nepomuceno, falou-lhe primeiramente de diferentes coisas, e pronunciou, como que sem intenção, o nome da imperatriz; sôbre isto observou que, atendendo à condição de submissão da mulher, um marido devia tudo saber, sobretudo em se tratando de reis e imperadores. Tudo o que João pudesse jamais desejar de honras, de riquezas e de felicidade, êle lhe prometia sob palavra de rei, se se decidisse a confiar-lhe, a êle sômente, por pouco que fôsse, o que a imperatriz lhe havia revelado no Tribunal da penitência. A essa solicitação criminosa, o santo homem foi tomado de horror, exortando o rei a condenar a curiosidade e a não continuar a desejar o impossível. Wenceslau dissimulou o despeito: pensava que João, se havia resistido ao primeiro ataque, poderia succumbir num segundo, ou num terceiro, e que, se uma primeira máquina não se revelara suficiente, poderia encontrar-se outra mais forte.

Um dia em que o príncipe estava à mesa, serviram-lhe uma ave não suficientemente assada. Imediatamente, não podendo conter a cólera, ordenou esfolassem o cozinheiro e o fizessem assar no mesmo fogo. Os cortesãos, tomados de horror, empalideceram e se entreolharam; viam que se por tão pouco

pudessem vir a ser esfolados, deviam esperar o mesmo suplício; mas ninguém ousava dizer uma só palavra de intercessão à crueldade real. Sòmente o bem-aventurado João Nepomuceno, havendo obtido audiência, se empenhou primeiramente em apaziguá-lo com palavras brandas. Não o conseguindo, começou a demonstrar-lhe, em linguagem mais firme, a atrocidade do ato. Apenas havia dito algumas palavras, o rei Wenceslau se levantou e mandou atirá-lo ao fundo de um calabouço. João sofreu com alegria o indigno tratamento; não ignorava a causa secreta; Wenceslau mesmo não fazia mistério, e foram dizer de sua parte ao santo que não recuperaria a liberdade até que se decidisse a revelar a confissão da imperatriz. Mas o bem-aventurado mártir estava resolvido a morrer mil vêzes e não dizer uma só palavra da confissão. Alguns dias após, um gentil-homem veio encontrá-lo para anunciar a sua soltura. Acrescentou que o imperador lhe pedia esquecesse o passado, e o convidava a jantar no dia seguinte com êle, a fim de dar-lhe prova da mais autêntica estima e amizade.

João Nepomuceno dirigiu-se no dia seguinte ao palácio, e foi muito bem recebido exteriormente. Fimdo o repasto, Wenceslau fêz retirar todos os presentes, e ficou sòzinho com o santo. Entreteve-se com êle a princípio, conversando sôbre coisas indifferentes; tirou a máscara depois e empregou todos os meios possíveis para obrigá-lo a revelar tudo o que a imperatriz lhe havia dito em confissão. Podeis contar da minha parte — dizia êle — com uma discrição inviolável; por outro lado, vos cumularei de honras e riquezas. Muito vos importa decidir-vos ao que exijo, e declaro-vos que, persistindo em deso-

bedecer-me, vos exporei aos mais cruéis suplícios, e mesmo à morte. O santo respondeu, como anteriormente, que estava obrigado ao silêncio pelas leis mais sagradas, e que nada seria capaz de levá-lo a trair o dever.

O imperador, furioso, convocou imediatamente o compadre; assim chamava o seu carrasco. Segundo suas ordens, o santo foi conduzido à prisão, estendido sôbre um cavalete; o carrasco e comparsas lhe applicaram tochas acesas nas costas e nas partes mais sensíveis do corpo; queimaram-no a fogo lento e atormentaram-no com a mais horrível barbaridade. Em meio aos suplícios, João Nepomuceno não pronunciava senão os nomes de Jesus e Maria. Afinal, retiraram-no do cavalete; mas estava quase expirando. O senhor visitou o servo na prisão e encheu-lhe a alma das mais doces consolações.

Entretanto, a imperatriz inteirou-se do que se passava. Foi lançar-se aos pés de Wenceslau, a quem enterneceu com lágrimas e preces; obteve mesmo a libertação do servo de Deus. Algum tempo após, João Nepomuceno, curadas as suas feridas sem torná-las conhecidas dos seus, reapareceu em público, retomou as prédicas e as outras boas obras com mais zêlo do que nunca, a fim de preparar-se para a morte próxima, seja por haver sido advertido por revelação ou por esperar tal desfêcho como consequência natural do caráter implacável de Wenceslau. Pregando um dia sôbre o texto: *Ainda um pouco de tempo e já não me vereis*, repetiu frequentemente estas palavras: *Já não tenho muito tempo para entreter-me convosco* que o auditório compreendeu fâcilmente que sua última hora estava

próxima. No fim dêsse mesmo discurso, ficou tomado de uma espécie de entusiasmo profético, lágrimas abundantes lhe correram dos olhos, e predisse os males que recairiam em breve sôbre a Boêmia. A predição verificou-se com as devastações terríveis que acarretou a guerra dos hussitas. O santo, uma vez descido do púlpito, disse um último adeus ao público, e depois pediu perdão aos cônegos e ao clero de todos os maus exemplos que porventura lhes tivesse dado.

Desde êsse dia, consagrou-se inteiramente aos exercícios, pelos quais se assegura uma boa morte. Sempre estivera persuadido de que a proteção da santa Virgem é muito importante nos derradeiros instantes; a fim de merecê-la, fêz a peregrinação a Buntzel, para visitar a célebre imagem desta mãe comum dos fiéis, que São Cirilo e São Método, apóstolos dos eslavos, haviam ali colocado antigamente, e que era singularmente venerada em tôda a Boêmia.

Voltou pela tarde, após satisfeita a devoção. O imperador, olhando por uma das janelas do palácio, percebeu-o na rua. Sentiu voltar súbitamente a indignação e curiosidade sacrílega; ordenou que na mesma hora lhe trouxessem o esmoler, e, sem lhe dar tempo de dar por si, disse-lhe bruscamente que devia optar entre a morte e a revelação das confissões da imperatriz. O santo não respondeu, mas o silêncio foi suficientemente expressivo para dar a entender que estava irredutível na primeira resolução. Então Wenceslau, não mais se contendo, gritou: Tirai êste homem diante de meus olhos, e arrojai-o no rio, assim que as trevas forem suficientemente espessas para

ocultar ao povo a execução. João Nepomuceno empregou as poucas horas que lhe restavam para preparar-se ao sacrifício. Precipitaram-no, de mãos e pés ligados, no rio Muldaw, de cima da ponte que ligava a grande à pequena Praga. Estávamos na vigília da Ascensão, 16 de maio de 1383.

O imperador queria conservar em absoluto segredo a morte, mas Deus tornou-a pública imediatamente por milagres. Apenas afogado nas águas, o corpo do mártir, boiando sobre o rio, foi envolvido de uma claridade celeste que atraiu uma multidão de espectadores. A imperatriz, nada sabendo do que se passara, correu até Wenceslau para perguntar-lhe a razão da luz que havia percebido do seu aposento. Tomado de terror, êle nada respondeu. Foi esconder o desespero no campo, e proibiu que o seguissem. No início do dia, o mistério se esclareceu, e os carrascos traíram o segredo do príncipe.

Tôda a cidade acorreu a ver o santo corpo. Os cônegos da cathedral vieram em procissão levá-lo com tôdas as honras que se possam imaginar; levaram-no para a igreja de Santa Cruz dos Penitentes, vizinha ao lugar onde o crime se havia perpetrado, uma vez que haviam preparado uma sepultura digna dêle, no interior desta igreja. Havia um afluxo prodigioso de gente no lugar do martírio; cada qual se empenhava em lhe beijar as mãos e os pés; recomendavam-se às suas preces, e julgavam-se felizes de poder levar um pedaço de vestimenta e de tudo o que pertencia ao seu uso pessoal.

O imperador teve notícia dêsse concurso no seu retiro. Temendo que o povo se sublevasse, mandou dizer aos religiosos penitentes que impedissem o tu-

multo em suas igrejas, e levassem para um lugar mais afastado o corpo do santo. Obedeceram na mesma hora; mas o tesouro que haviam escondido foi em breve descoberto. Quando tudo estava pronto para recebê-lo na catedral, os cônegos e o clero, acompanhados de uma multidão inumerável de povo, dirigiram-se em procissão à Igreja de Santa Cruz. Tomaram o corpo do mártir e o levaram solenemente à igreja metropolitana. Ali o enterraram, e sôbre a sepultura colocaram uma pedra, onde foi gravado êste epitáfio que se lê ainda hoje: "Sob esta pedra repousa o corpo do mui venerável e glorioso taumaturgo João Nepomuceno, doutor, cônego desta igreja e confessor da imperatriz, o qual, por ter sido sempre fiel ao sigilo da confissão, foi cruelmente torturado e precipitado da ponte de Praga no rio de Muldaw, por ordem de Wenceslau IV, imperador e rei de Bôêmia, filho de Carlos IV, no ano de mil trezentos e oitenta e três."

Muitos doentes, cuja cura não tinha esperanças, recuperaram a saúde durante a trasladação de seu corpo; muitos milagres semelhantes também se operaram na sepultura. Enfim, todos os que reclamaram sua intercessão com fé mereceram obter os favores que pediam.

Os imperadores Ferdinando II e Ferdinando III sollicitaram a canonização do servo de Deus, a qual foi obtida por Carlos VI. Abriram-lhe a tumba em 14 de abril de 1719. Encontraram-lhe o corpo desguarnecido de carnes, mas os ossos ainda inteiros e perfeitamente juntos uns dos outros. Viam-se apenas atrás da cabeça e nas espáduas os sinais da queda, quando o haviam precipitado no rio. Mas a língua

estava tão fresca e bem conservada, que, dir-se-ia, o santo acabava de expirar.

São João Nepomuceno havia sido honrado como mártir na Boêmia, após a morte; para tornar o seu culto mais autêntico e universal, pediram a sua canonização, e produziram-se novos milagres, cuja veracidade foi juridicamente constatada em Praga e em Roma. Inocêncio XIII confirmou o culto que lhe rendiam, por um decreto de beatificação. Enfim, Bento XIII publicou a bula de canonização no ano de 1729 (1).

* * *

(1) Acta. SS; et Godescard, 16 maii.

SÃO PEREGRINO DE AUXERRE (*)

Bispo e Mártir

São Sixto II, pontífice de Roma, enviou, em 258, para pregar o Evangelho no centro da Gália a Peregrino, ao qual impôs as mãos.

Acompanhado do padre Mársio, do diácono Corcodêmio, dos sub-diáconos Joviniano e Alexandre e de um leitor também chamado Joviniano, Peregrino desembarcou em Marselha, dirigindo-se para Lião. A eloqüência do Santo, a pureza e os milagres, num instante converteram os principais cidadãos de Auxerre, onde se fixara.

Um dia, quando se apresentou no grande templo dedicado a Júpiter, local em que se reunia grande número de pagãos, para demover o povo dos erros que abraçava, Peregrino, pela massa enfurecida, foi prêso e levado à presença do juiz.

Encarcerado numa cela subterrânea, dias mais tarde o Santo foi levado ao prefeito romano, que, procurando fazer com que Peregrino renegasse a Jesus Cristo, ouviu as seguintes palavras, ditas em tom calmo mas ardente, resposta às ofertas que recebera:

— Tuas honras são a perda da alma, e os presentes que podes fazer são contínuos suplícios.

Continuo a invocar Jesus Cristo, o redentor de todos. Confessá-lo-ei, sem temor, até a morte, porquanto suas promessas tôdas não são mentirosas e n'Ele deposito tôda a minha confiança.

O prefeito, irritado, ordenou aos soldados que o ladeavam que o golpeassem com energia.

Morto pela fé, decapitado, em 304, Peregrino recebeu a gloriosa palma do martírio sob Diocleciano, por ocasião da chamada Grande Perseguição.

Enterrado em Bouhy, lugar do suplício, foi, depois, transferido para São Dionísio, perto de Paris, transferência essa devida, diz-se, a Dagoberto I.

Em 1144, um dos altares daquela igreja foi colocado sob a invocação do santo mártir.

* * *

SÃO FALO (*)

Abade e Confessor

Falo ou Fal nasceu em Clermont, filho de uma das melhores famílias de Auvergne.

Jovem ainda, foi feito prisioneiro de guerra pelo exército do rei da Austrásia, Thierry, filho de Clóvis. Resgatado por um solitário, o célebre Aventino, que vivia nas circunvizinhanças de Troyes, Falo agregou-se-lhe aos discípulos, aos quais, em pouco tempo, ultrapassou na prática de tôdas as virtudes, tornando-se modelo de humildade, obediência, abstinência e oração.

Aventino, entusiasmado, não tardou em fazê-lo prior do mosteiro, que se chamou Ilha de Santo Aventino, e, quando o solitário deixou a comunidade, para viver completamente no retiro, nomeou-o abade, apoiado por todos os membros da casa.

Falo foi governante doce e severo ao mesmo tempo. Falecido a 16 de maio de 540, tem as relíquias em Moutier-la-Celle.

* * *

SANTO EMANO (*)

M á r t i r

Emano era da Capadócia e, em Roma, sob a proteção do papa, que o fêz estudar, viveu por sete anos.

Atraído pelos milagres que ocorriam à beira da sepultura de São Nazário, buscou Milão, e ali ficou por dois anos.

O bispo de Autun, encontrando-se com êle, levou-o consigo para aquela cidade. Pouco depois, por falsas acusações, aquêle mesmo bispo exigiu que o prendessem, mas logo era o Santo pôsto em liberdade, provada que lhe fôra a inocência.

De Autun, Emano passou para Orléans, onde foi ordenado padre. Principiou, então, a operar milagres: curou vários doentes, surdos, cegos, coxos, loucos, tendo, mesmo, ressuscitado um morto, que lhe apresentaram de uma feita.

Severíssimo consigo mesmo, era de uma complacência sem par quando se tratava do próximo. Rigoroso nos jejuns, quando a sêde apertava, exci-

tava-a ao extremo, comendo sal, para maior mortificação.

Sabedor de que na floresta próxima da ermida em que vivia se reuniam terríveis ladrões, propôs-se convertê-los. Exortando os bandidos a levar vida mais cristã, foi por êles morto, com mais dois discípulos, Maurilio e Almair, em 560. O corpo, transportado para Chartres, ali descansou.



SANTO HONORATO DE AMIENS (*)

Bispo e Confessor

Nascido em Post-le-Grand, perto de Abbeville, Honorato pertenceu à família dos condes de Ponthieu.

Bispo de Amiens, sob seu episcopado descobriram-se as relíquias dos santos mártires Fusciano, Vitórico e Genciano, os três primeiros evangelizadores do país.



Santo Honorato. Segundo a
bandeira da Corporação dos
padeiros de Arras.

Conta-se de Santo Honorato que, um dia, a celebrar a santa missa, viu aparecer a mão de Nosso Senhor Jesus Cristo, que consagrou a eucaristia.

Falecido no ano de 600, na cidade natal, foi, mais tarde, transferido para Amiens, sendo, logo após a morte, venerado como santo.

Em 1024, Renaud Chérée e a espôsa, Sibila, construíram em Paris uma igreja em honra do santo bispo, destruída durante a Revolução, restando, hoje em dia, como lembrança, a rua de Santo Honorato (Rue Saint-Honoré).

Padroeiro dos padeiros (1) — sem que se saiba por que motivo — sôbre o santo bispo têm-se raros textos.



(1) Santo Honorato, desde o fim da Idade Média, aparece representado com instrumentos próprios daquela profissão.

SANTO UBALDO (*)

Bispo e Confessor

Ubaldo nasceu em Gubbio. Levado à igreja dos Santos Mariano e Tiago, onde devia instruir-se, ao mesmo tempo que servir às funções do culto, quando cresceu, deixou-a, e passou para a de São Segundo.

Desprezando a parte da herança paterna que lhe cabia e o casamento que lhe propuseram, Ubaldo recusou-se a abandonar a clericatura.

Ordenado padre, o bispo, imediatamente, nomeou-o prior do capítulo dos Santos Mariano e Tiago.

Depois do incêndio que destruiu parte da cidade, Ubaldo buscou Font-Avellane, com a intenção de se fazer monge, mas, enfrentando com determinação a realidade, retornou e pôs-se a trabalhar na restauração do capítulo, que o fogo destruíra totalmente.

Como que agradável a Deus, aquela volta foi abençoada: em pouco tempo a prosperidade tornou e a todos tranqüilizou.

Em 1126, o clero de Perusa escolheu-o como bispo. Quando soube da notícia, Ubaldo fugiu para Gubbio e, dali, procurou o papa Honório III, ao qual suplicou que não lhe impusesse o episcopado.

Atendido, mais tarde, pelo mesmo pontífice, seria sagrado bispo de Gubbio.

Santo Ubaldo, como bispo, foi amado e venerado por todo o povo. Pela oração, livrou a cidade do assalto das milícias das regiões limítrofes.

Quando Frederico Barbarroxa, que acabara de saquear Espoleto, recebeu o conselho de tratar a cidade de Gubbio do mesmo modo, Ubaldo, corajosamente, enfrentou-o. Impressionado, o imperador desistiu do intento: ofereceu-lhe presentes e prometeu jamais incomodar um povo espiritualmente governado por um santo.

Morto, o povo pranteou-o como jamais pranteara a alguém. Falecido a 16 de maio de 1160, foi canonizado em 1192, por Celestino III.

* * *

SÃO SIMÃO STOCK (*)

Confessor

Simão nasceu em 1165, no condado de Kent, de uma família muito nobre e cristianíssima.

Conta-se dêle que, dos doze anos em diante, tendo deixado os seus, viveu como ermitão por vinte anos, dentro do ôco de um vasto carvalho, daí lhe advindo o cognome de *Stock* (1).

Em 1213, Simão entrava na ordem do Carmelo, que acabava de se estabelecer na Inglaterra, e, em 1215, era feito vigário geral das províncias ocidentais.

No ano de 1251, numa visão, Nossa Senhora apareceu-lhe, e, depositando-lhe entre as mãos o escapulário, revelou-lhe que os que morressem trazendo-o consigo certamente escapariam das penas do inferno.

Um dia, visitando as casas da ordem, adoeceu gravemente, falecendo em Bordéus no ano de 1265.

São Simão Stock escreveu um opúsculo sôbre a penitência cristã, cartas a carmelos, algumas homilias, preceitos litúrgicos e duas antífonas a Santa Virgem.

* * *

(1) Do inglês *stock*, tronco, cepa. (N. do Atual.).

SANTO ANDRÉ BOBOLA (*)

Mártir

André Bobola nasceu na Polônia em 1592, no Palatinato de Sandomir. Estudado no colégio dos jesuítas, resolveu entrar na Companhia, o que aconteceu em 1611, no dia 13 de julho, em Vilna, onde se tornou modelo de todos os irmãos.

Tendo estudado filosofia com o padre Marquat, professou em Brusberg e no colégio de Pultava.

Em 1621, depois do curso de teologia, recebeu as ordens sagradas.

Encarregado da pregação na igreja de São Casimiro de Vilna, ali colheu imensos louvores. Em 1630, tendo feito profissão solene dos quatro votos, tornou-se superior da residência de Bobruisk, onde passou cinco anos, na prática das mais humildes virtudes.

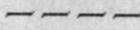
Foi em 1636 que se deu todo às missões — e por vinte e um anos cruzou e recruzou a Lituânia, a qual evangelizou.

Combatendo o êrro onde o êrro se alapava, tornou-se o inimigo número um dos cismáticos. Apriornado, André Bobola passou por tormentos atrozes. De lábios e nariz cortados, todo êle irreconhecível, tantos os suplícios, faleceu de um golpe de sabre a

16 de maio de 1657, em Ianow, onde, logo após a morte, uma luz intensíssima pairou por longo tempo nos céus.

Enterrado pelos católicos no colégio dos jesuítas de Pinsk, os poloneses não tardaram a considerá-lo santo.

Quarenta e cinco anos mais tarde, Santo André Bobola foi encontrado absolutamente sem corrupção. Em 1808, transportaram-no a Polosk, e, em 1853, Pio IX beatificava-o. Canonizado em 1938 por Pio XI, no dia 17 de abril, a festa do santo mártir é celebrada a 21 de maio entre os jesuítas e a 21 de fevereiro na Polônia. Na Galícia e na Posnânia, festejam-no a 16 de maio.



No mesmo dia, em Tolosa, São Germier, bispo e confessor, atualmente venerado nas dioceses de Tolosa, Auch, La Rochelle e Angculeme. Feito bispo de Tolosa por Clóvis, lutou contra os arianos, falecendo em 560.

No mosteiro de Enachadune, na Irlanda, a morte de São Brendano, abade de Clonfort, casa que fundou no século VI. Célebre na Idade Média, porque o herói de lendárias proesas narradas na *Navegação de São Brendano*, livro que obteve retumbante sucesso na Europa, tantas as mirabolantes aventuras, o Santo faleceu em 577 ou 583, avançadíssimo em anos.

Na diocese de Seez, Santo Anoberto ou Alnoberto, bispo e confessor (fins do século VII), assistiu ao concílio de Ruão entre 682 e 683. É honrado na

abadia de Morienvál, onde lhe jaziam as relíquias. Desconhecem-se outros pormenores da vida do santo prelado.

Em Bordéus, São Forte, bispo e mártir (?). Santo muito popular, a tradição considera-o como o primeiro bispo de Bordéus, sagrado por Marcial de Limoges.

Em Pavia, Santo Hilário, bispo, de 355 a 376. Presidiu um sínodo contra os arianos. As relíquias estão em São Miguel do Céu de Ouro. Décimo-sexto bispo de Pavia, ali lhe celebram a festa a 16 de maio.

Na Irlanda, São Carantog ou Caranoc, abade e bispo de Cardigan.

Em Avinhão, dois santos chamados Geins ou Gens, confessores. Solitários, um deles nasceu perto de Carpentras, talvez no século VII, e se santificou na solidão de Bausset, onde, diz-se, fêz surgir uma fonte para matar a sede dos que iam visitá-lo, fonte que não só dava pura água fresca, mas também vinho, alternadamente. O outro santo solitário do mesmo nome viveu no mesmo lugar, falecendo em 1127.

Na diocese de Fermo, o bem-aventurado Adão, abade e confessor. Tendo vivido como solitário por algum tempo, recebeu o hábito beneditino perto de Fermo, em São Sabino, no monte Vissiano, onde foi abade. Ali faleceu em 1212.

Em Uzale, na África, os santos Félix e Genade, mártires. Na Palestina, o martírio de vários santos monges, massacrados pelos sarracenos no mosteiro de São Sabas. Na Pérsia, os santos mártires Audas, bispo, sete sacerdotes, nove diáconos e sete virgens,

que sob o rei Isdegerde, tendo suportado diversas modalidades de torturas, terminaram gloriosamente o martírio. — Em Mans, São Domnolo, bispo. — Em Mirândola, na Emília, São Possídio, bispo de Cálamo, discípulo de Santo Agostinho, e historiador das belas ações dêste santo. Em Frejus, Santa Máxima, virgem, que morreu na paz do Senhor, após se recomendar por muitas e esplendentes virtudes.

* * *

ÍNDICE

MAIO

1.º dia de maio

São Sigismundo, rei e mártir	9
São Jeremias, Profeta, Antigo Testamento	14
São Filipe e São Tiago, o Menor, apóstolos	27
Santo Andeol, Sub-diácono e mártir	35
Santo Amador de Auxerre, Bispo e confessor	38
Santo Arigio, Bispo e confessor	39
São Gomberto e Santa Berta, mártires	40
São José Operário	42
São Peregrino Laziosi, servita, confessor	51

2.º dia de maio

Santo Atanásio, Bispo de Alexandria e doutor da Igreja	59
São Walberto, Abade e confessor	64
São Germano da Escócia, bispo e mártir	66

3.º dia de maio

Invenção da Santa Cruz	70
Santo Alexandre I, Papa, Evêncio e Teodulo, mártires	72
Santo Anfrido, bispo e confessor	78

4.º dia de maio

Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho	82
São Sacerdos de Limoges, bispo e confessor	88

Bem-aventurados João Houghton, Roberto, Lawrence, Agostinho Webster, cartuchos, Ricardo Reynoldes e João Haile, mártires	89
--	----

5.º dia de maio

O santo Papa Pio V	97
Santo Hilário de Arles, bispo e confessor	105
Santo Ângelo, Carmelo, mártir	108

6.º dia de maio

São João Damasceno	112
São João diante da Porta Latina	150

7.º dia de maio

Estanislau, bispo de Cracóvia, Polônia, mártir	155
São Serênico e São Sereno, confessores	162
São João de Beverley, Bispo de York	164

8.º dia de maio

São Pedro de Tarentaise	169
São Vítor, o mouro, mártir	181
São Bonifácio IV, Papa e confessor	182
São Bento II, Papa e confessor	184
São Wiron, Bispo e confessor	185
Aparição de São Miguel, arcanjo	187

9.º dia de maio

São Gregório Nazianzeno	191
São Pacômio, bispo e confessor	213
Bem-aventurado Nicolau Albergati, confessor	221

10.º dia de maio

Santo Antonino, Arcebispo de Florença	224
Job, o Patriarca, Antigo Testamento	238

São Comgall, abade e confessor	252
Santa Solange, virgem e mártir	253

11.º dia de maio

São Mayeul, abade de Cluny	258
São Gangulfo, mártir	269
Santo Udaldo, mártir	272
São Galtério de Esterp, abade e confessor	277
São Francisco de Girolamo, confessor	280

12.º dia de maio

Santo Epifânio, arcebispo de Salamina, em Chipre	291
Santa Rictrude, viúva	297
Santa Joana de Portugal, virgem	299
São Pancrácio, adolescente, mártir	301

13.º dia de maio

São João, o Silencioso, bispo, depois eremita	306
Santa Rolanda, virgem	311
Bem-aventurado Geraldo de Villamagna, confessor	312
Bem-aventurada Madalena Alberici, virgem	314
Santa Inês, abadessa, e Discíola, virgens	317
São Roberto Belarmino, bispo, confessor e Doutor	318

14.º dia de maio

São Bonifácio de Tarso, mártir	326
Santa Maria Domingas Mazzarello, virgem	334
Bem-aventurado Egidio de Portugal, confessor	352
Bem-aventurado Miguel Garicoits, confessor	356
Santo Ampélio, o Ferreiro, confessor	358

15.º dia de maio

Santo Isidoro, operário	363
Santos Pedro, André, Paulo e Dionísia, mártires	366

São Francoveu, confessor	371
São Roberto, duque de Bingen, confessor	373
Bem-aventurado André Abellon, confessor	375

16.º dia de maio

São João Nepomuceno, mártir	379
São Peregrino de Auxerre, bispo e mártir	393
São Falo, abade e confessor	395
Santo Emano, mártir	396
Santo Honorato de Amfens, bispo e confessor	398
Santo Ubaldo, bispo e confessor	400
São Simão Stock, confessor	402
Santo André Bobola, mártir	403

Composto e impresso nas
oficinas gráficas da
EDITORA DAS AMERICAS
São Paulo ————— 1960
